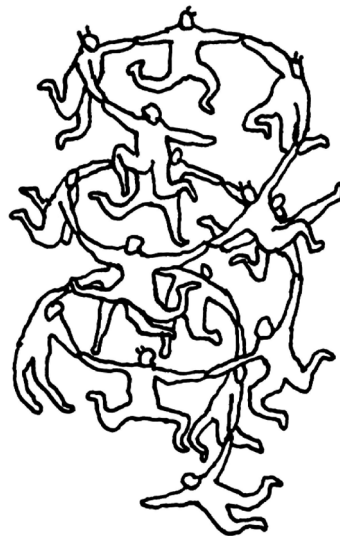


Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo



Trabalho final de graduação

CONTRIBUIÇÃO AO APRENDIZADO NA FAU USP

Greta Comolatti, T68

Orientação Angelo Salvador Filardo Júnior
Coorientação José Eduardo Baravelli

2022

RESUMO

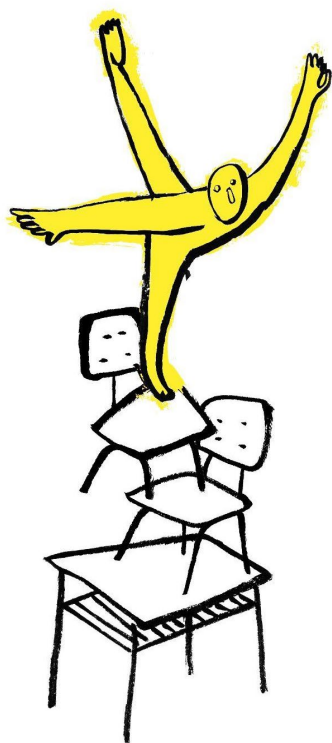
Este trabalho busca compreender a partir do ponto de vista do estudante de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP) como o seu aprendizado se dá.

A pesquisa foi realizada por meio da participação em processos da própria instituição, da criação de grupos de estudos com os próprios estudantes e de entrevistas com os mesmos, as quais são descritas e servem de base para a análise proposta.

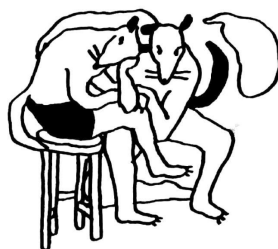
Argumenta-se que o aprendizado se dá a partir da viração - aprender “se virando”, “na marra”, “na raça”, “pela força do desespero” -, o que por um lado abre brechas para a construção de autonomia dos estudantes, e por outro resulta em uma formação pouco sólida nos termos generalistas que a faculdade se propõe.

Os aspectos identificados e desenvolvidos ao longo do trabalho como aqueles que originam essa viração são: a indefinição do que é exigido do estudante enquanto bagagem e o que faz parte da formação que a instituição deveria proporcionar; a sobrecarga do curso; e a falta de clareza específica às disciplinas do departamento de projeto em meio ao “aprender fazendo”.

Também, constata-se que parte substancial da formação dos estudantes se dá a partir da interação entre eles, para além da interação com os professores. Essa dinâmica, o aprendizado horizontal, será entendido como escora para as precariedades implícitas na viração, mas sobretudo enquanto brecha.



Aos bons encontros



ÍNDICE

Apresentação	8
Introdução	10
Atividades anteriores ao início do TFG	11
Atividades ao longo do TFG	13
Quadro do aprendizado na FAU USP	21
I Bagagem e formação	25
II Sobrecarga e envolvimento	37
III Experimentação e arbitrariedade	49
IV Aprendizado horizontal	59
Conclusão	67
Bibliografia	69

ANEXOS

Contribuição ao debate sobre a reestruturação do ensino da FAU USP	73
Transcrição das entrevistas	77



APRESENTAÇÃO

Escolher como o último trabalho de uma graduação de sete anos algo que você se propõe a fazer pela primeira vez veio a ser uma ótima e péssima ideia, dado o tema escolhido. E o problema, ou justamente triunfo, é que esses adjetivos estão amarrados um no outro.

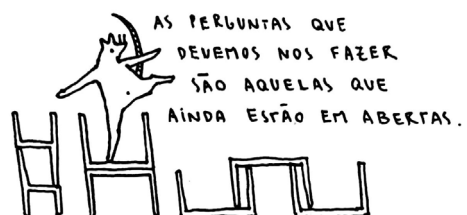
Fazer coisas pela primeira vez não seria a dificuldade em si, como bem nos ensinam as crianças. O problema parece ser quando o resultado do que se faz deveria ser bom, ou ainda mais, um trabalho que orne o fim da sua longa graduação. Se fosse só processo, seria transe, um encantamento, mas talvez graduar-se tenha algo a ver com a necessidade de conseguir amarrar as pontas.

O que faz dessa ideia uma péssima ideia, como talvez já tenha ficado implícito, é que faz da sua realização um grande sofrimento, mesmo que um daqueles sofrimentos que valem a pena. Porém, e aí é onde pesa a escolha, o que faz disso uma ótima ideia é o fato de nunca se tirar os pés do chão.

Como se não bastasse a metalinguagem do tema, Aprendizado na FAU USP, também fiz dos percalços do aprendizado os meus próprios. Afinal, não estou relatando sobre algo que já aprendi e é confortável, estou aprendendo enquanto o faço, e isso em dois sentidos maiores. O primeiro é tratar o aprendizado não como condição mas como objeto de estudo - talvez mais adequado à faculdade de pedagogia, mas dado o enfoque na FAU USP, vi-me no direito. O segundo é escolher fazer do produto desse trabalho um texto, formato do qual consegui me esquivar na maior parte das vezes ao longo da graduação.

Dessa forma, ao longo do que será esse relato e reflexão a partir das atividades realizadas nesses três semestres, compartilhei com os outros estudantes envolvidos nesse processo das dores e angústias do aprendizado. Isto é, estar sempre junto ao medo, mas sobretudo, o fascínio, de ver as coisas pela primeira vez.¹

¹ Os desenhos que acompanham o texto foram feitos ao longo da graduação, sobretudo em meio às anotações das aulas expositivas.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho, realizado ao longo de três semestres, busca compreender a partir do ponto de vista do estudante de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP) como o seu aprendizado se dá. E tem como objetivo subsidiar futuras discussões sobre o tema e propostas de reformulação da faculdade, pois se entende que reconhecer as experiências dos estudantes é fundamental para construir projetos consistentes no que tange o ensino.

Inicia-se com um breve relato da experiência pessoal da autora com o tema ao longo da graduação, trajetória que funda as motivações pessoais e éticas dessa pesquisa. E, depois, segue outro breve relato das atividades realizadas no período do TFG, com ênfase na criação de dois grupos de estudo: GEP e GEPROJ.

Então, busca-se traçar um quadro da experiência de aprendizado dos estudantes da FAU USP egressos entre os anos de 2015-2022, sobretudo a partir de entrevistas realizadas com os próprios alunos. Dessa análise sugerem-se caminhos para mitigar as precariedades existentes e explorar as potencialidades do cenário atual, buscando uma formação mais sólida e autônoma dos estudantes.

Vale explicitar os motivos pelos quais esse trabalho centra-se no ponto de vista do estudante ao invés do ponto de vista do professor, mesmo que ambos sempre compartilhem do objetivo basilar que é a formação dos estudantes.

O primeiro é pelo simples fato de que é sobretudo por meio dos estudantes que se verifica a efetividade e os termos nos quais se dão na prática o aprendizado. O segundo é por este ser o último momento em que partilho desse mesmo ponto de vista e tenho acesso a essas informações com relativa facilidade e sem tantos pudores - informações que facilmente circulam pelos estudantes, mas de forma muito mediada e limitada chegam até os professores. Terceiro, as questões que giram em torno da prática docente têm reconhecimento suficiente e um campo de discussão estabelecido.

ATIVIDADES ANTERIORES AO INÍCIO DO TFG

2015 - 2016	CursinhoLA
2016 e 2018	Grupos de trabalho de ensino durante greves universitárias
2017 - 2018	Representante discente na CoC-AU
2017 - 2018	Projeto de Cultura e Extensão “Direito à Paisagem e Desenho de Espaços Livres Públicos na Zona Norte de São Paulo - Projeto para o Parque Municipal da Brasilândia”
2018 - 2019	Representante de turma
2018	Monitoria em “Arquitetura da Paisagem - AUP 650”

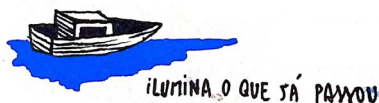
O CursinhoLA foi um cursinho popular de linguagem arquitetônica composto pelos próprios estudantes da FAUUSP, e tinha como objetivo habilitar estudantes que não podiam pagar por um cursinho privado a realizar a prova de habilidades específicas, felizmente hoje extinta. Ali se deu o meu primeiro contato direto e militante com as questões relativas à dificuldade de acesso ao curso, e também a primeira práxis com o ensino de conteúdos próprios à arquitetura e urbanismo.

Nos grupos de trabalho (GTs) de ensino nas greves estudantis de 2016 e 2018, discussões das mais diversas tomaram corpo, um pout-pourri de todas as reclamações feitas pelos estudantes, em meio ao qual três temas maiores acabaram por orientar as pesquisas dos grupos: Projetos políticos pedagógicos de outras faculdades, uma vez que o PPP da FAUUSP estava em período de revisão; a sobrecarga da grade horária e alternativas possíveis, que resultou em um documento aprovado em assembleia dos estudantes e que fora encaminhado para as discussões do “Repensando a Graduação em AU” em 2018; e a luta pelo fim da prova específica, pauta levantada pelo próprio CursinhoLA .

Ao longo de dois anos de representação discente na CoC-AU entrei em contato com os bastidores do curso, onde parte das decisões relativas ao ensino de Arquitetura e Urbanismo são formalmente discutidas e definidas. Ali se criou o que hoje são os Representantes de turma, estudantes que se voluntariam para ser a ponte de contato com professores ao longo do ano, e que ao final e início de cada semestre participam das reuniões de avaliação das disciplinas e das reuniões preparatórias, momentos importantes de balanço das experiências de aprendizado.

Na extensão universitária junto a outros estudantes e aos professores Catharina Pinheiro e Eugênio Queiroga, foram realizadas oficinas em escolas públicas no bairro da Brasilândia para semear e perceber quais eram os sonhos das crianças quanto à paisagem em que moravam. Ali fui pela primeira vez responsável pela realização de oficinas, e vivi a possibilidade de uma atuação social do arquiteto urbanista paisagista.

Por fim, na monitoria junto, novamente, à professora Catharina Pinheiro, percebi as responsabilidades e escolhas que dizem respeito aos professores. E também, pela possibilidade de retornar a uma disciplina do início da graduação - ver uma coisa pela segunda vez -, notei a possibilidade enquanto estudante de contribuir com o aprendizado.



ATIVIDADES AO LONGO DO TFG

Breve etnografia

Entrevistas semiestruturadas com estudantes

Oficinas do “Repensando o Primeiro Ano”

Contribuição à “Proposta de Discussão para Reorganização do Curso de Arquitetura e Urbanismo”

Monitoria em “Construção do Edifício V - AUT 190”

Monitoria em “Fundamentos de Projeto - AUP 608”

Grupo de estudos para a leitura de “O mestre ignorante”

Grupo de estudos prático (GEP)

Grupo de estudos de projeto (GEPROJ)

Leituras

Com o tema do trabalho definido - aprendizado na FAU USP - a estratégia adotada foi a de entrar em contato com o objeto de estudo das mais variadas formas possíveis, de modo que muito do trabalho se deu mais “tateando” do que com métodos pré-estabelecidos.

Um dos primeiros lugares de pesquisa foi uma breve etnografia realizada com calouros da mesa 8 da disciplina “Fundamentos de Projeto - AUP 608” orientados pela professora Marina Grinover, os quais também formavam grupo na disciplina “Construção I - AUT 182” ministrada pelos professores José Eduardo Baravelli, Reginaldo Ronconi, Caio Santo Amore e Fernando Simões. Foram apenas cinco encontros formais de aproximadamente duas horas e meia em que acompanhei as aulas e discussões da mesa na realização dos trabalhos solicitados pelas duas disciplinas. Após cada encontro anotava minhas impressões em um diário de campo, ferramenta comum aos antropólogos em suas etnografias, e que acabou por ser um hábito que permaneceu até o final do presente trabalho.

O intuito era reambientar-me na atmosfera dos calouros - há muito esquecida considerando meu ingresso em 2015 -, conhecer as dinâmicas pandêmicas de ensino e conhecer uma turma posterior à adoção da política de cotas pela faculdade. Isso, para procurar caminhos possíveis ao desenvolvimento da

pesquisa.

Agora, a partir da percepção da enormidade de tempo que envolve um processo etnográfico, e por perceber que pontos de interesse só poderiam ser desenvolvidos em contextos com maior privacidade e tempo, decidi passar da pesquisa etnográfica para entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas acabaram servindo como base para a estruturação do quadro construído posteriormente neste trabalho, junto ao qual elas serão devidamente apresentadas.

Também participei das oficinas do projeto Repensando o Primeiro Ano, coordenado por docentes da FAU USP com o auxílio de alunos bolsistas. A partir delas elaborou-se um projeto-piloto de atividades destinadas aos calouros, e que foram realizadas no primeiro semestre de 2022. Nesse espaço de discussão e proposição foi possível me familiarizar com os temas que estão em voga na faculdade, e perceber como se dão processos participativos na instituição.

Além disso, escrevi junto a dois colegas de turma, Pedro Avila e Julio Lamparelli, uma contribuição, que segue em anexo, à “Proposta de Discussão para Reorganização do Curso de Arquitetura e Urbanismo” chamada pela Diretoria, Comissão da Graduação e CoC-AU da faculdade.

Fui monitora nas disciplinas “Construção V - AUT 192” com os professores Angelo Filardo e Ana Limongi, e “Fundamentos de Projeto - AUP 608” junto ao professor José Eduardo Baravelli e a mesa 11. Nelas, além de acompanhar os professores em suas orientações, foi possível participar ativamente junto a eles da estruturação e realização das disciplinas, seja na elaboração de um enunciado autoexplicativo de instalações elétricas, seja na proposição de exercícios de desenho.

Por estar ainda imersa no ponto de vista do estudante, mas revisitando as disciplinas pela segunda vez de dentro dos bastidores, notei a riqueza possível da construção de disciplinas por meio da colaboração entre estudantes e professores. Pois o monitor, diferente do professor, ainda tem claro onde estão as dúvidas e dificuldades dos estudantes na interação com o conteúdo. E, assim, do ponto de vista de quem recentemente realizou aquele mesmo trabalho para aprender, pode opinar e propor na concepção destes.

Agora, no que diz respeito à criação dos grupos de estudo, três foram criados ao longo do período pandêmico², dois dos quais serão descritos mais esmiuçadamente por terem em sua origem motivações advindas de questões internas ao curso. A intenção com esses grupos era de entrar em contato com o objeto de estudo de forma direta e em um processo que ele mesmo já interviesse na

² Sem sombra de dúvidas o que segurou as pontas da realização deste trabalho foi o compromisso coletivo nos grupos de estudo em meio à pandemia de COVID-19.

realidade, a tal práxis.

O primeiro foi um grupo de estudos para a leitura conjunta do livro “O mestre ignorante” de Jacques Rancière, composto por amigos de lugares e formações completamente diversas. A ideia inicial era que dali se formasse “mestres ignorantes”, sujeitos que desconhecem o conteúdo do qual o aprendiz quer vir a conhecer, mas que acreditam na capacidade do outro e detêm o poder de mantê-los em busca³. O que esses mestres podem fazer pelos aprendizes é prestar atenção e verificar a coerência do que dizem e produzem, e assim, mantê-los atentos. Nesse processo o aprendiz atestaria a sua própria capacidade, afinal, os frutos viriam de seus próprios esforços em direção ao conhecimento, e não das explicações do mestre. E, enfim, emancipar-se-ia, o que na concepção do autor é ver-se enquanto igual aos outros em termos de capacidade⁴.

Então, a ideia era que, a partir dessa leitura conjunta, criássemos diversos grupos compostos por mestres ignorantes e estudantes interessados em ter acompanhamento de seus próprios trabalhos. E a cada ciclo, mais mestres ignorantes surgiriam em uma progressão geométrica virtuosa. O entusiasmo vinha não só da bela ideia de igualdade presente no livro, mas sobretudo da possibilidade de aprender sem precisar de alguém que soubesse mais.

Agora, na prática, apenas tivemos uma leitura muito atenta e repleta de discussões acerca do livro, pois este era o comprometimento inicial e, no final das contas, levou meses para que terminássemos a leitura. Mas essa foi a semente do GEP, que seria o projeto-piloto dessa ideia maior, mas acabou se tornando o projeto em si. E das experiências e reflexões que emergiram do GEP, junto à realização das entrevistas e outras atividades, veio o GEPROJ.

Por fim, antes de adentrar ao relato específico a cada um desses grupos de estudo, ressalto que apesar da ênfase empírica deste trabalho, ao longo desse período prático foram realizadas leituras de textos e livros teóricos, para além do citado anteriormente, que foram fundamentais para orientar as atividades descritas.

O GEP, grupo de estudos práticos, foi iniciado com a Hanita Bergmann, arquiteta formada pela FAU USP em 1981 e também participante do grupo de leitura. Reunimo-nos para projetarmos o grupo a partir da ideia descrita anteriormente, e desse breve planejamento foi feita uma chamada nos grupos virtuais das turmas de diferentes anos da graduação, convidando *Quem estiver*

³ “Mestre é aquele que encerra uma inteligência em um círculo arbitrário do qual não poderá sair se não se tornar útil a si mesma.” - Jacques Rancière, *op.cit.*, p.

⁴ “Bastaria aprender a ser homens iguais em uma sociedade desigual - é isto que emancipar significa” - Jacques Rancière, *op.cit.*, p.183.

travado num projeto de qualquer natureza (edifício, pintura, desenho, música, sei lá) seja de disciplina, seja um projeto pessoal, e quiser fazer parte de um grupo pra desenvolver (e possivelmente destravar...) esse projeto por meio de bate-papos e exercícios.

Portanto, o fato de que pudesse ser qualquer tipo de projeto baseava-se na ideia contida no livro de que não precisaríamos saber a respeito do que seria apresentado, e mesmo assim poderíamos fazer algo a respeito. A isso, foi somada a percepção específica à FAU USP de que as pessoas “travam” na realização de projetos que elas têm vontade de realizar, não só por uma questão de tempo mas também por uma questão de confiança. A ideia do grupo era movimentar esses projetos através da fala, o contato com o outro, mas também pelo fazer.

Antes do primeiro encontro, criamos uma estrutura cíclica com tempos definidos que permaneceu inalterada até o fim, que se consistia em um aquecimento inicial, seguido pela atividade, uma conversa sobre a atividade e, por fim, a definição conjunta do encontro seguinte. Nesse momento final se escolhia quem iria guiar o aquecimento, qual seria a atividade e a lição de casa necessária para a sua realização, e, por fim, quem estaria com as rédeas, ou seja, o responsável pela coordenação do encontro seguinte. A estrutura do grupo foi pensada de modo que garantisse certa ordenação no desenrolar de cada encontro, um respeito ao limite de tempo - duas horas -, e a coletividade em sua liderança.

O propósito do aquecimento era o de ajudar a separar o encontro com o grupo dos acontecimentos anteriores no dia, principalmente em um contexto pandêmico onde as experiências são homogeneizadas pela tela do computador, e também “quebrar o gelo” em meio a um grupo de pessoas que não eram íntimas entre si.

A atividade era realizada a partir do material preparado na lição de casa, garantindo uma movimentação constante do projeto que cada um escolheu, questão central para projetos “travados”. A única condicionante da lição de casa é que ela deveria ser passível de ser feita em um curto período de tempo, assim, não viraria um peso na rotina de cada um e nem a falta de tempo poderia servir como desculpa.

A conversa era para compartilhar e processar experiências a partir da atividade. Essa etapa era a mais aberta, de modo que às vezes restringia-se a discussão das impressões de cada atividade, mas outras vezes virava uma conversa para além do que foi feito - desabafos do dia a dia, etc.

O planejamento do encontro seguinte era realizado apenas pelas pessoas que estivessem dispostas, de modo que só algumas pessoas ficavam até o final. Esse momento é o que amarrava um encontro no seguinte, e o que garantia a construção coletiva do grupo em termos de tomada de decisões. A conversa anterior ao planejamento servia como base para a se propor a próxima atividade,

desse modo as atividades do grupo permaneciam sempre alinhadas com as necessidades e vontades coletivas.

Enfim, o grupo teve treze encontros ao longo de dois semestres, com participantes de diferentes anos da FAU USP. Cada encontro variava entre quatro a seis participantes, aproximadamente, numa escala agradável para poder falar e ouvir com atenção, sem ficar desgastante.

Os projetos foram dos mais variados entre si - lâmpada de papel, projeto de uma exposição para uma disciplina, TFG, portfólio, filho, projeto de edifício, fotolivro, etc.-, minando qualquer possibilidade de comparação objetiva com os outros. Nesse sentido o fato de cada projeto apresentar questões muito próprias por um lado impossibilitava a discussão de questões mais específicas e técnicas para o seu desenvolvimento, mas por outro lado permitia uma escuta menos viciada. No caso de projetos “travados” tal escolha parece ser adequada pois o que impedia o desenvolvimento do projeto geralmente não eram questões objetivas, mas sobretudo questões subjetivas. Assim, a única coisa que uniam as pessoas era o medo e a vontade de fazer, e a abertura para compartilhar e ouvir.

Os encontros eram bastante íntimos, pois neles explicitavam-se as dificuldades inerentes a realização de um novo projeto. As atividades variavam entre aquelas que estimulavam o sentir, e outras que estimulavam o fazer, sempre tendo um momento individual ao projeto de cada um. Geralmente eram atividades pouco convencionais, e por conta disso suspeito que um projeto travado podia se movimentar, pois o que era solicitado era algo novo, que ainda não tinha travado.

O que foi valorizado nos encontros foi justamente essa humanidade compartilhada, em que era possível se vulnerabilizar perante um outro semi desconhecido e ser acolhido. Cada um dos projetos tomou um rumo, com um tempo e sentido próprio, tornando-se muito difícil falar em resultados concretos, mas suponho que a possibilidade de movimentar assuntos difíceis é de grande importância.

Como exemplo, no primeiro encontro cada um teve que trazer uma imagem que sintetizasse o próprio projeto, mas ao invés dessa pessoa apresentar, outra pessoa apresentou em seu lugar a partir da tal imagem, depois todo mundo fez perguntas e as responderam com exceção do autor do projeto, que nada podia falar. Nesse caso a ideia era de explicitar como o trabalho falava por si só, e isso por meio da voz dos outros, ao invés da sua própria.

Em outro encontro cada um preparou uma descrição da materialização do seu projeto em situação de sucesso absoluto, e a atividade foi a leitura dessa descrição com a câmera aberta, enquanto todos os outros participantes estavam com a câmera fechada. O que se buscou aí era a coragem de assumir os desejos de cada um com o seu próprio projeto.

Ainda, em um encontro mais convencional, cada um tinha um tempo determinado para si, onde podia escolher o quanto iria falar, e o quanto iria ouvir. Quem comentasse teria que fazer no mínimo um elogio e uma crítica, de modo a estimular em cada um a capacidade de fazer e receber críticas.

O que motivou a criação do GEPROJ foi a vontade de criar um grupo de estudos nos quais os envolvidos se relacionassem com o mesmo tema concreto - diferente do GEP -, aliado à percepção, ao longo da graduação e por meio das entrevistas, da dificuldade de projetar compartilhada por vários estudantes.

Dessa vez, o grupo foi articulado junto a duas amigas de turma, Maria Gabriela Feitosa dos Santos e Lara Nakazone, e a chamada no grupos virtuais, que sintetizam as intenções, dizia: *Estamos montando um grupo de estudos de projeto (de edifício, paisagem, desenho urbano, objeto, etc.), no qual buscamos construir coletivamente novas formas de projetar. Queremos tirar o peso que muitas vezes acompanha o exercício de projetar através da reflexão coletiva sobre a prática, exercícios rápidos e métodos alternativos.*

A partir dessa mensagem, em torno de 40 estudantes entraram no grupo, dos quais uns 20 apareceram na primeira reunião. Agora, no decorrer dos onze encontros realizados se formou um núcleo duro de aproximadamente cinco participantes, que talvez fosse o número que permitia a possibilidade efetiva de participação sem que o encontro se tornasse cansativo. E, apesar da redução significativa no número de pessoas, o número expressivo de interessados demonstrou o acerto da percepção da demanda.

Para iniciar fizemos proveito da mesma estrutura utilizada no GEP, que teve apenas uma alteração a partir de uma sugestão feita no primeiro encontro, de modo que o aquecimento ao invés de ser algo completamente em aberto seria relativo ao próprio tema do grupo. Assim, iniciava-se cada encontro discutindo uma questão - *Como começar um projeto?* -, discutindo um projeto - projetos construídos, concursos recentes, etc. -, ou mesmo jogando um jogo - cada um desenhou em corte o andar de um prédio, e então empilhamos digitalmente todos os andares. Outra especificidade foi o uso de uma plataforma digital como lousa do grupo, em que ao longo dos encontros adicionavam-se as lições de casa, referências e o que conviesse.

Em retrospectiva percebe-se que as lições de casa e atividades tinham duas matrizes. A primeira eram aquelas que partiam da interação com o próprio mundo das coisas: em encontro trazer uma situação existente em que se percebia que havia um problema de projeto, e no encontro seguinte apresentar uma solução de projeto para um desses problemas; desenhar a planta da sua própria cozinha e no encontro discutir as diferentes soluções; procurar algo (objeto, edifício, etc) que você não

compreende a forma ou a função e tentar desvendá-lo; trazer para o encontro uma breve análise arquitetônica a partir da cena de um filme; etc.

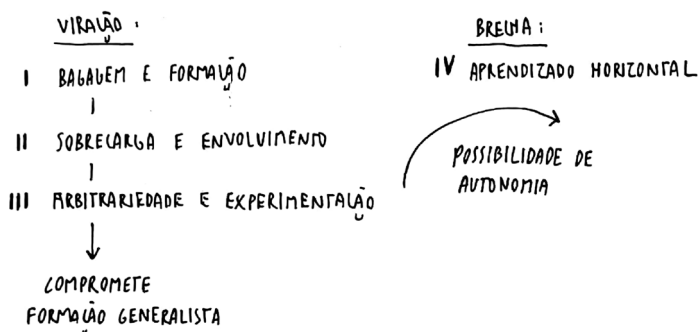
A outra matriz eram atividades que envolviam a sensibilidade de cada um: produzir para o encontro um texto lírico ou descritivo de um objeto, espaço ou cena sem explicitar do se trata, e para o encontro seguinte produzir uma imagem a partir do texto de outra pessoa; usando como base uma música, projetar um espaço; etc.

Parece que desse modo o que era projetado estava ancorado em um problema bastante objetivo e bem delimitado, ou era explicitamente decorrente da sensibilidade de cada um. Assim, parece que era possível uma maior leveza ao lidar com projeto, pois não havia nada “por trás”.

Uma dificuldade do grupo foi o comprometimento em trazer para o encontro as lições de casa, que acabava sendo atropelada pelas obrigações do dia a dia.

Os encontros por serem digitais foram mingando na medida em que a pandemia se atenuou. Foi pensada a possibilidade de retorno em dinâmicas presenciais, onde visitaríamos espaços do próprio campus universitário, mas essa ideia acabou não tomando forma.

QUADRO DE APRENDIZADO NA FAU USP



Aqui se busca traçar um quadro do aprendizado dos estudantes da FAU USP egressos entre os anos 2015-2022, e se argumenta que esse aprendizado se dá em linhas gerais por meio da viração - aprender “se virando”, “na marra”, “na raça”, “pela força do desespero” -, o que por um lado abre brechas para a construção de autonomia dos estudantes, e por outro resulta em uma formação pouco sólida nos termos generalistas que a faculdade se propõe.

Entende-se “viração” como as atividades realizadas na ausência de uma estrutura efetiva onde se supõe que deveria haver estruturação; e entende-se “autonomia” como a capacidade e confiança do estudante de realizar escolhas consistentes a partir de parâmetros e sentidos próprios. Nisso o que amarra a tal viração e autonomia deve ser explicitado: na ausência de uma estrutura efetiva, abre-se o espaço para o estudante fazer escolhas e traçar seu caminho, e isso pode acabar sendo feito a partir da tal autonomia ou a partir do desespero e ansiedade.

Essas deficiências na estrutura foram localizadas, a partir do ponto de vista dos estudantes, em três lugares distintos no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU USP. Daí resultam três capítulos nos quais se evidenciam os aspectos que fazem necessária a viração, como ela se dá e suas consequências no aprendizado.

No primeiro, para começar do começo, trataremos do ingresso dos estudantes na faculdade em que é nebuloso o que é exigido dos estudantes enquanto bagagem e o que faz parte da formação que a instituição deveria proporcionar.

O segundo capítulo trata da estrutura existente, mas inadequada e fictícia, que é a grade horária do curso. Assim, discorre-se sobre os efeitos da sobrecarga

nas práticas dos estudantes, tanto a sobrecarga imposta e inevitável que são as obrigatoriedades, quanto as atividades que os alunos se engajam espontaneamente.

O terceiro capítulo relata a falta de clareza específica às disciplinas do departamento de projeto em meio à experimentação e ao “aprender fazendo”.

Assim, a partir desses três pontos, questiona-se a solidez da formação generalista da faculdade, que deveria fornecer os fundamentos para os estudantes se movimentarem entre os campos de conhecimento que compõem o curso, mas que ao invés de fundar bases para circular com alguma confiança talvez funde bases para se virar.

Por fim, no quarto capítulo constata-se que parte substancial da formação dos estudantes ao longo da graduação se dá a partir da interação entre eles, para além da interação com os professores. Essa dinâmica, o aprendizado horizontal, será entendido como escora para as precariedades discutidas nos capítulos anteriores, mas sobretudo enquanto brecha.

Cada capítulo partilha da mesma estrutura. Inicia-se com uma justaposição de excertos extraídos das entrevistas realizadas (1), para dar corpo à análise que vem em seguida (2). E, ao final, uma breve sugestão é feita para orientar ou simplesmente dar um ponto de partida em discussões e proposições futuras no que diz respeito aos temas levantados (3). Assim, busca-se contribuir para uma formação verdadeiramente generalista, potencializando e reconhecendo as brechas emancipatórias e coletivas já existentes.

A presente análise não teve uma hipótese prévia, apenas vontades e preocupações que guiaram as atividades até chegar nos dados a partir dos quais essa pesquisa se fundamenta. Essa escolha, por um lado, acabou favorecendo uma maior abertura para a atenção até a presente formulação, ao invés de um olhar mais direcionado, e, por outro, provavelmente acabou prejudicando a consistência dos argumentos com os quais se sustenta o que será dito.

Esta parte do presente trabalho é fundamentada na realização de entrevistas com estudantes em pontos diferentes da sua graduação; na leitura de uma bibliografia que flutuou entre pedagogia e crítica de arquitetura; e nas atividades práticas realizadas ao longo da graduação e do período do TFG.

As atividades já foram devidamente comentadas anteriormente, portanto, aqui cabe um comentário sobre os dois outros pontos.

Foram realizadas 16 entrevistas com estudantes da graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU USP em diferentes momentos do curso - T68 até

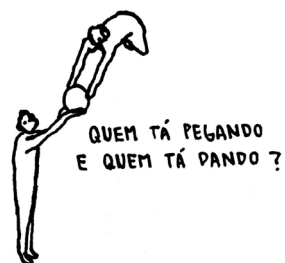
T74 -, com uma intenção explícita de selecionar estudantes oriundos de diferentes contextos socioeconômicos. Cada entrevista durou aproximadamente uma hora, e foi guiada por um mesmo roteiro semiestruturado, isto é, com questões pré-estabelecidas mas com margem para digressões que poderiam vir a ser interessantes.

O objetivo, compartilhado com os entrevistados, foi recuperar a história pessoal de cada um e observar como seu passado e expectativas moldaram o aprendizado; também, de atentar aos contextos que contribuíram para o aprendizado e àqueles que o prejudicaram.

Com o intuito de abrir a possibilidade da construção de outras leituras, as entrevistas foram escritas na íntegra e seguem em anexo. Sua leitura pode ser interessante tanto para professores que, por uma questão de hierarquia, dificilmente teriam conversas similares quanto para estudantes que podem ter acesso a vivências próximas e distintas das suas.

Somente pequenos ajustes foram feitos na transcrição de modo a adaptar minimamente a forma oral para a escrita, e para preservar o anonimato dos entrevistados e das pessoas ou disciplinas citadas. Afinal, o intuito não é fazer comentários pessoais e pontuais, mas traçar um quadro de movimentos generalizados na instituição. Apenas a turma ao qual o entrevistado pertence é mencionada, de modo que o leitor possa identificar em que momento da graduação e da história o discurso se situa.

E a bibliografia consultada é sobretudo do campo da pedagogia e da crítica de arquitetura, limitando-se na interação com textos específicos ao ensino de arquitetura e urbanismo. Essa escolha foi feita com o intuito de preservar um contato mais direto com o objeto de estudo, sem a mediação do ponto de vista docente.



I. BAGAGEM E FORMAÇÃO

1.

“E eu sinto que na FAU é muito parecida com o meu colegial na forma de pensar, tanto da arquitetura, de ter umas árvores, um gramadão e um prédio bonito, e ser um pensamento humanista, que eu acho que eu tenho muita facilidade com isso, porque eu cresci tendo contato com isso a minha vida inteira. Então eu sinto que, por exemplo, eu entrei na FAU e os professores já gostavam de mim porque eu pensava parecido com isso. [...] Eu lembro que na semana dos pelados tinha muita gente que desenhava super engessado, e eu já estava mais solta, era uma coisa que eu sempre gostei de fazer, e eu me identificava com o que os professores queriam, que é meio sorte, sei lá, então eu tinha muita facilidade.” T74 / 3 ⁵

“Logo no começo [eu percebi que eu era diferente]. A semana dos pelados, nossa, eu achei aquilo ‘Gente! O que tá acontecendo?’, e muita gente ficava de boa e eu ficava vermelha, morrendo de vergonha, rindo, nossa senhora... Aí eu fui entendendo que é o mundo das artes, conceito, sabe?” T72 / 5

“Eu lembro que foi uma decisão que veio muito pronta, parece que veio da noite pro dia, eu falei ‘É arquitetura, e é isso’, eu comecei a mergulhar de cabeça muito antes do vestibular, comprar livros de arquitetura, estudar os grandes arquitetos, essas coisas e tal. E tive muito incentivo familiar depois que eu tomei essa decisão e foi isso, uma coisa que veio quase pronta. Tanto que quando eu entrei era engraçado, eu tenho a impressão que em geral a gente entra em arquitetura por motivos muito alheios a ela, e não sabe muito do que se trata, e eu lembro que quando eu entrei eu já sabia. Eu lembro que no dia da matrícula eu estava com um amigo de escola e chegaram dois veteranos, aquela coisa, e falaram debochando ‘Vocês sabem quem projetou o prédio da FAU?’, eu respondi ‘O Artigas’ e eles ficaram com uma cara de bunda.” T68 / 13

“Quando eu entrei eu achava que a gente tinha que saber muita coisa que só quem é filho de arquiteto vai saber, quem já conhece a área, e eu não conhecia nada de arquitetura. Vou ser bem sincera, eu era bem ignorante, não sabia quem era Paulo Mendes, agora Oscar Niemeyer eu sabia porque ele teve muita propaganda, mas eu não sabia nada, nada. Mas agora, quando a gente entra eles acham que você deveria saber, mas eu acho que isso vem de gente que já é filho de arquiteto ou que vem de uma elite.” T72 / 5

⁵ Ao final do excerto de cada relato segue a turma ao qual o estudante pertence e o número da entrevista realizada, assim, o leitor pode transitar com maior desenvoltura pela transcrição das entrevistas em anexo.

“As referências, referências de aprendizado mesmo, lembro muito de aulas em que os professores falavam ‘Quando vocês forem para a Europa...’, referências de viagens que eu nunca tinha feito. E aquilo ia me chocando muito, minhas referências eram outras, de cidade, de mundo e cultura, e minhas referências não permeavam aquele espaço enquanto aprendizado.” T68 / 14

“Eu realmente não tive contato com arquitetura antes [de entrar na faculdade], meus pais não eram arquitetos, o que é diferente de 99% das pessoas da FAU.” T69 / 12

“Eu acho que eu me sentia envergonhada de colocar essas dúvidas tão básicas tanto pros professores quanto pros colegas.” T69 / 12

“Tinha muita gente que respondia às perguntas dos professores e conversava com eles sobre os temas, e eu ficava ‘Nossa, eu quero participar da discussão também, mas eu não entendo. Será que é só comigo isso?’, e depois eu fui ver que tinham alguns amigos meus que disseram que também vieram ETECs e escolas públicas, e tinham esse mesmo problema, e a gente entendeu que não era errado a gente falar que não sabia.” T72 / 4

“Coisas que eram dadas como o básico do básico, como ‘Vocês já sabem o que é uma coluna jônica’, e eu não sei o que era, e eu tinha vergonha de falar que eu não sabia o que era.” T72 / 4

“Ouvir professores comentando que as turmas antigas eram melhores porque vinham com essa bagagem antes, e agora eles tinham que ficar explicando tudo esmiuçado.” T72 / 4

“Eu diria que eu aprendi mais com meus amigos e colegas do que com os professores. Principalmente no começo. Porque no começo, por exemplo, eu não fiz cursinho de LA [linguagem arquitetônica], então tinha muita coisa que eu não sabia e fui aprendendo com as pessoas. Os professores não ensinavam porque partiam desse pressuposto que todo mundo sabia já que tinha a prova de habilidades específicas, e eu fui aprendendo com as pessoas me ajudando.” T68 / 14

“Só pra você entender eu estava no segundo ano de cursinho, que era super caro, e as aulas pra prova específica eram super caras, então eu não fiz, e eu tava achando que não ia rolar. Eu fiz metade do ano com muito medo porque eu não estava fazendo as aulas. E aí quando eles anunciaram que não iria ter mais, foi o melhor dia da minha vida, tirou um peso gigantesco das minhas costas. Aí quando a gente entrou era um inferno, do tipo ‘Nossa, olha só pra isso’, eles ficavam realmente apontando e dizendo ‘Isso daqui tá horrível, vocês não fizeram prova, não sabem desenhar’, a maioria falava isso. Enchiam o saco da gente o tempo inteiro. Eu acho que eles tinham esse preconceito de quem entrou sem a prova específica não sabia desenhar, e eles não ajudaram a gente. E tinha essa professora, que eu falei antes,

que deixava implícito que você consegue aprender, coisa que os outros professores não deixam.” T70 / 9

“Quando eu entrei na FAU e comecei a fazer os cursos de projeto eu já me sentia meio perdida, e eu sentia que muita gente entrava já com esses conhecimentos, e eu não sabia por onde começar a fazer o projeto. Os professores já falavam dessa coisa de conceito, já falavam coisas até mais específicas de materiais que eu realmente nunca tinha tido contato, então eu estava completamente perdida.” T69 / 12

“Acho que grande parte do grupo dos professores de projeto entendem que há um talento nato, e se apóiam nesse talento, ao invés de se apoiar em um processo de aprendizado para todos e igualitário. [...] Tinha um aluno na minha equipe, que talvez tivesse esse talento nato, ou pelo menos era reconhecido pelo professor enquanto tal. Então eu sentia que ficava esse aluno e o professor de um lado, e eu e a outra pessoa do grupo do outro lado, e aí tinha essa dificuldade de entrar no processo. Então pra mim foi intimidador.” T68 / 14

“Olha, nos primeiros meses, diria que nos primeiros anos [da FAU], foi bem difícil porque eu sentia que os professores esperavam de mim uma bagagem que eu não tinha. Então às vezes eles comentavam sobre livros muito teóricos, artistas que eu não conhecia, e eu me sentia muito mal por não os conhecer. Era algo que eu pensava ‘Nossa, eu tinha que ter aprendido isso no ensino médio, e eu não aprendi’, e às vezes eu ficava me comparando muito com meus colegas que estiveram em um ensino médio melhor do que o meu, escolas melhores, tinham essa bagagem de ler livros mais clássicos. Eu lembro que até ter entrado na FAU eu nunca tinha lido livro específico, que os professores citavam em aulas, e eles citavam nas aulas como se fosse leitura básica, e eu ficava ‘Nossa, gente, o que é isso? Eu nunca li na vida’, e eu tinha vergonha de falar que eu não tinha lido, pensava ‘Nossa, é tão básico, eu deveria ter estudado antes de ter entrado na FAU’, com o tempo eu desencanei bastante disso, mas no primeiro ano, ano de caloura, foi muito difícil lidar com isso. Eu sentia que tinha uma bagagem que era esperada e eu não tinha, e às vezes eu tentava correr atrás pra ficar mais ou menos a par da turma, não deu muito certo mas foi meio isso, essa defasagem foi bem prejudicial.” T72 / 4

“E foi muito difícil porque a gente não teve guia de representação para poder fazer desenho, 3D e tal, a gente teve que fazer tudo nas coxas, a gente fez o que deu pra fazer e a gente foi cobrado disso no dia da apresentação, a professora cobrou isso da gente e deu uma nota ruim, a gente ficou bem chateada porque nos esforçamos bastante e fizemos tudo o que dava pra fazer com as dificuldades que tivemos, mas a gente não teve uma ajuda expressiva durante a matéria, a gente fez tudo sozinhas e não tivemos um resultado que foi satisfatório para a nota depois.” T72 / 4

“Aquele primeiro projetinho em que a gente tinha que fazer móveis da mesma família do Rietveld, e a gente precisava fazer uma isométrica, e eu não sabia fazer. E eu lembro assim, todo mundo do meu grupo de Projetinho sabia fazer, e pra mim

ficou essa frustração ‘Nossa, eu não sei fazer’. E durante muito tempo eu me senti alguém das pessoas, a parte, e acho que também de referências de leitura, tinham coisas que as pessoas já tinham lido. Por exemplo, Harvey, tinham coisas que as pessoas comentavam como se fosse um senso comum entre elas, e eu ficava ‘Nossa, o que é isso, nunca nem ouvi’. Pra mim aquilo fazia parte da formação, sabe, eram coisas que eu tive contato aí, mas que pra outras pessoas já eram bagagens, que as pessoas traziam antes de ter entrado naquele espaço. Aí eu sentia a necessidade de correr muito atrás, e eu corria. Então eu acho que eu passei boa parte do meu primeiro ano nessa neura, e no segundo ano eu desencanei. Eu falei ‘Tá tudo bem que eu não sei tudo o que as pessoas sabem’ e eu comecei a entender que tinham coisas que eu sabia que as pessoas não sabiam. Acho que principalmente quando começaram as visitas nas disciplinas, principalmente visitas para as periferias, coisas que para as pessoas era um mundo novo, ou que as pessoas tinham dificuldade de incorporar questões no projeto, que os professores estavam incitando que se incorporassem. E eu tinha muito inerente à minha pessoa, e que não era uma questão para mim, e aí eu comecei a perceber que eu tenho bagagens que são importantes também, que são bagagens que as outras pessoas estão tendo que construir, ao mesmo tempo que eu não tenho outras bagagens que eu estou também tendo que construir, então tá tudo bem, sabe.” T68 / 14

“Violência no sentido de não me ver nesse espaço, não me ver representada, por exemplo, eu não ouvia uma referência de arquiteto negro formado nem nada do tipo. E racismos vividos dentro, eu lembro de uma vez no primeiro ano que eu fui pegar um ônibus, entrei, sentei do lado de uma senhorinha branca e ela me perguntou aonde que eu trabalhava na USP, e aí eu falei ‘Ah, não, eu estudo FAU’, e ela ficou chocada, falou ‘Você estuda aqui? Na FAU? Faz arquitetura?’ e falei ‘Faço’, e ela perguntou quantos anos eu tinha, e falei que tinha dezessete, e ela ficou mais chocada ainda. E aquilo pra mim também foi uma violência, sabe? Essas violências tanto de não me sentir pertencente, nem representada e nem projetada enquanto futuro, nem enquanto classe que forjou uma arquitetura.” T68 / 14

“Acho que no primeiro semestre parte das aulas me incomodavam porque a gente não via arquitetura indígena e nem mesmo brasileira, a gente via muita arquitetura clássica e eu não via nome de pessoas indígenas ou negras sendo mencionadas nas aulas, fora essa aula da professora que mencionou e me deixou bem animada. E aí eu comecei a pensar ‘Nossa, por que será que a gente não estuda isso?’, e aí no meio do caminho eu encontrei a minha orientadora da iniciação científica que eu faço hoje em dia.” T72 / 4

“Eu acho que foi mais depois de conversar com alguns colegas e entender que eles tinham a mesma frustração que eu, entender que estava todo mundo no mesmo barco. E ajudou encontrar alguns outros professores que tinham uma metodologia diferente, querer explicar, que também pareciam mais abertos a querer entender as dúvidas que a gente tinha, ou alguns colegas que ajudavam, e acho que essa foi

uma das partes mais legais, que a gente se juntava em um grupão pra poder falar as dúvidas que a gente tinha das matérias e tal.” T72 / 4

“Acho que [fiquei mais calma] quando eu percebi que nunca seria igual, eu nunca teria o mesmo conhecimento do que alguém que estou em uma dessas escolas, vem de uma família de arquitetos. Quando eu vi que nunca ia ser igual mesmo e tudo bem. Eu não preciso saber a mesma coisa que as pessoas, porque na prática na FAU não existe isso de todo mundo saber as mesmas coisas, até se você faz uma matéria com professor diferente, você aprendeu coisas completamente diferentes. Entender que não seria tudo igual, e tudo bem.” T72 / 5

“Vou dizer pra você que ainda tá difícil, acho que eu não me acostumei muito com a linguagem acadêmica. Tem alguns textos que eu tenho mais facilidade de ler do que outros, mas tem outros que são bem difíceis de ler, conseguir entender mesmo. Eu lembro que teve uma matéria que foi muito difícil pra mim, eu fiz com um professor que eu gostei muito, muito mesmo, foi uma das matérias que eu mais gostei, mas eu não aproveitei porque eu não entendia muito os textos que eram dados. Às vezes eu não conseguia ler o texto porque eu não estava entendendo, então eu ficava na aula boiando, e correr atrás depois e tirar dúvidas com ele depois da aula pra poder entender, mas o legal é que ele é muito aberto às dúvidas e é isso que eu gostava nas aulas dele. Mas eu lembro que ele passou um texto que eu acho que fiquei uma hora tentando ler a primeira página, eu lia e eu falava ‘Eu não entendi, vou ler de novo’, aí eu lia uma segunda vez e não entendia de novo, e lia, lia, lia, e não entendi, e até hoje alguns textos desse mesmo estilo eu pego pra ler e não consigo entender. Eu realmente não sei o que acontece pra ser sincera. Mas é difícil, porque eu realmente gosto de ler, principalmente texto acadêmico, mas eu percebi que tem certos textos que eu consigo, certos textos que eu não consigo. Os que eu consigo, eu consigo realmente, mas os que eu não consigo eu não consigo passar da primeira página.” T72 / 4

“Acho que não chegou a ser um desestímulo [não entender os textos no começo da faculdade], você lê e alguma coisa você sempre capta, você vai pra aula e tenta entender, você vai apanhando um pouco.” T68 / 16

“Antes de entrar na faculdade eu achava que a arquitetura era fazer casa pra gente rica, só que aí quando eu entrei eu percebi que não, é muito mais amplo, tem coisa muito mais interessante que fazer casa de luxo.” T72 / 5

“Com projeto eu nunca pensei que se eu trabalhasse em um escritório eu faria algo legal, mas com planejamento eu pensava que se eu trabalhasse eu poderia fazer alguma coisa, resolver alguma coisa na cidade. Talvez eu tenha me interessado por ter vindo lá do fim do mundo, do Capão, ver tanto problema que tem lá, e acho que isso influenciou. Buscar alguma coisa que tenha aplicação, não sei bem explicar. Acho que foi de ver relevância no que eu estava fazendo, poderia me ver fazendo isso no futuro e eu ainda não tinha achado isso na FAU.” T70 / 9



2.



A palavra “bagagem” que é tão presente parece ter em seu conteúdo duas coisas implícitas: uma diferença de repertório e uma diferença de aptidão adquirida para ter acesso a determinados repertórios. Então, por assim dizer, uma coisa é nunca ter lido um texto de tal autor, visto tal obra ou feito tal coisa; outra coisa é não conseguir ler o texto de tal autor, ver tal obra ou fazer tal coisa.

Também é importante notar que bagagem é a formação prévia à graduação, o que o estudante efetivamente conhece e sabe fazer assim que entra na faculdade. Então, aqui vamos diferenciar “bagagem” da formação que a faculdade deve dar condições para o estudante vir a ter ao longo da graduação, a formação em Arquitetura e Urbanismo, que chamaremos simplesmente de “formação”. E disso já temos um problema: há um descompasso entre bagagem e formação.

Se a formação deveria partir da bagagem - o pré-requisito - ou prescindir dela - o novo, o inaugural -, o que acontece na prática é que parece existir buracos e sobreposições entre os dois. No caso em que a bagagem seria pré-requisito muitos estudantes na prática não o têm, e acabam tendo que correr atrás e se virando; e no caso do que seria apresentado, o novo, alguns estudantes já conhecem. Assim, dividiremos os estudantes entre esses dois grupos: os que correm atrás e os já iniciados; divisão que frequentemente tem um correlato com a classe social da qual o estudante faz parte.

O problema se agrava quando a ausência desse pré-requisito é visto como responsabilidade estrita do estudante, como lapso pessoal, seja por não ter ido atrás antes ou por falta de capacidade⁶; e quando não se introduz o novo porque alguns estudantes, os iniciados, já o conhecem. Então, como se não bastasse ter que correr atrás do pré-requisito - acabou de chegar e já está aquém! -, o que seria novo

⁶ “O que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença da inferioridade de sua inteligência” - Jacques Rancière, *O mestre ignorante*. Belo horizonte: Autêntica, 2020, p.64.

também já era pra saber, tanto é que alguns já sabem. Assim, na lógica da falta parece que ou corre atrás e se alcança, ou corre atrás e se conforma, mas de qualquer jeito tem que correr.

Agora, correr atrás parece ser algo que todos os estudantes da FAU USP fazem, e isso será desenvolvido no capítulo seguinte, mas aqui se discute o correr atrás de quem parece estar na frente, e não correr atrás do conteúdo⁷. Mas nesse cenário precário e doído, três brechas próprias à interação entre os estudantes se abrem. A primeira é o simples reconhecimento de quem está correndo atrás não se perceber enquanto exceção, e então assumir que o que não sabe não é motivo de vergonha, mas abertura para a própria formação.

A segunda é a colaboração entre os próprios estudantes, onde eles ensinam uns aos outros e até certo ponto constrói-se um repertório comum a partir de suas diferentes bagagens. Essa dinâmica se estende ao longo de toda a graduação, deixando de ser uma questão de bagagem e passando a ser intrínseca à própria formação, onde é impossível dar conta de tudo.

A terceira é o empoderamento - vislumbre da emancipação -, em que se percebe que o que até então era visto como “atrás” pode ser outra frente⁸. Esse posicionamento se dá por processos pessoais e coletivos de reconhecimento e organização por aqueles que se veem como parte de um grupo excluído, e é auxiliado pelo reconhecimento do valor pelos outros, estudantes e professores, que não fazem parte desse grupo. O que era visto como falta agora passa a ser propriamente reconhecido enquanto bagagem. E esse movimento é possível sobretudo quando os temas e questões movimentados dentro da faculdade são aquelas providas de valor democratizante, pois isso parece nutrir sentido para o aprendizado e para a ação, especialmente quando o aluno se reconhece nas questões levantadas⁹.

E se até então falamos sobretudo da relação dos estudantes entre si ao perceberem suas diferenças, agora adicionamos o professor em meio a tudo isso, que é o detentor do poder na relação com o estudante. Mesmo que aqui se

⁷ “Os alunos oriundos de grupos marginais que tinham permissão para entrar em faculdades prestigiadas e predominantemente brancas eram levados a sentir que não estavam lá para aprender, mas para provar que eram iguais aos brancos” - bell hooks, *Ensinando a transgredir*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017, p.14.

⁸ “Você precisa se posicionar / Se valorizar / Não é querer ser melhor que alguém / É entender que você não é pior que ninguém” - MC Carol, *Levanta Mina*. Belo horizonte: Ubuntu, 2021.

⁹ “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação” - Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016, p.42.

argumente que muito se faz para além dele, parece ser ele quem qualifica essas diferenças no que ele escolhe explicar ou deixar de explicar, e no repertório que ele vai reconhecer ou apresentar. Enfim, é o professor quem traça a sutil linha do que será exigido enquanto bagagem e o que o será apresentado enquanto parte da formação. E ao escolher onde traçar essa linha é necessário atenção aos alunos e escuta, cuidado para não intimidar quem acabou de chegar, pois contar apenas com aqueles estudantes que têm coragem de falar na frente de 150 outros é ouvir apenas aqueles que já são confiantes em seu falar¹⁰.

Agora, quanto aos alunos já iniciados, esses parecem saber desde o início que suas dúvidas e reflexões são válidas. Assim, não se sentem intimidados na interação com os outros e nem com o campo, sabendo que os percalços que vão encontrar fazem parte do próprio processo de aprendizado. E daí vem a palavra “iniciado”, que aqui se entende como a percepção de um enquanto participante de um campo. Quanto mais cedo um se inicia, mais cedo se começa a aprender. E, novamente, a figura dos professores é importante, pois, sobretudo no início, é a eles que cabe convidar os recém-chegados a entrarem.



¹⁰ “Nas faculdades privilegiadas de artes liberais, é aceitável que os professores respeitem a “voz” de qualquer aluno que queira apresentar um argumento. Muitos alunos dessas instituições se sentem dotados de um direito - sentem que suas vozes merecem ser ouvidas. Mas os alunos de instituições públicas, a maioria deles de origem trabalhadora, chegam à faculdade supondo que os professores entendem que eles não têm nada de bom a dizer, nenhuma contribuição valiosa a apresentar para uma troca dialética de ideias” - bell hooks, *op.cit.*, p.199.

3.

Começar do começo:

Sempre introduzir de forma explícita as referências específicas ao campo - autores, obras, textos, conceitos, vocabulário técnico, etc. -, e que, portanto, o estudante não tem o dever de saber de antemão. Vale notar que mesmo para aqueles estudantes já iniciados essa introdução provavelmente não cairia em redundância, pois muitas vezes o contato prévio que esses já tiveram com esse repertório é muito pontual e informal.

Sugerir caminhos:

Com o aumento da autonomia própria à lógica universitária em relação à lógica escolar, e uma escala de massas em que muito do que o estudante faz não passa pelos olhos dos professores e demais colegas, sugere-se que sejam elaborados documentos pelos docentes e veteranos com uma curadoria de caminhos possíveis do aprendizado ao longo da graduação - bibliografias comentadas, lista de lugares a serem visitados, projetos a serem estudadas, etc. Estes facilitariam o acesso à informações que muitas vezes ficam restritas aos estudantes extrovertidos, e que são de grande importância para a iniciação no campo.

Reconhecer e fundamentar as aptidões:

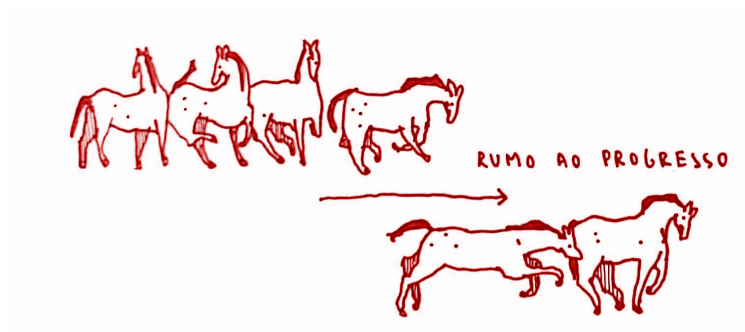
É necessário perceber as aptidões com as quais os calouros efetivamente chegam à faculdade, e, a partir daí, perceber onde estão as lacunas entre as aptidões efetivas e o que seria considerado pré-requisito - leitura, escrita, desenho, etc. Isso poderia ser feito a partir de uma pesquisa formalmente estruturada, e também dentro do espaço das próprias disciplinas por meio da escuta e atenção às dificuldades dos estudantes. A partir disso e dependendo de cada caso, esses conteúdos poderiam ser incorporados ao currículo, ou serem trabalhados por meio da criação de acompanhamentos extracurriculares compostos por professores e veteranos de escrita, leitura¹¹ e desenho, por exemplo. Tais ações criariam condições para que os estudantes possam estruturar bases para trabalhar com autonomia ao longo de toda a graduação.

Reconhecer a bagagem popular e descolonizar as referências:

Desde o início movimentar e reconhecer as bagagens populares e referências decoloniais para além do acadêmico e clássico é aspecto fundamental em uma faculdade que se propõe formar arquitetos urbanistas com um compromisso social frente à realidade. E, assim, estudantes que não são oriundos de contextos

¹¹ Uma boa referência é a disciplina de *Práticas de leitura e escrita acadêmicas* - FLF 506 ministrada na FFLCH.

privilegiados mais rapidamente podem se perceber como parte do campo ao qual, de fato, pertencem.





II. SOBRECARGA E ENVOLVIMENTO

1.

“Você não tem tempo para fazer os trabalhos gostando, buscando saber sobre o tema do trabalho para você mesmo, porque se você fizer você atrasa a próxima entrega.” T74 / 2

“A FAU te atrapalha pra estudar, eu me senti extremamente atrapalhada pela FAU, indignada, ‘Como eu posso ter aula toda hora? Assim eu não consigo parar pra ler o que eu quero’, então eu usava meu horário de almoço, várias vezes eu almoçava paçoca.” T69 / 11

“Achava a grade horária sempre muito mais do que seria possível fazer, e eu acho que eu tenho um problema, porque eu sempre gostei de fazer as coisas direito, e a FAU é um esquema que não, você tem que escolher o que você vai fazer e o que você não vai fazer. Então, sei lá, eu nunca consegui administrar isso direito e eu ficava me sobrecarregando muito. E eu lembro de ter aulas que eu gostava, que eu achava boas, conteúdo que eu gostava, eu lia os textos em casa, chegava lá eu dormia na aula, nunca tinha acontecido isso no ensino médio, por exemplo, eu dormia porque eu não aguentava, eu tava cansado, ainda mais naquele teatrinho lá embaixo, o anfiteatro. Eu dormia pra valer, e eu lembrava de batalhar contra o sono pra não dormir, mas eu dormia. Isso eu senti bastante, essa sobrecarga, é muita coisa levada pra casa e você já ficava o dia todo lá.” T68 / 16

“Quando você chega na graduação é impossível você estudar tudo, então não dá pra você ser super especialista em história, tecnologia e projeto. E eu lembro que isso me afligia no primeiro ano, primeiro porque as aulas eram muito longas e eu não conseguia acompanhar anotando tudo, e aula de quatro horas... Sua cabeça não funciona depois de duas. E eu lembro que isso me estressava, porque eu falava ‘Gente, eu não to conseguindo acompanhar tudo e isso vai me fazer um péssimo profissional no futuro’, mas isso é muito porque eu ainda estava com uma cabecinha de ensino médio, que achava que as coisas eram assim. Mas depois eu fui entendendo que a didática na graduação é outra, e que eu tenho muito que também elencar as minhas prioridades pra eu ter uma vida saudável na graduação. Então, por exemplo, essa matéria não é uma prioridade minha, eu não preciso ficar fritando pra tentar entender tudo.” T71 / 8

“Mudou a quantidade de coisas que eu tinha que lidar e tentar mediar tudo isso, mediar a minha vida pessoal e mediar o estudo, mais do que eu tinha que fazer antes, porque antes eu fazia a escola e tudo bem, você conseguia viver. E aí na faculdade você fala ‘Eu acho que é a prioridade no momento é ir bem em tudo’, porque eu quero minhas notas boas, mas tem momentos em que às vezes você fala ‘Não, não, não consigo fazer tudo. Não consigo chegar lá’. Então foi mais nessa

parte de definir prioridade, definir o que era mais importante que foi o mais difícil.” T72 / 6

“Eu sei que eu não vou conseguir fazer tudo para todas as matérias, tem coisas que eu já seleciono, do tipo ‘Esse eu vou me dedicar mais, esse eu vou fazer pra passar’. E eu não tenho nenhuma vergonha nisso, vou entregar o trabalho ruim mesmo porque eu tenho uma vida e outras coisas pra fazer. Então eu meio que medio meu tempo baseado no que é interessante pra mim, o que eu tô curtindo fazer, e eu não vou ficar virando a noite pra uma prova da POLI que eu não tenho o menor interesse, eu vou aprender o mínimo pra passar e no resto eu me viro. Acho que no geral eu me dou bem com isso, eu nunca virei noite. Já tiveram épocas em que eu estava muito mais corrida, mas porque eu tava fazendo coisas que eu queria, por exemplo, no coletivo do qual eu participo eu estava me dedicando muito mais do que pras matérias e aí eu tive que correr atrás, mas foi uma escolha.” T72 / 6

“Eu sinto que eu vou ser uma pessoa megalomaniaca, porque tudo que tem de conteúdo da FAU eu quero assimilar, eu acho muito interessante tudo, eu fico encantada com tudo. Mas, por exemplo, eu queria ter condições, gestão de tempo, pra cair com um professor específico, mas como dizem que ele é bem frito, cobra muito, já pensei: ‘vamos abrir mão de uma pessoa que eu sei que tem uma boa fama, mas que vai comer a minha alma’.” T74 / 1

“No terceiro ano tive uma grande desmotivação e acho que foi meu pior ano, de eu não conseguir aprender as matérias que eu estava fazendo. Eu tive muita dificuldade até de entregar as coisas, acho que eu estava muito em um momento de decepção com o curso de arquitetura, digo, eu estava super feliz com a arquitetura em si, mas acho que o desgaste da grade, de estar virando sempre, tá sempre atolada, um monte de coisa pra fazer, não conseguir ver a família, não ter um momento de lazer nem na sua própria casa, não conseguir fazer um almoço de domingo decente porque você tá atolado de tanto trabalho.” T68 / 14

“Até hoje em dia eu me cobro muito, mas aí é o famoso burnout, eu tenho burnout a cada duas semanas, porque eu fico muito animada e pego, faço um monte de coisa, e depois nem vontade de sair da cama. Então, saber dosar o seu descanso e o seu aprendizado. E aprender que a gente não precisa ser o melhor em tudo, porque apesar de eu querer, eu não preciso. Se dedicar às coisas que gosta, mas tudo bem fazer o mínimo às vezes, tá tudo bem.” T72 / 6

“A FAU não é tudo. A FAU enquanto matérias, as nórias com trabalhos, os desesperos, isso não é a parte importante da minha graduação. Não foi por isso que eu aprendi, eu surtar com trabalho, virar noites, não era condicionante para eu ter essa formação que eu tenho hoje.” T68 / 14

“Ao mesmo tempo que é muita coisa, é muito pesado, então eu acho que talvez fosse legal mudar, eu não sei como mudaria, porque é integral, têm muitos

trabalhos das matérias da manhã e da de tarde, mas parece que tudo é necessário, tudo é importante de ter” T74 / 2

“Hoje eu acho que sou considerada uma pessoa frita, e tem isso de uma pessoa coxa e uma pessoa frita. Acho que eu sou considerada uma pessoa frita porque eu faço mil coisas. Não que nenhum dos dois seja melhor que o outro, lógico que não, são escolhas que as pessoas têm na vida. Se eu quero fazer as coisas mais meia-boca, eu faço, dane-se, ninguém tem nada a ver com isso. Só que na hora que eu precisar de alguma coisa relacionada a isso eu não vou ter frutos para colher. Acho que foi bom que eu aprendi que eu posso me dedicar muito às coisas, e que elas podem dar muito certo, ter consequências ótimas. Tipo, intercâmbio, isso pra mim antes de eu entrar na FAU, na USP, eu achava que era coisa de outro mundo, era impossível fazer isso, mas na FAU não, você tem várias oportunidades, e lógico que não é fácil, é caro pra caramba, mas é mais possível do que não estando nessa realidade.” T72 / 5

“A minha intenção com a média ponderada é porque eu soube que ela é um dos critérios para a gente pleitear um intercâmbio, e hoje, no primeiro ano, eu acho um intercâmbio interessante, mas pode ser que quando eu estiver na época de tentar um intercâmbio não seja pertinente, mas saber que se eu não tiver uma média ponderada esse intercâmbio pode vir a não se efetivar me preocupa, e me bota nessa situação de buscar uma média ponderada alta. E também porque supondo que eu queira aplicar para uma bolsa fora eu sei que histórico é considerado, então eu não quero jogar contra mim mesma, é basicamente isso.” T74 / 1

“Tá, eu vou tirar 7.5’ mas eu aprendo muito com o que ele fala, gosto muito dos textos que ele dá, tipo, eu ia mal na prova mas f***, sabe. Eu gostava de aprender.” T70 / 9

“Vou pegar um professor coxa que vai me dar uma nota boa, mas não vou aprender tanto quanto com um professor que não vai me dar nota pro intercâmbio” T69 / 12

“Então, eu estou no terceiro ano e estou tentando recuperar essa média, porque depois eu decidi que eu queria tentar intercâmbio, então eu falei ‘Preciso me esforçar’, e foi meio que a motivação que eu encontrei para voltar a me dedicar.” T72 / 6

“Eu acho que as pessoas fazem muito mais do que elas precisam pras disciplinas, por exemplo, eu lembro de um trabalho de construção que era pra ter duas páginas, aí as pessoas entregavam sete. Eu acho que é essa cultura de ‘Eu preciso dar o meu melhor’, não necessariamente ser melhor que o outro mas precisa estar muito bom, e são coisas que dão muito mais trabalho, você acha que seria rapidinho e aí você fica horas. E aí quando a pessoa gasta cinco horas em um trabalho que deveria gastar uma, as outras pessoas ficam ‘Nossa, o meu tá ruim’, mas não tá ruim, é o que era pra fazer. Então eu sinto que tem esse clima de fritação, e essa cultura de

virar noite, ‘Nossa, trabalhei muito’. Aí desde o início eu fiquei ‘Tô fora dessa’, aí acho que passei a ficar bem mais de boa com o meu tempo.” T73 / 3

“Acho que muitas vezes a gente entra nessa vibe de fazer no mecânico, e nesse objetivo final, que você vai entregar, fazer uma prancha linda e é isso.” T68 / 14

“Nas primeiras disciplinas de projeto que eu fiz o tempo era muito marcado, até determinado momento a gente precisava fazer o partido e depois era o desenvolvimento, sendo tudo pautado por essas entregas intermediárias. Na pandemia isso meio que não aconteceu, pelo menos nessa primeira experiência a distância, então a gente ficou muito no partido mas indo e voltando e indo e voltando em relação ao que a gente estava discutindo no nosso grupo. E aí, acho que foi bom pra rever coisas que a gente às vezes passa batido pela dinâmica da aula geralmente. E isso gerava questões e dúvidas que a gente levava pro professor e achei que foi rico, pelo menos nessa organização diferente de tempo. A gente teve uma abertura maior para ir e voltar em relação ao que estávamos propondo, então várias vezes a gente tomou algumas decisões e levou para orientação, e dava um tempo depois e a gente falava ‘vamos começar do zero, de novo’, e a gente ficava testando, testando, e chegamos a um produto que todo mundo ficou muito feliz.” T71 / 7

“Mais do que refazer é se debruçar sobre uma coisa, não é refazer por si só, mas ir trabalhando nela e retornando nela.” T68 / 14

“Acho que foi um timing nosso, a gente estava muito dispostas a aprender e a ir atrás, um projeto que rolou muito isso de estar disposta de aprender fazendo, e não fazer algo nessa competitividade que existe na FAU, sabe? De querer fazer algo muito bom, mas de querer fazer algo aprendendo. [...] De esquecer que existe uma corrida, porque eu acho que existe uma corrida de ir fazendo e chegar em uma coisa que se entende que é a melhor. Mas acho que o grupo conseguiu se destacar, no sentido de se desprender, e fazer para aprender e não pra fazer algo que fosse entrar nesse mundo competitivo.” T68 / 14

“A FAU também tem seus momentos zumbificados, um amigo falava que as disciplinas de projeto eram só pra formar estagiários, acostumar as pessoas a ficarem trabalhando loucamente por coisas que não fazem sentido pra elas.” T68 / 13

“Assim, decorei no slide e fiz [a prova], mas o quê eu não sei.” T68 / 14

“A grade é ruim no sentido de que tem muitas matérias que eu olho pra trás e eu não absorvi nada. Acho que poderiam ser cortadas várias matérias, ou juntadas, porque realmente é muito trabalho pra umas coisas que no final você nem vai lembrar no futuro” T73 / 3

“Alguma coisa você sempre aprende, né, mas teve uma disciplina que eu larguei mão, foi uma negação. E você tem que fazer o trabalhinho, lê o que é, era até interessante o texto, mas assim, você não tá com tempo e você sabe que vai sacrificar aquela matéria e é isso.” T68 / 16

“Acho que é mais culpa minha [os momentos em que eu não aprendi], acho que é mais desinteresse meu em certos assuntos, porque, no fim das contas, nos trabalhos em grupo você não necessariamente precisa passar por isso. Por exemplo, eu costumava fazer grupo com as mesmas pessoas em várias disciplinas, então eu ajudava mais nas que eu gostava mais, e menos nas outras, então eu aprendia menos naquelas que eu gostava menos.” T69 / 12

“Era muito ócio, muito tempo da FAU a gente fica de bobeira, as aulas são muito matáveis.” T68 / 15

“Não sei explicar muito bem, mas parecia que o tempo não rendia. Perdia muito tempo com questões logísticas e também com essas exposições intermináveis que não funcionavam bem.” T69 / 10

“Às vezes eu posso pensar ‘Pô, perdemos um certo tempo, podia estar fazendo outra coisa’, mas no geral é um sentimento de que eu não consigo dar conta de tudo isso.” T71 / 7

“Outra coisa que é bom no EaD é que dá pra fazer os dois ao mesmo tempo, ouvir a aula enquanto termina o trabalho.” T74 / 2

“Acho que a FAU oferece, mas ela não necessariamente forma todo mundo do mesmo jeito. A gente tem uma grade muito puxada, mas eu acho que quando você tem esse estalo de que quem faz a sua formação é você [...], já é um ensaio de que quem faz nossa carreira, quem pensa nosso jeito de estar no mundo é a gente mesmo.” T69 / 11

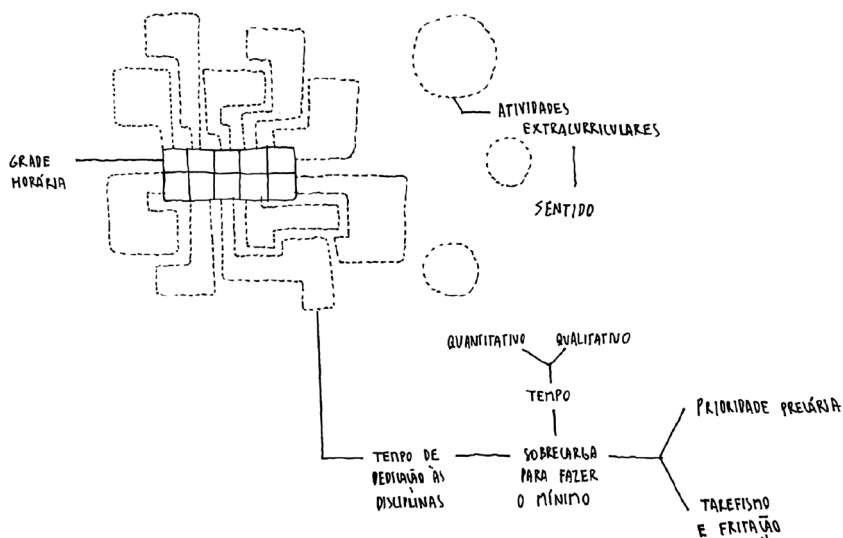
“Ser integral é super uma questão, mas eu gosto de você estar imerso em um negócio, você tá convivendo com as mesmas pessoas, você meio que fica em uma imersão FAU. Isso é ruim, mas é bom também, acho que você entra mesmo no negócio, não é uma faculdade que você está lá às vezes, você super está lá.” T73 / 3

“Eu acho que a gente perde muitas oportunidades de aprendizado por ficar quatro anos o dia inteiro na FAU. Eu aprendi muito, não sei se muito mais, mas eu aprendi muito em estágio, eu aprendi muito em roda de conversa, muito em outras atividades que não envolvem a FAU, e que a gente precisa caçar tempo pra fazer essas coisas, que eu acho que são muito importantes pro nosso aprendizado.” T68 / 14

“Eu tenho a impressão no geral, mas pode ser que seja um viés, é uma narrativa mais bonita, mais diferente, mas eu tenho a sensação de que os momentos que eu aprendi mais foram momentos extracurriculares. Então, concursos para estudantes que eu participei com colegas, oficinas, participação que eu tive no FotoFAU, ou mesmo um pouco de grupos de estudos, grupos de extensão, que não cheguei a participar de nenhum muito ativamente mas tive esses passeios, e principalmente os estágios. Eu fico um pouco com essa impressão, que esses são os momentos de maior aprendizado, e acho que cada um tinha sua motivação específica naquele contexto. Tipo, no caso do concurso é ganhar o concurso, no caso de eu dar uma oficina é ensinar as pessoas, no caso do estágio é aprender e me tornar um profissional qualificado. [...] Acho que esse é meu testemunho, quando você sai da casinha é quando você aprende mais” T69 / 10



2.



Sobretudo por uma questão de tempo, o que é estabelecido como o mínimo obrigatório ao curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP é consensualmente constatado como impossível de ser apreendido. Questão que não se esgota pelo seu viés quantitativo, sendo também necessário atentar-se à qualidade desse tempo - pois para aprender é necessário tempo para concentrar-se e envolver-se¹², e não apenas fazer, dificultado pela simultaneidade de tantas disciplinas desconexas.

A partir do segundo ou terceiro ano, assumindo a insustentabilidade da grade horária sugerida, iniciam-se os trancamentos em massa, fazendo com o que o curso se estenda em muito seu tempo ideal (e fictício). E, também, dificultando a interação entre disciplinas de um mesmo semestre. Mas até lá se vive a impossibilidade de fazer tudo que é solicitado e desejado, fazendo com que seja

¹² “A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” - Jorge Larrosa, *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação, 2002, n.19, p.24.

necessário que os estudantes elenquem as prioridades em meio ao que deveriam ser os próprios fundamentos. E, assim, o mal-estar rapidamente dá as caras, pois se percebe a impossibilidade de se alcançar o mínimo.

Nesse contexto faz muito mais sentido falar em precariedade do que autonomia, pois aqui a escolha é do que dispensar entre conhecimentos que são indispensáveis à formação. Faz parte do aprendizado o sofrimento, mas o problema aqui é que parte do sofrimento é justamente por ter que abrir mão do aprender.

E assim sendo, duas saídas (de emergência) parecem ser possíveis. A primeira é a mais conhecida e mais condenada aos olhares externos: a matação de aula e fazer os trabalhos “nas coxas”. Se por um lado isso pode indicar o desinteresse e a falta de compromisso do estudante com o próprio curso, por outro lado às vezes essa é justamente a possibilidade dele se dedicar. Aqui o estudante assume que é impossível fazer tudo.

Trabalhos em grupo, nesse sentido, para além de ser uma oportunidade de aprender e produzir coletivamente, acabam também sendo um meio de se virar. Ao invés de fazer juntos e aprender a partir das dúvidas compartilhadas, loteia-se quem faz o que num processo em que o almejado é se livrar do trabalho. E em meio aos vários trabalhos feitos com esse intuito, é curioso notar o tempo dedicado à representação, pois parece que muitas vezes se deseja esconder a ausência de conteúdo.

A outra saída é a “fritação”, que parece ser a negação em ter que escolher, é escolher fazer tudo. Porém, diferente do que se subentende do “aprender fazendo”, por mais que muitas vezes seja condição fazer para aprender, essa não é a única condição, e, dessa forma, não necessariamente se aprende tendo feito. Os trabalhos são entregues como tarefas a serem cumpridas, dando ênfase aos produtos em detrimento do processo. Ignoram-se dúvidas e questões que surgem no caminho, coisas que diminuem a produtividade da entrega, mas que são os próprios fundamentos de uma formação crítica. Assim, buscando se mover de forma eficiente, fica difícil distinguir o que é trabalho do que é aprendizado¹³.

E nessa toada tarefista e acelerada em que se torna difícil perceber o próprio aprendizado, parece que o retorno e reconhecimento possível são as notas. Assim, às vezes o que acaba por amarrar o estudante aos trabalhos não é o aprendizado, mas a média ponderada. Porém, frequentemente conseguir uma boa nota implica em fazer escolhas que minam o próprio aprendizado: escolher

¹³ “É preciso reconhecer que, assim como o trabalho, a educação pode não ser formativa. Ela é uma relação objetiva que pode mesmo ser um obstáculo para a formação. Uma educação em estado falso, para contenção, para subserviência, alienação, aceitação e adaptabilidade a condições cada vez mais brutais de existência” - Carolina Catini, “Empreendedorismo, privatização e o trabalho sujo da educação”, *Revista USP*, nº127, p.66.

professores que dão notas mais altas mas com os quais talvez se aprende menos, ou fazer trabalhos buscando agradar o professor, e aí o professor se torna cliente. Não é mais compreender o que o professor quer, mas simplesmente perceber o que o professor quer.

Ainda, quando a nota se torna meio para um fim além dela - escolher professores no júpiter, intercâmbio e bolsas de estudo - prioriza-se a chance de um aprendizado futuro em detrimento da possibilidade certa do aprendizado presente. E, sobretudo, nesse processo para se alcançar o que se quer, emerge a necessidade de competir com os demais, frequentemente minando a possibilidade de colaboração.

Agora, curiosamente, para além das obrigações é comum que cada estudante esteja envolvido com algo para além, acentuando a sobrecarga - grupo de estudos, estágio, leituras próprias, coletivos autogeridos, extensões universitárias, iniciações científicas, monitorias, esportes, etc. Porém, essas atividades têm um teor diferente por não serem obrigatórias, pois aqui não se corre atrás do conteúdo que está atrasado, mas se caminha em busca do que pode ter sentido para cada um. E, ainda, se os estudantes insistem em fazê-las mesmo já sobrecarregados, provavelmente implica que ali reconhecem expressivo valor.

Esses espaços, que, principalmente no início do curso, se espremem entre as obrigações - verdadeiras brechas -, parecem ser centrais na construção da autonomia dos estudantes. Assim, ao atentar-se à grade é importante perceber de que forma ela se preenche, mas igualmente importante é perceber os espaços vazios que ela deixa para a construção de cada um¹⁴.



¹⁴ Bandeira frequentemente levantada em conversas pelo professor Antonio Carlos Barossi.

3.

Dimensionar os trabalhos de acordo com os créditos:

Seria pertinente que cada disciplina descobrisse e assumisse o verdadeiro tempo implícito nos trabalhos solicitados, tanto o tempo de trabalho efetivo - projetar, escrever, resolver, ler, pensar, etc - quanto o tempo logístico implícito - visita de campo, compra de material, elaboração de bases, etc. Assim, o trabalho exigido poderia ser ajustado aos créditos-aula e créditos-trabalho dos quais cada disciplina dispõe.

Isso poderia ser feito de forma simples, enviando formulários ou perguntando para os estudantes o tempo dedicado a cada etapa do trabalho. Por mais que existam variações no tempo que um estudante leva para realizar uma atividade, ter um tempo médio já seria de grande ajuda. E seria importante que esse tempo não fosse estimado pelo professor, e sim declarado pelo próprio estudante, pois o tempo que se leva para fazer algo pela primeira vez pode ser muito diferente do tempo de alguém que já está habituado.

Reduzir o tempo desprovido de valor pedagógico:

Essa redução poderia ser feita em várias frentes. Primeiramente, a adequação da infraestrutura da faculdade - mesas, cadeiras, internet, tomadas, mapotecas, computadores, etc - é um movimento no qual a instituição vem se empenhando e que reduz o tempo logístico para a realização dos trabalhos.

Outra, é a disponibilização de bases e textos, e a padronização do *template* de entrega pela própria disciplina, quando a realização destes não é o seu objeto de estudo. Assim, os alunos podem prontamente começar os trabalhos e não precisam dedicar tempo considerável na representação de cada entrega, além de se familiarizar com bases e códigos de representação feitos com qualidade.

Por fim, a elaboração de enunciados claros estabelecidos previamente ao início da disciplina, contendo os objetivos, o cronograma e os produtos que devem ser entregues.

Concentrar e articular as disciplinas:

Sugere-se a concentração das disciplinas, reduzindo-as em termos numéricos mas conservando o número de créditos de cada sequência. Desse modo, as disciplinas poderiam desfrutar de um maior tempo contínuo de dedicação, priorizando a

concentração e o envolvimento do estudante em cada uma delas¹⁵. Essa lógica difere da estrutura atual em que até oito disciplinas ocorrem simultaneamente, fragmentando a atenção do estudante em que na pretensão de se fazer tudo ao mesmo tempo, pouco se faz.

Os esforços dos últimos anos de integração das disciplinas vão nesse sentido, tanto ao articular os diferentes conteúdos por meio de um mesmo objeto de estudo - diminuindo o “efeito colagem” da grade horária -, quanto por diminuir o tempo de trabalho dos estudantes. Esse caminho é interessante pois se atenta para a qualidade do tempo além da quantidade: aí a concentração dos estudantes em um mesmo objeto de estudo permanece em diferentes disciplinas. Uma possibilidade do amadurecimento desse caminho é a efetiva fusão dessas disciplinas, ou o surgimento de semestres temáticos, de modo que esses conteúdos estejam amarrados na grade, evitando a fragmentação decorrente dos trancamentos.

Estruturar os vazios:

Além de atentar-se às obrigаторiedades da grade horária, sugere-se a estruturação dos vazios ao longo de toda a graduação. Assim, colabora-se para a possibilidade de construção de autonomia do estudante sem a necessidade de que ele se sobrecarregue para tal.

Vale notar que mesmo que a grade horária ideal seja uma sugestão, passível de trancamentos e reordenações, ela segue sendo o modelo. Portanto, adequá-la a algo factível e pedagógico é de notável importância.

¹⁵ Considera-se a proposta elaborada pelo professor Alexandre Delijaicov e a pesquisadora Susan Rietschel para as discussões do "Repensando a Graduação em AU", que ocorreram em 2018, como um bom ponto de partida para a reestruturação da grade horária.



III. EXPERIMENTAÇÃO E ARBITRARIEDADE

1.

“[Na FAU] a gente é chamado a pensar e a refletir sobre o que faz sentido para a gente, e se você não faz isso você sai de lá sentindo que não fez nada.” T69 / 11

“É complicado, tanto a transição normal [do ensino médio para a faculdade] quanto a pandemia porque é muito diferente a forma como ensinam. Porque você acaba tendo que ir atrás das coisas, os professores não passam simplesmente o conteúdo para você.” T74 / 2

“Tinha tanta questão para abordar junto que eu não sabia o que fazer.” T74 / 2

“São professores que são considerados meio várzea, mesmo que um seja considerado que deixa bastante livre, e o outro é só considerado várzea” T68 / 13

“Em projeto geralmente, tipo, eu sei o que eu tenho que fazer mas eu não sinto que os professores orientam, dizer qual é o jeito certo de fazer isso. Por isso que eu gosto muito de construção, porque a gente está aprendendo um método viável, possível, de colocar aquilo em pé. Em projeto eles literalmente falam ‘Façam um bom projeto’. Eu acho que tinha que ter um fundamento básico de projeto melhor, realmente ter uma aula em que eles falam ‘as paredes internas são dessa espessuras, as externas dessa espessura, os pilares etc.’, uma coisa bem passo a passo, porque eu nunca tenho muita certeza do que eu estou fazendo em projeto.” T72 / 6

“Eu lembro que a gente tinha feito um telhado e ele não queria um telhado porque telhado era feio, ele queria uma laje porque laje era a solução, mas porque é a solução ninguém sabe, porque telhado é feio também ninguém sabe. Ficava esse tipo de questão, isso me irritava, não tinha muito critério pras coisas.” T68 / 16

“Logo no primeiro atendimento que a gente fez ele começou a querer direcionar a gente pra fazer lâminas, ele criticou que tinha oitão, porque era telha e não era laje, enfim, foi um atendimento que deixou todos os três muito desconcertados e a gente saiu xingando de lá, e depois acho que a gente nunca mais teve um atendimento com o professor, a gente só foi tocando o projeto e apresentando.” T68 / 13

“Uma coisa que eu sinto falta é de se situar no debate acadêmico, é sempre muito às escuras na graduação, as oposições não se colocam, fica cada um no seu nicho falando o que pensa mas nunca expõe ‘Essa pessoa pensa assim, essa assado, e são coisas diferentes, existem entraves entre esses dois pensamentos’, acho que isso faz muita falta para se orientar na graduação.” T68 / 16

“Muitas vezes o AUP está parado no brutalismo e o AUH está criticando e aí a gente fica meio perdido, do tipo ‘Então a gente faz o que?’” T69 / 12

“Você vai lá, acontece um negócio muito legal na cidade brasileira e aí ‘Ah, não, isso daí não dá’, você vê uma intervenção e aí ‘Ah, não...’. E daí parece que nunca tem um bom exemplo, todos os exemplos são ruins. Tudo o que acontece é uma b****.” T68 / 15

“Mas eu sinto que até hoje eu não sei muito bem, essa base que ficou faltando no começo até hoje eu não sei muito bem, essa coisa de conceito, como pensar esse conceito, etc. Claro que são perguntas muito subjetivas, ou discussões teóricas do que você valoriza mais, mas acho que até hoje eu me sinto um pouco perdida nesse campo. Acho que eu não sinto que eu completei o aprendizado em projeto, mas eu não sei nem se tem fim nisso. E acho que esses professores com grandes nomes, eles tem um ego muito grande da maneira como eles fazem o projeto, mas eu não sei se eles realmente passam isso pros alunos, eu acho que no final fica uma coisa meio subjetiva, meio de gosto, eu não sei se eu capto tudo o que eles querem dizer com aquilo ou se é mais um traço pessoal deles.” T69 / 12

“Eu acho que com ele dava pra saber o que ele queria, ele era uma pessoa clara. Quando ele dava aulas expositivas ele conseguia transmitir muito claramente os conhecimentos dele, o que não acontece com muitos professores da FAU.” T68 / 14

“Eu só lembro que o professor falava coisas bonitas, mas não lembro de aprender.” T71 / 8

“Não gosto muito de design, design gráfico ou de objeto, tenho um pouco de preguiça, eu acho muito... Tipo, tem que ter uma brisinha. Eu gosto de coisa mais pé no chão, sabe?” T72 / 5

“Achei que eu iria curtir mais as matérias de projeto visual, mas no final tenho achado um pouco cansativo, agora eu acho que sou mais prática, antes eu era mais de ficar brisando e desenhando, e agora eu sou um pouco mais pé no chão.” T73 / 3

“Um negócio que eu não esqueço foi um exercício que eles passaram pra gente e eu lembro que não sabia o que fazer, eu lia a explicação do exercício e não entendia, e eu tentava falar com os professores e eles falavam ‘Tá legal isso daí que você tá fazendo, mas procura outras referências’, e eu ficava pensando ‘Onde é que eu vou achar?’, e daí a gente meio que acabou fazendo, a gente teve que se dividir e foi se ajudando e tal, e aí eu lembro que quando a gente foi apresentar os professores esculacharam a gente, foi um negócio de doido, eu tive colega que saiu chorando.” T72 / 4

“Eu me afastei muito de projeto porque eu fiquei com muito trauma da experiência que eu tive no primeiro semestre, eu fiquei muito ‘Não sei projetar, não vou seguir pra isso’, e isso acabou me desanimando muito nos próximos semestres que vieram e até hoje eu não sei se é uma trava minha ou se eu realmente não gosto disso pra ser sincera” T72 / 4

“Olha, eu acho que nessa matéria eu acabei aprendendo mais as coisas práticas, coisas práticas eu digo fazer maquete, como entregar um desenho técnico bom e esse tipo de coisa. Acho que eu acabei aprendendo na marra essas coisas, e conversando com o pessoal da minha mesa. Era assim, a gente abria o google e procurava no google o que a gente tinha que fazer, pra poder procurar experiência, ficava falando com os outros e ficava a tarde inteira fazendo até todo mundo terminar juntos, e aí entregar pro professor.” T72 / 4

“O problema de uma faculdade assim é que você depende totalmente do interesse do aluno de ir atrás das coisas que teoricamente ele tá lá pra aprender.” T68 / 13

“Eu não fazia ideia do que eu tava fazendo lá, do que eu tinha que fazer, a minha amiga carregou completamente o grupo, sem ela a gente não teria passado, e até hoje eu não sei o que eu aprendi lá porque eu não aprendi nada. Provavelmente não vou usar isso na minha vida porque se eu tivesse que usar eu não saberia.” T72 / 6

“Era em grupo, a gente não sabia o que fazer, eu não sabia como ajudar, não tava rolando, ficava até tarde e o trabalho ficou uma b****.” T68 / 15

“Projeto eu acho que aprendi bastante, mas não sei dizer o que eu aprendi.” T73 / 3

“Ah, às vezes tem matéria que parece que você não está aprendendo tanto, mas depois vê que ensina bastante.” T74 / 2

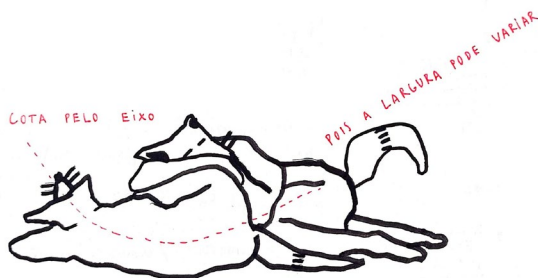
“Tive um professor que achei legal, ele era bem relaxado mas ficava empolgado com as coisas que a gente fazia, e ele dava boas dicas às vezes. Uma coisa que eu gostei muito foi que ele deu logo no começo, e nenhum professor mais fez isso, ele pediu pra gente estudar um projeto e ele ensinava como estudar um projeto. Ele pegou um projeto e é uma atividadezinha com didática mas justamente pra ensinar como que é ‘Ah, vocês vão pegar um projeto, vocês escolhem qual vocês vão querer, e vão pintar a circulação de vermelho, definir três tipos de uso e pintar, destrinchar o prédio’ e foi muito legal. Eu peguei um projeto do Le Corbusier, achei daora, e grande parte dos projetos vieram a partir dos projetos que as pessoas estudaram no começo. Isso foi legal, nesse sentido foi um dos projetos que você sentia mais lastreado em algum estudo para não parecer que as coisas estavam caindo do céu.” T68 / 16

“Eles ficavam nessa pira de ‘Essa matéria é pra vocês experimentarem’, tipo, pode entregar qualquer coisa mas não pode entregar qualquer coisa, eu chegava às vezes com um projeto onde eu tinha feito a planta, ia começar a maquete e eu falava com o professor e ele dizia ‘Não gostei, faz de novo’, e eu não sabia o que fazer, foi caótico porque eu não sabia o que fazer. Era essa metodologia de vocês podem experimentar, mas tem que fazer o que a gente quer.” T72 / 4

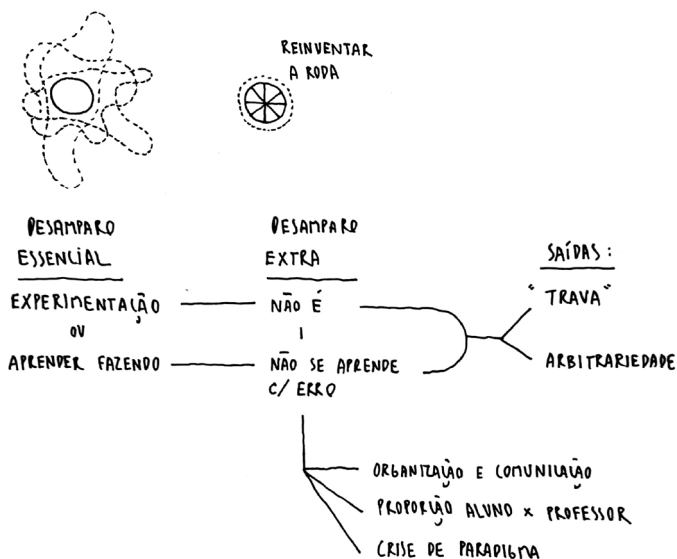
“Acho que esse método de ensino chama heurística, mas é uma heurística pra inglês ver, porque todo mundo sabia que tinha um tal de um livro pra copiar, ou pelo menos pegar a base, mas aquilo não era falado. E se não fosse é difícil demais fazer aquela coisa experimentando em pouco tempo. Não é assim, na minha opinião. Aquilo é uma fake-heurística. Talvez deveria ter mais liberdade do produto. Coisas meio tácitas, que não é experimentação se é assim” T69 / 10

“O que eu achei vantajoso [durante a pandemia] foram duas disciplinas que deram a oportunidade de ser um ateliê livre. Pra mim isso foi sensacional, poder escolher qual vai ser seu objeto de trabalho, o que você quer fazer, e acho que isso passa por interesses e demandas. Também escolher qual que vai ser o seu ritmo, montar seu cronograma de trabalho. Eu acho que isso foi muito legal. Quando a gente faz isso, você consegue entender aonde você quer chegar, de onde você está partindo, que são coisas mais difíceis de compreender quando você recebe um programa e um cronograma prontos. [...] Mas vou dizer aqui que é uma questão de experiência, eu acho que se isso rolasse no primeiro ano eu ia ficar perdida, se essa fosse a proposta. Agora quando você faz isso nos últimos anos é essa oportunidade de você ter essa autonomia, e ser um aprendizado ao invés de um surto.” T68 / 14

“Você entende o meu perfil pelas perguntas que eu fiz ‘Quais são as métricas, como você vai avaliar o nosso trabalho?’, e ele falou ‘Olha, eu não acho interessante colocar pra vocês o que eu espero ver, porque não tem algo que seja o certo. Porque se eu colocar isso pra vocês, vocês vão se mover no sentido de atender essas expectativas, e eu já estaria cerceando vocês da liberdade criativa’, e eu fiquei em choque, falei ‘Meu deus, e agora? Liberdade total!’, ele só restringiu que a gente orientasse a folha A4 em paisagem, fosse apenas uma cor e enviasse no prazo devido. Uma coisa simples eu fiquei ‘Gente, então calma, eu posso fazer o que eu quiser?’, e aí entende? Essa dinâmica eu tô muito ao mesmo tempo ‘Uau!!!’, pintinho no lixo, que fica achando que tá no playground, encantada, querendo fazer tudo.” T74 / 1



2.



Uma questão específica ao campo da arquitetura e do urbanismo é a necessidade de aprender a projetar, aprendizado que é em parte essencialmente desamparado¹⁶ e, portanto, sentir medo e ter coragem fazem parte do início do caminho.

Agora, a partir dos relatos, parece existir algo que vai além desse desamparo essencial, mas que se camufla em meio à necessidade de experimentação, ou do “aprender fazendo”. Ambos os termos parecem indicar a mesma coisa, mas enquanto experimentação toma todos os seus frutos sem julgamentos prévios de certo ou errado, no “aprender fazendo” faz parte chegar em resultados que serão considerados errôneos, e é a partir daí que se caminha.

¹⁶ “Não há metodologia, por mais apurada que seja, a dar conta, sem restos, da concepção projetual ou do ensinar projeto. E não há como escapar dessa angústia, pela própria natureza do ato de projetar. Isso que, inicialmente, para o aluno, parece ser o mesmo que enfrentar um mar aberto, sem bússola, vai, gradualmente, mudando de conotação, à medida mesma de sua imersão no mundo da arquitetura, este mundo no qual ele esteve envolvido desde sempre, como leigo, e que passará a reaprender a vê-lo, como arquiteto. No entanto, embora não seja possível ‘explicar’ como projetar, ‘aprende-se’ projeto, uma afirmação não tão óbvia assim, neste contexto. Mais que isso, podemos dizer, sem grande margem de erro: cada arquiteto acaba configurando o ‘seu’ modo de projetar.” - Vera M. Pallamin, “Sobre ensino e aprendizagem de arquitetura e urbanismo: as lições de o mestre ignorante”, *posFAUUSP*, n.22, 2008, p.58.

No entanto, o que será desenvolvido adiante não deve ser confundido com as situações em que se usam desses mesmos métodos empíricos para conteúdos providos de uma cultura metodológica própria e consolidada, o famoso “reinventar a roda”. Nesses casos o que é liberdade e o que é “várzea” se confundem, pois aqui o vale-tudo parece ser mais as consequências dos furos da formação, em que a saída acaba sendo fazer do jeito que dá; do que uma verdadeira e construtiva possibilidade de experimentação.

O mal-estar parece vir quando o que era para ser um vale-tudo na verdade não é; ou quando está errado, mas não se sabe o porquê, então o erro que deveria ser o começo vira um fim de linha. E nas situações em que a ausência de clareza insiste, algumas saídas são possíveis. Tenta-se perceber o que o professor quer, sem entender exatamente o porquê, minando a verdadeira experimentação. Aceita-se a arbitrariedade do campo da arquitetura¹⁷ e a partir daí possivelmente se constrói seus próprios parâmetros e linguagem - uma possibilidade de autonomia. Ou, por fim, não sair e “travar”, que é quando não se consegue fazer aquilo que é subentendido como o único correto.

Assim, na necessidade de escolher o que priorizar, aos que não se ajustam fica implícita a possibilidade de fugir de certos campos de conhecimento que compõem a formação generalista da FAUUSP e permanecer até o final da graduação travados. Mas aqueles que percebem certa arbitrariedade e ao fazer isso vêm as discussões formais ficarem desprovidas de sentido, acabam preferindo questões mais “pé no chão” do que “brisinha”. E os que são reconhecidos por partilharem de uma linguagem específica, mas que não é devidamente explicitada, terão um reconhecimento que permanecerá inacessível aos demais.

De qualquer modo, cabe compreender o que origina essa falta de clareza. Uma situação é quando ela advém da simples dificuldade de comunicação e falta de estruturação do que deve ser feito, os parâmetros e o porquê. Outra, que tem se agravado nos últimos anos, é a desproporção entre o número de professores para o número de estudantes, principalmente em dinâmicas de ateliê, onde por falta de tempo não é possível perceber com atenção o desenvolvimento do trabalho de cada estudante para conseguir apontar e justificar potencialidades e equívocos. E por fim, uma possível crise de paradigma na FAUUSP¹⁸, onde o problema seria a

¹⁷ “A pesquisa formal [dos arquitetos do star-system] é autorreferente, dobra-se sobre si mesma (...), complexificando a geometria e simplificando as relações sociais e urbanas do entorno, anulando o tempo histórico, apagando contradições e conflitos. (...) Daí o sentido de arbitrariedade evidente nessas obras. Por que essas formas e não outras?” - Pedro Fiori Arantes, *Arquitetura na era digital-financeira: canteiro, desenho e renda da forma*. São Paulo: Editora 34, 2012, p.171.

¹⁸ “A maioria dos professores de arte, artistas ou teóricos ensina hoje a crítica do modelo de Bauhaus, em instituições em que este modelo continua sendo a inspiração, e sem alternativa real. (...) E aqui estamos. Um paradigma implodiu sem que, contudo, um novo paradigma

impossibilidade de clareza percebida pelos estudantes como ausência de parâmetros claros, comuns aos professores.

Nesse último caso, cada docente possui uma consistência de ideais e parâmetros próprios. Porém, na ausência de visões comuns - um paradigma aglutinador - e na acanhada explicitação dos conflitos, torna-se difícil a tarefa do estudante se situar e posicionar no campo em meio aos seus diferentes projetos.



surgisse” - Thierry de Duve, *Fazendo escola (ou refazendo-a?)*. Chapecó: Argos, 2012. p.52-53. Por mais que nesse livro o autor esteja falando do ensino no campo das artes plásticas, a reflexão parece ter muitos paralelos com o ensino no campo da arquitetura especificamente no que tangue as discussões de ordem estética.

3.

Evitar o “reinventar a roda”:

Sugere-se que sejam fornecidos trabalhos-referência feitos em outros anos no caso daqueles que possuem metodologia própria e consolidada - fichamentos, relatórios, exercícios e análise de projeto, diário de campo, etc. Desse modo, fundamenta-se os estudantes com bons exemplos dos quais eles podem usar como ponto de partida.

E mesmo disciplinas de caráter prático, em que existem múltiplas metodologias mas que a preferência acaba sendo bastante pessoal, sugere-se a apresentação delas de modo que o estudante se encontre e se aproprie delas ao longo do tempo.

Qualificar o “aprender fazendo”:

Tanto no “aprender fazendo” quanto na experimentação, seria importante afirmar a necessidade de produzir sem ter certeza dos resultados, fonte de imensa angústia para quem faz as coisas pela primeira vez, mas que poderia ser consolada pela explicitação de que não saber faz parte em um processo que o fazer é condição para o saber.

Também distinguir as situações de efetiva experimentação, em que não existem parâmetros prévios de certo e errado, das situações em que existem parâmetros mas é necessário “dar de cara” para aprender. No caso de experimentação é importante respeitar linguagens que ainda não amadureceram, apresentar referências que dialoguem com o estudante, ao invés de sugerir implicitamente a inclinação a uma linguagem já consolidada.

Discutir o “gosto”:

Em discussões formais que se estruturam menos por uma argumentação técnica e paramétrica, e mais por uma sensibilidade e linguagem amadurecidas, sugere-se a explicitação da relativa arbitrariedade e preferências de caráter pessoal¹⁹.

Explicitar parâmetros e assumir crise de paradigma:

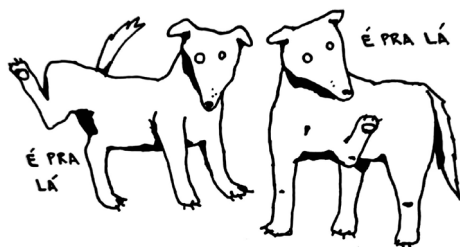
É necessário que sempre que possível se enuncie com clareza quais serão os

¹⁹ “Não instigamos suficientemente os estudantes a fazerem julgamentos de valor sobre obras de arte que lhe mostramos, assim como não lhe mostramos o suficiente nossos próprios julgamentos. Gostaria de poder extrair a partir do princípio ‘Você será julgado sobre seu julgamento’ a ética de base de todo ensino de arte. É claro que isso é válido para ambas as direções - o professor e o estudante - e é assim que ele integra a rejeição do mestre como algo que traz o bem-estar para o ensino da arte” - Thierry de Duve, *op. cit.*, p.62.

parâmetros de projeto adotados - seja verbalmente, seja por meio das referências apresentadas, etc. E quando for o caso, que se diferencie os parâmetros comuns à disciplina daqueles próprios a cada um dos professores.

A construção de um falso consenso é contraproducente para o estudante, pois desse modo não se constrói a partir da realidade, e dificulta sua possibilidade de se situar e posicionar nos debates existentes no campo²⁰.

²⁰ “A educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens. A educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando-as entregues a si próprios, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto, para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum” - Hannah Arendt, “Crise na educação”. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2016, p.247.



IV. APRENDIZADO HORIZONTAL

1.

“Acho que desde que eu entrei no grupo de estudos [eu sinto que eu mais aprendi], em que eu tive uma rede mais próxima para me apoiar e poder contribuir com interesses em comuns, e não nessas escalas malucas de 40, 150 alunos. Porque eu senti que pela primeira vez a conversa fazia sentido, eu não precisava ter medo de dizer coisas que eu não diria para qualquer pessoa, do tipo, a gente está colocando essas coisas, mas a gente tá colocando para conversar juntos e não para dizer ‘Que otário’. Um lugar seguro para construção de conhecimento, uma construção até bastante pessoal de postura. E eu senti que aprendi muito também porque era um lugar onde eu poderia fazer esse pêndulo de um momento de leitura individual, e o momento de discussão dessa leitura individual.” T69 / 11

“Nos outros grupos [de estudo] o que acontece é que não tem orientador mas tem pessoas mais experientes dentro dos estudos, tem pessoa da pós, e eles sempre ajudam, então eles não precisam assumir a figura do orientador para ter experiências e ter conhecimentos para compartilhar.” T68 / 16

“A gente fazia encontros semanais, pegava textos, documentários ou vídeos no youtube, alguma coisa assim, e a gente organizava o que a gente teria que ver e ler até o encontro da semana, e fazíamos uma vídeo chamada para trocar impressões. E eram coisas bem simples, não era muito essa parte erudita da academia, era algo bem simples, a gente literalmente trazia as nossas impressões e falava ‘Gostei desse texto’, ‘Não gostei desse texto e discordo de tudo o que esse autor falou’, e era bem pessoal, porque estava todo mundo junto, todo mundo no mesmo patamar, todo mundo aluno querendo aprender junto.” T72 / 4

“Eu acho que às vezes na aula fica meio aquela pressão de que você está sendo testado e avaliado, não sei se é só uma pira minha mas eu tenho esse sentimento de que não posso falar certas coisas porque se eu falar ou discordar do professor ele vai me julgar pra sempre porque eu falei que o teórico que ele indicou não é bom, eu tenho medo de falar esse tipo de coisa em aula às vezes.” T72 / 4

“Como eu falei várias vezes eu não tenho a liberdade de perguntar pros professores, mas com amigos que entendem eu tenho, então várias vezes a gente marca grupos de estudo, por exemplo. Quem sabe mais ensina, e os outros vão tentando acompanhar. Ou tem coisas que a gente não entende e fala ‘Você entendeu isso?’ e ela explica o que entendeu. Ou mesmo só no quesito ‘Gente, perdi a aula, ajuda’ e aí você passa a matéria que você anotou. Acho que é um companheirismo bom em que a gente sempre se ajuda quando dá.” T72 / 6

“Logo no primeiro ano a gente tinha um grupão de amigos, umas vinte e poucas pessoas, que a gente ia almoçar juntos, ficar no gramado, ficar no caramelo juntos, e esse grupo meio que ficou até hoje, e a gente usa pra poder estudar juntos e tirar dúvidas juntos. Então às vezes a gente fala um pro outro ‘Cara, não entendi o que aconteceu nessa matéria, não entendi o que o professor tá falando’, e se tem alguma pessoa, e geralmente tem porque como é um grupo grande cada um manja um pouquinho de cada área, é legal isso que todo mundo meio que se ajuda, então essa é a parte legal. Porque eu não senti, mas eu ouvi muita gente falando que na faculdade é cada um por si, e acho que na minha turma todo mundo se ajudava muito, se importava realmente, se você chegava em alguém e falar ‘Eu não entendi isso, você pode me ajudar?’, aí a pessoa realmente ajudava pra ir bem junto com você na matéria. Isso ajuda muito, e me ajudou a desencanar desse pensamento de ‘Não tô entendendo, não vou falar’, e aí eu comecei a falar e perguntar pros meus colegas.” T72 / 4

“Mas aí tinha essa dinâmica, que talvez seja uma das coisas mais interessantes em projetos individuais, que é quando você tem uma espécie de grupo que não tá fazendo o mesmo projeto mas que está ali trocando ideias.” T68 / 13

“Outra coisa é essa prática que a gente tem de estar no estúdio, chegar um amigo e começar a conversar sobre o que você está fazendo, estar todo mundo em uma mesma mesa mesmo que não fazendo o mesmo trabalho, são oportunidades que geram muito aprendizado.” T68 / 14

“Ter alguém próximo trabalhando também te anima a trabalhar porque você vê que vocês podem discutir as mesmas questões, dar soluções diferentes, acho que tem um intercâmbio entre uma autonomia e uma alteridade que é interessante.” T68 / 13

“Essa coisa do acompanhamento eu acho que é bem interessante, não é exatamente você estar trabalhando junto com outras pessoas, mas você tá colocando o seu trabalho na praça” T68 / 13

“Quando eu queria ter conversas para tensionar o meu pensamento, eu sempre recorria aos professores e ficava conversando depois da aula, mas como se fossem iguais mesmo. E não é que eu tenho problema com autoridade, mas eu sempre acho que trocar com hierarquia já nos coloca na posição de quem está faltando, e não que eu não seja faltosa, mas todo mundo é.” T69 / 11

“A gente ficava lá conversando sobre alguma coisa, cocriando realidades aí. Falava sobre tudo, ficava falando, fazendo trabalho um do lado do outro, ficava mostrando coisas legais, as pessoas que gostavam de desenhar ficavam desenhando, e eu ficava olhando aquilo, e aquilo de certa forma era alimento. Alguém fazendo alguma coisa ali no canto, outra pessoa fazendo outra. Tudo isso é combustível. Para mim a FAU é mais importante enquanto espaço entre alunos do que a sala de

aula. Mas a sala de aula também é importante, mas talvez as conversas sobre as aulas sejam mais importantes do que as aulas em si.” T68 / 15

“Assim, eu tenho essa coisa de ser muito conversadeira, de querer interagir e entender as impressões do outro, e acho que uma coisa que me minguiu um pouco da energia foi o fato de a gente emendar um meet e ir pro outro, não tem as pausas, não tem a descompressão, não tem as trocas, respiros que o mundo do físico permitiria. Então, [na pandemia] eu acho que a gente ficou muito fechado na gente mesmo, tendo nas mesas apenas, ou nos trabalhos em grupo que organizamos depois, esses momentos de interação de perceber o outro. E até dos professores porque, por exemplo, você tem uma aula expositiva só que o professor depois disso têm outras coisas pra fazer, têm outros encontros, e às vezes você quer estender o assunto, só que não tem esse tempo, eu só tenho o e-mail, e eu não vou falar “Ai, vamos para um meet conversar mais?”, não tem essa possibilidade. Então como aspecto negativo eu colocaria essa limitação de tempo de conversa, impressão e trocas.” T74 / 1

“Nunca senti isso, por mais que seja uma faculdade e todas as pessoas que estão lá estão competindo pela mesma área que você, eu nunca senti essa competitividade, de verdade. Eu acho isso uma coisa ótima, e mesmo fora desse grupo de amigos que eu falei, eu nunca eu nunca senti isso de um tentar passar um por cima do outro. Por exemplo, toda vez que tem alguma vaga de estágio no trabalho dos outros ou concurso eles mandam pra gente ou pro grupo de turma. (...) [A média ponderada] é mais porque eu quero intercâmbio, eu preciso passar os outros, mas não porque eu quero ser melhor que eles, mas pra eu conseguir. Querendo ou não, preciso garantir minha vantagem.” T72 / 6

“É engraçado porque sempre teve muita competição dos alunos, então acho que foram raros os momentos em que as pessoas se ajudavam. Acho que realmente só em trabalhos de grupo em que todo mundo realmente precisava cooperar. Não consigo pensar em momentos que as pessoas se ajudavam.” T69 / 12

“E eu acho que isso é muito mesquinho, mas eu entendo essa mesquinhez porque é isso, parece que todo mundo tá meio perdido, bambo de um lado para outro, e como que as pessoas vão ter a confiança de não se sentirem pressionadas e nem competitivas em um ambiente que está todo mundo perdido, sabe?” T71 / 8

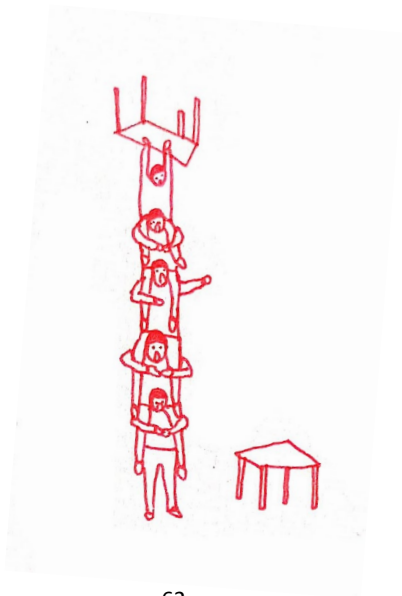
“Na arquitetura os trabalhos são gráficos, são visuais, então é muito mais fácil falar que um tá feio e outro está bonito, então as pessoas acabam se comparando muito mais” T73 / 3

“Eu lembro que no começo da FAU, no primeiro semestre, era tudo muito novo, todo mundo assustado, ninguém sabia como as coisas funcionavam. (...) Eu lembro que era uma coisa tão ridícula, mas tinha uma disciplina em que os professores sempre elencavam os melhores, e todo mundo ficava ‘Uau, esse menino é um

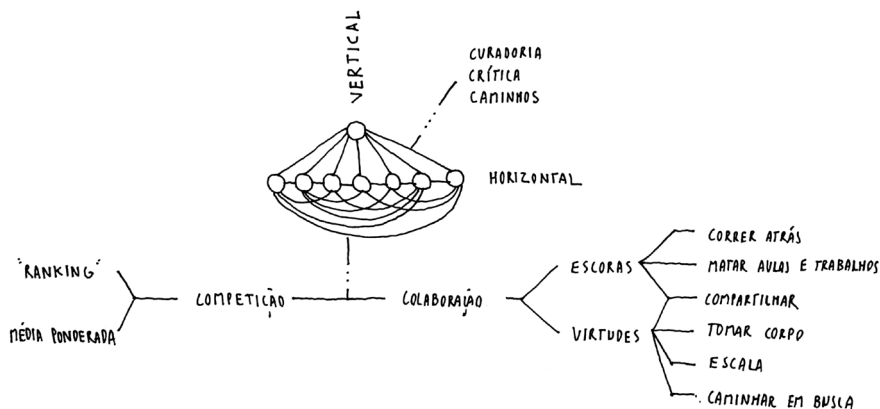
monstro da arquitetura!’, (...) era uma coisa que afligia as pessoas, de entrar nessa corrida.” T71 / 8

“Acho que a FAU tem um clima competitivo forte, às vezes você acaba entrando mas eu acho muito ruim. Talvez mais nas coisas de projeto, tinha sempre uma de quem fazia o negócio mais bonitinho, mais legal, mas acho que isso mais no começo, nos primeiros anos, tinha um clima competitivo maior e pouca troca. Nos últimos anos eu sentia mais o contrário, não chega a ser competição mas tem um pouco de estímulo do tipo ‘Nossa, fulano fez um negócio mó legal, também quero fazer um negócio legal, caprichado’, mas não porque você quer se sair melhor, mas porque você se sente estimulado.” T68 / 16

“Eu achei muito legal trabalhar [em um coletivo autogerido,] sem ser uma obrigação de disciplina, do tipo a gente está lá porque a gente quer estar lá. E achei muito bom trabalhar em grupo, que era algo que eu tinha um pouco de dificuldade, mas achei muito bom estar reunido com pessoas que pensam parecido com você e tem os mesmos interesses, um lugar de troca que é muito importante pra mim nesse ano, conhecer pessoas da faculdade de outros anos para partilhar juntos. A gente meio que é um grupo de estudos também, então estuda junto sobre o que a gente quiser.” T73 / 3



2.



Aqui se entende relações horizontais de aprendizado como aquelas em que não há diferença de poder entre seus participantes, diferenciando-as das dinâmicas de aprendizado vertical. Isso não significa que relações entre estudantes não podem ser hierárquicas²¹ ou que relações entre estudantes e professores necessariamente são hierárquicas, mas essa correlação costuma se suceder, e quando não, por enquanto é daí que se parte.

Comumente se associa o ensino e o aprendizado em uma instituição à figura de um mestre ou professor, relação devidamente formalizada e reconhecida. Porém por meio dos relatos observa-se que parte significativa da formação dos estudantes da FAUUSP se dá a partir da interação entre eles, e para muito além das dinâmicas formais de trabalhos em grupo. São trocas que pela sua informalidade e capilaridade acabam se mantendo em discrição, mas aqui se busca enfatizar o seu valor.

Primeiramente, constata-se que a relação entre os estudantes é o que em boa medida escora as debilidades da formação nessa instituição. Isso em sua colaboração e solidariedade para se ensinarem os próprios fundamentos, e no correr atrás conjunto ao longo de toda a graduação, em que por conta da sobrecarga é impossível acompanhar o ritmo no qual o conteúdo é apresentado e os trabalhos e leituras são exigidos. Também, na prática de lotear trabalhos entre pessoas que fazem os mesmos grupos em disciplinas diferentes, mas nesse caso não se trata de aprendizado, mas simplesmente viração.

²¹ Sobre o assunto sugere-se a leitura do texto *A tirania das organizações sem estrutura* de Jo Freeman.

Agora, independente se é decorrente da vontade ou da necessidade de cada estudante, o aprendizado horizontal tem características virtuosas, que são irreprodutíveis em relações de poder. Nelas se dá o principal espaço para que o conhecimento apresentado ao longo da graduação tome corpo no estudante, pois é entre iguais que se tem a liberdade e leveza para movimentar o conteúdo por meio de conversas e debates²². Como contraponto, na relação com o professor o estudante fica sobretudo no lugar de quem escuta, e geralmente quando se fala é para perguntar, buscar validação ou ser avaliado.

Além disso, quando estudantes se reúnem em grupos de estudo para aprender conjuntamente - seja para correr atrás do conteúdo das disciplinas, seja para ir além deles -, são práticas que colaboram para a sua construção de autonomia, pois aí se evidencia que a condição do aprendizado está no próprio estudante, e não no professor. E, por serem práticas que exigem uma participação ativa, geralmente a fixação do conteúdo tende a ser maior.

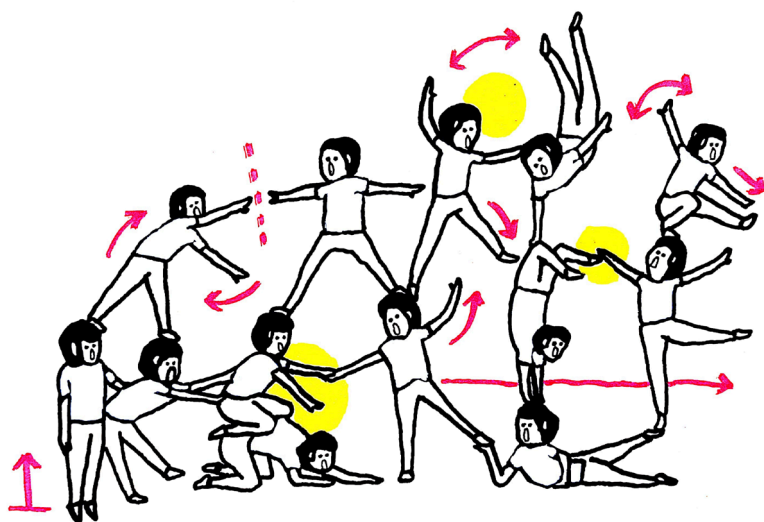
As eventuais relações entre professores e estudantes que se dão em maior pé de igualdade, não necessariamente em termos de saber mas em termos de humanidade, se dão sobretudo em espaços mais individuais - orientações e conversas depois da aula. Mas na prática, pela própria proporção do número de estudantes para o número de professores, essas interações são restritas a breves momentos, se comparado à possibilidade quase ilimitada das interações dos estudantes entre si.

Então, se é sobretudo nas disciplinas que os temas da arquitetura e urbanismo são apresentados aos estudantes, é no trabalhar junto e conversar com os demais que o conteúdo ganha espaço e assenta seu sentido. E não apenas no que tange diretamente o aprendizado, pois essas relações entre iguais são um dos pilares que dá as bases para a possibilidade de aprendizado em termos de saúde mental, no contorno que provém do compartilhamento de vontades, angústias e dúvidas.

²² “Quando quiseres saber algo e não o consegues através de meditação, aconselho-te, meu caro, sagaz amigo, a falar a respeito com o primeiro conhecido que esbarrar em teu caminho. Não é necessário ter uma mente aguda, também não quero dizer que deverás questioná-lo sobre o assunto: não! Ao invés, tu mesmo deve de imediato falar-lhe. / Vejo-te com olhos espantados e me respondendo que, anos atrás, já te haviam dado o conselho de não falar nada além das coisas que entendes bem. Porém, naquele tempo, provavelmente falavas com a astúcia de instruíres aos outros, e agora quero que fales com a sensata intenção de instruíres a ti mesmo. (...) Há uma estranha fonte de entusiasmo, para quem quer que fale, em ter um rosto humano diante de si; e um olhar que já nos sinaliza o entendimento de um pensamento formulado pela metade nos presenteia muitas vezes com a expressão da metade que resta” - Heinrich von Kleist, *Da elaboração progressiva dos pensamentos na fala*. p. 75-76

E aí retornamos ao ponto da comparação entre os próprios estudantes, que assume uma feição por vezes competitiva e por vezes colaborativa, a depender da turma e do momento na graduação. É um cabo de guerra que foge da possibilidade de um controle direto, mas que tem em sua origem condicionantes nos quais se pode intervir. Esses parecem ser tanto a lógica de se exaltar “os melhores”, que subjetivamente ranqueia ou estudantes entre si; quanto objetivamente o ranking da média ponderada e sua influência ao longo do percurso na graduação. Então, na medida em que ela se torna mais determinante para escolhas futuras, mais se fermenta a possibilidade de competição entre os estudantes, que é contraproducente ao aprendizado pois mina as interações que buscamos reconhecer o valor aqui.

Dito isso, objetiva-se reconhecer as características próprias às práticas entre estudantes, sem desmerecer o trabalho docente. Afinal, os professores com sua experiência são quem detêm a autoridade para fazer uma curadoria dos conteúdos relevantes do campo, apresentar as questões relativas a eles e definir os trabalhos nos quais os estudantes deverão investir seus esforços.



3.

Reconhecer o aprendizado horizontal:

É necessário o reconhecimento das dinâmicas de aprendizado horizontal, de modo que seu valor seja simplesmente atestado, e não de modo a formalizá-las. Assim, o conhecimento movimentado e construído entre os estudantes seria mais rapidamente reconhecido por eles próprios enquanto conteúdo provido de valor²³, estimulando a sua colaboração.

E, simultaneamente, é fundamental desmontar as lógicas que induzem à competição, pois essas interditam a possibilidade do aprendizado horizontal.

Horizontalizar as relações verticais:

Especula-se que caminhar em direção à desierarquização das relações entre professores e estudantes poderia ser um caminho virtuoso para o aprendizado²⁴. Isso, no sentido de atestar a equivalência do valor do ponto de vista de ambas as partes, e não no sentido de afirmar que ambos deveriam ter as mesmas atribuições²⁵. Pois ao se reconhecerem enquanto iguais em termos de uma responsabilidade compartilhada²⁶, que é a formação do estudante, mais interações construtivas surgiriam.

Essa sugestão é menos pragmática pois diz respeito à transformação dos valores e comportamentos, mas se suspeita que suas consequências seriam das mais diversas. Sem a possibilidade de antever todas elas, mas apenas para dar alguma concretude, segue um exemplo: Convidar os monitores, que revisitam uma disciplina pela segunda vez, para fazerem parte do processo de elaboração de disciplinas poderia contribuir para o aprendizado dos alunos. Pois o monitor, diferente do ponto de vista do professor, ainda tem claro onde estão as dúvidas e dificuldades dos

²³ “Ensinar os alunos a escutar, a ouvir uns aos outros. (...) Entendo como uma responsabilidade fundamental do professor demonstrar pelo exemplo a capacidade de ouvir os outros a sério” - bell hooks, *op. cit.*, p.200.

²⁴ “Como desenvolver um processo de democratização do saber que tenha participação efetiva se há entre os participantes (base do movimento organizado e assessoria técnica) uma diferença fundamental que os distancia, que é o conhecimento especializado aprendido na academia?” - USINA, “Processos de projeto como construção de autonomia”, *Revista Urbânia*, v.5, 2014. Um paralelo possível aos desafios e virtudes da horizontalização das relações de ensino é a discussão encabeçada pelas assessorias técnicas da horizontalização das relações de produção da arquitetura.

²⁵ “Não estou tentando dizer que aqui somos todos iguais. Estou tentando dizer que aqui somos todos iguais na medida em que todos igualmente comprometidos com a criação de um contexto de aprendizado” - bell hooks, *op. cit.*, p.205.

²⁶ “Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora” - bell hooks, *op. cit.*, p.56.

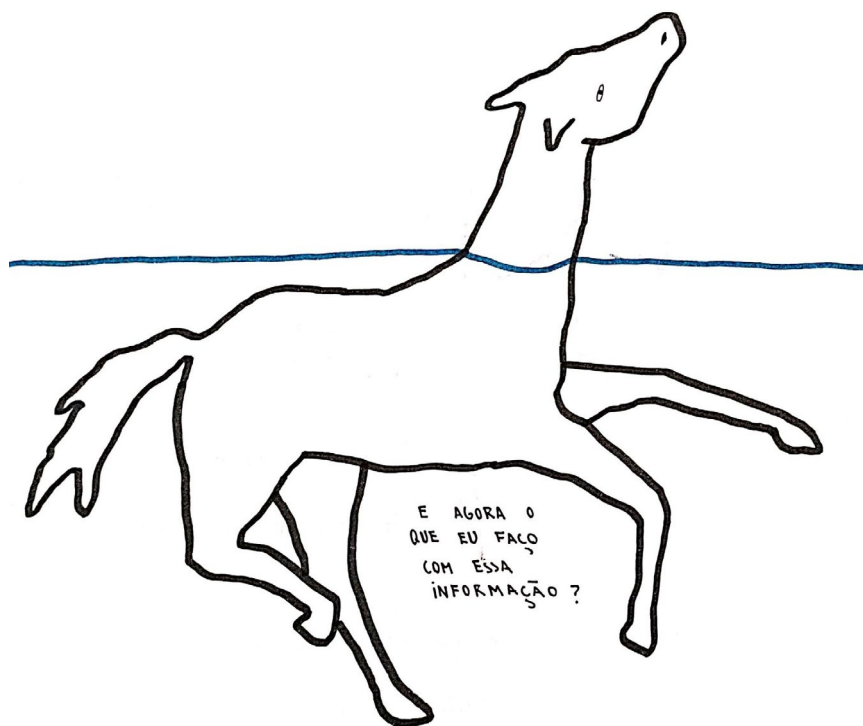
estudantes na interação com o conteúdo. E, assim, do ponto de vista de quem recentemente realizou aquele mesmo trabalho para aprender pode opinar e propor na concepção destes.



CONCLUSÃO

Em suma, aqui se argumenta que questões internas à FAU USP comprometem a solidez da formação generalista que ela propõe oferecer aos seus próprios estudantes, fazendo que seja necessário que se aprenda na base da “viração”. Porém, para se virar em meio às precariedades do ensino são identificadas práticas de aprendizado horizontal entre os mesmos, que por mais que possam surgir da necessidade em meio às precariedades, são dinâmicas percebidas como brechas potentes para a construção de autonomia e do conhecimento.

Assim, a partir dessa análise - apenas possível por ter tido o ponto de vista do estudante como seu fundamento - se sugere caminhos que contribuiriam para o amadurecimento da estrutura do curso. E na qual o aprendizado horizontal seja assimilado enquanto parte dessa estrutura, e não mais como escora do aprendizado.



BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura na era digital-financeira: desenho, canteiro e renda da forma*. São Paulo: Editora 34, 2012.

ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões*. São Paulo: Editora 34, 2002.

ARENDT, Hannah. “A crise na Educação”. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BONDÍA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, jan./abr. 2002.

CATINI, Carolina. “Empreendedorismo, privatização e o trabalho sujo da educação”, *Revista USP*, nº 127, out./dez. 2020.

CATINI, Carolina. “O trabalho de educar numa sociedade sem futuro” em *Blog da Boitempo*, 5 de junho de 2020. Disponível em <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/05/o-trabalho-de-educar-numa-sociedade-sem-futuro/>>. Visitado em julho de 2022.

DELIJAICOV, Alexandre; RIETSCHER, Susan. *Proposta de reorganização da grade horária do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU USP*. 14 de maio de 2018. Anexado em e-mail da comunicação fau em 21 de agosto de 2018.

DUVE, Thierry de. *Fazendo escola (ou refazendo-a)*. Chapecó: Argos, 2012.

ENKVIST, Inger. *A boa e a má educação: exemplos internacionais*. Campinas: Kíron, 2020.

FAUUSP. *Projeto Político Pedagógico FAU USP 2019-2023*. dez de 2018

FREEMAN, Jo. “A tirania das organizações sem estrutura” em *Jacobin Brasil*, 12 de março de 2020. Disponível em <<https://jacobin.com.br/2020/03/a-tirania-das-organizacoes-sem-estrutura/>>. Visitado em julho de 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Oprimido*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

KLEIST, Heinrich von. Da elaboração progressiva dos pensamentos na fala”, *Floema*, nº4, out. 2008.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

PALLAMIN, Vera Maria. “Sobre ensino e aprendizagem de arquitetura e urbanismo: as lições de o mestre ignorante”, *PosFAUUSP*, n.22, dez. 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo horizonte: Autêntica, 2020.

SENNETT, Richard. *Together: The rituals, pleasures & politics of cooperation*. London: Penguin Books, 2013.

SPIRA, Vinícius. *Comentários sobre pesquisa etnográfica*. Documento interno.

USINA, “Processos de projeto como construção de autonomia”, *Revista Urbânia*, nº5, 2014.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho final de graduação

CONTRIBUIÇÃO AO APRENDIZADO NA FAU USP

Greta Comolatti, T68

Documento anexo 1/2

CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE

SOBRE A REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO DA FAUUSP

Orientação Angelo Salvador Filardo Júnior
Coorientação José Eduardo Baravelli

2022

Contribuição ao debate sobre a reestruturação do ensino da FAU USP

por Greta Comolatti, Júlio Lamparelli e Pedro Avila

O campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo possui sabidamente um escopo totalizante, articulando conhecimentos e habilidades os mais diversos, o que se reflete na atual estrutura curricular da graduação da FAUUSP. Entretanto, se na grade existente está presente um esforço notável de abarcar a diversidade de conhecimentos necessários à formação do Arquiteto e Urbanista, tal esforço não dá conta de realizar a articulação efetiva desses conhecimentos. A realização dessa articulação, por sua vez, acaba sendo legada aos esforços mais ou menos individuais de cada estudante. De fato, em certa medida essa articulação sempre fica a cargo de cada estudante, e seria possível argumentar que se trata não de um problema, mas de uma virtude da atual estrutura curricular. No entanto, do modo como as coisas estão dadas, a autonomia dos estudantes no estabelecimento dessa articulação acaba sendo tolhida pela enormidade de tarefas desconexas que eles têm de cumprir a cada semestre.

Sendo assim, a estrutura da grade curricular ocupa o centro das nossas preocupações. De modo geral, ela se caracteriza por um excesso de disciplinas autocentradas e desconectadas entre si, levando a uma excessiva e alienante carga de trabalho e, por consequência, dificultando o envolvimento real e aprofundado dos estudantes com o curso. Sem o tempo disponível para esse envolvimento, o curso acaba assumindo uma natureza “tarefeira”, no dizer corrente na própria Faculdade, comprometendo-se decisivamente a qualidade do aprendizado. Instaura-se, pois, um paradoxo: se, por um lado, as tarefas da Faculdade acabam por tomar todo o tempo disponível dos estudantes; por outro essa enorme quantidade de horas se mostra, na maior parte das vezes, vazia e desprovida de real sentido pedagógico. Essa falta de apropriação dos conteúdos disciplinares pelos estudantes resulta em uma dificuldade notável, por exemplo, nas disciplinas de projeto de edificação, que, convocando essa articulação, demonstram assim sua inexistência efetiva. A dificuldade em atinar com o sentido do que está sendo feito costuma estar associada, portanto, à dificuldade em compreender o caráter concreto das decisões, sobretudo no que diz respeito aos seus aspectos técnicos, o que se torna ainda mais grave quando até mesmo a representação projetual não está sob o domínio do estudante. Notamos também, nesse sentido, a injustificada ausência de uma cultura de contato mais direto e constante com o canteiro de obras, o que afasta a compreensão arquitetural de seu verdadeiro chão material, intensificando ainda mais a perda de sentido a qual estamos nos referindo. A crise da formação se manifesta agudamente no estranho ritual, praticado pelos estudantes anualmente, de queima pública dos trabalhos em fogueiras à frente do Edifício Villanova Artigas.

Nossa aposta, a partir das questões levantadas, estrutura-se na qualificação do tempo dedicado ao curso pelo estudante. Por um lado, articulando e direcionando o tempo das obrigações – aquele dedicado às disciplinas – e, por outro, formalizando e ampliando o tempo livre do estudante, no qual ele pode efetivamente construir e exercer sua autonomia – via participação em pesquisas, extensões, grupos de estudo, estágio, ócio etc. Ao estruturar-se o que é obrigatório, abrem-se as janelas para a formação do tempo livre, tão necessário para o processo de assimilação, articulação e criação do estudante em relação ao conteúdo apreendido.

Portanto, no que concerne às disciplinas do Departamento de Tecnologia (AUT), vale dizer que elas seriam mais bem aproveitadas se articuladas diretamente às atividades desenvolvidas no âmbito do Departamento de Projeto (AUP). Já no que diz respeito a este último, também a criação de trabalhos que conseguissem chegar ao nível do projeto executivo – e não apenas ao nível do anteprojeto, como ocorre hoje – poderia viabilizar que os vários conhecimentos técnicos pertinentes às disciplinas do AUT pudessem ser articulados no escopo de um só trabalho. Pensamos, nesse sentido, que um projeto que atravessasse mais do que um semestre letivo ou, alternativamente, ocupasse todas as tardes de um semestre letivo, poderia ser o centro dessa articulação, propiciando um contato prolongado com um mesmo objeto e trazendo para o centro da atividade projetual as questões de ordem técnica supracitadas. No âmago dessa articulação proposta entre as atividades dos Departamentos de Projeto e Tecnologia, é importante destacar a necessidade de familiarização, desde o início do curso, dos estudantes com as práticas vigentes nos canteiros de obras – familiarização que, por sua vez, poderia se dar através de visitas frequentes a canteiros os mais diversos possíveis dentro do escopo das próprias disciplinas. Ainda, acreditamos que a existência de apostilas com o conteúdo das disciplinas do departamento para consulta ao longo da graduação seria útil para o processo de aprendizado.

No que concerne às disciplinas do Departamento de História (AUH), acreditamos, contudo, em sua autonomia, que nos parece fundamental para o exercício da crítica. Na situação atual, a pretensão de autonomia desse Departamento é muitas vezes bloqueada pela impossibilidade de dedicação à leitura e à reflexão, em função dos problemas já apontados na estrutura curricular vigente. Na situação proposta, em que as disciplinas teóricas poderiam gozar de maior tempo para leitura, nos parece que seria muito proveitosa a organização de uma bibliografia comentada que pudesse servir de embasamento ao conjunto das disciplinas do Departamento de História. Essa bibliografia seria composta, fundamentalmente, de obras que os docentes julgassem incontornáveis para uma graduação em Arquitetura e Urbanismo, visando suprir algumas lacunas existentes atualmente em função da fragmentação curricular. É importante dizer que, ao propor essa espécie de “bibliografia mínima” do curso, não pretendemos advogar uma adesão cega a certo cânone disciplinar; pelo contrário, acreditamos que a

eventual crítica de tal cânone não pode prescindir de seu estudo atento, e a proposta vai justamente nesse sentido, buscando incorporar, inclusive, obras que coloquem em questão o referido cânone.

Por fim, tendo em vista a recente e acertada eliminação do Teste de Habilidades Específicas (THE), acreditamos que o conteúdo anteriormente cobrado na prova deveria ser universalizado mediante sua efetiva incorporação ao curso, visando o desenvolvimento das habilidades e sensibilidades artísticas dos estudantes, que também necessitam de relativa autonomia em relação ao fazer projetual.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho final de graduação

CONTRIBUIÇÃO AO APRENDIZADO NA FAU USP

Greta Comolatti, T68

Documento anexo 2/2

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Orientação Angelo Salvador Filardo Júnior
Coorientação José Eduardo Baravelli

2022

INDÍCE

Entrevista 1	79
Entrevista 2	88
Entrevista 3	93
Entrevista 5	101
Entrevista 4	112
Entrevista 6	120
Entrevista 7	130
Entrevista 8	135
Entrevista 9	145
Entrevista 10	152
Entrevista 11	161
Entrevista 12	169
Entrevista 13	175
Entrevista 14	183
Entrevista 15	197
Entrevista 16	205

ENTREVISTA 1 - T74

Como foi a sua decisão para prestar vestibular e especificamente o que te levou a escolher arquitetura?

Senta que lá vem história. Arquitetura para mim é um projeto de longa data. Quando eu penso “arquitetura” eu não sei exatamente como ela se consolidou em minha mente mas me lembro de momentos que me ajudaram a chegar nela. Me lembro de um dia, aos cinco anos, ir com meu pai ao centro da cidade, e ter olhado, pela janela do ônibus, para um prédio em construção, e de ter perguntado a ele “Como que crescem os prédios?” e aí ele me explicou. Aquilo me marcou muito, porque eu tenho clara a imagem do prédio em construção essa curiosidade minha. Meu pai sempre foi uma pessoa que fez pequenas reformas em casa. Ele fez curso de pedreiro no SENAI e direto fazia uns trabalhos de eletricista em casa. Foi ele quem desenhou a nossa casa, fez os cálculos e até trabalhou na construção, junto aos pedreiros. Então esse convívio com essas práticas do meu pai associada ao bem-estar que eu sinto estando na minha casa, eu acho que geraram esse interesse de proporcionar às pessoas essa mesma sensação, ter um lugar para chamar de lar.

Meus pais não fizeram, mas eles sempre souberam do valor da faculdade pública, do ensino, e aí sempre estimularam a mim e a minha irmã para que estudássemos. Cursei o ensino Fundamental na escola particular de bairro e passei o ensino médio na ETESP aspirando fazer arquitetura porque tinha feito ensino técnico em desenho de construção civil e achei que isso me habilitaria a prestar vestibular e arrasar, enfim, ledô engano. Fiz o técnico, prestei vestibular e não passei, e aí essa história ela se alonga porque fiz cursinho por dois anos, passei para o segunda fase só que na época ainda tinha a prova de habilidades específicas, e aí chegou no dia desta prova eu fiquei “Meu Deus do céu, o que tá acontecendo?”. Eu me lembro do calor das pessoas no prédio da FAU, dos veteranos na época falando assim “A gente se encontra no dia da matrícula” e aquela emoção “Meu Deus, eu quero pertencer a esse ambiente”. Mas, aí veio o resultado e eu tinha ido muito mal. Não lembro quanto que eu tirei mas eu fui mal na de habilidades específicas, e aí no ano seguinte eu tive uma crise de “E agora como é que vai ser?”, não tinha mais como bancar cursinho, e fui estudar por conta mas eu não passei nem para a segunda fase. E aí meu pai sugeriu “Ah, já que você quer fazer engenharia também, por que você não inverte e ao invés de você fazer arquitetura-engenharia, faz tecnologia na Fatec, que tem essa relação mais próxima com engenharia civil?”. E aí eu prestei o vestibular da Fatec meio às avessas, passei e fiz a graduação de tecnologia da construção civil, modalidade edifícios e essa graduação foi um pouco expandida, porque geralmente são três anos e eu concluí em cinco. Ela foi excelente por vários aspectos, do aprendizado, da convivência, do estágio que eu tive, mas terminada a graduação a gente vai buscar o mercado de trabalho e aí é uma outra realidade. Tentei essa inserção mercadológica enquanto tecnóloga, e não acontecia porque todos os cargos que eu queria eram voltados para arquiteto ou engenheiro, e eu

queria trabalhar nessa área especificamente, e eu falei “Ah, vou voltar ao Projeto FAU”. Aí prestei o vestibular novamente em 2019 para entrar em 2020, fui para segunda fase mas fiquei acho que na posição 16, e tava prestando para PPI, eram 7,8 ou 9 vagas, não lembro agora. Aí eu falei “Poxa vida, tão perto e tão longe”. Daí, em 2020 eu soube, através de um amigo, de um projeto de mentoria voltado a vestibulandos de baixa renda. Eu me inscrevi e fui selecionada pra este projeto. Então, durante o ano de 2020 inteiro, eu vivi em função do vestibular, e foi extremamente cansativo porque a pandemia já é um estresse total, e aí você tem que lidar com esse sonho antigo e essa vivência de negativas em relação ao vestibular e aprovação, então tem vários fatores que influenciaram nesse preâmbulo da FAU. Porém, no fim, deu tudo certo! Eu cheguei à FAU nesse ano de 2021, estou muito feliz e aí é engraçado ter essa vivência dez anos depois, né, porque eu fiz 28 anos em Janeiro, eu confesso que eu estava com certa apreensão de como seria “Nossa, vou voltar à faculdade e voltar com uma distinção tão grande em relação à faixa etária. Como é que vai ser isso?”. Mas nossa, direto eu me pego muito emotiva em ver o processo até aqui, e todas as vivências e até as contribuições das coisas imprevisíveis que aconteceram. Enfim, espero não ter tangenciado demais na resposta, mas é uma história longa.

Então você se formou na FATEC, foi atrás de um emprego que você quisesse e viu que ia precisar de diploma de arquitetura?

Sim, é porque, por exemplo, durante a graduação já foi colocado para gente que não poderíamos assinar projetos, isso já foi uma situação que eu ficava meio assim... Mas eu ficava na confiança de que o sindicato pudesse se articular e romper com essa questão no CREA, mas foi ingenuidade da minha parte. Tem uma dificuldade do mercado de diferenciar quem é o tecnólogo e quem é técnico de nível médio. Então, sim, eu tentei trainees e só agora que eles começaram a aceitar tecnólogos, antes era só bacharel ou licenciatura, mas como no trainees eles não exigem ter uma vivência de cinquenta anos para poder começar um primeiro emprego, então foi nesse sentido que me motivou. Então, essa sede de poder pleitear vagas que me interessam com liberdade, além de um sonho antigo.

E como é que tá sendo essa entrada na faculdade?

Eu acho que o fato de ser remoto, no primeiro momento, foi uma questão que eu fiquei “Poxa vida, eu acho que a gente vai ter algumas perdas significativas”, em termos de vivência prática, contato humano e ambientação. Então foi uma coisa que eu fiquei com reservas, e acho que ficou na minha mira, então eu fiquei vivenciando com isso até, sei lá, meus primeiros quinze dias da FAU. Mas depois que eu fui vendo a maneira como estava sendo conduzida, e essas dinâmicas de como funcionava, o modo de ser numa universidade, porque minha pequena vivência era na faculdade, e universidade é um universo todo particular. E especialmente você ver essa coisa de história do urbanismo, que nas primeiras

oportunidades que a gente teve já de contatar a disciplina em si, a professora já trouxe uma palestrante com uma baita de uma bagagem. Essas interlocuções que a universidade possibilita me deixaram muito encantada. Assim, como eu disse, a dinâmica do remoto diminui um pouco essa questão da vivência, do entrosamento, só que apesar disso eu sinto que tem funcionado numa esfera menor, mas tem funcionado, tem rolado. Os grupos em que eu fui alocada têm funcionado legal, já tenho pessoas que eu coloco no rol de amigos. Então eu acho que esse primeiro semestre tem um saldo bastante significativo, e uma coisa que eu tinha apreensão era quanto às disciplinas da POLI, apesar de já ser tecnóloga, rola aquele estigma de passar as noites em claro e tudo mais mas a primeira disciplina foi super tranquila. Então às vezes eu acho que existe um estigma com algumas coisas de que vai ser extremamente pesado, extremamente custoso de você conseguir gerenciar e às vezes não é tudo isso.

E você tem notado diferenças no ensino que você teve na Fatec em relação ao que você está tendo agora na FAU?

O que foi gritante para mim foi projeto. Na Fatec a gente teve cálculo, aí depois física, materiais de construção, resistência dos materiais e depois estruturas, só que a gente nunca teve autonomia de projetar algo da nossa cabeça. Na primeira disciplina de estruturas a gente teve que reproduzir um pavimento tipo e fazer os dimensionamentos, mas eu nunca tive que bolar algo. E aí quando eu cheguei na FAU, veio o exercício do pavilhão e eu estava com um determinado professor e, menina, eu até me arrepio... Chegou a hora do projeto eu falava “Gente, mas e agora? Qual é o partido?”, porque o programa estava lá posto, e aí ele falou “Gente, não podemos ter um objeto centralizado no espaço, porque isso 90% dos alunos vão fazer”, e eu estava “Gente, mas eu só consigo imaginar objetos soltos, eu não consigo imaginar espaços” porque eu fui “adestrada” no objeto, e eu queria atender a demanda dele e a minha auto cobrança de que “Nossa, eu já tenho uma base, eu tenho que fazer uma coisa relevante” e eu ficava com essa pira, nossa, juro por Deus, eu fiquei extremamente tensa nesse final por conta de Projetinho, e era pra ser uma coisa tranquila. E depois você vai ver a apresentação de todo mundo, e o pessoal lá divagando, falando as coisas poéticas, atendendo ao programa, mas sem uma fritação. E eu tava assim, frita demais. Então essa coisa do autoral é uma coisa que tem me cativado porque me tira de uma zona de conforto de só reproduzir uma coisa pré-estabelecida.

E aí, por exemplo, esse semestre começou a primeira disciplina de projeto visual, com um cara que é paz e amor, e assim, você entende o meu perfil pelas perguntas que eu fiz a ele na primeira aula “Quais são as métricas, como você vai avaliar o nosso trabalho?”, e ele falou “Olha, eu não acho interessante colocar pra vocês o que eu espero ver, porque não tem algo que seja o certo. Porque se eu colocar isso pra vocês, vocês vão se mover no sentido de atender essas expectativas, e eu já estaria cerceando vocês da liberdade criativa”, e eu fiquei em choque, falei “Meu

Deus, e agora? Liberdade total!”, ele só restringiu que a gente orientasse a folha A4 em paisagem, fosse apenas uma página e que enviássemos no prazo devido. Uma coisa simples eu fiquei “Gente, então calma, eu posso fazer o que eu quiser?”, e aí entende? Essa dinâmica eu tô muito ao mesmo tempo “Uau!!!”, pintinho no lixo, que fica achando que tá no playground, encantada, querendo fazer tudo, mas ao mesmo tempo um pouco apreensiva e isso vem ao encontro da minha visão sobre FAU.

Eu via na arquitetura um lugar de muitas possibilidades, de encontrar aquilo que me dá uma maior satisfação, porque durante as minhas vivências prévias eu já sentia um encantamento muito grande pelas demandas públicas, de gestão, de planejamento urbano, enfim, urbanismo, porque eu me aproximei disso por conta do estágio. Mas também eu quero explorar meu viés criativo, e aí eu sabia que a gente poderia ter contato com fotografia e pintura no curso. Enfim, essa possibilidade de se encontrar em várias esferas, era isso que eu queria, ir pra galera, conhecer coisas que fariam meus olhos brilharem, essa coisa de poder acessar o que a FAU tem de melhor é o que eu queria. Então por isso que também me dá essa sensação de “Será que eu não estou fazendo tudo o que eu poderia ver da FAU por conta da pandemia?”, a resposta é sim, mas eu cultivo a expectativa de que ao longo do prazo eu consiga ir acessando esses lugares e experimentando, apesar de todas as outras demandas de obrigаторiedades.

E o que era e como foi especificamente esse exercício de projetinho?

Ele foi o último exercício do semestre e era pra gente fazer um centro de estudos ambientais para a comunidade local em um terreno próximo à cidade universitária. Você tinha que atender algumas coisas, como salão multiuso de tantos metros quadrados, e isso da metragem também é uma coisa que eu fiquei “Meu Deus”, porque uma coisa é você pensar a estrutura pensando a implantação, outra coisa é você se preocupar com a metragem também, e como eu tenho mais proximidade com a coisa da metragem eu queria partir da disposição dos espaços internos para depois entender o macro, só que nisso eu bitolava nas áreas e aí ficava estranho, ridículo, foi muito difícil, eu tive muita dificuldade, enquanto quem não tava muito aí pra área e depois foi adequando, eu sinto que fluiu melhor, então se eu tivesse menos apego a essa coisa numérica, eu teria tido uma liberdade criativa muito maior. Foi um exercício que eu sinto que foi bom de ter sido feito porque me tirou de uma zona de conforto, me instigou a pensar fora do meu modo operante, mas se eu fosse refazer o semestre eu lidaria de forma menos ensandecida, e eu teria acolhido melhor o exercício, e não ficar lutando contra ele.

E você já está identificando interesses novos?

Sim, desde o primeiro semestre, na verdade, porque eu fiquei extremamente apaixonada por história do urbanismo. E história da arquitetura a princípio eu não tinha gostado, mas trocando de professores eu passei a gostar muito também. Antes

de entrar na FAU eu me via muito mais como uma pessoa da gestão pública mais do que projetando, porque a minha experiência com projeto era sempre uma coisa burocrática, sempre muito limitada, tanto por essa questão de não ter autonomia de assinar algo, não que isso me limite a calcular algo, mas de não ter essa liberdade já na outra graduação, eu me distanciava. E quando eu pensava naqueles trabalhos como CADista eu pensava que eu não queria ser só uma mera reprodutora. Eu tinha me esquecido dessa questão que ele parte dessa premissa da idealização, da visualização e de como você pode propor coisas, e aí caindo na turma de um professor rigoroso de projeto eu pensei que projetar poderia ser legal. E eu sinceramente pensava que eu não poderia ter esse interesse de vir para o projeto, porque outra coisa que também me distanciava num primeiro momento é que eu pensava “Só os homens super consagrados ditam a arquitetura”, mas aí eu falei “É a única escolha? Não”, eu poderia ser parte da mudança nisso, mas então como eu poderia me colocar como uma pessoa que pode articular essa mudança de uma nova arquitetura? Projetando, né, não é só no discurso, sendo crítica de arquitetura, mas efetivamente projetando. Então eu falei, olha, uma nova via possível aí.

Eu sinto que eu vou ser uma pessoa megalomaniaca, porque tudo que tem de conteúdo da FAU eu quero assimilar, eu acho muito interessante tudo, eu fico encantada com tudo. Mas, por exemplo, eu queria ter condições, gestão de tempo, pra cair com um professor específico, mas como dizem que ele é bem frito, cobra muito, já pensei: "vamos abrir mão de uma pessoa que eu sei que tem uma boa fama, mas que vai comer a minha alma" .

E como você tem ouvido sobre o que as pessoas acham sobre cada professor?

O que acontece é que a gente recebe um compilado, a cada semestre, a partir dos grupos [virtuais] dos quais a gente participa, por exemplo, tem o “família FAU”, e nesse compilado os estudantes deixam as suas impressões sobre os professores, mas eu tenho consciência que opinião é muito pessoal, mas tudo que foi relatado enquanto metodologia é o que me serviu de parâmetro para fazer as minhas escolhas. Às vezes também pergunto pra amigos, e aí fica mais fácil fazer essas escolhas quando elas estão nas nossas mãos.

Tem alguma coisa que te frustrou ou incomodou até agora na FAU?

Assim, eu tenho essa coisa de ser muito conversadeira, de querer interagir e entender as impressões do outro, e acho que uma coisa que me minguou um pouco da energia foi o fato de a gente emendar um meet e ir pro outro, não tem as pausas, não tem a descompressão, não tem as trocas, respiros que o mundo do físico permitiria. Então, eu acho que a gente ficou muito fechado na gente mesmo, tendo nas mesas apenas, ou nos trabalhos em grupo que organizamos depois, esses momentos de interação de perceber o outro. E até dos professores porque, por exemplo, você tem uma aula expositiva só que o professor depois disso têm outras coisas pra fazer, têm outros encontros, e às vezes você quer estender o assunto, só

que não tem esse tempo, eu só tenho o e-mail, e eu não vou falar “Ai, vamos para um meet conversar mais?”, não tem essa possibilidade. Então como aspecto negativo eu colocaria essa limitação de tempo de conversa, impressão e trocas.

E com os seus amigos, você consegue estender os assuntos?

A gente estende dentro da possibilidade, por exemplo, troquei um pouco mais de figurinha com um grupo que a gente fez juntos história do urbanismo e história da arquitetura, e aí a gente se reunia pra fazer os trabalhos de sábado de noite, fazer os diários de leitura, então ali a gente conseguia trocar um pouco das impressões. Mas cada um de nós, além da graduação, se ocupou de algum coletivo, alguma outra atividade acadêmica que demandava um certo tempo, então a gente com a gente mesmo também tinha uma restrição de ficar, por exemplo, três horas juntos. E aí, acho que isso ficou menor. Agora, com o fato de eu entrar pra representação discente, aumentou o grupo de trocas, então nesses grupos em que a gente fazia as atividades a gente ligava o meet e ficava conversando sobre a FAU de maneira geral, foi muito bom também. Mas têm pessoas que se colocam em algumas aulas que você fala “Nossa, que pensamento interessante, queria ouvir mais o que aquela pessoa pensa sobre a vida até”, e aí às vezes isso fica meio restrito.

O que é o diário de leitura?

Pra quem caiu com uma determinada professora, ela não pré estabeleceu que fosse uma estrutura rígida de fichamento, ela colocou leituras pertinentes a cada aula e tivemos que fazer diários ao longo do semestre no que concerne às leituras, e era um dos critérios de nota para o semestre. Aí basicamente sempre tinham dois textos próximos mas distintos, e tínhamos que ler os dois textos, debater no grupo de até três pessoas e construir um diário de leitura que mostrasse a ela a nossa impressão sobre os dois textos. Um diário conjunto, e por isso o debate e a conversa, e aí o meu grupo, a gente lia o texto cada um por si e aí criamos um documento no qual fazíamos pequenos apontamentos de acordo com nossa leitura individual, e aí no sábado a gente reunia e debatia. Então, apesar de já ter o registro escrito, a gente compartilhava nossas impressões sobre os dois textos e os pontos que achávamos relevantes para construir esse texto coletivo. Foi muito legal, a gente ficou com dez.

E conta da sua relação com os grupos que foram se formando ao longo desse tempo.

O meu primeiro grupo foi o de Projotinho, que não foi escolhido, a gente foi distribuído, aí foi meu primeiro contato e foi interessante. Desse grupo de treze pessoas eu fiquei bastante próxima de cinco pessoas, aí a gente interage e criou um subgrupo, muito por conta de um exercício em que já tivemos que subdividir funções. Então foi o lugar dessa primeira interação e apreensões da vida, e a união

foi por causa de Projotinho, mas serviu para todas as outras matérias que demandavam uma contribuição coletiva.

Depois veio o grupo de história do urbanismo, que também serviu pra história da arquitetura, e aí foi uma questão de dois amigos meus se conhecerem previamente, e acontecer de a gente se seguir no Instagram e criar o grupo, totalmente ao léu. E esses são os mais próximos mesmo.

Depois veio a questão da representação discente, que era todo mundo querendo fazer algo pela graduação, querendo ser ativo, ter uma voz de alguma maneira. E esse foi extremamente curioso, porque são perfis totalmente diferentes de personalidade, e eu achei incrível porque a gente se aproximou muito e é muito engraçado, eu sempre dou risada porque é uma loucura porque são pessoas muito diferentes entre si. Porque a gente fez aquele processo de seleção e seria votado, mas no fim não teve votação porque quem quis ser representante virou. E aí criamos um grupo de quem poderia ser apoiador dessas intervenções que faríamos ao longo do semestre, e aí ficou um grupo de dez pessoas só que quem efetivamente toma frente nesses postos são nós cinco. A gente tem super se ajudando e é muito muito legal. Eu acabo tendo uma interação maior com os representantes do meu ano do que do grupo geral, porque no grupo maior eu acho que fica dificultada essa interação porque o que a gente faz coletivamente é mais burocrático e as vivências são distintas, mas com o grupo do meu ano a gente pode falar sobre qualquer coisa da faculdade, então tem essa proximidade maior. Mas pra mim eu não vejo nossa interação com vocês veteranos como algo dificultoso, pelo contrário, em todas as interações eu acho sempre houve um acolhimento bem grande, nada que diminuísse ou nos deixasse constrangidos ou coisa do gênero.

E aí no Malungo, que é um coletivo preto da FAU, existem as formações que são os encontros nos quais é levantado um tema que seria interessante ser de domínio público do coletivo, debater sobre uns textos ou vídeos e tudo mais. Eu entrei com a coisa já andando, então eu perdi algumas formações, e aí eu fiquei "Ai meu deus, e agora? Eu vou me colocar aqui como?", fiquei tateando o cenário. Meu receio em entrar era por conta de "Será que vou dar conta?", talvez eles teriam uma expectativa que eu cumprisse com uma atividade que demandasse tempo, aí eu estava receosa de chegar já tendo que assumir alguma atribuição para além da própria grade da FAU, fiquei "Ai, será que vou ter que ficar responsável pelas mídias ou sei lá o que?", então eu entrei mas não interagia tanto, diria que participei 50%, mas participei. Agora, o que eu vejo é que o Malungo é sempre aberto a qualquer pauta, qualquer um pode colocar pauta nas reuniões, mas existem pautas com uma certa urgência, que são colocadas na frente. Aí além da questão da organização das pautas, tem a questão da formação que é uma leitura que todo mundo tem que fazer para levantar o debate, tem a questão das parcerias, porque a pretensão é ter uma maneira de se sustentar. Por exemplo, uma das meninas do coletivo faz terapia no Baobá e ontem conseguiu fazer uma parceria para que sejam

custeadas cinco pessoas no processo de terapia a um valor social. Então, daí a importância do coletivo ter fonte de renda para poder promover eventos depois. E principalmente a intenção é que todos os estudantes pretos da FAU consigam ter no Malungo um lugar de acolhimento, tanto é que quando eu passei uma garota veio falar comigo do tipo “Oi, eu sou do Malungo, coletivo negro da FAU...”, e eu estava “Eita, me acharam, como assim?”, e aí ela falou “Vem pra cá, vai ser legal porque a gente se ajuda e tal”, e real, tanto que eles trazem uma conscientização pra gente de acontecimentos racistas que se deram na FAU mas que a gente não presenciou, para que, por exemplo, alunos negros não se inscrevam em disciplinas com professores com histórico racista. Então, assim, eu sinto o Malungo como um coletivo de fortalecimento, é uma antessala para todo mundo ali, a gente vai se apoiando com questão de indicação de leitura, indicação de onde comprar tal coisa, mas é, a identidade nos une, acho que está neste lugar de uma morada, funciona como uma casinha pra gente.

E você já identifica lugares em que você acha que a FAU deveria ser diferente?

Então, aí já é pelo que eu não vivi... Mas a minha impressão em relação à FAU, principalmente nesses momentos de reunião em que a comunidade fauana se coloca e verbaliza suas apreensões em relação à vida fauana, eu sinto que seria importante um combate a essa ideia de que existam departamentos que sejam mais ou menos relevantes, então o entrosamento de professores de departamentos distintos, e o combate à expectativa de que alunos tenham que transgredir a sua saúde emocional e psicológica para poderem dar conta de uma demanda que a FAU tenha. E eu presenciei esse tipo de atenção porque eu senti que os professores neste semestre se colocaram mais receptivos a nossa demanda, porque a gente levou a frente essas situações de modo a pleitear que eles nos ouvissem, sendo que talvez nos outros anos isso talvez seja uma questão mais burocrática e rígida. Então, eu acho que eles quiseram ser amistosos ou estavam atentos a essa coisa que está ecoando na FAU.

No sentido do que pode ser mudado e que eu gostaria que fosse mudado é a estrutura da grade da FAU. Eu falo dessa minha experiência neste formato remoto, mas eu sinto que já o meu primeiro semestre todo foi sugado pela FAU. Junta o fato tanto da grade ser uma grade robusta, somada à minha postura em relação à grade, porque eu conheço pessoas que conseguiram levar com mais leveza, eu levei com muita sede ao pote, então não sei se é uma coisa que depende da postura de cada um, mas eu sinto que a grade se coloca como se a gente tivesse só a FAU na vida, e isso eu acho que é bastante prejudicial porque dificulta a gente ter outras atribuições. Aí, por exemplo, eu sou uma pessoa que além da FAU já tem outros projetos, sou professora voluntária, coordenadora pedagógica de um projeto, e aí pra eu conseguir continuar com essas atribuições além da FAU foi um baita jogo de cintura que eu tive que fazer. Agora, não sei se a FAU conseguiria de deixar de ser integral, mas talvez seria interessante, porque a possibilidade de se poder trabalhar

enquanto se cursa a FAU seria fantástica, no sentido de que você consegue assimilar o que você está aprendendo na graduação, e ter uma fonte de renda. Um estudante na FAU pra conseguir se submeter a uma vaga de estágio demandaria um trancamento de algumas matérias, enquanto que se o curso tivesse dois horários, apesar de estender o tempo de graduação otimizaria essa coisa poder trabalhar. Porque o que me preocupa é uma pessoa que se forma sem ter a possibilidade de fazer essa inserção para além do acadêmico, ela fica muito mal das pernas, ela se coloca no mundo de uma maneira muito frágil. Agora não sei se é uma preocupação que vem da minha vivência de não ter essa inserção como eu esperava, ou se é uma coisa que realmente tem fundamento. O fato é, eu entendo que uma graduação, apesar de ser em uma Universidade, ela não vai dar conta de tudo. Porque se você é uma pessoa que está fazendo a graduação e quer ter uma boa média ponderada, você vai ter que ter um tempo de dedicação muito grande pra conseguir levar isso adiante, e aí essa dedicação pré estabelece que você precisa não ter uma outra ocupação que não seja a FAU, e isso eu acho complicado.

Qual é a sua intenção com a média ponderada?

A minha intenção com a média ponderada é porque eu soube que ela é um dos critérios para a gente pleitear um intercâmbio, e hoje, no primeiro ano, eu acho um intercâmbio interessante, mas pode ser que quando eu estiver na época de tentar um intercâmbio não seja pertinente, mas saber que se eu não tiver uma média ponderada esse intercâmbio pode vir a não se efetivar me preocupa, e me bota nessa situação de buscar uma média ponderada alta. E também porque supondo que eu queira aplicar para uma bolsa fora eu sei que histórico é considerado, então eu não quero jogar contra mim mesma, é basicamente isso.

ENTREVISTA 2 - T74

Para começar você pode me contar como é que foi a sua decisão para prestar vestibular e por que você escolheu arquitetura especificamente?

Eu comecei a pensar nessas coisas a partir do meu 8º ano. Quando era criança eu não queria ser jogador de futebol, eu queria ser médico. Mas aí meu irmão que é mais velho que eu começou a prestar vestibular, essas coisas, e como eu vi que era difícil entrar em medicina, comecei a mudar de ideia. Mas eu me interessava pela área de biológicas, só que na grade da minha escola eles tiraram a aula de biologia de um ano para colocar no outro, ficou um negócio confuso, e eu parei de ter biologia, perdi meu interesse e comecei a me interessar por exatas, então pensei em fazer engenharia, coisa do tipo. Só que aí depois de um tempo comecei a me interessar por humanas, e fiquei completamente perdido, quanto mais perto chegava do vestibular menos eu sabia o que fazer. Aí no segundo ano eu vi que precisava escolher alguma coisa, porque eu já iria prestar treineiro, e nessa época eu estava me interessando por música, só que não tinha como pensar em fazer música por conta da prova específica, já tem que saber muito bem música, então eu sabia que seria um interesse a parte do que eu faria na faculdade. E aí eu fui naquela feira de estudante da USP, que tem todas as faculdades, todos os cursos, fiquei rodando lá e fiquei um tempão em exatas, que tá no meio de tudo, eu vi as Engenharias, conversei com um monte de gente, até perguntei as coisas de Música, daí um professor da Engenharia me mandou para procurar a ECA, aí eu achei área de humanas e quando eu ia entrar eu vi Design, e do lado Arquitetura e Urbanismo, o estandezinho da FAU. Daí eu achei Design muito daora e comecei a pensar em fazer Design, então prestei Fuvest para treineiro de humanas. Aí no ano seguinte, já na pandemia, eu comecei a pensar de novo, porque apesar de eu achar interessante essas coisas eu não estava me enxergando muito com um papel social, poder ser útil, contribuir para ajudar pessoas, coisas assim. Daí eu comecei a ver que arquitetura e urbanismo, talvez mais urbanismo, poderia ser mais útil do que design. Aí eu prestei para Arquitetura e entrei.

E você fez cursinho?

Não fiz cursinho.

E aonde você fez ensino médio todo mundo costuma entrar na faculdade?

A maioria das pessoas tenta prestar alguma coisa, mas nem todo mundo presta Fuvest, porque acham que não vão passar. Normalmente passa uma ou duas pessoas de quarenta pela Fuvest ou Unicamp, públicas, assim, com nome, mas a maioria das pessoas tentam passar em alguma coisa, tem bastante gente que entra no Mackenzie, Anhembí-Morumbi, por exemplo.

Quando você entrou na FAU quais eram os temas que mais te interessavam na arquitetura e urbanismo? E não sei se já deu tempo de mudar, mas hoje em dia no que você mais se interessa?

Quando eu entrei eu estava pensando mais em urbanismo, principalmente o que se vê em geografia sobre urbanização, gentrificação, problemas urbanísticos, é essa área que eu pensava que seria mais legal. E agora com base nas matérias que a gente teve eu gostei muito de construção e G.A.P.A., acho que é mais AUT que eu gosto.

E como tem sido o seu começo de faculdade em termos de aprendizado?

Ah, às vezes tem matéria que parece que você não está aprendendo tanto, mas depois vê que ensina bastante. Agora, tem uma disciplina que a sala inteira em geral fala muito bem, porque eles criam um ambiente mais lúdico, ficam conversando, e eles conseguem ao mesmo tempo que estar bem tranquilo, eles conversam e ensinam muito bem. Em outra disciplina eu também aprendo muito, porque a professora é muito boa, ela consegue ajudar a gente no que temos dúvida, seja desenho, questão estrutural, projeto. O que eu tenho percebido é que eu tenho aprendido na FAU com os estudantes trazendo dúvidas para os professores. E nas matérias do AUH que são bem conteudista mas eu aprendo bastante também, o professor fica falando, falando, falando, e eu gosto também, eu aprendo de um jeito tradicional, sentado na cadeira, olhando a lousa, e o professor falando. Pra mim funciona.

E agora também tem a questão da pandemia, além da novidade da faculdade, mas como está sendo essa transição do ensino médio para a faculdade?

É complicado, tanto a transição normal quanto a pandemia porque é muito diferente a forma como ensinam. Porque você acaba tendo que ir atrás das coisas, os professores não passam simplesmente o conteúdo para você. Eu penso muito no trabalho de construção que passaram, que primeiro tinha que fazer uma estrutura com papel sulfite para ver a resistência do papel, o formato, e aí você tem que aprender as coisas por si mesmo para fazer o trabalho, tem que perceber o porquê alguma coisa não está dando certo. É só um exemplo mas nas outras matérias também acontecia de você ter que ir atrás do conhecimento ao invés de ele ser simplesmente passado, que é muito diferente da escola, onde você ouve o professor falando, usava os livros didáticos e aprendia. A impressão é que eu sou muito mais ativo no processo de aprendizado. E com a pandemia tá mais complicado, pela questão de eu não estar com ninguém perto pra tirar uma dúvida com colega, e nessa questão de aprendizado mesmo, acho que a carga de trabalho acaba atrapalhando um pouco. Acho que em Maio ou em Junho eu fui dormindo meia-noite todo dia para terminar o trabalho, porque é muita coisa, uma atrás da outra, então você não tem tempo para fazer os trabalhos gostando, buscando saber sobre o

tema do trabalho para você mesmo, porque se você fizer você atrasa a próxima entrega.

Então fica mais uma tarefa pra você terminar.

É, mais do que uma coisa legal que daria pra aprender. E eu tenho a impressão que esse semestre especificamente foi muito mais pesado, digo, muito não sei, porque foi meu primeiro, mas pelo que dizem de outros anos dizem que foi mais pesado. Porque teve aquela reunião de saúde mental e tá todo mundo muito cansado, porque a carga de trabalho é muito grande, tudo muito pesado, e a pandemia também... Outra coisa, meio aleatória, é que a pandemia acaba atrapalhando é a questão de você poder desligar a câmera, porque ninguém te vê nem nada, você pode assistir uma aula deitado na sua cama, dormir no meio da aula e ninguém vai ver. Então prende menos, não tem uma pressão social.

E que aulas você acha que não tem funcionado?

Tenho a impressão, e acho que não sou só eu, tem uma disciplina que dá a impressão que não aprende muita coisa, mas sei lá, talvez seja o método dos professores. Eles começam apresentando a matéria no geral, e aí falam um pouquinho de cada coisa, mas os monitores ajudaram muito, eles interrompiam os professores às vezes para explicar os exemplos, daí dava a impressão que aprendia. Mas sei lá, no começo que eram só aulas passando muito por cima, muito rápido, dava a impressão que não pegava nada. Então foi muita aula, muita coisa, falando muito pouco. Mas fora isso eu acho que aprendi bastante nas matérias no geral.

E como tem sido a interação com as pessoas do seu ano?

Logo no começo do ano eu achei muito legal isso de fazer as mesas de Projétinho, acabou ajudando muito para se enturmar na pandemia. A gente fez amizade com a mesa, que eu gosto bastante. Lá a gente tem amigos, conversa bastante, tira dúvida, é tranquilo. E acho que os coletivos, também, estão ajudando muito nisso. Eu só tô no Reuniãozinha da FAU, que é um coletivo de estudos bíblicos. Na semana dos bixos teve uma apresentação geral de todos os coletivos, o que era o coletivo, o que faziam, quais eram os objetivos, essas coisas, e eu achei um monte interessante, mas justamente por já achar que ficaria pesado no meio do semestre, eu não entrei em nenhum outro. Achei que não teria tempo para fazer trabalhos e participar dos coletivos, e não tem tempo mesmo. Eu demoro pra fazer as coisas, tem gente que vai pra reunião da FAU Jr. e eu tô lá fazendo trabalho.

Como funcionam os encontros?

É um coletivo cristão, aí geralmente conversamos entre si, desabafo que a FAU está muito pesada, ou fazemos estudos bíblicos mesmo, às vezes uma pessoa escolhida

aleatoriamente, ou um voluntário, traz uma passagem, mas às vezes só conversa mesmo.

Então esses dois grupos são suas bases de apoio dentro da faculdade?

É. Por exemplo, nas disciplinas de AUH as duas fizeram grupos de três pessoas, e isso foi logo na primeira semana, e eu já formei um grupo nesse coletivo. Ai principalmente o grupo das matérias de AUH e a mesa de Projtinho, se tornaram meus amigos.

As outras mesas também são próximas que nem a sua?

Eu não sei se são tanto, mas certamente quase todas as mesas devem ter feito mais amizade entre si. Porque não tem um momento em que por acaso se começa a conversar.

E tem algum momento nesse semestre que você sente que você travou com algum trabalho? Algo como uma vontade sem confiança.

Talvez teve um trabalho que foi mais ou menos assim, porque passaram um trabalho final em que se tinha que fazer uma análise do espaço em que você estava trabalhando na pandemia. E sei lá, tem pessoas que fizeram, mas eu fiquei pensando em como fazer, e aí eu só consegui andar com o trabalho quando estava perto da entrega. Ai no final eu tive que fazer na pressa, não ficou bom mas... Sei lá, pedi ajuda para meus amigos e alguns falaram o que fizeram, e também pedi ajuda pro negócio do Pokédex da FAU. Então foi mais nesse trabalho que eu ficava pensando nele mas não sabia o que fazer. E também teve o trabalho de PCC, que não fizeram prova nesse ano, nesse ano tinha que pensar em um poliedro com algumas especificações lá, e aí tiveram algumas questões que eu não sabia fazer, aí pedi ajuda para uma amiga minha do grupo que fizemos pras matérias do AUH, e ela deu uma aulinha pra gente. E teve o trabalho final de Projtinho que tinha que projetar um centro de educação ambiental, e tinha que projetar um prédio com o que eles passaram no programa, e tinha tanta questão para abordar junto que eu não sabia o que fazer. Porque a implantação ficava ruim, aí tinha que mudar e mudar de novo.

Mas acho que quando você trava você nem consegue mudar.

Ah, por causa do prazo eu tinha que fazer alguma coisa né. Mas eu esperava mais do meu projeto no começo, mas eu fiz meio na pressa no fim, e eu fiquei uma ou duas semanas só deixando, porque a professora apontava uma correção, e eu não sabia o que fazer, e eu entregava um só desenho na aula seguinte, ia deixando meio de lado.

Ia deixando de lado por uma questão de tempo ou por que?

Ah, porque não tava dando certo... Meio decepcionado, assim. Não sei se travar, mas estava com um desânimo, é muita coisa e começar já é muito difícil, não dá muita vontade de fazer.

E o que você acha que poderia ser diferente na FAU, a partir do que você já viu?

Eu não sei, porque ao mesmo tempo que é muita coisa, é muito pesado, então eu acho que talvez fosse legal mudar, eu não sei como mudaria, porque é integral, têm muitos trabalhos das matérias da manhã e da de tarde, mas parece que tudo é necessário, tudo é importante de ter, então iria estender muito mais o tempo do curso para conseguir tudo e ficar com a carga mais tranquila. Talvez os professores passarem um pouco menos de trabalho, apesar do trabalho ser importante para o próprio aprendizado.

E quais são suas expectativas para os próximos semestres?

Falam que o próximo semestre é muito legal, espero que seja. E também que é muito trabalhoso, bem cansativo. Então não sei como vai ser porque o primeiro já foi bem pesado. Pretendo já no início pegar mais pesado, tentar terminar o trabalho que recebe, não sei se vai dar certo porque recebe trabalho toda hora, mas tentar ficar mais ou menos em um clima de fim de semestre mais no começo do semestre se não não dá tempo. Aproveitar que tem bastante feriado.

Pra trabalhar e não pra descansar, mas é bom que não tem as aulas...

É, isso ajuda muito. Outra coisa que é bom no EaD é que dá pra fazer os dois ao mesmo tempo, ouvir a aula enquanto termina o trabalho.

ENTREVISTA 3 - T73

Conta um pouco de como foi seu caminho até escolher arquitetura.

Eu acho que eu sempre quis fazer arquitetura, eu lembro que esse ano minha mãe tava fuçando uns cadernos antigos aqui de casa e ela me mostrou um caderno meu de quando eu tinha 10 anos, e eram só plantas de casas que eu inventava. Aí eu fazia muitas, e eu lembro que eu falava pros meus amigos “Eu vou desenhar sua casa”, era uma coisa que eu gostava de fazer. Mas por questões pessoais daquele momento acabei não prestando, e fui fazer um outro curso na USP, que só fiquei um ano e depois entrei na FAU.

E como foi a sua entrada na FAU?

Ah, eu fiz três semanas de presencial e foi muito legal. Eu acho que foi muito bom eu ter entrado tendo feito um ano de USP antes, eu senti que eu entrei muito mais madura. E eu via muito essa diferença de quem entrava direto da escola e quem entrava mais velho, e eu nem era tão mais velha, só um ano de diferença, mas eu sentia que eu estava mais madura, estava realmente querendo aproveitar as coisas. Porque é isso, eu fui bixete duas vezes, e na primeira vez eu não aproveitei muito, não ia muito nas festas e nem nas atividades, e aí na FAU eu decidi aproveitar tudo, era a última chance porque eu não iria prestar vestibular de novo. Estava muito feliz de estar lá, bem mais feliz do que quando eu entrei no primeiro meu curso, então foi muito bom pra mim.

E em termos de conteúdo das disciplinas, como foi essa transição?

Eu acho que muita facilidade pra Projetinho, essas matérias mais manuais. Eu lembro que na semana dos pelados tinha muita gente que desenhava super engessado, e eu já estava mais solta, era uma coisa que eu sempre gostei de fazer, e eu me identificava com o que os professores queriam, que é meio sorte, sei lá, então eu tinha muita facilidade. E eram coisas que eu gostava de fazer, achava prazeroso. Na prova específica, ela é baseada em Projetinho, então tinham atividades que eu já tinha feito, e eu acabei fazendo muito tranquila, pra mim foi fácil. E eu estava com muito medo das exatas porque eu não fazia uma conta desde o terceiro colegial, e o pessoal veio fritando do cursinho, e tal, e eu tinha muito medo dessa parte. Eu sinto que eu era muito boa em algumas coisas, mas em outras eu era meio insegura do tipo “Meu, eu não sei nada disso”, o pessoal super sabia as coisas de cabeça, história e matemática, e eu não fazia ideia, coisas que até hoje eu não faço. Mas também ir com a cabeça mais tranquila, não dá pra ser boa em tudo e é a vida.

E as disciplinas de história?

Depois que eu saí da minha primeira faculdade eu peguei muito bode de humanas, matérias teóricas. Nela tinha que ler todo dia um texto pra aula, e na FAU eu sinto que é muito mais parecido com o meu colegial, o que eu acho bom e ruim. Nessa primeira faculdade a gente fala de um texto baseado em um autor, é uma aula zero mastigada, você tem que ter lido o texto antes, e eu sinto que na FAU em raríssimas vezes pediram pra ler um texto antes da aula. E era muito mais sobre um período histórico, do que um autor que fala sobre esse período. Por um lado era bom porque eu estava cansada e não precisava saber do conceito, e nem dos autores, e eu justamente saí de lá porque eu não precisava disso na vida, mas às vezes eu sentia uma falta de uma maior proximidade. Mas a verdade é que eu estava meio de saco cheio, então eu não prestei muita atenção nas aulas. Por causa da prova de transferência eu acabei eliminando uma matéria por semestre até o terceiro semestre, e eu fiquei muito insegura se eu iria ficar pra trás, mas aí um amigo me disse uma coisa que foi muito legal: "Na FAU tem tanta matéria que ninguém consegue fazer tudo direito. Então se você pode, tenha a oportunidade de não fazer uma que você vai conseguir ter mais tempo para as outras". Então, no fim eu dei graças a Deus de não ter feito essas matérias, e eu nunca fiz a grade cheia da FAU, então eu sempre tive uma janela a mais e eu pretendo continuar assim até o fim da graduação.

E o que te interessava mais quando você entrou na arquitetura? E agora?

Eu achei que eu iria curtir mais as matérias de história de arte, mais teóricas, mas eu não aproveitei muito, eu sinto que eu só to conseguindo aproveitar agora nesse [quarto] semestre, também por causa da pandemia eu não tava conseguindo prestar muita atenção, ficava meio distraída. E eu achava que eu iria curtir mais essas coisas de botar a mão na massa e desenhar, e eu realmente gosto mais dessa parte. Achei que eu iria curtir mais as matérias de projeto visual, mas no final tenho achado um pouco cansativo, agora eu acho que sou mais prática, antes eu era mais de ficar brisando e desenhando, e agora eu sou um pouco mais pé no chão.

Tem alguma coisa que você descobriu que você gosta e nem imaginava?

Eu descobri que eu gosto de construção, não achei que eu fosse gostar, lembro que falaram meio mal no começo quando eu entrei, e eu achava meio porre, mas eu passei a me interessar muito pela parte dos materiais. Como eu tinha interesse por sustentabilidade, acabei me interessando mais por isso, que às vezes é até um pouco engenharia, mas eu levo isso pra uma parte que me interessa mais de construção com terra, e o que me mudou muito foi o contato com um professor específico, que eu adoro muito, e mudou muito a minha cabeça, de analisar a parte mais técnica, que eu achava que ia ser mais chato mas eu gostei. Têm disciplinas que eu achei que iria gostar mais e não gostei, mas talvez seja um ciclo de estar desanimada com a aula, aí eu não vou, aí eu obviamente não aprendo, e fico com preguiça de correr atrás.

O que você acha que funcionou na pandemia?

Eu acho que antes todo mundo era resistente ao EaD no ano passado, pra mim o EaD meio que me salvou, porque estava tudo tão horrível e eu estava tão em casa, sozinha, com nada pra fazer, que eu achei muito bom ter uma coisa pra me puxar, pra eu seguir o dia e ter uma rotina. Ah, eu acho que é bom pra aula teórica, no EaD foi muito bom pras aulas da POLI em que você podia parar e ver a gravação, pra mim é muito bom porque eu sou muito lerda pra essas coisas, então eu voltava mil vezes e tal, isso eu achei bom. E acho que a praticidade de reunir rapidinho, ver as coisas que cada um vai fazer na sua casa, não precisa de transporte. Eu não vou falar que não funcionou, tipo, funcionou, mas eu ainda acho que é uma perda muito grande, tudo o que eu vejo no presencial eu percebo como faz diferença.

E como foi pra se enturmar considerando que praticamente foi tudo online?

Nas primeiras três semanas eu fiz amigos, e aí a gente se segurou e falou “É isso”. É uma galera que eu já conhecia do colegial, amigos em comum, mas aí eu acabei me afastando um pouco deles porque eu entrei em um coletivo e eu conheci muita gente por lá que são meus amigos mais próximos, mas a gente só se conheceu porque fez atividade presencial ao longo desse ano e ficou amigos.

E como foi entrar nesse coletivo?

Ah, eu acho que foi muito bom pra mim. Eu já tinha interesse desde antes da FAU e eu já tinha visto que tinha a galera da FAU que trabalhava com movimentos sociais, e eu vi que eles estavam fazendo coisas presenciais e tinham a ver com bioconstrução, essas coisas que eu gostava. Eu decidi entrar porque poderia ser uma oportunidade legal, só que eu não sou dessas pessoas que entram em grupos e ficam, mas acabou dando muito certo, eu achei muito legal trabalhar em grupo sem ser uma obrigação de disciplina, do tipo a gente está lá porque a gente quer estar lá. E achei muito bom trabalhar em grupo, que era algo que eu tinha um pouco de dificuldade, mas achei muito bom estar reunido com pessoas que pensam parecido com você e tem os mesmos interesses, um lugar de troca que é muito importante pra mim nesse ano, conhecer pessoas da faculdade de outros anos pra partilhar juntos. A gente meio que é um grupo de estudos também, então estuda junto sobre o que a gente quiser. E isso também foi muito importante porque eu fiz amigos, e é muito legal ver que você faz parte de um grupo que está pensando junto, deixou a graduação menos solitária no EaD.

Você já tinha um engajamento político antes?

Não, achava um saco isso de movimento estudantil, e ainda acho um pouco, trauma da minha primeira faculdade. Mas aqui eu sinto que eu me encontrei um pouco, porque não é uma coisa partidária mas ideias em comuns.

E até agora quais foram os momentos em que você mais aprendeu?

Eu acho que com certeza nesse colégio foi onde eu mais aprendi, eu aprendi mais que em várias disciplinas. Por exemplo, a gente estava ajudando a construir um esgoto em uma ocupação, e eu aprendi muito estando lá no território do que em disciplinas do EaD, não que elas fossem ruins mas eu não prestava tanta atenção, na prática você presta muito mais. Aprendi também sobre fundamentos sociais, as dinâmicas das pessoas.

E na minha pesquisa de iniciação científica PUB por um ano, e agora to com o mesmo projeto só que pela Fapesp, e eu também aprendi muito e é em uma área que eu gosto.

Eu aprendo muito mais fazendo do que ouvindo aula teórica, não que eu não goste de aula teórica, mas eu aprendo muito mais em projeto, por exemplo. Projeto eu acho que aprendi bastante, mas não sei dizer o que eu aprendi.

E como você lida com o tempo?

Então, acho que quando eu entrei na FAU eu já sabia que todo mundo era surtado e trabalhava muito, que tinha super essa cultura da fritação. Via isso pelo meu namorado, meu irmão e outras pessoas que eu conhecia, aí eu sabia que eu não queria ser assim, eu não iria perder a cabeça com isso. Eu já entrei sacando que tinha muito mais uma competitividade dos alunos do que em relação ao meu primeiro curso. Na arquitetura os trabalhos são gráficos, são visuais, então é muito mais fácil falar que um tá feio e outro está bonito, então as pessoas acabam se comparando muito mais que nesse meu primeiro curso, lá ninguém liga, ninguém lê o trabalho do outro e fala “tá muito melhor”, é uma coisa mais de boas.

Mesmo no EaD?

Eu acho que eu sinto, mas eu acho que menos. Eu acho que as pessoas fazem muito mais do que elas precisam pras disciplinas, por exemplo, eu lembro de um trabalho de construção que era pra ter duas páginas, aí as pessoas entregavam sete. Eu acho que é essa cultura de “Eu preciso dar o meu melhor”, não necessariamente ser melhor que o outro mas precisa estar muito bom, e são coisas que dão muito mais trabalho, você acha que seria rapidinho e aí você fica horas. E aí quando a pessoa gasta cinco horas em um trabalho que deveria gastar uma, as outras pessoas ficam “Nossa, o meu tá ruim”, mas não tá ruim, é o que era pra fazer. Então eu sinto que tem esse clima de fritação, e essa cultura de virar noite, “Nossa, trabalhei muito”. Aí desde o início eu fiquei “Tô fora dessa”, aí acho que passei a ficar bem mais de boa com o meu tempo. Eu sei que eu não vou conseguir fazer tudo para todas as matérias, tem coisas que eu já seleciono, do tipo “Esse eu vou me dedicar mais, esse eu vou fazer pra passar”. E eu não tenho nenhuma vergonha nisso, vou entregar o trabalho ruim mesmo porque eu tenho uma vida e outras coisas pra fazer.

Então eu meio que medio meu tempo baseado no que é interessante pra mim, o que eu tô curtindo fazer, e eu não vou ficar virando a noite pra uma prova da POLI que eu não tenho o menor interesse, eu vou aprender o mínimo pra passar e no resto eu me viro. Acho que no geral eu me dou bem com isso, eu nunca virei noite. Já tiveram épocas em que eu estava muito mais corrida, mas porque eu tava fazendo coisas que eu queria, por exemplo, no Caetés eu estava me dedicando muito mais do que pras matérias e aí eu tive que correr atrás, mas foi uma escolha.

E experiências negativas em que você sente que você não aprendeu?

Acho que AUH eu não aprendi muito no geral mas eu não sei o porquê. Tinha uma aula em que eu adorei os professores, achei uns fofos, mas eu não consegui prestar atenção. Eu acho horrível isso do EaD do professor precisar fazer quinze mil coisas pra chamar atenção do aluno e a aula dura uma hora porque é só esse o tempo que a gente consegue prestar atenção, porque perde muita coisa desse jeito e a gente precisa ter maturidade pra dizer “Eu vou conseguir prestar atenção nisso por duas horas”, só que eu não conseguia. Eu não sei se é por causa da pandemia, acho que no começo eu também estava muito desanimada, se você vê a aula no computador com mil abas abertas e pensando em outras coisas. Eu queria ter aproveitado mais essas matérias, mas eu não consegui. Agora que eu tô conseguindo prestar mais atenção e conseguindo aprender, mas antes foi meio nebuloso para mim. Eu não sei muito bem o que achar sobre isso porque um lado de mim acha ótimo, porque realmente ninguém tá com mais saco de ficar horas no computador, realmente não tá dando mais nessa altura do campeonato na pandemia, mas eu fico com um pouco de aflição do tipo geração tik tok, que só consegue prestar atenção por 15 segundos e não mais, eu me sinto meio criança. Algumas atividades eu acho meio infantil mas eu acho super justo também, ninguém aguenta mais, tá todo mundo cansado.

Como foi sua relação com as disciplinas de projeto de edificações?

Eu acho que foi boa mas agora eu percebi que só tem quatro projetos e eu já fiz dois. Assim, eu aprendi. O primeiro foi muito legal, achei uma boa surpresa, eu tinha muito esse estereótipo de “Ai, projeto é horrível, você tem que trabalhar muito, as entregas são muito corridas”, só que eu tenho feito meus projetos muito tranquila. Eu fiquei muito feliz com o resultado, o primeiro eu fiz com um professor que eu me dou super bem, foi super legal, e chegou em um ponto em que eu falei “Nossa, não tem nem mais o que fazer, já está bom o trabalho e faltam duas semanas para a entrega”. Eu senti que eu fiz um trabalho bem mais lúdico, fiz um monte de desenho a mão, e foi bem tranquilo, mas é isso, aí eu fico “Será que eu deveria ter feito mais coisas?”. Agora eu tô pensando nisso porque eu to terminando o segundo projeto e eu sinto que ainda tá uma coisa muito não-profissional, tá meio freestyle, mas isso é uma coisa do jeito que eu trabalho também, eu não uso CAD, não uso sketchup, só faço desenho a mão, e às vezes faço umas coisas meio aproximadas, umas aquarelas. Então eu fico brincando, e eu

adoro, mas quando eu penso “Já foram dois projetos e eu fiz os dois brincando. Quando eu vou aprender a fazer um de verdade?”. E também no EaD que dá um pouco essa aflição... E eu gosto muito de projeto, então eu queria fazer mais, mas acho que tem algumas optativas, e imagino que se aprende muito estagiando também. Eu fico pensando se eu deveria aproveitar mais, me dedicar mais, porque são só quatro projetos na FAU, ou se eu tô levando de boa, brincando, e tô aprendendo também, mas tá mais tranquilo.

Mas você fica preocupada de não estar aprendendo só porque de fato está sendo prazeroso, e geralmente as duas coisas não estão ligadas, ou porque tem alguém que você olha e está indo mais longe com o projeto?

Eu acho que é bom que seja prazeroso, espero que na vida profissional seja assim também. Mas eu fico pensando se está muito amador ainda, e isso não é mais Projecinho e nem Projeto I, e eu deveria estar fazendo uma coisa mais séria. Eu não acho que isso venha muito de uma comparação com outros trabalhos, ou talvez um pouco ao ver que as outras pessoas estão fazendo uma coisa mais séria. Mas eu sou assim também, faço tudo meio na zoeira, eu sempre faço as coisas de uma maneira meio lúdica e eu acho isso bom, porque eu faço as coisas com mais leveza do que muitas pessoas que fritam com isso. Mas eu fico pensando, eu preciso aprender a fazer sério também. E eu fico pensando, será que alguma hora vai ficar sério?

Mas você acha que é incompatível?

Acho que nenhum dos projetos que a gente faz pode ser construído, mas se eu ficar fazendo umas coisas assim ninguém nunca vai querer levantar isso. Mas aí a professora mostrou uma arquiteta japonesa que faz uns desenhos super divertidos, umas maquetes lúdicas, e realmente as coisas são construídas, então isso foi um alento, de eu não precisar fazer uma coisa super convencional e séria porque só isso seria o válido. Eu posso fazer do meu jeito e também poderia dar certo.

E de onde você acha que vem a sua leveza?

Eu acho que vem de eu ver muitos exemplos ao meu redor que não são assim, e pensar “Eu não quero ser assim”. De já ter entrado com essa ideia do arquiteto ferrado, que trabalha muito e não ganha direito e dorme mal, e eu pensar que quero ter qualidade de vida e não ser essa pessoa. Acho que vem muito também de uma coisa que eu cresci com essa imagem de que primeiro você tem que fazer bem feito e perfeito, pra depois você desembaralhar isso, e aí eu sinto que eu pulei direto pra parte de dar a louca e fazer o que está afim. E aí às vezes eu fico meio insegura “Será que eu primeiro preciso aprender a fazer sério pra depois desconstrair?”. Aí eu descobri que não, e não é só pra quando eu vou desenhar mas pra vida, que quando você tenta fazer uma coisa que não é perfeita ela sai muito mais legal do que uma coisa que você faz tentando que ela seja perfeita, porque ela não vai ser perfeita e você só vai se frustrar. Então isso é uma coisa que eu aprendi desenhando e eu

tento levar pra tudo. Vou tentar fazer do meu jeito porque se eu tentar fazer do jeito dos outros só vai sair pior.

Você acha que tem uma questão de classe dos estudantes entre si ou na relação com os professores?

Eu acho que sim, o curso da FAU é muito mais elitizado do que meu primeiro curso, que é um dos cursos mais diversos da USP, por exemplo, ela já era tinha cotas pra PPI bem antes que a FAU. E eu aprendi muito com isso quando eu entrei lá, foi muito legal, mas foi muito difícil porque eu achei que só ia encontrar gente descolada que pensa parecido comigo, mas eu vi que não. Foi difícil mas foi um dos maiores aprendizados da minha vida. E eu sinto que na FAU é muito parecida com o meu colegial na forma de pensar, tanto da arquitetura, de ter umas árvores, um gramadão e um prédio bonito, e ser um pensamento humanista, que eu acho que eu tenho muita facilidade com isso, porque eu cresci tendo contato com isso a minha vida inteira. Então eu sinto que, por exemplo, eu entrei na FAU e os professores já gostavam de mim porque eu pensava parecido com isso. Em Projotinho eu saia muito mais fácil da caixinha do que um monte de gente da minha turma que fez uma formação muito mais quadrada. Eu sinto que é muito mais fácil pra mim e eu reconheço que seja um privilégio de escolas construtivistas, mas por outro lado tem um lado que eu me sinto muito confortável, me sinto à vontade com pessoas com os mesmos ideias, eu me sinto muito insegura em relação à pessoas que fizeram uma formação técnica séria, porque eu penso “Eu não sei fazer nada disso, e essas pessoas já estão fazendo isso a anos”. Também pessoas que entram já sabendo os programas, porque aprenderam antes, pessoas que já sabem projetar, essas teorias que eu não sabia nada. Então eu sinto que é mais fácil pra mim por um lado porque eu tenho as mesmas referências que os professores, eu tive essa criação que eles devem ter meio parecido, mas acho que isso está mudando muito e eu acho isso muito bom.

Algum conselho que você daria pra si mesma olhando pra trás ou mesmo pra agora?

Acho que isso de levar as coisas com mais leveza é uma coisa que eu já sabia, mas cada vez eu tenho mais certeza disso. Não fritar, não se preocupar tanto com os trabalhos porque no final é só um trabalho.

Alguma coisa que a FAU deveria ser diferente?

Olha, eu sou muito agradecida por estar na FAU, e eu sinto que isso é muito diferente pra mim que entrei depois de ter feito outro curso e quem entra direto. Eu sinto que eu sou muito “Nossa, eu amo esse lugar” depois de ter estado em um lugar que eu não gostava tanto, ter me encontrado, então eu valorizo muito ter achado esse lugar. No geral eu gosto muito da FAU, não queria estar em nenhum outro lugar do mundo agora. Então eu pego leve com as coisas que eu falo mal.

Mas realmente, acho que poderiam ter menos matérias, a grade é ruim no sentido de que tem muitas matérias que eu olho pra trás e eu não absorvi nada. Acho que poderiam ser cortadas várias matérias, ou juntadas, porque realmente é muito trabalho pra umas coisas que no final você nem vai lembrar no futuro. Então acho que é isso, são muitos trabalhos e muitas aulas meio desnecessárias. Ser integral é super uma questão, mas eu gosto de você estar imerso em um negócio, você tá convivendo com as mesmas pessoas, você meio que fica em uma imersão FAU. Isso é ruim, mas é bom também, acho que você entra mesmo no negócio, não é uma faculdade que você está lá às vezes, você super está lá.

ENTREVISTA 4 - T72

Em que ano você está de arquitetura?

Eu estou no terceiro ano, mas por via das dúvidas eu estou no quarto, porque eu fiz um ano de design antes. Mas eu estou no terceiro ano de arquitetura.

E que motivos levaram você a prestar vestibular? E por que você escolheu arquitetura especificamente?

Olha, eu acho que vinha meio que de uma paixão que eu tinha por arquitetura desde o ensino fundamental, desde quando eu tinha onze ou doze anos. Eu tinha muita dúvida se eu queria seguir para artes visuais ou história, e aí enquanto eu tinha aula de artes no ensino fundamental eu tive algumas aulas sobre alguns movimentos arquitetônicos, e estudando eu falei “Nossa, é isso daí que eu quero fazer”, e aí eu fui estudando um pouco mais e me fixei bem cedo em arquitetura. Acabou que depois eu fui fazer um curso técnico de edificações, que era mais ou menos na mesma área, e só me deu mais certeza que é nessa área que eu gostaria de seguir.

E como é essa história de ter feito Design antes de Arquitetura?

Então, o que aconteceu foi que no último ano, que foi o ano em que eu me dediquei para estudar pro vestibular, eu fiquei meio em crise se eu queria mesmo ou não, meio que a fase que todo mundo passa. Aí eu acabei olhando tanto a grade de Arquitetura quanto de Design e fiquei muito em dúvida, e na época eu podia prestar o SISU, que era só pra estudantes de escola pública, sem ampla concorrência, e eu decidi por prestar Design no SISU e arquitetura pela Fuvest, aí eu não passei nem na primeira fase da Fuvest, então fiquei mais focada no SISU mesmo. Aí sobre o SISU, pra ser sincera minha nota era bem baixa pros dois cursos, mas acabou que eu consegui passar em Design e eu decidi fazer. Meu foco era seguir em Design mas confesso que eu não gostei, então fui pra Arquitetura.

Você fez prova de transferência interna?

Isso, mas não foi bem uma prova, na época era só eu chegar na sessão de alunos e falar que eu queria trocar de curso, eles tinham uma semana mais ou menos específica pra isso. Então eu cheguei lá, levei meu histórico de curso e falei “Me muda de curso, por favor”, e eles mudaram. Foi bem simples.

Como foi o seu ensino médio e como você sente que te preparou pra faculdade?

Então eu fiz o ensino médio em escola pública, na verdade era uma ETEC, só que a minha ETEC não era boa. As pessoas geralmente pensam que ETEC é, e realmente, ETEC são as escolas públicas que recebem mais investimento, até porque tem

organização privada envolvida, só que a minha era meio largada. Era bem difícil porque eu só tinha aula do técnico basicamente, então ensino médio foi pra tirar diploma profissional de técnico, porque eu quase não tinha aula no ensino médio em si. Não tinha professor para dar algumas aulas, não tinha contratação, ou às vezes tinha contratação e os professores não apareciam. Então teve um ano que eu não tive aula de química e nem português, no outro ano eu não tive aula de matemática e biologia, e no outro ano eu não tive aula de geografia. Cada ano era defasagem em uma matéria que eu não tinha, e às vezes eles colocavam professores de outra matéria no lugar, ou às vezes eles falavam que era aula livre pra fazer coisa do técnico no laboratório, então era isso, tinha matéria que a gente não tinha, era muito caos. Então quando eu sai do ensino médio, eu prestei vestibular com minha turma inteira mas não tinha como, a gente não tinha muito dos conteúdos, então quando eu tirei um ano só pra estudar pro vestibular e fui fazer cursinho eu vi o quanto o negócio tava feio, porque eu não tinha conteúdos básicos principalmente de matérias de exatas, que acho que foi o que mais me dificultou. Então, o ensino médio para a preparação pro vestibular não foi nada, nada bom.

E como foi entrar na FAU?

Olha, nos primeiros meses, diria que nos primeiros anos, foi bem difícil porque eu sentia que os professores esperavam de mim uma bagagem que eu não tinha. Então às vezes eles comentavam sobre livros muito teóricos, artistas que eu não conhecia, e eu me sentia muito mal por não os conhecer. Era algo que eu pensava “Nossa, eu tinha que ter aprendido isso no ensino médio, e eu não aprendi”, e às vezes eu ficava me comparando muito com meus colegas que estiveram em um ensino médio melhor do que o meu, escolas melhores, tinham essa bagagem de ler livros mais clássicos. Eu lembro que até ter entrado na FAU eu nunca tinha lido livro específico, que os professores citavam em aulas, e eles citavam nas aulas como se fosse leitura básica, e eu ficava “Nossa, gente, o que é isso? Eu nunca li na vida”, e eu tinha vergonha de falar que eu não tinha lido, pensava “Nossa, é tão básico, eu deveria ter estudado antes de ter entrado na FAU”, com o tempo eu desencanei bastante disso, mas no primeiro ano, ano de caloura, foi muito difícil lidar com isso. Eu sentia que tinha uma bagagem que era esperada e eu não tinha, e às vezes eu tentava correr atrás pra ficar mais ou menos a par da turma, não deu muito certo mas foi meio isso, essa defasagem foi bem prejudicial.

Você não sente que eles estavam apresentando conteúdo mas esperando conteúdo?

Sim, a grande maioria, principalmente matérias de história. Coisas que eram dadas como o básico do básico, como “Vocês já sabem o que é uma coluna jônica”, e eu não sei o que era, e eu tinha vergonha de falar que eu não sabia o que era.

E quem se manifesta em sala de aula é quem sabe, né? Às vezes muita gente não sabe, mas fica quieto.

Exatamente, era essa a sensação que eu tinha, que tinha muita gente que respondia às perguntas dos professores e conversava com eles sobre os temas, e eu ficava “Nossa, eu quero participar da discussão também mas eu não entendo. Será que é só comigo isso?”, e depois eu fui ver que tinham alguns amigos meus que disseram que também vieram ETECs e escolas públicas, e tinham esse mesmo problema, e a gente entendeu que não era errado a gente falar que não sabia.

Aí vocês começaram a falar que não entendiam?

Sim, acho que depois, mais pro segundo ano, que a gente começou a entender isso, a gente começou a falar com mais frequência “Eu nunca vi isso na vida”, “Eu não sei o que é isso, você pode explicar um pouquinho mais?”, principalmente nessas aulas mais teóricas.

Você disse que depois você desencanaou dessa frustração, o que você acha que aconteceu pra desencanar?

Eu acho que foi mais depois de conversar com alguns colegas e entender que eles tinham a mesma frustração que eu, entender que estava todo mundo no mesmo barco. E ajudou encontrar alguns outros professores que tinham uma metodologia diferente, querer explicar, que também pareciam mais abertos a querer entender as dúvidas que a gente tinha, ou alguns colegas que ajudavam, e acho que essa foi uma das partes mais legais, que a gente se juntava em um grupão pra poder falar as dúvidas que a gente tinha das matérias e tal. Logo no primeiro ano a gente tinha um grupão de amigos, umas vinte e poucas pessoas, que a gente ia almoçar juntos, ficar no gramado, ficar no caramelo juntos, e esse grupo meio que ficou até hoje, e a gente usa pra poder estudar juntos e tirar dúvidas juntos. Então às vezes a gente fala um pro outro “Cara, não entendi o que aconteceu nessa matéria, não entendi o que o professor tá falando”, e se tem alguma pessoa, e geralmente tem porque como é um grupo grande cada um manja um pouquinho de cada área, é legal isso que todo mundo meio que se ajuda, então essa é a parte legal. Porque eu não senti, mas eu ouvi muita gente falando que na faculdade é cada um por si, e acho que na minha turma todo mundo se ajudava muito, se importava realmente, se você chegava em alguém e falar “Eu não entendi isso, você pode me ajudar?”, aí a pessoa realmente ajudava pra ir bem junto com você na matéria. Isso ajuda muito, e me ajudou a desencanar desse pensamento de “Não tô entendendo, não vou falar”, e aí eu comecei a falar e perguntar pros meus colegas.

E como vocês se juntaram nesse grupão?

Foi logo na semana dos bixos, a gente ficou juntos no grupo da gincana da atlética, a gente se juntou nesse grupo e ficou. Ficamos a tarde inteira juntos depois, e alguém falou “Passa o Whatsapp, vou fazer um grupo pra gente”, e esse grupo existe até hoje.

E isso que você tinha dito sobre a exigência de uma bagagem prévia ao curso, como foi no departamento de projeto e tecnologia?

Então, eu acho que AUT foi um pouco mais tranquilo porque como eu tinha feito técnico em edificações, que tinha o enfoque na parte prática da construção, esses conteúdos que eram dados em Construção eu já tinha visto na prática porque a gente tinha que mexer com o canteiro logo no ensino médio, e aí pra mim foi mais fácil de pegar esses conteúdos, e até de ajudar meus colegas que não entendiam muito dessa parte.

AUH foi mais complicado, apesar de eu gostar muito, as matérias de AUH apesar dessa dificuldade eu acho que são as minhas preferidas, foi mais difícil de pegar mesmo. Por conta dos teóricos que eu não conhecia, a carga de leitura que eu não estava acostumada.

AUP foi a mais difícil de lidar se eu for pensar no meu primeiro ano. Foi o caos, foi difícil, eu sentia que eu não tava aprendendo nada, foi uma incógnita pra mim no primeiro ano. Primeiro acho que eu peguei um professor que não estava lá para ajudar a gente, foi bem complicado porque às vezes ele não vinha, e quando ele vinha ele dava desculpas para não saber do conteúdo, mas os veteranos diziam que ele era assim mesmo. E aí eu tinha que perguntar pros outros professores, mas eles davam prioridade pra própria mesa, então era difícil. E aí eu sinto que não aprendi muito, acho que a minha mesa se ajudou bastante, como a gente ficava lá a tarde inteira, a gente ajudava um ao outro fazer maquete mas eu tinha muita dúvida de como fazer os desenhos, do que eles estavam esperando da gente em relação ao projeto, acho que as críticas deles eram muito duras pra quem tava acabando de começar um curso de arquitetura. Um negócio que eu não esqueço foi um exercício que eles passaram pra gente e eu lembro que não sabia o que fazer, eu lia a explicação do exercício e não entendia, e eu tentava falar com os professores e eles falavam “Tá legal isso daí que você tá fazendo, mas procura outras referências”, e eu ficava pensando “Onde é que eu vou achar?”, e daí a gente meio que acabou fazendo, a gente teve que se dividir e foi se ajudando e tal, e aí eu lembro que quando a gente foi apresentar os professores esculacharam a gente, foi um negócio de doido, eu tive colega que saiu chorando. “Como é que vocês entregam um negócio desses?”, “Não tá combinando”, “Vocês viram o projeto dele, e como vocês vão entregar isso?”, e eu nunca tinha visto aquele projeto antes de começar o exercício, eu não sabia o que era aquilo, eu acho que isso foi um trauma particular na graduação. Foi bem, bem complicado, e acabou gerando uma trava, eu olhei pra aquilo eu falei “Eu nunca mais vou tentar projeto de móveis na minha vida, nunca mais”, foi bem difícil. Teve esse e o exercício seguinte, foi bem caótico porque meio que não tinha ninguém pra falar pra gente como é que se fazia uma projeto de pavilhão, e eles ficavam nessa pira de “Essa matéria é pra vocês experimentarem”, tipo, pode entregar qualquer coisa mas não pode entregar qualquer coisa, eu chegava às vezes com um projeto onde eu tinha feito a planta, ia começar a

maquete e eu falava com o professor e ele dizia “Não gostei, faz de novo”, e eu não sabia o que fazer, foi caótico porque eu não sabia o que fazer. Era essa metodologia de vocês podem experimentar, mas tem que fazer o que a gente quer.

Por mais que você não tenha aprendido com os professores, você acha que você aprendeu alguma coisa fazendo e tendo que se virar?

Olha, eu acho que nessa matéria eu acabei aprendendo mais as coisas práticas, coisas práticas eu digo fazer maquete, como entregar um desenho técnico bom e esse tipo de coisa. Acho que eu acabei aprendendo na mara essas coisas, e conversando com o pessoal da minha mesa, era assim, a gente abria o google e procurava no google o que a gente tinha que fazer, pra poder procurar experiência, ficava falando com os outros e ficava a tarde inteira fazendo até todo mundo terminar juntos, e aí entregar pro professor. Foram coisas mais práticas. Dizem que essa matéria é introdutória a todos os campos de projeto da FAU, mas eu não senti essa introdução. Foi muito caótico.

Quais temas mais te interessavam quando você entrou? E hoje em dia?

Quando eu entrei em Arquitetura eu me interessava bastante por projeto e eu era bem interessada em habitação social, e eu também gostava de planejamento urbano mas não era tanto, só que aí no meio do caminho eu fiquei apaixonada por planejamento. E aí uma coisa que eu gostei muito, que eu acabei me envolvendo nisso e é minha área de pesquisa hoje, é arquitetura indígena. Então eu acabei vendo em uma aula de uma professora que passou algumas coisas de arquitetura indígena pra gente e eu fiquei apaixonada por isso, e decidi que queria ir atrás disso.

O que você acha que aconteceu pra você se afastar de projeto de edificação? E para você se aproximar de planejamento urbano e arquitetura indígena?

Eu me afastei muito de projeto porque eu fiquei com muito trauma da experiência que eu tive no primeiro semestre, eu fiquei muito “Não sei projetar, não vou seguir pra isso”, e isso acabou me desanimando muito nos próximos semestres que vieram e até hoje eu não sei se é uma trava minha ou se eu realmente não gosto disso pra ser sincera, mas não é uma matéria que me anima, não é algo que eu gosto, eu não vejo muito graça. Agora, eu não sei se é por conta do que eu passei, mas mesmo fazendo depois eu não me animei muito enquanto eu tava fazendo, não é algo que eu olhava e brilhava o olho.

Mas planejamento urbano eu gostei muito principalmente por conta da parte prática, de poder estudar áreas e fazer propostas e ter essa articulação com a parte da história de como um bairro está se formando e as mudanças que estão sendo feitas hoje em dia, e o que você pode fazer em cima disso, eu achei tudo muito

legal. Todas as coisas que permeiam a área davam muita vontade de olhar, fazer e pensar “Nossa, eu quero fazer isso pro resto da vida”.

E a parte de arquitetura indígena acabou surgindo de uma motivação pessoal minha porque a parte materna da minha família é indígena, minha mãe e avó são, então eu cresci nessa cultura, e eu moro com a minha avó desde sempre. E a minha avó sempre teve essa parte da cultura, principalmente culinária, medicina e as histórias que ela conta. Acho que no primeiro semestre parte das aulas me incomodavam porque a gente não via arquitetura indígena e nem mesmo brasileira, a gente via muita arquitetura clássica e eu não via nome de pessoas indígenas ou negras sendo mencionadas nas aulas, fora essa aula da professora que mencionou e me deixou bem animada. E aí eu comecei a pensar “Nossa, por que será que a gente não estuda isso?”, e aí no meio do caminho eu encontrei a minha orientadora da iniciação científica que eu faço hoje em dia. E acho que isso que me motivou muito, acabei conhecendo ela, assistindo as aulas e vendo a linha de pesquisa, aí acabou juntando tudo, o que eu vi em casa junto com as minhas motivações pessoais e o que eu via na sala de aula.

E em que momentos da graduação você sente que mais aprendeu sobre Arquitetura e Urbanismo? E o que você acha que motivou esse aprendizado?

Acho que essa parte do meu interesse em fazer a pesquisa foi onde eu mais aprendi, porque eu acabei pesquisando muita coisa por conta própria. Agora, se eu fosse pegar um momento das aulas em que eu mais aprendi... Meio difícil mas acho que talvez as aulas de Planejamento Urbano, é que foi meio caótico porque foi bem na época da pandemia. Mas os momentos em que eu mais aprendi eu diria que foram fora de aula, principalmente fazendo a pesquisa e com amigos, seja conversando ou fazendo pesquisa juntos.

Como é isso de pesquisa juntos?

Tem o grupo de pesquisa, então a gente conversa bastante juntos, e depois a gente acabou criando um coletivo que não vingou e meio que morreu, mas era pra a gente estudar arquiteturas que não fossem européias, basicamente. Então a gente trazia referências tanto de arquitetura indígena, arquitetura árabe, esse tipo de coisa, a gente aprendia juntos meio que em um grupo de amigos, meio que fazia pesquisa juntos. Não era muito institucional e não chega a ser iniciação científica, mas a gente pesquisa coisas juntas para poder compartilhar um com os outros.

E como era essa dinâmica?

A gente fazia encontros semanais, pegava textos, documentários ou vídeos no youtube, alguma coisa assim, e a gente organizava o que a gente teria que ver e ler até o encontro da semana, e fazíamos uma vídeo chamada para trocar impressões. E eram coisas bem simples, não era muito essa parte erudita da academia, era algo

bem simples, a gente literalmente trazia as nossas impressões e falava “Gostei desse texto”, “Não gostei desse texto e discordo de tudo o que esse autor falou”, e era bem pessoal, porque estava todo mundo junto, todo mundo no mesmo patamar, todo mundo aluno querendo aprender junto. Acabou se desfazendo porque todo mundo ficou sem tempo no meio do caminho e a gente não achou uma nova data para fazer mais encontros, mas era bem legal.

E mesmo não sendo essa coisa “acadêmica-crudita” você acha que foi um dos momentos em que você mais aprendeu.

Sim, acho que sim, porque foi nisso que eu descobri algumas referências novas, eu não conhecia arquitetura árabe, por exemplo, até um amigo levar o texto, ou uma outra amiga que levou textos e referências de arquitetura africana, de Moçambique. Acho que eu aprendi muito com isso. Eu acho que às vezes na aula fica meio aquela pressão de que você está sendo testado ou avaliado, não sei se é só uma pira minha mas eu tenho esse sentimento de que não posso falar certas coisas porque se eu falar ou discordar do professor ele vai me julgar pra sempre porque eu falei que o teórico que ele indicou não é bom, eu tenho medo de falar esse tipo de coisa em aula às vezes. Mas, então, eu nunca tinha visto essas referências que apareceram nesse grupo de estudos, não foram referências que foram dadas em aula e eu não sei o porquê, porque são referências muito boas. E talvez tenha esse negócio das matérias de história, que são matérias que eu gosto muito apesar da dificuldade que eu tive com os textos, que citavam referências em aula mas depois você tinha que correr atrás, não traziam referências novas. Agora, os clássicos que são dados são bons, é óbvio, porque eles são clássicos e a gente tem que ler, mas às vezes trazer umas referências que fujam desse eixo da Europa, ou do que a gente entende por arquitetura clássica, acho que isso pode ser importante.

E como era sua dificuldade com a leitura de textos?

No começo eu tinha essa dificuldade de “Eu preciso saber isso porque todo mundo sabe”, mas mesmo assim eu ia pegar o texto e eu não entendi muito da linguagem. Agora, eu não sei porque depois de entrar no ensino médio eu apresentei alguns índices de déficit de atenção, mas então eu não sei o quanto isso impactou durante a leitura. Mas eu tinha muita dificuldade em ler e entender a linguagem desses textos que é muito particular. E o que acabou me relaxando muito foi o fato que muitos amigos meus também não entendiam. Tem alguns textos que eu tenho marcado que foram textos dados em aulas que eu falo “Nossa, esse foi um dos primeiros textos acadêmicos que eu consegui ler e entender tudo”, mas a maioria eu pegava pra ler e era muito difícil de entender, e eu ficava pensando “Esse texto é difícil de ler mesmo ou sou eu que tenho uma dificuldade de entender?”, acabou gerando isso em mim também.

E hoje em dia como é que está?

Vou dizer pra você que ainda tá difícil, acho que eu não me acostumei muito com a linguagem acadêmica. Tem alguns textos que eu tenho mais facilidade de ler do que outros, mas tem outros que são bem difíceis de ler, conseguir entender mesmo. Eu lembro que teve uma matéria que foi muito difícil pra mim, eu fiz com um professor que eu gostei muito, muito mesmo, foi uma das matérias que eu mais gostei, mas eu não aproveitei porque eu não entendia muito os textos que eram dados. Às vezes eu não conseguia ler o texto porque eu não estava entendendo, então eu ficava na aula boiando, e correr atrás depois e tirar dúvidas com ele depois da aula pra poder entender, mas o legal é que ele é muito aberto às dúvidas e é isso que eu gostava nas aulas dele. Mas eu lembro que ele passou um texto que eu acho que fiquei uma hora tentando ler a primeira página, eu lia e eu falava “Eu não entendi, vou ler de novo”, aí eu lia uma segunda vez e não entendia de novo, e lia, lia, lia, e não entendi, e até hoje alguns textos desse mesmo estilo eu pego pra ler e não consigo entender. Eu realmente não sei o que acontece pra ser sincera. Mas é difícil, porque eu realmente gosto de ler, principalmente texto acadêmico, mas eu percebi que tem certos textos que eu consigo, certos textos que eu não consigo. Os que eu consigo, eu consigo realmente, mas os que eu não consigo eu não consigo passar da primeira página.

Agora, curioso porque você disse que é uma disciplina em que você aprendeu muito, mas que também você não entendeu muita coisa. O que te fez gostar dela?

Não foi nem um pouco fácil, inclusive é uma matéria que eu não fui bem, acho que foi uma das piores notas que eu tive na FAU, mas é uma matéria que eu gosto muito porque os temas que eram dados em aula foram muito legais, e a discussão que era dada em aula era muito proveitosa também, porque apesar de eu ter essa dificuldade de não o que os textos falavam, tinha isso de ter um momento em que o professor explicava o contexto e a tese do texto, e ele abria pra a gente poder discutir, então mesmo que eu não entrasse na discussão porque eu olhava e falava “Não vou entrar porque eu não entendi”, às vezes ver os meus colegas discutindo também me ajudava a entender, às vezes ver a discussão me motivava um pouco, “Nossa, que legal o que está rolando”.

E como foi sua percepção da competitividade entre os alunos?

Olha, vou te dizer que não tive muita experiência de competição na FAU, mas eu acho que é porque a minha turma foi meio excepcional. Acho que a turma que veio antes de mim foi uma das mais competitivas que tinha, e eu lembro que os veteranos falavam isso muito, e acho que justamente por a gente acabar ouvindo que teria muita competição, a gente acabava se ajudando. Acho que no começo a gente tinha mais receio, não de falar “Eu preciso ser melhor do que fulano”, mas era de ver o que meu amigo fazia e pensar “Nossa, eu não sou tão boa quanto isso”, “Não sei o que ele tá falando”, “Não li o que ele leu”, “Será que eu sou merecedora

de estar aqui também porque eu não sei essas coisas?”, mas acho que isso era só nos primeiros meses, em que a gente não se conhecia muito bem, e era aquela coisa nova de estar na faculdade, mas não demorou muito pra todo mundo começar a se ajudar e fazer esses grupos de estudo.

Como foi sua experiência com projeto de edifícios?

Foi meio difícil porque eu peguei minha primeira disciplina de projeto e veio a pandemia, foi muito caótico porque foi tudo a distância e no primeiro semestre a gente ainda teve oportunidade de fazer visita, porque foi logo atrás da USP, então eles levaram a gente pra fazer visita, mas acho que não poder fazer as coisas presencialmente prejudicou muito. No primeiro projeto foi um pouco mais tranquilo porque eu peguei um grupo bom, e fiz grupo com veteranas minhas, não com gente da minha turma, então eu aprendi muito com elas porque elas sabiam um pouco mais, estavam em um nível um pouco melhor, peguei um professor que também ajudou muito, ele sempre foi muito de boa e trazia referências, mas foi caótico porque o programa da matéria em si esperava muita coisa da gente, e não o professor em si, então a última fase foi muito caótica porque a gente tinha que fazer mil desenhos, fazer 3D pra poder entregar uma prancha bonita, fazer uma prancha bonita, acho que essa parte de produzir foi muito caótica. A parte do projeto foi difícil para encontrar referência, mas o professor ajudou bastante nisso. Agora, tinha dia que eu tinha que virar pra entregar as coisas, e foi as três virando, então mesmo trabalhando todos os dias a gente não conseguia fazer tudo o que precisava para a entrega.

Agora, esse primeiro foi melhor do que o segundo, o segundo foi difícil. Eu peguei um grupo bom mas a metodologia deles foi diferente dessa vez, eles deixaram tudo aberto, a gente podia fazer no terreno que a gente quisesse, onde a gente quisesse, teve colega meu que fez projeto na Austrália, por exemplo. E por um lado isso foi bom porque a gente pode fugir de São Paulo e de perto da USP, e o meu grupo fez no Pará, mas por outro lado foi caos porque foi muito difícil entrar em contato com as pessoas que moravam lá, mas não era só isso, a professora que a gente pegou não entendia nada de referência indígena e foi um sentimento não só meu, mas das outras pessoas que estavam no meu grupo, que a gente era deixada de lado nos atendimentos. Então sempre que a gente aparecia nos atendimentos ela olhava e falava “Ah, tá bom”, “Ah, tá legal”, “Vocês não tem referência pra mostrar o que vocês querem fazer?”, e isso desmotivou a gente a ponto de a gente deixar de ir nos atendimentos porque a gente se perguntava do que ia adiantar ir nos atendimentos se ela não apresentava nada de novo pra gente e nem ajudava, e se a gente estava procurando referências sozinhas, então o tempo do atendimento era um tempo que a gente poderia estar trabalhando. E foi muito difícil porque a gente não teve guia de representação para poder fazer desenho, 3D e tal, a gente teve que fazer tudo nas coxas, a gente fez o que deu pra fazer e a gente foi cobrado disso no dia da apresentação, a professora cobrou isso da gente e deu uma nota ruim, a gente ficou

bem chateada porque nos esforçamos bastante e fizemos tudo o que dava pra fazer com as dificuldades que tivemos, mas a gente não teve uma ajuda expressiva durante a matéria, a gente fez tudo sozinhas e não tivemos um resultado que foi satisfatório para a nota depois. Foi um projeto que a gente gostou de fazer porque foi diferente, e no fim foi uma coisa que a gente fez só pra ganho pessoal, mas a experiência da matéria em si foi horrível.

Coisas que você acha que a FAU deveria ser diferente?

Traz referências que sejam fora desse eixo da arquitetura que a gente está acostumado a estudar, faz toda a diferença para a gente ter visão de outras percepções do mundo, fora dessa arquitetura clássica que a gente sempre estuda. E eu acho que isso está mudando, os professores estão sabendo aceitar mais as referências que os alunos trazem, não sendo as referências eruditas de sempre, e eu acho que isso está indo em um bom caminho e se continuar temos só a ganhar. Porque tem alunos que trazem referências muito boas, que não são as de sempre e que talvez sejam referências que os próprios professores não conhecem, e isso ajuda bastante pra todo mundo aprender junto. Acho que é isso, essa coisa das referências é o que mais pega pra mim.

Tanto em termos de motivação quanto desmotivação.

Sim, exato.

Algum conselho?

Não se cobrar tanto, no começo eu queria saber de tudo, queria correr atrás de tudo, se eu não sabia de alguma coisa eu ficava devastada porque eu não sabia.

E por que você se cobrava tanto?

Eu acho que tinha muito disso de ver os colegas sabendo e eu não saber, nos primeiros meses eu tinha isso de “Isso eu não sei, eu não deveria estar aqui” ou “Eu deveria saber para estar a par de todo mundo”, mas com o tempo eu fui aprendendo que cada um tem as suas próprias referências, a sua própria bagagem e não te faz melhor ou pior que os outros, cada aluno é diferente, cada aluno sabe de uma coisa diferente, e não precisamos ficar cobrando pra saber de tudo, ser bom em todas as matérias, tipo, tá tudo bem você não saber das coisas, você pode aprender depois.

E como foi ser de uma turma pós a retirada da prova específica?

Na arquitetura tinham alguns professores que faziam comentários como “Nossa, se você estivesse na prova de habilidades específicas e você aparecesse com esse desenho eu te daria zero”, ou vinha um professor e falava “Como assim você não sabe desenhar?” ou “Como assim você não sabe tal referência?”, ou ouvir

professores comentando que as turmas antigas eram melhores porque vinham com essa bagagem antes, e agora eles tinham que ficar explicando tudo esmiuçado.

E você também ouviu comentários positivos quanto ao fim da prova?

Sim, acho que principalmente dos professores de AUH, eles foram bem positivos quanto a essa mudança, talvez porque eles sejam os mais abertos a essas referências diferentes e de ouvir diferentes histórias de vida mesmo, de gente que veio de escola pública e não fez a prova de habilidades específicas.

ENTREVISTA 5 - T72

Bom, pra começar eu gostaria de saber como foi sua decisão de prestar vestibular, e que motivos levaram você a escolher especificamente Arquitetura.

Então, eu não fiz FUVEST e nem cogitei essa opção. Eu acho que eu vim de uma família que é bem diferente do que tem mais na FAU. Então minha família praticamente não fez faculdade, então eu nem imaginei que teria tido a opção da USP, sinceramente. Ai eu só fiz o Enem, joguei todas as minhas chances ali. Na verdade, eu pensava em fazer Mackenzie com bolsa integral, que foi o caso da minha irmã mais velha, que fez Direito com a bolsa integral do ProUni, aí eu falei “É uma opção”. Agora o porquê da arquitetura, juntava algumas coisas que eu gostava e alguma facilidade, do tipo, desenhar, e decoração no geral eu gostava, e era algo que teria retorno financeiro, que é importante, né. Então pensei em fazer Letras mas não fiz porque pensei “Puts, não ganha tão bem”.

E como foi sua transição do ensino médio para a faculdade? Você fez cursinho para prestar o Enem?

Então, eu não tinha essa opção de ficar um ano só fazendo cursinho, eu não tinha porque meus pais são separados e então eu perderia a pensão. Se eu não passasse direto teria uma chance maior de perder esse recebimento da pensão, então não era uma opção, a gente teria que passar direto, eu e as minhas irmãs. Ai o que eu fiz foi fazer cursinho online e um cursinho comunitário da cidade, que eu sou de Atibaia, e eu fazia no sábado e no domingo.

E como você sentiu o começo do curso de arquitetura? O quão diferente era do ensino médio que você fez, por exemplo? O quão preparada você sente que você entrou?

Então, eu fiz ETEC integrado ao ensino médio. Aí eu fiz o técnico em administração, então de manhã eu tinha as aulas do ensino médio, e a tarde as aulas de administração. Então pelo menos essa questão de ficar o dia inteiro estudando eu já estava acostumada, mas lógico que não era o mesmo ritmo. Era uma faculdade pública então era muito mais tranquilo, mas pelo menos essa questão de ficar o dia inteiro fora eu já estava mais acostumada. Mas, nossa, eu senti uma diferença gritante. Agora eu já tô mais acostumada com isso, mas eu sentia que as pessoas tinham muito mais esse hábito de ficar fazendo mil trabalhos, e ficar fazendo tudo muito bem feito, e não era isso que eu tinha na ETEC, era tudo mais tranquilo, não precisava ser tão dedicado e nem tão profundo como a gente faz na FAU. Então quando eu entrei eu senti essa diferença, tanto que tinha umas questões com grupo de trabalho, porque às vezes era uma pessoa que veio de uma escola muito boa, acho que mais preparada, e não que eu tivesse menos capacidade que ela, era só

uma questão que eu não tinha costume, tanto é que hoje eu estou mais acostumada com esse ritmo. Então dava essas questões de eu fazer o trabalho mais meia boca e a pessoa pegava e refazia tudo. Ai no começo eu fiquei bem irritada, eu falava “Nossa, esse povo é muito frito, que ódio”, mas foi um dos primeiros trabalhos. Depois disso eu acordei e falei “Não, eu não vou fazer tudo mal feito para os outros refazerem, até porque eu não sou tonta”. Então eu fui pegando o ritmo, acho que hoje estou mais tranquila, mas no começo era bem assim. É muito diferente, acho que o pessoal que vem de outras escolas melhores estão muito mais acostumados a serem exigidos tanto quanto eles são. Até as matérias da POLI, nossa, eu ficava chocada com o tanto que as pessoas estavam acostumadas a estudar, tantas horas, se dedicar daquele jeito. Eu ficava chocada com aquilo.

E como foi pra se enturmar na FAU?

Olha, meus amigos são todos SISUers. Eu não tenho muitos amigos assim [que não vieram do SISU]... Mas assim, não por uma questão de separar, é só que é uma questão de jeito. Por exemplo, quando eu entrei era muito caro morar em São Paulo, ainda mais pra mim que nunca morei aqui, aí quando eu entrei era bandeirão e pronto. Mas eu ficava em grupinho que eram de pessoas que tinham mais dinheiro comparado comigo e com meus amigos de hoje em dia, aí pra almoçar era no restaurante da FAU, no restaurante da FEA, que pra mim é caríssimo. Esse tipo de coisa. (...) Teve uma treta com uma professora até, ela me questionava e eu ficava me sentindo uma burra, só que isso eles fazem com todo mundo, eu fui percebendo que é do professor, mas eu me sentia particularmente muito burra quando esses professores falavam com a gente. A gente tinha que fazer um projeto em um terreno todo irregular, tem uns chanfros e tal, e foi justamente isso que ela falou “Tira esse chanfro porque...”, só que eu não sabia o que era chanfro e eu fiquei com um ponto de interrogação, ela percebeu e deu uma humilhada, uma exagerada ali, “Você não sabe o que é chanfro?!”. Quando eu entrei eu achava que a gente tinha que saber muita coisa que só quem é filho de arquiteto vai saber, quem já conhece a área, e eu não conhecia nada de arquitetura. Vou ser bem sincera, eu era bem ignorante, não sabia quem era Paulo Mendes, agora Oscar Niemeyer eu sabia porque ele teve muita propaganda, mas eu não sabia nada, nada. Mas agora, quando a gente entra eles acham que você deveria saber, mas eu acho que isso vem de gente que já é filho de arquiteto ou que vem de uma elite.

Outra coisa, você fez o técnico em administração, mas como foi pra decidir por arquitetura no vestibular?

Poucas pessoas da minha sala fizeram administração como faculdade. Na realidade, eu entrei em administração porque era uma das poucas opções, tinha administração, eventos ou informática. Não tinha tanta opção. Se tivesse talvez design de interiores ou técnico em edificações talvez eu teria entrado.

E por onde você entrou em contato com arquitetura, interiores, por exemplo?

Do it yourself, sabe aquelas estantezinhas de caixote, por exemplo? Decoração baixo custo. Pelo youtube.

Voltando, você disse que hoje em dia todos os seus amigos são do SISU, mas antes você andava com outro grupo?

Então, é que deu algumas tretas. Algumas diferenças de classe mesmo, mas não só isso. É que eu acho que é difícil entender, né... Quando eu estava na ETEC tinham amigos que eram muito mais pobres do que eu, aí é difícil de entender quando você quer sair com a pessoa e ela fala que não tem dinheiro. Mas foram três anos e eu acabei acostumando, então não é que ela não queria porque era birra dela, é porque ela realmente não tinha. Ai não sei, pode ter tido um pouco disso, das pessoas não entenderem. Hoje é um pouco diferente, eu tenho auxílio, faço PUB, então é um pouco diferente, mas no começo não.

E quando você entrou você já sabia quem tinha entrado via SISU?

Não, eu nem sabia quem eram os SISUers, mas acho que é o jeito, sabe? Não sei explicar. Em conversa você vai percebendo a pessoa que é mais simples, assim. Acho que é muito natural. Você vai percebendo por exemplo quando a pessoa fala “Vou viajar pra Europa esse fim de ano”, sabe assim?

Você disse que essa questão de classe permeou bastante a sua relação com colegas, agora, como você sente que é isso com os professores?

Eu sinto que é mais tranquilo. Por exemplo, tem essa discussão de se todo mundo precisa saber espanhol para ler os textos em espanhol, mas não, não tem que saber. Acho que tem uma pressão muito grande dos estudantes, e apesar de os estudantes serem... É que eu não acho que é intencional, a pessoa que tem isso de “Vamos almoçar na FEA?” e exclui a pessoa que não tem dinheiro pra comer, não acho que é intencional isso, acho que é sem perceber. Mas aí na hora que precisa desses estudantes para pressionar professores que estão pedindo coisa sem noção do tipo “Faz uma maquete no EaD, se vira pra comprar triplex”, os próprios estudantes, e mesmo os que não são muito pobres, eles vão e falam “Ninguém é obrigado a saber inglês, ninguém é obrigado a saber espanhol”. E aí por conta dessa pressão eles acabam dando uma segurada. Pelo menos pessoalmente foi assim. Mas é lógico que tiveram vezes em que tivemos que gastar horrores com material.

Quando você entrou na FAU você disse que se interessava por decoração, e hoje em dia, como estão seus interesses?

Eu estou na FAU Jr., e eu peguei um projeto em que a gente tinha que fazer o interior de uma cozinha de um casal, foi bem interessante mas eu não sei se é isso que eu quero seguir pelo resto da minha carreira. Porque antes de entrar na faculdade eu achava que a arquitetura era fazer casa pra gente rica, só que aí

quando eu entrei eu percebi que não, é muito mais amplo, tem coisa muito mais interessante que fazer casa de luxo. Então, urbanismo eu achei demais, achei incrível. E eu faço coisas com um professor de arquitetura pública, então eu considero fazer um concurso, trabalhar talvez na prefeitura de São Paulo, uma coisa assim. Mas ainda não decidi não, muita coisa.

Conta da sua relação com AUP, AUH e AUT.

Ai, AUH eu tenho um pouco de preguiça. Não sei, tenho preguiça, mas, assim, é importantíssimo só que na minha cabeça eu tenho dificuldade de ficar entendendo a história de cada coisa e como cada arquiteto pensou em seu tempo, e blábláblá. AUP eu acho interessante porque a gente coloca em prática muita coisa, mas eu não gosto muito da parte de design, eu gosto mais da parte de projeto mesmo. AUT eu acho muito legal essa parte da obra. AUP a parte de planurb, também achei o máximo, fiz com uma professora, e nossa, muito legal. Mas é, não gosto muito de design, design gráfico ou de objeto, tenho um pouco de preguiça, eu acho muito... Tipo, tem que ter uma brisinha. Eu gosto de coisa mais pé no chão, sabe?

Em que momentos você sente que mais aprendeu? E o que você acha que motivou esse aprendizado?

Acho que toda vez que eu tenho que ir atrás das coisas rende muito mais, do que ficar passivamente recebendo a informação. No primeiro ano eu fiz PUB, então é pesquisa, é sempre uma coisa mais ativa, você vai atrás da informação, aí você tem curiosidade por um assunto e se aprofunda mais naquilo. Acho que esses momentos. Então, a IC, na Jr., em que a gente também precisa ficar indo atrás das coisas, e acho que estou aprendendo muito. Nossa, visita também, eu acho que aprendo demais, indo no lugar e os professores apontando as coisas, eu acho isso muito muito rico. Acho que nessas situações em que não é tanto o professor dono da razão.

Como você entrou na FAU Jr.?

Eu entrei nesse ano, e acho que eles têm processo seletivo todo ano. Aí eu entrei e estou no departamento comercial, que é onde a gente entra em contato com o cliente, faz uma proposta. É tipo vendas, a gente tem que ficar jogando a gente lá em cima pro cara falar “Nossa, esse cara é bom e o preço dele tá barato. Eu vou contratar”. Acho que isso tem bastante a ver com a minha mãe, ela é vendedora, e ela sempre fala dessas coisas. Aí quando eu vi o departamento eu vi e falei “Puts, vou ter que entrar nesse”. E por ter feito administração também, o curso que eu fiz tinha muito de marketing, assim, essas coisas mais empresariais.

Você sente que em outros momentos você está usando os conhecimentos do técnico em administração?

Quando eu entrei eu percebi que o TCC que eu fiz pra adm, eu usava na PUB, na pesquisa. Então essa coisa de fundamentação teórica, botar tudo na ABNT, pipipi, pópópó, percebi que tinha facilidade nisso. Acho que é isso, não to lembrando mais, mas deve ter porque adm tem essa parte de organização, mas acho que é mais agora na Jr..

Voltando ao AUH, você não tem interesse ou você acha difícil?

Eu não sei sinceramente, eu tenho em ver com meu terapeuta se eu não tenho déficit de atenção, porque ficar muito tempo parado, só escutando... Porque AUH é menos prático, né, você faz até a resenha e tal, mas é muito mais passivo, de ficar só prestando atenção em alguém te explicando. Aí na maioria das vezes eu não consegui prestar atenção não, eu ficava no celular, não conseguia prestar atenção. Os textos também tinham uma complexidade muito grande. Mas acho que mais por ser muito passivo do que por qualquer outra coisa. Mas agora que você falou, teve uma matéria de AUH que eu achei legal, porque não era só história da arte ou da arquitetura, tem a ver com urbanismo. Isso eu achei muito mais interessante do que estudar arquitetura grega, sei lá, isso eu tenho preguiça. Eram aulas muito teóricas mas eu acho que se aplicava mais no dia a dia, dava pra entender coisas mais da vida, mais da minha realidade, talvez.

E como foi o seu caminho nas disciplinas de projeto?

Eu fiz três no EaD, né. Eu não tenho muito como comparar do presencial com o online, mas assim, eu gostei. Eu fiz sempre com equipes que eu conheço muito, que são meus amigos mais próximos. Então a gente não teve muita dificuldade, ou no começo sim, mas depois a comunicação foi se adequando, a gente conseguiu expressar o que a gente tava pensando. A gente até desenvolveu um jeito nosso que a gente fica brincando “Nossa, quando a gente voltar no presencial a gente não vai ter o Miro”. Talvez o lado bom de ser no EaD, que quando você ouve aqueles xingos, você não necessariamente tá com a câmera ligada, tipo, f***, se o cara tá falando um monte de m**** você pode só desligar a câmera e ignorar. Mas no presencial você tem que ficar com aquela cara, sabe.

E como foi especificamente cada uma das disciplinas?

Em uma delas eu fiz com um professor que tinha uma formação mais em artes, então ele queria umas coisas que eram meio brisa, mais artística, que pra mim e pros meus amigos era muito fora da realidade. Mas foi tranquilo com ele, só que é isso, não aprendemos muito não. E na disciplina seguinte foi a mesma coisa, um professor mais tranquilo, tudo o que a gente fazia ele achava que tava bom.

Sobre os esculachos dos professores, te afeta ou você sabe lidar?

No começo sim, eu ficava bem abalada com isso. Só que eu fui entendendo que no fim eles ensinam muito mais do que alguns que... Lógico que não necessariamente, tem professores ótimos, super gentis, que ensinam pra caramba. Mas se eu tiver que escolher entre um professor que é mais chato, fica dando umas críticas meio grosseiras mas aprende mais, eu prefiro aprender mais, do que “Tá tudo bom, tá tudo ótimo”. Eu não quero que você me fale que tá tudo bom, eu quero aprender. Hoje eu já tô mais acostumada, por exemplo, hoje eu tô fazendo um projeto com um professor que disse que meu projeto tá meia boca, na frente de um monte de gente, aí eu olhei pra cara dele e falei “Não ficou meia boca”. Ele nem viu o projeto e fica falando besteira. Tipo, antes eu ficaria muito chateada, do tipo “Nossa, esse professor quer acabar comigo”, hoje eu fico nem ligo, ele nem sabe o que tá falando. Mas eu gosto dele, nem por isso eu acho ele escroto, sabe?

E tem algum momento em que você travou com algum trabalho?

Acho que sim, quando dá muito cansaço eu dou uma segurada. Tipo burnout mesmo. Limite, assim. Eu acho que eu to um pouco nisso agora, eu coloquei muita coisa pra eu fazer, eu subestimei o que eu já tava inscrita ou comprometida. Porque dá pra acelerar a aula, essas coisas...

Sobre a pandemia, especificamente, o que você acha que se perdeu e que coisas você acha que são interessantes pra quando voltar o presencial?

Acho que as matérias da POLI são muito melhor online porque você consegue voltar, assistir mil vezes se você quiser. E pra mim, nossa, eu economizei muito dinheiro do que se eu estivesse em São Paulo. Tipo, quebrei meu celular e consegui comprar outro sem ficar muito pesado. Economiza tempo também, muito tempo gasto em ônibus, locomoção. Eu levava uma hora, tipo, nem é tanto, mas eu achava muito, porque cansada e ainda mais uma hora pra chegar em casa. Acho que essas coisas assim. Mas eu tenho uma amiga que morava em Diadema e levava umas três horas, era terrível, ela chorava no ônibus de tanto trânsito.

De que forma você acha que a FAU poderia ser diferente?

Acho que isso que eu falei da FAU ser muito passiva e diminuir a carga, nossa, a carga horária é muito exagerada. E, nossa, tinha que mudar isso pra ontem, mas a representação, não tem mais a prova de habilidades específicas, e mesmo quando tinha, acho que quem fazia não sabia ABNT da representação. Acho que a gente tem duas matérias de representação e nenhuma delas é suficiente para aplicar em projeto, mas acho que uma coisa que poderia mudar é isso. É muito essencial e não tem muito essa dedicação. E acho que tem pouco tempo pra estagiar, um semestre é muito pouco.

E tem algum conselho que você daria pra si mesma olhando pra trás?

Acho que eu teria dito pra mim que eu tenho capacidade, por mais que eu achava que eu não tinha, que eu era muito diferente. Eu acho que me acalmar sabe, falar “Fica tranquila que vai dar tudo certo”. No passado eu sentia muito isso de não ser capaz.

E quando você acha que isso mudou?

Acho que quando eu percebi que nunca seria igual, eu nunca teria o mesmo conhecimento do que alguém que estou em uma dessas escolas, vem de uma família de arquitetos. Quando eu vi que nunca ia ser igual mesmo e tudo bem. Eu não preciso saber a mesma coisa que as pessoas, porque na prática na FAU não existe isso de todo mundo saber as mesmas coisas, até se você faz uma matéria com professor diferente, você aprendeu coisas completamente diferentes. Entender que não seria tudo igual, e tudo bem.

E de entrada você achava que era diferente ou foi uma coisa que você foi vendo?

Logo no começo. A semana dos pelados, nossa, eu achei aquilo “Gente! O que tá acontecendo?”, e muita gente ficava de boa e eu ficava vermelha, morrendo de vergonha, rindo, nossa senhora. Ai eu fui entendendo que é o mundo das artes, conceito, sabe?

E você acha que tirou mais coisa boa de entrar em contato com pessoas diferentes?

Sim, porque hoje eu acho que sou considerada uma pessoa frita, e tem isso de uma pessoa coxa e uma pessoa frita. Acho que eu sou considerada uma pessoa frita porque eu faço mil coisas. Não que nenhum dos dois seja melhor que o outro, lógico que não, são escolhas que as pessoas têm na vida. Se eu quero fazer as coisas mais meia-boca, eu faço, dane-se, ninguém tem nada a ver com isso. Só que na hora que eu precisar de alguma coisa relacionada a isso eu não vou ter frutos para colher. Acho que foi bom que eu aprendi que eu posso me dedicar muito às coisas, e que elas podem dar muito certo, ter consequências ótimas. Tipo, intercâmbio, isso pra mim antes de eu entrar na FAU, na USP, eu achava que era coisa de outro mundo, era impossível fazer isso, mas na FAU não, você tem várias oportunidades, e lógico que não é fácil, é caro pra caramba, mas é mais possível do que não estando nessa realidade. Tô pensando em fazer intercâmbio, mas tem a questão de dinheiro que é mais difícil, mas é o que eu falo, se eu tiver que limpar banheiro pra ficar lá, eu limpo, paciência, não tem problema, não é menos digno.

Tem algum comentário que você acha que ficou pra fora?

No começo foi difícil, mas foi uma das melhores coisas que eu fiz.

Uma pergunta um pouco específica, em que momento você acha que foi mais prazeroso o seu aprendizado?

Nossa, sei lá, agora eu acho muito gostoso aprender tanto. Sei lá, às vezes prestígio. Acho que é muito do reconhecimento, sabe? Isso é outra coisa pra trabalhar na terapia, mas o reconhecimento. Tipo, eu fiz uma iniciação científica e agora estou indo pra fase internacional, e eu fiquei “Nossa”, as vezes cansa estudar tanto mas aí que vale a pena, vale a pena mesmo cansada fazer tanta coisa. Mas é isso, o reconhecimento, mas tem que trabalhar na terapia.

ENTREVISTA 6 - T72

Como foi a sua decisão para prestar vestibular e especificamente o curso de Arquitetura e Urbanismo?

Eu fiz um curso técnico de design de interiores, que aí foi quando eu percebi que gostava dessa área. Porque antes eu não fazia ideia, achava que eu ia para direito, eu falava assim “Ah, ok, eu gosto de ler então...”. Agora, quando eu entrei em design eu achei muito legal, me apaixonei mesmo, então eu decidi prestar arquitetura mas mais para abrir meu leque. Porque eu quero seguir em interiores, mas pelo fato de eu me formar em design e não conseguir mexer no projeto, só mexer em cima do projeto dos outros, acabei decidindo fazer arquitetura porque aí eu consigo projetar também, que é o que eu quero.

E por que você escolheu design de interiores?

Porque de todos os cursos era o que mais tinha a ver comigo. A maioria dos cursos eram eletrônica, automação e tal, e eu sou muito ruim em exatas, então falei “Nunca faria isso”. E o curso que era meio que considerado um dos cursos mais para as meninas, que tinha mais meninas, então as opções eram os cursos de nutrição e design. Como eu sempre desenhei muito e sempre fui muito ligada às artes, para mim a única escolha possível era design de interiores.

Você já tinha algum contato prévio com um campo?

Não, eu descobri lá, e falei “Nossa, é isso que eu quero”, mas eu não fazia ideia do que era, nunca nem tinha considerado arquitetura.

Você é de São Paulo?

Sou.

Você fez cursinho para entrar?

Fiz um ano de cursinho privado.

E como foi a sua transição do ensino médio para a faculdade?

Nossa, mudou muita coisa, porque na escola eu sempre fui muito nerd, sabe? Então eu sempre me esforcei muito, me importei muito com nota e eu sempre conseguia tirar notas boas. Até porque o técnico no ensino médio foi público, então era mais tranquilo ainda, você só faz as coisas e tudo bem. Aí teve essa transição do cursinho que foi o único momento da minha vida em que eu realmente estudei muito assim. Eu sou muito pouco disciplinada nesse quesito, eu me esforço muito pelas notas mas eu odeio estudar. E aí na faculdade você já entra, querendo ou não,

com uma peneira, né. Então você já entra com pessoas que também são esforçados, também se destacavam em várias áreas, e aí eu falei “Caraca, eu não sei fazer muita coisa”, eu não sabia lidar com isso. E aí eu já sabia que a grade era muito cheia, então acho que a questão psicológica também mudou bastante, a pressão que eu sentia de “Agora preciso sair daqui, preciso me formar”. E muitas matérias para lidar ao mesmo tempo. Essa mudança de como eu estou encarando o meu ensino, a minha formação, acho que muda tudo. Mudou a quantidade de coisas que eu tinha que lidar e tentar mediar tudo isso, mediar a minha vida pessoal e mediar o estudo, mais do que eu tinha que fazer antes, porque antes eu fazia a escola e tudo bem, você conseguia viver e aí na faculdade você fala “Eu acho que é a prioridade no momento é ir bem em tudo”, porque eu quero minhas notas boas, mas tem momentos em que às vezes você fala “Não, não, não consigo fazer tudo. Não consigo chegar lá”. Então foi mais nessa parte de definir prioridade, definir o que era mais importante que foi o mais difícil.

E a mesma relação que você tinha com as notas, você tem com a média ponderada hoje em dia?

Eu me cobro bastante, mas como eu já falei, eu sou muito ruim em exatas, não gosto da POLI, odeio a POLI, não gosto das matérias, acho que é com o que eu mais sofro na faculdade, mas eu ainda me cobro muito. Inclusive, no segundo semestre do primeiro ano eu tive uma quebra de expectativas tão grandes que eu pensei em trancar o curso, abandonar o curso, mas eu não me imagino fazendo outro coisa, então... Só que aí minha média ponderada abaixou bastante nesse segundo semestre, e aí eu consegui voltar para a média em que eu estava no primeiro semestre só nesse semestre. Então, eu estou no terceiro ano e estou tentando recuperar essa média, porque depois eu decidi que eu queria tentar intercâmbio, então eu falei “Preciso me esforçar”, e foi meio que a motivação que eu encontrei para voltar a me dedicar.

O que foi essa quebra de expectativas?

Ah, eu não sei. Eu não sei é porque eu estava muito cansada, eu não estava bem da cabeça mesmo. Eu estava me sentindo sozinha, não conseguia me apegar a ninguém, sentia que não tinha amigos, as pessoas me consideravam mais do que eu considerava elas. E foi bem quando teve uma disciplina específica, aí eu falei “Não quero fazer isso da minha vida, o que eu tô fazendo aqui?”. E eu era apaixonada por design, real, era bem puxado mas eu adorava fazer aquilo, eu ia com gosto. E aí eu esperava me apaixonar por arquitetura do mesmo jeito e não aconteceu, acabou sendo mais sobre ter um caminho que vai me abrir leque no futuro, mas não foi aquela paixão absurda que eu tinha com design. E aí eu fiquei meio desanimada, porque será que eu iria querer passar tantos anos fazendo isso sendo que eu nem sou tão apaixonada? É mais aquele negócio infantil, eu queria amar o que eu

estou fazendo igual eu amava antes, mas aí já passou também, agora eu já estou aqui e não tem mais volta. Já cheguei no terceiro ano aí já...

Mas você está gostando mais ou agora você só está lidando com as suas expectativas?

Acho que eu me conformei com as expectativas que eu tinha criado na minha cabeça, eu vi que não tem como a gente amar todas as partes da nossa vida. Eu era apaixonada, mas é meio irreal achar que a gente vai ser sempre apaixonado por tudo. Mas eu aprendi a gostar, assim, eu gosto, não que eu não goste, eu gosto muito de arquitetura, tem coisas que me encantam, mas tem muitas partes que é aquilo né... Tanto é que arquitetura abre mil e uma opções para você seguir, tem paisagismo, design de interiores, urbanismo e mil e uma coisas. E tudo bem você não gostar de tudo. Por exemplo, eu tô fazendo Design do Objeto, e eu adoro, mas um monte de gente acha um saco. Para mim tá ótimo, eu fico desenhando e eu crio a partir de desenhos, para mim tá ótimo. E eu gosto muito de estudar história porque eu gosto de conhecer de onde veio, o porquê está lá, quero conhecer um dia esses lugares. Agora, por exemplo, eu não gosto de planejamento urbano, eu não me identifico, mas eu aprendi a admirar, então dá para levar, sabe. São só as coisas da POLI mesmo que eu que eu detesto e eu preferia não fazer mas tudo bem, também faz parte da formação.

Então, o quê você entrou achando que você gostava e o que você gosta hoje em dia?

Acho que design de interiores era uma coisa que eu não sei explicar mas era uma um estudo que envolve mais diretamente a sua interação com o cliente, como questões de estudo de cores e materiais. Uma coisa bem específica, em teoria em um espaço menor, eu não sei explicar mas eu acho que o de projetar interiores é diferente de você projetar a parede, porque aí você está mexendo com o interior das paredes. Então foi uma quebra de expectativas, de paixão mesmo, eu não me apaixonei como achei que me apaixonaria por arquitetura. E o que eu passei a gostar acho que a história, o que têm por de trás das coisas. Eu também adoro construção, eu falo que eu sou meio pedreira, adoro essa parte técnica de entender, que eu acho que é muito ligado com essa parte da história também, que é entender o porquê que aquilo está sendo feito ou o por que aquilo é melhor. Então, essas foram paixões que eu descobri, que eu não esperava, mas das quais eu gosto muito. Acompanhar essa parte construtiva de materiais e de técnicas, adoro cheiro de obra, gosto de ver o que tá acontecendo, as mudanças que estão sendo feitas naquele lugar. E a história, saber como as coisas foram parar lá, o contexto, e ver que essas técnicas construtivas que a gente nem imaginava, e que hoje são coisas tão simples mas naquela época era revolucionário.

E conta um pouquinho mais, como é sua relação com o planejamento urbano?

Aí, eu não gosto de planejamento urbano. Assim, eu admiro muito quem faz, mas eu acho muito complexo. E, eu sei que não é um bom motivo, parece que é coisa de gente preguiçosa, mas é que eu gosto do micro, eu adoro design de interiores, e aí o urbanismo é exatamente o oposto, é o macro. E eu acho realmente incrível quem faz, porque planejar uma cidade é absurdo, mas eu acho que eu fiquei meio traumatizada com as fases iniciais dos projetos de urbanismo, porque quando você tá começando a entender, você não tem objetivos, você só sai procurando um monte de coisa daquele lugar, daquele bairro e sem rumo, você só vai vendo e aí depois começa a direcionar o que você achou. Mas acho que eu fiquei meio traumatizada nos primeiros semestres, aí no segundo ano eu até fiz um trabalho em que a minha amiga ficou chocada e falou “Você virou urbanista da noite para o dia”, porque do nada eu peguei e comecei a fazer mapa, fizemos um monte de pranchas. Eu realmente fiz e até gostei porque eu entendi pela primeira vez o que eu estava fazendo. Mas eu acho muito complicado urbanismo, eu acho que é uma coisa que eu não saberia lidar porque tem um impedimento político, eu acho, de envolver todas as instâncias de uma cidade, e é muito difícil você consertar o que a gente precisa ser consertado, e eu acho isso muito frustrante porque tenho urbanistas bons e tem projetos bons mas a cidade já tá muito consolidada, tem muitas políticas que não colaboram nada com isso, e eu acho muito frustrante. Eu não sei se eu conseguiria fazer isso é da minha vida, projetar sabendo que não vai mudar muita coisa, chegar numa solução e o governo, ou quem quer que seja que deveria fazer alguma coisa, não vai aplicar. Então é uma área que eu prefiro distância.

Esse trauma do começo foi de você ficar procurando...

Sem saber pra onde eu estava indo. Para mim era muito complexo, eu tinha que procurar um monte de coisa que eu não sabia o que era. E aí eu ficava na pesquisa história porque para mim é mais fácil, mas aí tem que ver dados... Então você pega um monte de coisa, aí depois tem que ficar filtrando. Eu acho que era um trabalho muito complexo e eu ficava muito perdida, aí acho que eu fiquei traumatizada.

E voltando um pouco atrás, você disse mais da transição em termos de estudo e das disciplinas, mas como foi a integração com as pessoas no começo da faculdade?

Primeiro que quando eu passei eu não acreditei que eu tinha passado. Eu achava que ia ter algum erro, foi tão irreal que eu pensava que eu iria chegar e fariam “Não, não tem seu nome na lista”. Então já fiquei meio assim... Aí quando chegou no dia em que realmente tive aula, e até hoje mesmo, falei “Nossa, tô aqui mesmo, tô estudando na USP, nem parece de verdade”. E aí eu tava com muito medo de não me encaixar, porque eu sabia que o jeito que eu fui criada foi com uma mentalidade um pouco diferente do que eu sei que hoje em dia as pessoas são. Então já tava com muito medo de não me encaixar, e aí eu percebi que eu estava

cansada demais e aí eu não conseguia... Eu estava meio inerte, não conseguia me apegar a ninguém. Eu sempre fui uma pessoa muito intensa, então quando eu gostava de uma pessoa, eu adorava pessoa, eu queria estar perto da pessoa. E na FAU eu estava sempre querendo ficar sozinha e aí quando eu estava com as pessoas eu nem sabia se elas queriam que eu estivesse ali, daí eu me sentia muito sozinha. Aí, incrivelmente na pandemia melhorou muito por algum motivo, eu me aproximei muito, digo, já eram meus amigos mas eu não sentia tanto isso.

Por meio dos trabalhos?

É, acho que por meio dos trabalhos a gente acabou conversando mais. E não que antes isso não acontecia, acho que foi só uma coisa minha. Acho que eu consegui dar uma descansada, eu consegui encarar essas coisas de outra forma, então para mim foi bom. Eu gosto do EaD, para mim é tranquilo. Assim, vai ser bom voltar, mas eu gosto do Ead, eu me senti muito confortável. Acho que um dos principais pontos é o transporte para chegar até a USP, porque se eu saio muito cedo eu levo uns quarenta minutos, mas se saio um pouco mais tarde já demoram quase duas horas e é muito cansativo ir e voltar. Querendo ou não, eu economizo quase quatro horas do tempo do meu dia, em que eu poderia estar fazendo outras coisas que no EaD eu consigo, né, no caso eu consigo dormir mais e para mim fazia muita falta isso, eu dormi muito pouco. E acho que eu me conformei muito bem com as aulas gravadas, para mim é bom, porque tem dias que eu realmente não tô bem, não consigo acompanhar e para mim conseguir ver aula depois é muito bom, vou sentir muita falta disso. E como eu falei, como eu não sabia se eu tinha amigos, no EaD pra mim foi muito bom porque eu consegui ficar longe, ficar sozinha e ter um bom tempo comigo, eu consegui descansar a cabeça um pouco, e aí para mim ajudou. Ajudou também porque eu me aproximei da minha família, que estava muito distante. Eu sei que é egoísta, mas assim, para mim a pandemia no geral me trouxe coisas boas nesse quesito pessoal.

E uma dúvida de onde vem essa coisa de não acreditar que você tinha passado na USP?

Porque o ano do cursinho foi o pior ano da minha vida. Eu fiquei o ano inteiro me sentindo burra e eu achava que eu não ia passar, e aí quando chegou as provas, eu fui muito mal na Fuvest, fui muito mal na Unicamp, e aí eu fiz o que eu conseguia fazer no Enem mas eu achava que não ia passar, então quando eu passei não era isso que eu tava esperando. Porque assim, se eu não passasse, eu já sabia, mas aí eu passei eu fiquei, “Ué, não era isso que eu estava planejando”. Então eu fiquei meio assim, sem acreditar mesmo.

Mas você já tinha em mente fazer uma universidade pública?

É, assim, eu não tinha muita opção, porque o meu pai tem seis filhos. E aí meu pai falou “Eu quero pelo menos um filho meu se formando na USP, e a minha

esperança está em você”. Como eu falei, eu sempre fui muito bem academicamente, então também por ele falar isso eu meio que nunca me dei outra opção. Eu falo para minha irmã, que também quer tentar, e ela fala “Acho que eu vou ter que ir para o Mackenzie porque não vou passar” e eu fico pensando que eu também achava que não iria passar mas eu nunca abri esse leque de talvez ir para o Mackenzie, ou qualquer outra faculdade, eu sempre pensei que eu tinha que entrar na USP, de um jeito ou de outro. Eu nunca me dei outra opção, tanto é que eu só prestei Fuvest e Enem, e Unicamp meio que por desengano de consciência porque eu não iria pra Campinas. Então eram só essas duas, eu não prestei nenhum outro vestibular.

E se você não tivesse passado você teria feito mais um ano mais um ano de cursinho?

Sim, mais um ano de cursinho. Inclusive quando que quando eu achei que eu não iria passar porque eu fui muito mal na Fuvest, eu tava muito muito mal, mas não era nem porque eu não iria entrar na faculdade, é porque eu teria que voltar pro cursinho, e eu odiava ir pro cursinho, não queria passar por aquilo de novo. Mas que bom que eu passei, né, aí é isso.

E o que você tinha dito sobre sua criação ser muito diferente?

Ah, meus pais são muito conservadores, né. Então eu já sabia que ia entrar lá com a cabeça que não é o comum de hoje em dia. Acho que minha cabeça até que mudou muito depois que entrei na FAU. Mas mesmo minha cabeça já sendo diferente da do meu pai, que é muito radical, muito conservador, muito muito revoltado com as coisas, eu sempre fui mais receptiva às outras opiniões, acho que o ensino médio me ajudou nisso, mas então eu já tinha muito esse negócio de saber as discussões que estavam grupo da sala e já sabia como assim as pessoas pensavam, às vezes eu não concordava mas também nunca falei nada, mas às vezes eu ficava “Meu, como é que vai ficar isso daí? E se todo mundo me odiar porque eu penso diferente?”.

E como se deu isso?

Ah, eu evitava no começo dar a minha opinião, e eu ainda evito, eu nunca gostei de falar de política, de religião, de nada assim... De religião eu até falo mais, mas eu odeio falar de política. Mas depois eu senti mais liberdade de dar minha opinião. É aquele negócio, né, se você fala com respeito não tem o porquê brigar. Agora, meus amigos aceitaram, a gente conversa normalmente, mas se eu discordo do que tá sendo falado ou eu não falo nada ou eles só sabem que eu não concordo mas também a gente não briga por causa disso.

Mas você segue tendo uma opinião muito diferente do que você considera a média?

Em muitas coisas sim.

E em que momento se acha que você mais aprendeu na FAU até agora?

Eu acho que os momentos em que eu mais aprendi são nas matérias que me cativaram de alguma forma. Então é muito uma questão de gosto pessoal, assim, as matérias que eu gostava, que eu me interessava, eu aprendi muito mais. Não teve um período no qual eu aprendi mais, é mais nas matérias que me interessam mais, eu aprendo mais porque eu me dedico mais.

Você disse de uma vontade pessoal, mas e motivações que vem de fora, dos professores, por exemplo?

Quando o professor é mais humano, mais compreensivo, de entender que a gente não é uma máquina. Quando os professores eram mais receptivos de a entender o aluno, ou quando você via que eles gostavam estavam fazendo, eles amavam o que estavam ensinando, isso inspirava, “Caraca, ele gosta mesmo disso”, animava a prestar atenção, a querer entender o que ele estava falando. Tem um professor, por exemplo, que amava o que fazia, ele era doido e às vezes eu ficava nervosa que ele falava de novo e de novo a mesma coisa, mas ele falava que ele gostava, você via que ele amava o que fazia, e isso era inspirador. Outro professor que é um dos meus professores favoritos da vida, muita gente não gosta dele, mas eu sou apaixonada por ele. Um dos motivos que eu gosto do conteúdo da disciplina que ele dá é por causa dele, que ele foi sempre um professor que conversou muito comigo, ele é muito aberto à opinião, e ele entende muitas as questões dos estudantes e é muito empático. Uma vez quando acabou um atendimento ficamos mais uma hora conversando de coisas da vida, ele sempre foi muito atencioso e isso pra mim faz muita diferença. Ah, tinha outro professor no primeiro ano que se divertia dando aula, e por mais o pessoal não gostasse dessa disciplina no primeiro ano sempre foi uma das minhas matérias preferidas. E tem outro que para mim ele é um amor de pessoa e foi muito aberto para todas as ideias dos alunos, muito receptivo, tanto é que eu peguei três matérias com ele e ele lembrava. Eu acho que isso faz muita diferença, quando você se sente confortável de falar, de conversar, muda muito.

E o contrário, quando não funcionou pra você?

Para mim a maioria é são os professores da POLI. Eles são muito diferentes, e por mais que com a gente eles sejam mais tranquilos, eu acho eles muito frios, muito insensíveis, e às vezes eles dão aula assumindo que a gente já sabe do que eles estão falando, e eu não faço ideia. Então até eu entender o que ele está falando, ele já deu três aulas e aí eu fico mais perdida ainda. Agora, da FAU, tem um professor que surtava com os alunos, destruía os alunos, e as pessoas deixavam de ir e ele ficava mais bravo ainda. Mas as pessoas deixavam de ir porque ele massacrava mesmo, dava a entender que a gente era burro e não prestava atenção em nada. E

isso não é uma didática, faz as pessoas quererem parar de ir na sua aula. Foram muitas as pessoas que me falaram que choravam depois de desligar o microfone ou de ter crises de ansiedade antes de atendimento. O jeito que ele ensinava não era aprendizado, era ameaça. Você precisava entender o que ele estava falando porque se não ele iria brigar com você depois, isso não é aprendizado.

Eu acredito que a didática tem que ter uma consideração humana. Ensinar alguma coisa pra alguém, você tem que ter empatia pela pessoa, se não você não vai ensinar nada. Então quando deixa de ter essa consideração, mesmo que seja uma relação de hierarquia aluno-professor, se você não considera a outra pessoa você não vai passar nenhum conhecimento pra ela. Todas as vezes que os professores deixam de ter essa consideração, de tomar cuidado no que falam e o que a gente ouve, prejudica o conhecimento, porque a gente é aluno mas a gente também vai sofrer e se magoar.

Você disse que na POLI eles pressupõem certos conhecimentos, e na FAU, como você acha que é em relação a isso?

Eu acho que na FAU como os professores têm mais abertura com os alunos, mesmo quando eles acabam acelerando se você conversar com eles, eles não tem problema em voltar um pouco. Os da POLI eu sentia que eles ficavam meio irritados e frustrados, então você não sentia a liberdade de falar e eles só iam embora.

E com seus colegas, você sente que aprende bastante com eles?

Ah, bastante. Como eu falei várias vezes eu não tenho a liberdade de perguntar pros professores, mas eu com amigos que entendem eu tenho, então várias vezes a gente marca grupos de estudo, por exemplo. Quem sabe mais ensina, e os outros vão tentando acompanhar. Ou tem coisas que a gente não entende e fala “Você entendeu isso?” e ela explica o que entendeu. Ou mesmo só no quesito, “Gente, perdi a aula, ajuda” e aí você passa a matéria que você anotou. Acho que é um companheirismo bom em que a gente sempre se ajuda quando dá.

Na POLI é onde isso mais rola?

Na POLI é onde eu mais preciso de ajuda, então é onde eu mais peço. Mas, por exemplo, como eu tenho muita facilidade nessa parte de desenho ou história, é onde mais me pedem ajuda.

E como você se sente em relação à competitividade entre os alunos?

Nunca senti isso, por mais que seja uma faculdade e todas as pessoas que estão lá estão competindo pela mesma área que você, eu nunca senti essa competitividade, de verdade. Eu acho isso uma coisa ótima, e mesmo fora desse grupo de amigos

que eu falei, eu nunca eu nunca senti isso de um tentar passar um por cima do outro. Por exemplo, toda vez que tem alguma vaga de estágio no trabalho dos outros ou concurso eles mandam pra gente ou pro grupo de turma. Sempre teve esse apoio, eu acho, e eu, pelo menos, nunca senti essa competitividade.

A média ponderada é mais uma coisa de você consigo do que você com os outros?

É, é mais porque eu quero intercâmbio, eu preciso passar os outros mas não porque eu quero ser melhor que eles, mas pra eu conseguir. Querendo ou não, preciso garantir minha vantagem. Mas eu sei que a maioria dos meus amigos tem a média ponderada mais alta que a minha, e eu fico chateada mas é comigo e não com eles. Eu acho que todas as pessoas que estão com a média ponderada alta é porque merecem. Eu nunca senti que eu precisava ficar comparando nem nada, é mais pra mim, eu que gosto de ter uma boa nota.

E essa boa nota é para além do intercâmbio, certo?

É, eu sempre me cobrei de ter um histórico bonito, digamos assim. E eu tenho um histórico bonito, tanto do fundamental quanto do médio, e eu não queria que isso baixasse na faculdade, mas isso é uma cobrança pessoal. Mas dentro da faculdade é porque eu quero intercâmbio, eu quero garantir minha boa nota, mas não para competir com os outros.

E outra pergunta, você já travou com algum trabalho em algum momento?

Travar? Nossa, vários, eu acho. Mas em que sentido você diz travar?

Em que sentido você entendeu?

No de não saber o que fazer. E é em projeto geralmente, tipo, eu sei o que eu tenho que fazer mas eu não sinto que os professores orientam, dizer qual é o jeito certo de fazer isso. Por isso que eu gosto muito de construção, porque a gente está aprendendo um método viável, possível, de colocar aquilo em pé. Em projeto eles literalmente falam “Façam um bom projeto”. Eu acho que tinha que ter um fundamento básico de projeto melhor, realmente ter uma aula em que eles falam “as paredes internas são dessa espessuras, as externas dessa espessura, os pilares etc.”, uma coisa bem passo a passo, porque eu nunca tenho muita certeza do que eu estou fazendo em projeto. Onde eu me baseio é ou em construção ou quando eu aprendi sobre design de interiores, em que eles falaram “parede tem essa espessura, drywall essa...”. E também em planurb que eu já te falei, em que eu sempre falava “Meu, o que eu to fazendo aqui”, eu não fazia ideia do que eu tava fazendo, de verdade, às vezes eu tava em um grupo e eles estavam falando, e eu não sabia nem que área a gente estava estudando. Era só no meio do trabalho que engatava, mas até eu descobrir eu ficava perdida. E em topografia, eu não fazia ideia do que eu

tava fazendo lá, do que eu tinha que fazer, a minha amiga carregou completamente o grupo, sem ela a gente não teria passado, e até hoje eu não sei o que eu aprendi lá porque eu não aprendi nada. Provavelmente não vou usar isso na minha vida porque se eu tivesse que usar eu não saberia.

E algum conselho que você daria pra você olhando pra trás?

Ah, acho que cuidar da minha cabeça, descansar um pouco mais e não se cobrar tanto. Até hoje em dia eu me cobro muito, mas aí é o famoso burnout, eu tenho burnout a cada duas semanas, porque eu fico muito animada e pego, faço um monte de coisa, e depois nem vontade de sair da cama. Então, saber dosar o seu descanso e o seu aprendizado. E aprender que a gente não precisa ser o melhor em tudo, porque apesar de eu querer, eu não preciso. Se dedicar às coisas que gosta, mas tudo bem fazer o mínimo às vezes, tá tudo bem.

E alguma coisa que a FAU deveria ser diferente?

Rever a grade, eu acho que é um pouco desumana a quantidade de coisas que são exigidas da gente nesse período de tempo, os professores tinham que entender que é uma grade integral. E não estou falando que não deveria ser integral, realmente arquitetura não é fácil. Então eu entendo isso, mas então talvez espaçar mais e realmente assumir que é um curso de seis anos. Também acho que os departamentos deveriam ser mais alinhados, porque isso dificulta a nossa vida enquanto estudante e também a vida dos professores. Ser mais alinhado para não dar tanto conflito, que a gente sente, acaba sentindo, né.

Tem algum outro comentário que você gostaria de fazer?

Eu gosto da FAU apesar de tudo.

ENTREVISTA 7 - T71

Como foi sua decisão para prestar vestibular, fazer faculdade?

Assim, fazer faculdade pra mim sempre teve a ver com o fato da minha irmã ter feito USP. Então eu sempre tive esse referencial na família, de ver minha irmã fazendo Geografia na USP, de uma vez ter ido criança visitar ela lá faculdade. Pra mim, pelo menos, a ideia que eu faria faculdade nasceu aí, eu olhei e falei “Pô, parece ser legal e eu tenho vontade de fazer um dia”. Mas também não sei, é uma coisa que na minha escola, que era particular, era meio comum ver os alunos saírem e irem pra faculdade. É como se fosse uma etapa natural, apesar de não ser pra muita gente. Mas é, acho que foi mais ou menos assim.

E que motivos levaram você a escolher Arquitetura e Urbanismo especificamente?

A primeira coisa que me chamou atenção para arquitetura foi de ter uma disciplina de sociologia na escola e que o professor tinha passado um texto, que é até um texto que a gente já leu em uma disciplina na FAU, um texto do Simmel do começo de Berlim do século XX. E ali eu comecei a pensar um pouco sobre a questão de urbanismo, comecei a entender que poderia ser uma coisa interessante a arquitetura para se estudar, e eu ficava pensando sempre que eu queria estudar alguma coisa com que eu pudesse transformar aquele conhecimento em uma coisa prática. Não necessariamente a gente faz isso na arquitetura sempre, mas sei lá, pensar em desenho urbano, desenho de edifício, é pelo menos um jeito de fazer isso. Aí acabei pensando em arquitetura por causa disso, pesquisei um pouco sobre os cursos na época. Antes eu tinha vontade de fazer geografia, e ao mesmo tempo eu vi que tinham temas que se relacionavam de alguma forma, achei que seria uma decisão boa, tentei, testei pra entrar e aí fiquei e gostei.

E você fez cursinho?

Fiz. Na verdade eu saí da escola, prestei e entrei na Escola da Cidade, fiz um ano lá. E até é engraçado, porque a primeira atividade que a gente fez lá foi visitar o prédio da FAU, que eu nunca tinha visitado, e quando eu entrei na FAU, eu olhei e falei “o que eu to fazendo lá?”.

Ah, porque você tinha o sonho da USP também, né?

É, sim... Bem, eu fiquei, fui vendo se eu gostava de lá ou não, e por várias questões, mas principalmente pela vontade de fazer FAU, que acho que foi se criando, eu decidi sair. Daí eu fiz dois anos de um cursinho particular e depois passei.

Quando você entrou na faculdade quais temas mais te interessavam?

Acho que dá pra pensar em duas entradas. Quando eu entrei na Escola da Cidade eu pensava em urbanismo, que eu achava que era o que mais me interessava, e ao longo do ano eu fui gostando de projeto e de desenho. Ai quando eu entrei na FAU eu já cheguei gostando um pouco mais de projeto, por conta dessa experiência prévia. Algumas atividades de uma matéria do início eu gostei por ter que fazer maquete, desenho. E a parte de planejamento urbano eu já não tinha mais o mesmo gás de quando eu entrei na Escola da Cidade.

Então, atualmente, você se interessa mais por projeto?

É, sim, eu acho que uma das coisas que eu gosto agora é projeto. E, ao mesmo tempo, também gosto do tema de desenho, desenho relacionado a projeto, a imagem, mas enfim, isso é uma coisa que ainda tá em aberto pra mim.

E em que momentos você sentiu que você mais aprendeu sobre Arquitetura e Urbanismo durante a pandemia?

Eu acho que talvez em uma disciplina de projeto porque teve uma dinâmica bem diferente do que a gente fazia, acho que porque a pandemia pegou todo mundo de surpresa. Nas primeiras disciplinas de projeto que eu fiz o tempo era muito marcado, até determinado momento a gente precisava fazer o partido e depois era o desenvolvimento, sendo tudo pautado por essas entregas intermediárias. Na pandemia isso meio que não aconteceu, pelo menos nessa primeira experiência a distância, então a gente ficou muito no partido mas indo e voltando e indo e voltando em relação ao que a gente estava discutindo no nosso grupo. E aí, acho que foi bom pra rever coisas que a gente às vezes passa batido pela dinâmica da aula geralmente. E isso gerava questões e dúvidas que a gente levava pro professor e achei que foi rico, pelo menos nessa organização diferente de tempo. A gente teve uma abertura maior para ir e voltar em relação ao que estávamos propondo, então várias vezes a gente tomou algumas decisões e levou para orientação, e dava um tempo depois e a gente falava “vamos começar do zero, de novo”, e a gente ficava testando, testando, e chegamos a um produto que todo mundo ficou muito feliz. Foi um caminho menos linear.

E como você se sentia nesse tipo de aprendizado?

É uma coisa meio gratificante, mas não é uma coisa fácil porque depende de debate com o grupo, mas no fim das contas era uma coisa boa porque você percebia a evolução no diálogo. Quer dizer, ele não é só uma coisa linear que se vai acrescentando coisas à proposta, mas dá pra você rever as coisas. Dava uma sensação boa poder discutir com o grupo, chegar para uma orientação e perceber que o que vamos apresentar está motivando a gente a continuar.

Agora, fora da pandemia, em que momentos você acha que mais aprendeu?

Eu acho que são vários momentos em que eu me senti aprendendo. Teve momentos em que eu me senti aprendendo com a fala de alguns professores, conversando com eles pessoalmente ou assistindo determinadas aulas, mas acho que isso é um pouco mais vago. Eu considero que eu aprendo muito trabalhando junto com os meus colegas, com quem eu faço grupo, eu acho que a gente aprende muito discutindo junto. Pelo menos com o pessoal com quem eu faço projetos, seja nessas disciplinas de projeto mesmo ou nas outras, a gente sempre debate bastante o que vai propor e o porquê vai propor. E isso eu acho importante. Agora, pessoalmente eu gosto muito de aprender quando eu consigo por a mão na massa, então pra mim foi marcante, por exemplo, no primeiro ano fazer aquela atividade de Cartografias Urbanas, por mais caótica que tenha sido, teve um momento que a gente teve que botar a mão na massa e produzir um produto enorme pra mostrar pras pessoas. E no canteiro tinham atividades, mas a gente nunca mais foi lá depois disso... Eu gosto de atividades práticas, então, eu sinto que eu aprendo mais. E quando são momentos práticos em grupo, aí a gente aprende bastante.

E em quais momentos você sentiu que você tava perdendo seu tempo, em que você não estava aprendendo?

Acho que esse negócio de perder tempo, pra mim pelo menos, tem um lance psicológico de tentar entender o que eu to conseguindo absorver daquilo, talvez uma ansiedade com relação ao andamento do curso. Determinadas atividades que eu talvez esteja fazendo, mas eu penso “Pô, será que eu deveria estar fazendo isso ao invés de outra coisa?” Por exemplo, eu acho que além de perder tempo, na pandemia às vezes tem o negócio de ganhar tempo. Tem gente que tenta matar a maior quantidade de disciplinas na pandemia. Ou, por exemplo, na minha pesquisa, por causa de problemas que rolaram com a FAU durante a pandemia, eu prolonguei o período de pré-iniciação, daí eu fico pensando “Pô, será que eu to perdendo tempo fazendo isso? Será que eu deveria estar fazendo outras coisas?”. Pelo menos pra mim, nessas situações, meu pensamento não é que eu tô perdendo tempo, é como se eu não tivesse dando conta daquilo. Às vezes tem reuniões, ou orientações, que dependendo de como elas andam, se é algo que não caminha muito bem, às vezes eu posso pensar “Pô, perdemos um certo tempo, podia estar fazendo outra coisa”, mas no geral é um sentimento de que eu não consigo dar conta de tudo isso.

E fora da pandemia tem momentos em que você sente que não está aprendendo?

Eu particularmente, quer dizer, isso deve acontecer com um monte de gente, mas eu particularmente fico nessa situação toda eu fico bastante ansioso com tudo o que acontece. Porque mesmo quando eu não vou fazer coisas da FAU, parece que eu não consigo focar naquilo, é como se as obrigações da FAU preenchessem o seu dia de um jeito de que não preenchia tanto. Tudo bem, era pesado antes, mas hoje

eu acordo de manhã e já penso “tenho que entrar na aula, tenho que fazer isso daqui”.

Isso na pandemia?

É, talvez seja uma coisa até agravada na pandemia mas que já acontecia antes, que acho que tem a ver com essa questão de tempo, e fora da FAU eu sempre me sinto como se eu tivesse correndo contra o tempo para fazer as coisas que eu gostaria de fazer, e eu nunca consigo me concentrar nessas coisas. Como se eu estivesse de folga agora e fosse ler um livro, mas eu penso “Puts, eu tinha que fazer outro trabalho”. Enfim, começo a pensar nas coisas da própria FAU. Eu acho que essa sensação de não estar aprendendo tem muito a ver com essa mescla de rotina, do que eu faço com a FAU do que eu faço fora da FAU.

Quando você tá fazendo as coisas da FAU, você consegue se concentrar em fazer e sente que tá fazendo, ou quando você tá fazendo uma coisa você sente que tem outras coisas que você não tá fazendo?

Tem algumas atividades que eu consigo me concentrar, mas acontece bastante de eu ficar pensando em todas as outras coisas que tenho que fazer, pelo menos comigo.

E qual é sua expectativa com essa graduação?

É uma boa pergunta, eu não sei ainda. A princípio eu penso que eu gostaria de ter a experiência de trabalhar com projeto em algum momento, mas sem a certeza que vai ser com isso que eu vou trabalhar. Eu tenho essa expectativa de que eu vou acabar trabalhando com projeto, talvez com algum tema que eu consiga desenvolver em pesquisa. Fico pensando também que eu gostaria de continuar, fazer um mestrado, doutorado depois, mas ao mesmo tempo que têm todas aquelas inseguranças de “Será que vai dar certo? Será que não vai? Será que vai ter emprego? Será que não? Será que eu vou ter que trabalhar com algo que eu não gosto exatamente? Talvez sim, mas por quanto tempo? Quanto eu vou conseguir levar dessa vontade pessoal, dessa ideia pessoal de arquitetura? O quanto isso vai ser suprimido em um emprego?”. Não sei, são questões que ficam.

Tem algum comentário que você gostaria de adicionar para além das perguntas feitas?

Existem matérias na FAU que mudam pouco, que mantêm um formato de aprendizado muito restrito ao que aconteceu nos últimos anos, e parece que se recusam a mudar. Poderia ter mais abertura para repensar as disciplinas. Agora, eu sinto que na FAU os professores têm ouvido mais os alunos, sobre o que os alunos acham e gostariam, mas às vezes ouvir os alunos gera uma relutância deles. Por mais que você tenha uma certa abertura de conversar com os professores, existe

sempre uma ideia implícita de que “Não, você não entendeu tudo, não é assim que acontece”. E acho que poderia ter mais abertura em algumas disciplinas para se discutir mais o que os alunos têm pensado, o que os alunos sentem em relação à matéria. Porque, por exemplo, a gente tem esses espaços de reuniões para preparar e avaliar o semestre, e por um lado parece que é bom, tem professores que vão e elogiam e falam “Ah, muito legal vocês trazerem tudo o que vocês trouxeram, muito rico pra gente, a gente vai pensar sobre isso”. Só que às vezes parece que fica nisso, e não se pensa além. Mas isso não se aplica a todas as matérias, tem professores que parece que fazem um esforço real de mudar as coisas, de tornar a disciplina mais construtiva.

Uma vez conversando com um dos professores, ele falou que não dá pra se atender tudo o que os alunos querem e tudo o que os professores querem, se não não haveria discordância ou conflito na disciplina, e que isso é importante. E eu também acho, mas acho que o que vale é a qualidade desse conflito, a qualidade da discordância, porque se for uma discordância em cima do que sempre se propõe, de atividades que os alunos acham que não vão pra frente, que não aprendem, aí não vale a pena. Eu acho que muitos professores levam pra esse lado de achar que querem que eles façam tudo o que os outros querem, mas acho que não, acho que é só querer que a coisa seja mais construtiva.

ENTREVISTA 8 - T71

Como foi sua decisão para prestar vestibular e que motivos levaram você a escolher arquitetura?

Nossa, vamos lá, isso lembra minha terapia. Durante o ensino médio eu sempre tive facilidade com as matérias de modo geral, então pra mim não foi uma escolha baseada no que eu considerava bom, mas de fato as minhas matérias favoritas eram física e história, então um aluno que gostava de física e história estava meio perdido do que fazer de faculdade. E eu não conseguia enxergar uma maneira de juntar teoria e prática, algo mais aplicado, porque eu não queria fazer algo puro em uma graduação. A princípio eu iria prestar direito porque eu imaginava que eu poderia ter alguma vantagem, porque eu era sempre muito elogiado pela minha comunicação e pela minha escrita, então a princípio eu iria prestar direito, mas seguindo muito esse padrão da escola de “Escreve bem, fala bem, então tem que fazer direito”, mas acho isso nada a ver, acho que todo mundo deve falar bem e escrever bem em todas as profissões, mas tudo bem. Daí eu conheci a graduação em arquitetura, porque confesso que antes eu confundia com engenharia civil, a partir da namorada de um primo meu quando ela foi na minha casa em um evento de família - e desde o ensino médio eu tive um interesse muito grande em conhecer vários artistas, eu comprava aquelas enciclopédias de artistas e ficava lendo, e não sei o que - e aí eu estava lendo de boa no meu quarto e ela entrou e disse “Ah, você se interessa por arte? Você se daria bem com arquitetura”, e eu fico tipo “Arquitetura? Nossa, não é tipo engenharia civil? Que curso é esse?”, e ela falou “Não, tem a ver com projeto e toda a parte teórica atrelada”. Ai eu fui me interessando, fui pesquisando, ai eu conheci a FAU e fiquei apaixonado por tudo.

Você veio na FAU?

Não, eu só pesquisei porque eu sou de Campinas. Então eu via vídeo no youtube, ai ficava vendo as fotos e eu falava “Meu deus, esse edificio é lindo!”. E também, sendo bem sincero, eu admito que parte do querer arquitetura vinha também de um desejo de ser mais “original”, porque eu vejo que existia uma grande expectativa de que eu prestasse medicina, tanto da família, quanto dos professores, era “Ai, esse menino vai bem na escola, tem que fazer medicina!”, tudo muito tradicional. E nunca foi uma coisa que eu queria, eu não gosto, eu real acho que eu queria morrer se eu ficasse o dia inteiro em um hospital ou consultório. E eu vejo que isso me impulsionou muito em bater o martelo e falar “Vou fazer arquitetura”, porque é uma coisa que de fato me interessa e eu sei que é meio contracorrente. Seria mais tranquilo fazer algo mais tradicional, mas vamos de arquitetura e é isso.

Você fez ensino médio em um colégio público ou privado?

Privado e católico, mas por mais que o colégio seja católico a única diferença que eu tinha era aula de religião uma vez por semana, que era mais uma aula sobre ética, e tinham celebrações católicas ao longo do ano. Mas eu nunca senti nenhum tipo de doutrinação na escola.

E quanto à transição, como você acha que a formação que você teve no ensino médio impactou na sua entrada na faculdade?

Eu lembro que no começo da graduação foi um pouco chocante e eu tive que aprender a levar a graduação de uma maneira diferente do ensino médio. No ensino médio você estuda pra fazer o vestibular, e querendo ou não, você consegue estudar tudo, você tem as apostilas, você consegue terminar com os materiais, ter o alívio de “Ufá, não sei tudo, mas pelo menos passei por cima de tudo, e estou consciente do todo”. Quando você chega na graduação é impossível você estudar tudo, então não dá pra você ser super especialista em história, tecnologia e projeto. E eu lembro que isso me afligia no primeiro ano, primeiro porque as aulas eram muito longas e eu não conseguia acompanhar anotando tudo, e aula de quatro horas... Sua cabeça não funciona depois de duas. E eu lembro que isso me estressava, porque eu falava “Gente, eu não to conseguindo acompanhar tudo e isso vai me fazer um péssimo profissional no futuro”, mas isso é muito porque eu ainda estava com uma cabecinha de ensino médio, que achava que as coisas eram assim. Mas depois eu fui entendendo que a didática na graduação é outra, e que eu tenho muito que também elencar as minhas prioridades pra eu ter uma vida saudável na graduação. Então, por exemplo, essa matéria não é uma prioridade minha, eu não preciso ficar fritando pra tentar entender tudo. Claro que eu tenho que reconhecer o que é importante aprender, mas tipo não vou ficar que nem ensino médio tentando decorar e tudo mais.

E também, e isso acho que foi o que eu demorei mais para aprender, é isso do aprender na prática, que é algo que a gente quase não tem durante o ensino médio, e a faculdade de arquitetura é muito isso. Eu lembro na primeira aula de Projetinho quando um professor falou “Como você aprende projeto? Não é lendo um livro, é fazendo”, e isso pra mim era muita novidade. Eu demorei muito pra entender, mas eu acho que hoje eu entendo, tipo, você aprende na prática com o projeto e com o processo. E isso é algo que não se tem no ensino médio, então essa mudança foi bem chocante, mas ao mesmo tempo era gostoso. Foi dolorido no começo mas porque, poxa, é uma super transformação, mas foi super bom, eu estava super aberto para vivenciar essas experiências e aprendizados.

Teve algum momento em que você acha que virou essa chavinha, em você entendeu que era assim e você deixou de ficar angustiado?

Olha, acho que tiveram alguns momentos. Eu lembro que eu era sempre muito frustrado em Projetinho porque eu sentia que nada seria interessante, e eu sempre comentava com a professora “Eu não gosto nada do que eu estou fazendo”, e ela

ficava “Calma, meu filho, é só a primeira matéria de projeto, é óbvio que não vai ficar bom”, então acho que essa foi a primeira digestão, de perceber que a gente não arrasa nas coisas na primeira vez que a gente faz elas, a gente sempre começa com dificuldade em tudo. E aí depois em paisagismo foi quando eu comecei a ficar mais tranquilo em relação ao processo, então, tipo, eu vou por aí sem me preocupar muito em como vai acabar, porque vai acabar de uma maneira interessante e melhor se eu for seguindo o caminho que o projeto está me levando. Eu lembro que isso começou mais em paisagismo e teve o auge em design do objeto, que foi quando eu percebi que é isso, você tem que responder conforme o projeto vai te falando, do tipo, as respostas vem com o tempo. Se você no primeiro dia já teve a concepção de tudo, tem muita chance de estar errado. Então vai digerindo com o tempo, acho que foi isso. Aí, por fim, em projeto visual eu tive um professor que acho que ele solidificou tudo isso, que foi onde eu fiz um dos trabalhos em que eu tenho mais orgulho na FAU, porque eu acho que ele ficou interessante conceitualmente, estruturalmente, enfim.

Você acha que isso de confiar no processo foi uma coisa mais prática, de ir fazendo com no tempo, ou também a abordagem do professor ajudou nisso?

Acho que os dois. Como no início tinha um caráter bastante experimental e livre, ajudou bastante, mas também tive professores ótimos, e eu tendo a gostar de professores que mais criticam do que elogiam, e eu acho que eles conseguiram dosar muito bem isso.

No começo de curso como era a sua relação com os outros colegas, em termos de competir ou colaborar com os outros?

Eu lembro que no comecinho da FAU, no primeiro semestre, era tudo muito novo, todo mundo assustado, ninguém sabia como as coisas funcionavam. Mas eu lembro que uma coisa que assustava e me assustava, mas eu via que assustava a turma de uma maneira geral, era sabe aquele aluno que faz Direito e acha que vai ser o próximo presidente do Brasil, igual ao que faz arquitetura e acha que vai ser o próximo Niemeyer? Eu lembro que era uma coisa tão ridícula, mas tinha uma disciplina em que os professores sempre elencavam os melhores, e todo mundo ficava “Uau, esse menino é um monstro da arquitetura!”, e isso é uma coisa que eu critico muito a FAU, de “Nossa, essa pessoa é muito boa porque ela fez *um* trabalho”. E eu lembro que era uma coisa que afligia as pessoas, de entrar nessa corrida. Mas eu lembro que com o tempo eu fui ficando mais tranquilo. É claro que eu acho que a gente tem que sempre ver como os nossos colegas estão produzindo e trabalhando, porque eu acho que a gente pode aprender muito com eles, uma faculdade prática é também sobre aprender com os alunos, mas eu não sei se eu ainda me sinto pressionado ou intimidado por uma certa competição na FAU. Agora no quarto ano com toda a coisa do intercâmbio parece que volta um pouco essa competiçõzinha mas acho que é porque todo mundo tem muito medo.

Intercâmbio é ainda uma coisa meio oculta na FAU, acho que podia ter muito mais conversa, muito mais trabalho em cima disso. E como todo mundo não sabe muito sobre isso, sobre as burocracias, sobre os gastos, parece que todo mundo fica com medo de compartilhar as informações que consegue. Do tipo “Ai, eu consegui calcular quanto eu gastaria pra viver em Milão. Não vou contar pra ninguém!”, sabe? E eu acho que isso é muito mesquinho, mas eu entendo essa mesquinhez porque é isso, parece que todo mundo tá meio perdido, bambo de um lado para outro, e como que as pessoas vão ter a confiança de não se sentirem pressionadas e nem competitivas em um ambiente que está todo mundo perdido, sabe? Eu acho que isso é muito em relação ao intercâmbio, mas de maneira geral, ou pelo menos pra mim, e porque o grupo de amigos com o qual eu faço trabalhos é bem tranquilo, então a gente vê em algumas matérias que o nosso trabalho não foi o melhor e teve gente que arrasou, e a gente fica tipo “Beleza, estamos conscientes disso”, então eu não sinto mais essa brisa da competição.

Você tem um grupo fixo de pessoas com quem você faz trabalho?

Sim, sempre as mesmas. Durante o primeiro eu fiquei fazendo muitos grupos e eu percebi que não dava muito certo, mesmo que na teoria eu gostasse dessa ideia de sempre conhecer e trabalhar com gente nova, cabeças diferentes, mas na prática era muito estressante ter que fazer grupo com gente diferente, gente que não tem o seu ritmo. E a partir do segundo semestre que eu fui conhecendo essas meninas, e depois a gente foi fazendo todos os trabalhos juntos e fluia bem. Cada um tem aspecto que gosta de se aprofundar mais, então no começo uma era mais fã da representação, eu sempre fui mais da teoria e da parte conceitual, aí a outra é mais da parte técnica e estrutural, e a outra migrava entre tudo. Inclusive até hoje fazemos tudo juntos, e acho que é saudável.

E continua essa divisão em especialidades?

Agora é mais integrado, e inclusive começou no ano passado, porque a gente percebeu que ficávamos muito em nichos. Tal pessoa era a monstra do Illustrator e sabia tudo, e eu não sabia fazer nada. Então começamos a sentir que precisávamos dividir mais as coisas, e eu comecei a fazer mais representação, todo mundo começou a mesclar mais, o que foi ótimo. Agora, calma, não sei se ficou muito claro, quando eu disse que eu era mais conceitual e ela mais da representação, essas coisas não eram rígidas, todo mundo ajudava em tudo, mas essas eram as preferências.

Quando você entrou na FAU, o que mais te interessava? E atualmente, como os seus interesses se desenvolveram e como você está hoje?

Nossa, essa é toda a história da crise da minha graduação. Lembra que eu falei que eu entrei na FAU muito influenciado pela namorada de um primo meu, que falou da arte e da arquitetura? E era uma época que eu estava interessado muito por arte e

museus, e então eu descobri que existia a possibilidade de trabalhar com curadoria de arte. Ai eu falei “Puts, eu quero ser curador”. Mas ao mesmo tempo eu sei que existem graduações em curadoria, por exemplo, a PUC São Paulo tem uma graduação de dois anos e meio, mas eu não queria fazer esse tipo de graduação em história ou filosofia, como outros curadores fizeram, eu queria fazer algo mais aplicado. Até porque eu sabia que eu tinha interesse em algo que eu não sabia dar um nome, que era a expografia em si, projeto de expografia, que era uma coisa que me interessava então eu fui para arquitetura. Então nos primeiros anos era isso, eu não queria ser projetista, eu não queria ser urbanista, eu queria ser curador.

Mas eu fui de cabeça aberta, pra tentar descobrir, e eu fui me identificando um pouco com tudo. Acho que essa síndrome de ensino médio de gostar de tudo e ter dificuldade pra de fato escutar o que me chama mais atenção em relação às coisas, e nisso de gostar de tudo e começar a pensar em trabalho e tudo mais, conversar com as namoradas dos meus primos, que fizeram arquitetura, falando que não conseguiam estágio, não conseguiam trabalho, comecei a ficar muito preocupado com isso, comecei a ficar muito ansioso, etc, e aí eu tive uma super crise na graduação, de achar que eu não gostava mais de nada, mas na verdade eu só estava com muito medo do futuro do trabalho. Aí eu fui pra terapia e tudo mais, conversei muito sobre isso, entendi o porque eu estava pensando assim, e como re-olhar para isso do trabalho, e para a questão da própria graduação. E depois que essa ansiedade gigante passou, e eu me senti mais calmo, e mais eu, eu consegui ter mais noção de como eu me vejo como profissional, e o que quero e gosto da área de arquitetura, urbanismo e design. E a ficha caiu pra mim quando eu fiz uma matéria da pós graduação no ano passado, que foi quando um professor falou que existem dois perfis de designer, um que é um designer generalista, que está mais preocupado com a ligação do nós entre as coisas, a estratégia, toda a intersecção de áreas, essa compreensão global dos processos, e o designer especialista, que é a pessoa que é tipo, o melhor designer gráfico, a pessoa que manja de realidade virtual, etc. E aí eu falei “É isso, eu sou um generalista! Não adianta eu querer me enfiar em uma área, porque eu vou querer sair depois”. E acho que meus interesses são muito flutuantes, então até ano passado eu iria falar que eu não era muito fã de planejamento urbano, agora, depois desse semestre, sou o melhor fã de planejamento urbano, foi o trabalho que eu tive mais prazer em fazer e foi delicioso! Então eu vejo que meus interesses são muito flutuantes e eu não sabia conciliar isso, ou pior, eu não sabia como isso iria se traduzir em um trabalho. Porque acho que a gente vive muito nesse mundo da especialização, e quando a gente não é especialista a gente fica “Tá, então eu preciso me fechar em uma área para eu conseguir um trabalho? Tipo, eu não consigo trabalhar nessa oscilação?”, aí eu descobri que é possível. Daí eu fui me entendendo enquanto pessoa, eu gosto de projeto enquanto esse processo de solução de problemas e de organização de informação. E isso está me levando por aí.

Então não é que em algum momento você teve uma frustração com algum interesse, a sua frustração foi com você mesmo de querer tudo.

Sim, porque eu falava para mim mesmo e pra minha psicóloga “Nossa, seria tão mais fácil se eu gostasse só de uma coisa”. Seria muito mais fácil porque seria muito mais fácil fazer uma sequência de cursos na área e ficar muito bom nisso, seria muito mais fácil de procurar estágio, mas não, eu gosto de tudo. Como conciliar? Então tô aprendendo ainda.

E para além da coisa do processo, em que momentos você sente que mais aprendeu ao longo do curso? E o que você acha que motivou esse aprendizado?

Quando você fez essa pergunta duas coisas me vieram à cabeça. Uma foi uma das disciplinas de planejamento urbano que eu fiz com uma professora específica, porque o primeiro planurb é muito introdutório, então você aprende C.A., T.O., etc., depois é quando você começa a digerir os instrumentos de estruturação da cidade propriamente. E eu fiz com essa professora e ela, *é ela*, entendeu? Eu acho que foi ela quem marcou minha experiência, ela com a didática dela, com a forma dela conversar, ela é uma professora que conversa um pra um com as pessoas, então ela de fato sentava com a gente na mesa, pegava na nossa mão e ia trabalhando com a gente e explicando as nossas dúvidas, e de uma maneira muito “não-julgar”, sabe? Do tipo, “Ai, professora, eu não sei como funciona uma operação urbana”, e ela fala “É assim, assado...”. Então eu sinto que esse momento foi um “Caramba. Aprendi muito com essa matéria”.

A segunda coisa que me veio à cabeça foi uma das disciplinas da sequência de história do urbanismo com outra professora, mas simplesmente porque eu acho que foi a matéria que eu mais tive prazer em fazer do universo, e todas as aulas pra mim eram sessões de filme, porque era tão gostoso e eu gostava tanto a forma como ela passava as aulas, porque era muito mais um diálogo, e por mais que fossem aulas longas, eu acho que ela tem uma habilidade didática muito boa, que é difícil dos professores terem, que é de deixar os alunos confortáveis. Não sei se porque ela é mais descontraída no começo, no fim e no meio das aulas, mas quando ela pergunta pra gente não é uma intimidação, é mais uma sinceridade do tipo “Qual é sua opinião sobre o que eu falei agora?”. Então, essas professoras que eu acho que são as mais didáticas da FAU, na minha opinião, influenciaram horrores nisso de eu sentir que eu aprendi a matéria.

E por incrível que pareça, eu sinto que eu aprendi muito com um professor X, que por mais que seja uma pessoa horrível, tipo, eu não tenho nenhum orgulho em falar isso, mas eu sinto que eu aprendi muito com ele.

E por incrível que pareça eu sinto que não aprendi muito em projeto de edificação nas duas disciplinas que eu fiz, um deles eu olho pra trás e penso “Meu deus, como

eu fiz isso? Como o professor me deixou fazer isso?”, e a outra pra ser sincero eu nem lembro direito, eu só lembro que o professor falava coisas bonitas, mas não lembro de aprender. Eu sinto que eu aprendi mais fazendo concurso do que fazendo projeto da FAU.

E por que você acha que aprende mais em concurso do que fazendo projeto em disciplinas?

Eu não sei se é porque a água bate na bunda e você de fato corre pra aprender as coisas, mas eu acho que são abordagens diferentes. Por mais que a graduação você quem escolheu e etc, eu acho que toda a disciplina da graduação tem um quesito de cumprir metas e às vezes acaba entrando em uma coisa mais monótona e menos interessante do que poderia ser. Então, por mais que eu goste da FAU, eu vejo como algumas matérias entram nessa de ir levando, sabe, e perde esse tesão que o concurso tem. Esse tesão atrelado à necessidade, e que tem que vir de você. Porque as matérias você ainda espera que possa vir do professor, do tipo “Eu não sei como juntar essa estrutura mas eu vou ter atendimento semana que vem, então o professor me explica”, e concurso é “Caramba, eu tenho que saber isso daqui”, e se você não sabe, você sabe que você precisa saber para perguntar pra quando você for ter um atendimento com um professor, que é diferente, um atendimento de concurso e um atendimento de professor rotineiro.

Eu sou meio doido também, eu e minha amiga, que é a pessoa com quem eu mais me identifico em projeto, é incrível a nossa conexão, a gente fala “Mano, a gente tá pensando junto!” porque as coisas fluem horrores de bem. E a gente entrou em um concurso agora de arquitetura bio-climática, e eu sou zero a pessoa do conforto, e aí a gente entrou nesse concurso que é puramente isso. Então ao mesmo tempo eu acho que foi meio loucura, porque é uma área que nenhum dos dois sabe muito, mas é bom porque estamos aprendendo tudo agora.

E qual é a diferença de um atendimento para concurso e um atendimento de disciplina convencional?

Eu sinto que a preocupação talvez seja diferente. Então eu acho que quando você está no concurso você está mais preocupado com até aonde o seu projeto vai chegar. E eu acho que essa preocupação faz com que você se atente mais aos detalhes e se cobre mais, e, consequentemente, faz você ficar mais atento ao que falta no projeto e ao que você não sabe e precisa falar com o professor. É muito mais fácil identificar coisas que você não sabe quando você está exposto a um universo muito grande de tudo, do que quando você tá em uma matéria de projeto que tem um percurso definido. Então na matéria de projeto você está exposto a coisas que você não sabe de forma fragmentada, então, a volumetria, o sol, etc, é um processo mais calmo que você vai se expondo aos poucos. E concurso você está exposto a todos os problemas de uma vez só e geralmente o prazo é curto.

É como se em projeto por ter um percurso claro está garantido que você vai chegar lá, no concurso não tá garantido nada se você fizer nada?

Exatamente. O que ajuda muito também são as etapas, concurso não tem etapas, tem que entregar tudo. Os projetos da FAU tem etapas, então você sabe se você está indo atrasado ou adiantado.

Então esse desespero contemporâneo funciona com você?

Acho que sim. Funciona.

E durante a pandemia você notou alguma coisa vantajosa, que poderia ser reproduzida para mesmo quando ela terminar? E quais dinâmicas saíram prejudicadas?

Sendo bem sincero, a minha turma foi uma das que mais se deu bem em relação a pandemia, porque a gente pegou o terceiro e o quarto ano. Então, por exemplo, todas as matérias “clássicas” da FAU a gente fez presencial, e por exemplo, eu fiz os três PEFs a distância e colava em todas as provas. Eu achei perfeito, inclusive senti que aprendi mais do que outras matérias da POLI, porque a prova não é um sistema de aprendizado. Eu, pelo menos, quando eu estudo pra prova eu estudo pra prova, depois acabou, não lembro de mais nada. Então quando você pode consultar ou colar, primeiro, você fica mais tranquilo em relação aos desafios, às questões da prova. Segundo, quando você está com consulta é um momento de reafirmação da matéria, é algo que você já viu e você vai consultar para responder a pergunta, quando você está na prova você está sem referência, tem que tirar do branco. E pra mim funcionou muito mais ter consulta. Então eu acho que na questão das matérias da POLI eu sinto que foi ótimo fazer a distância, tanto porque tinha aulas gravadas e dava pra rever, sendo que uma coisa muito frustrante era ter aula da POLI presencial e sentir que você perdeu uma parte da matéria, era uma dor do coração porque era uma questão da prova que eu já não saberia fazer no futuro. Então isso de poder rever parte das aulas é muito bom para POLI, prova a distância também é muito bom para POLI.

E sobre não ter que ir pra lá, assim, eu acho que ensino a distância deixou claro a quantidade de tempo que a gente leva em transportes, é claro que esse tempo de transporte era ótimo antes porque era o momento de espairar, dar uma respirada, escutar uma música no ônibus, e a gente na pandemia está fazendo muito mais coisas do que a gente estava fazendo antes, então a gente ocupa esse tempo de transporte com outras coisas, ou dorme um pouco mais, e eu acho que de alguma maneira isso é interessante. Esse ganho do gasto do tempo de transporte. Então eu acho que, por exemplo, as matérias mais teóricas, algumas de história, algumas da POLI, eu não acho de todo mal serem dadas a distância. É claro que perde muito não ter contato com o professor, ou isso do “Ai, professor, posso conversar com você no final da aula?”, ou esse contato físico, essa sensação de estar na

Universidade, essa sensação não tem preço. Mas acho que pra quem já está calejado no quarto ano, etc, algumas matérias poderiam ser a distância mesmo que funciona.

Em relação às matérias de projeto o que eu acho que a gente perde é que eu não toquei em nada tridimensional desde que começou a pandemia, maquetes físicas, e poxa, eu acho que é uma maneira muito importante de a gente aprender arquitetura, por meio de volumes, por meio dessa aprendizagem com as formas de fato ocupando o espaço e toda a questão da escala. Eu nem lembro mais como se faz uma maquete, não toquei mais nisso. Acho que as matérias práticas de um modo geral perdem porque eu sinto que, e isso é muito subjetivo, mas eu concordo que a gente aprende muito “desenhando com o professor”, e por mais que eu não sei desenvolver essa ideia, esse contato direto com questões de projeto eu acho que a gente perde muito sim, pela questão do EaD.

E para além da pandemia, em que momentos você percebe que você não aprendeu?

Uma disciplina em que o professor que orientava era do tipo “tá tudo lindo, tá tudo maravilhoso” e eu ficava “Que?”, eu gostava dele enquanto pessoa mas não enquanto professor. Então pra mim não rolou mesmo, e além disso a matéria estava um tanto perdida.

Teve algum momento em que você ficou bloqueado para fazer um trabalho? No sentido de não uma vontade sem confiança, ficar pensando naquilo o tempo todo e não ir para lugar nenhum, e não por uma questão de tempo.

Olha eu tive isso evidentemente com um dos concurso que eu fiz esse ano, foi um momento em que eu estava fazendo coisas sozinho pela primeira vez, tanto disciplinas como esse concurso, por exemplo. Então eu comecei a aprender a como lidar comigo mesmo em uma rotina sozinho. Eu vejo que eu funciono muito bem em equipe, porque eu sinto que é muito mais fácil junto com outra pessoa definir um calendário e progredi do que sozinho. Por exemplo, pra eu fazer a inscrição eu ficava postergando ao máximo para fazer as coisas, era uma ansiedade e um bloqueio, porque eu sentia que eu não estava no meu melhor estado pra fazer naquele momento. E eu colocava tanta pressão em cima do resultado que eu ficava, eu preciso fazer isso, precisa ser o meu melhor, então eu não estou no meu melhor estado agora, então eu não vou fazer agora, então eu ficava postergando. Durante esse concurso eu vejo que eu fiquei bem travado em vários momentinhos, mas saiu. Agora, não que fosse um desafio para mim montar um calendário sozinho, ou entender o quanto demora cada parte, mas acho que o desafio era me motivar, porque se tem outra pessoa é “Ah, vamos marcar um call para fazer o trabalho”, mas se você está sozinho você fica na sua cabeça, e por mais que você queira fazer as coisas você fica meio travado.

E o que você acha que a FAU deveria ser diferente?

Eu acho que a FAU tá seguindo por um caminho interessante, toda essa ideia de integrar matérias e pensar trabalhos em matérias conjuntas, eu acho que isso é muito interessante, eu vejo que é uma coisa que se não estivesse acontecendo, seria algo que precisaria acontecer.

Mas eu acho que a FAU ainda é muito distante da tecnologia, seja por uma questão de falta de recurso, mas acho que também uma falta de interesse, mas não sei se é isso, mas quando eu falo tecnologia eu quero dizer formas de produção diferentes, então, poxa, eu tô no quarto ano da FAU e agora ela comprou uma impressora 3D. E, poxa, tem quinhentos mil artigos falando sobre como prototipagem rápida, criar pequenos protótipos ao longo do processo, ajuda você a melhorar o seu produto final. E quando que a gente fez isso na FAU de fazer essas prototipagens ou ter esse auxílio tecnológico maior? Eu acho que a gente demora muito pra ter contato com softwares na FAU, e eu acho que muitos professores veem softwares como inimigos. E tudo bem, eu acho que a gente precisa aprender a desenhar, mas pode ser no primeiro projeto, no segundo já mete softwares nas pessoas. A gente precisa parar de ver o software como a concretização da ideia, mas o software tem que ser parte do processo, principalmente com todas as ferramentas de parametrização, a gente projeta com a máquina, você não faz um projeto paramétrico sem um software, você não faz um projeto paramétrico da sua cabeça, você precisa da máquina para ir te acompanhando. Então a FAU eu acho muito atrasada em relação a isso, você fala com qualquer estudante do exterior e eles já metem Rhino, BIM, etc. e não é como se esses softwares fossem inacessíveis ou difíceis, é só que a gente não tem contato, e aí se cria essa cultura do medo, eu, pelo menos, e outras pessoas que eu conheço tinham receio de alguns softwares porque “Ai, parece tão complexo e tão difícil”, e não é, sabe, mete a cara, vai aprendendo as coisas. Porque por mais que a FAU não te estimule você precisa disso.

E, por fim, é um ponto que eu me contradigo comigo mesmo, porque eu adoro a FAU com essa formação holística de um arquiteto completo, muito aprofundado em história, projeto e tecnologia, mas eu ainda sim acho que a grade da FAU é surreal. Eu acho que a FAU deveria melhorar nisso, porque eu acho que, inclusive, se você desse mais tempo pros alunos eles fariam trabalhos melhores, então, acho que reestruturaria o curso de forma a adensar algumas matérias, e acho que aulas teóricas de quatro horas já é uma coisa muito errada.

Algun conselho que você daria pra você ou pra outras pessoas que estão entrando na faculdade agora?

Nossa, eu faria bastante coisa diferente. Mas acho que o primeiro conselho que eu daria pra mim mesmo é isso do “mete a cara em software”, porque software não é só representação, vai te ajudar muito a entender mais processos, a projetar com o software, e pode trazer muitos benefícios no futuro.

ENTREVISTA 9 - T70

Como foi sua decisão para prestar vestibular? E o que levou você a escolher arquitetura?

Então, bom, eu já queria arquitetura faz tempo. Desde os dez, onze anos de idade já queria. Eu assistia, não sei se faz muito sentido, mas eu assistia aqueles “Mega construções” lá no Discovery Channel, e aí eu gostava. Aí eu fiz o colégio no primeiro, segundo e terceiro ano querendo USP, então estava razoavelmente focada, mas acho que não deu certo, também, eu estudava lá no Capão e não deu muito pra competir. Aí eu fiz dois anos de cursinho já mais focada em arquitetura, fiz as aulas extras de arquitetura, então eu sempre quis. Não sei muito se tem um motivo específico, eu sempre quis.

E você tinha contato com algum arquiteto?

Não, não tinha, não tinha ninguém na minha família que é arquiteto. É mais vendo coisas na internet, filmes, que eu acabei gostando.

Você fez ensino médio em escola privada ou pública?

Em uma escola privada adventista.

E como foi pra você essa transição do ensino médio e cursinho para a faculdade?

Eu acho que se eu tivesse ido direto do colégio teria tido mais um choque mesmo, mas acho que os dois anos de cursinho me prepararam bem. Depois de sofrer no cursinho, que é um período horrível, até achei bom porque é uma coisa mais próxima, o nível de pressão, eu acho. Então do cursinho eu não senti tanto um choque, só o normal de “Nossa, to na faculdade”. Foi até que razoável.

E onde você estudava, todo mundo presta faculdade ou não? Como que é?

Acho que bastante gente fez faculdade até, mas na USP acho que só umas três pessoas que eu saiba.

Quando você entrou na FAU o que você mais se interessava no campo? E hoje em dia como mudou?

Eu acho que eu entrei gostando mais de projeto e aquela coisa que você acha que é arquitetura, tipo prédio, essas coisas. Eu realmente entrei mais com essa cabeça, mas eu fui gostando muito de AUT, e também de mexer com a parte de softwares eu gosto, tanto que eu trabalho com isso agora, e programação, QGIS, georreferenciamento, essas coisas. Então a parte de planejamento e urbanismo eu

acho que eu acabei vindo mais pra esse lado. Mas eu acho que no começo eu tava com cabeça mais na parte de projeto mesmo, então quando eu descobri que tinha FAU-POLI eu falei “Com certeza eu vou fazer”, mas mudei bastante.

O que você acha que aconteceu pra você mudar?

Porque eu fiz a primeira disciplina de planejamento e eu achei sensacional, então fui pendendo para esse lado. Depois eu fiz a próxima matéria e também achei muito bom, a gente sofreu mas foi legal.

Como foram as disciplinas de projeto?

Projeto eu já não gostei tanto. Eu também acho que eu não gostava do que eu produzia, primeiro, mas eu acho que eu não aprendi muito, não entendi como que faz isso, acho que muita gente na FAU sente isso pelo que eu converso. Do tipo, acho que você não sabe fazer um pré-dimensionamento direito, quantas colunas por aqui, e até o meu terceiro ano isso me frustrou bastante.

Mas tem gente que não sabe e mesmo assim dá a cara a bater, e como era pra você?

Eu acho que eu até tentava, lia os livros, eu gosto de matemática e física e eu ia lá no Excel fazer os dimensionamento e tudo, então eu até tentava. Mas eu fazia planurb junto e eu focava mais lá.

Então o planejamento urbano te atraiu e o projeto te repeliu, são os dois movimentos, certo?

Sim.

E como foi sua trajetória com projeto, disciplina por disciplina?

Ah, começou com projetinho com uma professora que o maior problema é que ela sumia, e ela ficava dando atendimento até 22h e eu morava longe, aí já era ruim. E aí eu fui fazer outro com um professor que era do tipo “Ai, tira todo mundo daí”, e a gente estava fazendo um projeto em um lugar meio de favela e ele falava “Ah, não, pode tirar, faz o projeto tirando todo mundo mesmo” e eu ficava “Gente...”, ah, sei lá, achava esquisito. Aí depois eu fui fazer o próximo em uma época que eu quebrei o pé, então deu tudo errado. Nunca dei sorte com projeto, acho que tem isso também. Nessa época eu não consegui ir pra FAU porque eu morava muito longe e tinha que pegar um monte de metrô e dois ônibus ou quatro ônibus, dependendo eu já levei três horas pra chegar, mas era uma média de duas horas e pouco. Agora eu moro mais perto, em Osasco.

Geralmente as pessoas têm uma relação meio íntima com projeto, então queria saber mais como foi esse processo de afastamento, se foi angustiante ou se foi de boa.

Eu tô lembrando agora e foi um pouco angustiante sim, do tipo, não consigo fazer, não tá dando certo, não to achando legal, era uma coisa difícil. Quando eu fiz com uma outra professora e foi mais tranquilo, mais legal, meu grupo era mais legal, a gente conseguiu levar, mas também não foi uma coisa que eu falei “Nossa, que incrível”, foi mais “Ok, cumpri a disciplina”. Então com projeto ou foi difícil ou foi ok.

E por que você preferiu essas disciplinas que você citou anteriormente em relação às de projeto?

Quando eu fiz a disciplina com a professora de planejamento urbano eu lembro de gostar de como ela pensava, de pensar São Paulo como um todo, tentar procurar alternativas, transporte aqui é ruim por causa disso, disso e disso, coisas. Eu lembro de gostar de fazer um plano e aplicar os instrumentos. Com projeto eu nunca pensei que se eu trabalhasse em um escritório eu faria algo legal, mas com planejamento eu pensava que se eu trabalhasse eu poderia fazer alguma coisa, resolver alguma coisa na cidade. Talvez eu tenha me interessado por ter vindo lá do fim do mundo, do Capão, ver tanto problema que tem lá, e acho que isso influenciou. Buscar alguma coisa que tenha aplicação, não sei bem explicar. Acho que foi de ver relevância no que eu estava fazendo, poderia me ver fazendo isso no futuro e eu ainda não tinha achado isso na FAU.

Para além do aprendizado, você achou tranquilo se adaptar ao ambiente da faculdade?

Achei, eu entrei no time de futsal e me ajudou muito, fiz amizade com um monte de veteranas que me ajudavam com um monte de coisa. Acho que facilitou muito a minha vida. E eu fiz ótimos amigos, que são os amigos que eu tenho até hoje, a gente sempre fala que deu muita sorte. E acho que tudo isso ajudou, então foi bem tranquilo em relação à amizades e convívio com as pessoas.

Teve alguma coisa que foi difícil?

O mais difícil foi o transporte, foi difícil mesmo. No primeiro mês eu testei vários jeitos de ir, porque era muito longe. E pra voltar os trens acabavam às 21h, e o técnico ficava falando quase até às 22h. Eu chegava em casa à 1h e precisava acordar às 5h pra sair às 5h30.

Quais foram os momentos em que você mais aprendeu na sua graduação e o que você acha que motivou esse aprendizado?

Eu acho que sempre tive facilidade para mexer com o computador, então essas disciplinas tipo CAD eu fiz logo e gostei, conseguia fazer, as coisas que mexiam com software era sempre eu que ia lá e fazia. Então eu tinha facilidade e gostava. E, por exemplo, a parte de planejamento eu gostei da didática da professora, de abrir o mapa e explicar, e era uma coisa que eu nunca tinha feito. Então você abre o mapa, risca e pensa em cima, eu gostava. E também tinha a ver com o meu background de periferia, e aí acho que fazia sentido na minha cabeça pensar sobre aquilo.

E você não estava esperando que você ia ver isso na faculdade, né?

É, eu acho que eu nunca tinha parado pra pensar que era arquiteta *e urbanista*. E eu fiz dois anos de cursinho, e eu estava pensando que era agora ou nunca, porque eu não iria fazer três anos de cursinho nem a pau. E aí eu fiz as aulas extras de física, e sabe, então na minha cabeça era muito aquilo, matemática e física, vamos lá. E também tudo o que eu tinha aprendido sobre arquitetura era projeto e engenharia.

Se você não tivesse passado na FAU você sabe o que você teria feito?

Eu acho que alguma coisa relacionada à computação, ou talvez música, porque eu tocava violino e piano. Eu toquei em uma orquestra uma vez, e desde o ensaio até a apresentação, foi uma das melhores experiências da minha vida.

Durante a pandemia, o que você acha que funcionou e o que não funcionou nas disciplinas que você fez?

Eu acho que tem um fator de sorte de achar um grupo bom, acho que isso fez muita diferença em várias matérias. Eu fiz uma de planejamento urbano e era um grupo de seis pessoas, então tinha muita chance de dar errado, mas como era todo mundo era amigo, a gente se deu bem e isso fez muita diferença em vários grupos, do grupo conseguir entrar e conversar, distrair um pouco e fazer a matéria, sabe. Eu acho que as matérias participativas em que os professores fazem enquête no meio da aula também ajuda, eu acho. Eu gostei que eles diminuíram a carga horária, acho que isso ajudou. Acho que no geral a maioria das matérias conseguiu se adaptar bem, não lembro de nenhuma que foi péssima, do tipo “Nossa, horrível”.

Você vê alguma vantagem nessas dinâmicas que poderiam permanecer para além da pandemia?

Teve uma disciplina em que a professora trouxe bastante gente pra dar palestra, pessoal internacional, e acho que isso foi uma vantagem. Trazer gente que nunca viria de outra forma.

Agora, ao longo da FAU você acha que tiveram disciplinas em que você não aprendeu nada?

A primeira que veio na cabeça é uma que eu nem vou lembrar o nome, de tanto que eu não aprendi. Era uma de AUH, e acho que tinham vários fatores, uma coisa era a minha falta de interesse ao longo da matéria, mas outra coisa que eu sempre falava é que a professora parecia estar dando aula para a pós-graduação, então se fosse uma matéria para a pós, acho que seria ótima. Agora, pra gente, ou pra mim pessoalmente, eu achei muito pesada e aí eu não consegui acompanhar. Muito texto, muito texto, não tinha condição. E assim, eu saí de lá e não aprendi nada. Uma matéria que não sei o porquê eu fiz.

Tem muitas disciplinas de AUH com muito texto, qual é sua relação com essas outras disciplinas?

De AUH eu gostava mais dessas que eram monólogos, eu preferia. Então de com tal professor eu falei “Tá, eu vou tirar 7.5” mas eu aprendo muito com o que ele fala, gosto muito dos textos que ele dá, tipo, eu ia mal na prova mas f***, sabe. Eu gostava de aprender.

E como era essa outra que você mencionou anteriormente?

Acho que ela falava mas tinha muito de você precisar ler um texto e fazer uma roda de vinte pessoas e aí ficava discutindo e tal. E eu tava tipo “Ai, eu não to entendendo nada”. Eu me desinteressei por aquela matéria muito cedo, então eu nem prestava atenção direito.

Lembrei agora que você diz que você gosta muito de softwares, mas você também gosta bastante de desenhar a mão, né?

É, acabei fazendo todas as disciplinas com a mesma professora. Eu gosto do método dela, eu acho que ela consegue trazer uma criatividade pra todo mundo, coisa que poucas matérias conseguem. Ela consegue fazer todo mundo desenhar, mesmo que seja obrigando a gente. Eu lembro que uma das primeiras matérias em que eu fiz com ela a gente tinha que desenhar a FAU, e uma cadeira lá, aí eu desenhei e fui mostrar pra ela e ela disse “Cadê o teto? Não tem teto aqui? Cadê a cobertura?”, e eu nunca esqueci disso. Ai eu sempre comecei a desenhar fechando o ambiente, nunca esqueço mais do teto, sabe? Umas coisas assim.

Achei isso interessante, porque na FAU tem muitas disciplinas em que você cria alguma coisa que dão a entender que “Ah, isso não é pra mim”. Agora, essa professora é muito boa em mostrar que todo mundo consegue fazer, e se surpreender com o que faz. Que experiências você acha que foram diferentes nesse sentido?

Eu acho que muitos professores focam no desenho, ela é mais “Se você sabe fazer colagem, faz colagem, se você sabe fazer desenho com café, faz”. Acho que ela

foca no que você sabe fazer, e no que você gosta de fazer, e te força a expandir aquilo.

Para além dos momentos em que você aprendeu com os professores, em que medida você acha que aprendeu com colegas ou mesmo sozinho?

Os veteranos me ajudaram muito com coisas mais do tipo “Preciso de um shape”, aí eles diziam “Você vem nesse site, baixa isso daqui”, sabe? Umas coisas assim. Pessoal da minha turma eu lembro que aprendi muito em projeto, porque depois da primeira disciplina eu não queria mais projeto mas ainda tinha muito por fazer, e aí eu fazia mais a parte Sketchup, mas também ajudava a pensar. E aí eu até aprendi mais com o meu grupo do que com os professores às vezes. Sozinho eu acho que mais essa parte de AUT, de mexer com Dialux, essas coisas, em que eu ia e ficava fuçando, gostava. E aí sempre sobrava pra mim pra fazer as coisas nos softwares e tal, de ficar fuçando mesmo porque eu gosto.

Tem alguma coisa que você acha que deveria ser diferente na FAU?

Todo dia integral realmente não dá. Ah, e tem uns professores que são difíceis né.

E olhando pra trás, algum conselho que você daria pra si mesma ou algum calouro?

Acho que pra mim eu falaria “Entra mesmo no futsal e no campo, que vai ser um ótimo escape”, e eu gosto né. Ache seu escape. E eu ia falar pra eu ler mais, eu acho que eu li pouco. Tinham coisas que eu deveria ter lido mais, tipo um Vilaça, assim.

E considerando que você estagia, qual você acha que é a diferença da dinâmica de aprendizado no estágio em relação à dinâmica da faculdade?

Acho que no estágio você aprende muito por pressão, do tipo, “Você precisa entregar isso”, eu faço muita coisa pra ontem, então tem que fazer, tem que dar um jeito de descobrir como faz. Acho que essa é a maior diferença pra mim, tipo, na FAU se você não quer fazer, no grupo você pode focar em uma parte e a outra pessoa em outra, dá pra fugir de algumas coisas. No estágio é mais difícil.

Algum outro comentário que você queira fazer?

Tomara que a prova específica não volte. Acho que não precisava disso na FAU.

Você foi o primeiro ano sem a prova específica, né?

É, e a gente levou um monte de porrada. Só pra você entender eu estava no segundo ano de cursinho, que era super caro, e as aulas pra prova específica eram

super caras, então eu não fiz, e eu tava achando que não ia rolar. Eu fiz metade do ano com muito medo porque eu não estava fazendo as aulas. E aí quando eles anunciaram que não iria ter mais, foi o melhor dia da minha vida, tirou um peso gigantesco das minhas costas. Aí quando a gente entrou era um inferno, do tipo “Nossa, olha só pra isso”, eles ficavam realmente apontando e dizendo “Isso daqui tá horrível, vocês não fizeram prova, não sabem desenhar”, a maioria falava isso. Enchiam o saco da gente o tempo inteiro. Eu acho que eles tinham esse preconceito de quem entrou sem a prova específica não sabia desenhar, e eles não ajudaram a gente. E tinha essa professora, que eu falei antes, que deixava implícito que você consegue aprender, coisa que os outros professores não deixam. Eu passei na FUVest mesmo, mas todo mundo fala “Ah, agora a FAU mudou, entrou mais gente de cotas”, e, ah, não é uma coisa que eu tenho uma opinião mega formada sobre, mas eu não gosto quando eles falam que a FAU mudou. Não sei explicar.

ENTREVISTA 10 - T69

Como foi sua decisão para prestar vestibular? Já era caminho natural ou foi uma decisão mesmo? E que motivos te levaram a escolher arquitetura especificamente?

Eu, na realidade, em termos espirituais, eu sentia que eu talvez gostaria de não fazer faculdade, eu queria fazer uma coisa mais mão na massa, e estava um pouco cansado do ambiente de estudos, mas o que eu acabei pensando é “Puxa, no Brasil é difícil ter uma profissão que paga bem sem você ter uma formação universitária no geral, né”, então pensei “Precisa, fazer, vamos lá, então vamos procurar uma faculdade que não seja teórica, seja mais mão na massa”. E o que sempre me atraiu muito desde a infância e adolescência são carros e coisas mecânicas no geral. Então a minha ideia por alguns anos de faculdade era engenharia mecânica ou engenharia mecatrônica, mais ligada à robótica e computação, que também é uma coisa que me agrada. E aí chegando mais perto do fim do colégio é que acabei pensando e também conversando com pessoas que faziam engenharia, mas ouvi que as faculdades de engenharia são muito muito focadas em matemática, que a parte mais prática mesmo, pelo menos no Brasil, especialmente na USP, é fraca, não é o foco. E também eu achava que talvez me faltaria, mas hoje em dia eu tenho dúvidas, me faltaria uma parte de entrar mais em contato com humanidades e artes. Então, nesse sentido, eu pensei em estudar arquitetura porque seria um modo de conciliar essa parte mais prática e técnica com a parte mais artística.

Qual é a sua dúvida quanto ao contato com as humanidades e artes na FAU?

A dúvida é no sentido que, de fato, eu percebo que tenho interesse nas duas coisas, e parece não ser comum, acho que muitas pessoas são muito prum lado ou pro outro, ou tem um interesse muito técnico e não tem interesse em, sei lá, ir em um museu, ou totalmente o contrário, não aguenta ver um número na frente. E eu acho que arquitetura, tanto como profissão, quanto como faculdade, de fato tem esses dois lados e isso é bacana. Agora, o que eu não sei é se você precisa de fato englobar tudo o que interessa na faculdade. Você pode estudar engenharia e também ser escritor, se você encontrar o tempo.

Como você acha que o seu ensino médio, e cursinho, caso você tenha feito, impactou no seu percurso ao longo da graduação?

Eu estudei em uma escola privada e não fiz cursinho. E eu acho que impactou muito positivamente, porque eu aprendi muita coisa principalmente relativa à parte de humanidades. Eu acho que me possibilitou acompanhar bem toda essa parte mais de história e de sociologia, que é tratada. Acho que esse é o grande destaque do que fez a diferença. E aí de resto acho que me deu uma base boa para tudo. Assim, a gente até teve aulas de desenho geométrico mas eu não levei muito a

sério, então essa parte eu tive que tirar na raça depois, mas se eu tivesse levado a sério, eu já teria mais ou menos engatilhado. As outras coisas, como física e matemática, foram uma base legal também.

E essa coisa de sociologia e história, você diz, pra já começar engatilhado?

É, já tendo alguns conceitos na cabeça e tendo uma facilidade na escrita. Nos trabalhos que eram escritos nunca foi uma coisa que me causou muita angústia. Eu sabia que se eu me sentasse ali, eu sabia que eu conseguiria produzir alguma coisa relativamente rápido e de boa qualidade. E que é algo que eu sei que muitas outras pessoas têm muita dificuldade.

Um letramento acadêmico?

Não sei se acadêmico, mas sim, um letramento, uma certa desenvoltura de entender e expressar os conceitos.

E quando você entrou na FAU quais temas mais te interessavam e quais mais te interessam hoje em dia?

Hm, interessante... Quando eu entrei me interessava pelas questões relativas ao direito à cidade e mobilidade, também questões relativas à tecnologia de construção e modos de ser eficiente, ser econômico. Acho que eram as duas principais coisas. Ai acho que essa segunda permanece, mas talvez não tão forte. A primeira permanece, mas eu tenho muita dúvida quanto aos instrumentos, o fato de que na prática essas coisas trabalham mais no campo do direito do que do projeto, no final das contas. E isso é uma coisa que eu não tinha clareza, e quando eu vi eu falei “Puts, talvez não é a minha praia não”.

E o que aconteceu com seu interesse na tecnologia da construção?

Ele permanece. Acho que no começo eu era mais dogmático em relação a essas coisas, hoje em dia eu relativizo um pouco mais, mas continua sendo um interesse sim. Hoje em dia eu tento pensar mais em como a tecnologia conseguiria reduzir o impacto ambiental do que ser mais econômica e eficiente o possível.

E hoje em dia tem interesses novos?

Tem, acho que eu tive uma reconciliação com a estética. Eu tinha muito preconceito, muito tempo bati muito a cabeça, porque é uma parte importante da arquitetura. Eu disse que eu queria conciliar tecnologia com humanidades, e eu acho que o interesse por humanidades e artes já havia, só que ele era mais com perspectiva analítica e crítica, do que com perspectiva de ver “Ai, isso é bonito, isso é feio, as proporções e tal”. Então era uma coisa que quando aparecia, por exemplo, logo no começo em Projétinho fazer aqueles volumes, aquelas coisas, eu

ficava “Caramba, mas isso é uma perda de tempo, esses volumes de papelão e essas cores, isso daí é uma frescura. A gente tem que fazer as coisas muito pragmaticamente pra poder construir e ajudar as pessoas”. Mas hoje em dia eu vejo mais a importância disso, que no fundo a arquitetura também tem uma função no universo da cultura, então, a estética das coisas importa pra todo mundo, não é necessariamente uma coisa dos ricos. Acabei me reconciliando com isso.

A partir de que experiência?

Acho que principalmente a partir dos estágios que eu fiz.

E você lembra da sua relação com aprendizado no início da faculdade?

Tem isso que eu tava falando, que eu realmente ficava muito bodeado com relação a essas questões estéticas, que tem um enfoque grande no começo, e depois a coisa um pouco se expande e toma outras formas. Mas pra mim era difícil, e eu acho que em parte era uma dificuldade e outra parte era uma oposição ideológica que me bloqueava de tentar melhorar, então tinha isso que tornou difícil meu primeiro ano.

E também acho que tem outra coisa que é realmente uma coisa drástica, que é que o sistema de avaliação é uma coisa completamente diferente. No ensino médio eu estava habituado a fazer provas, e depois tem a experiência do vestibular, mas sempre provas mais ou menos objetivas e com datas e que dependem muito do indivíduo. E aí você passa pra um universo em que o método de avaliação são trabalhos, com prazos mais longos, então você precisa aprender a administrar o tempo e fazer um planejamento, que foi uma coisa que eu não estava muito preparado e tive que aprender na marra.

E também o fato de que são coisas muitas vezes em grupos e grupos com pessoas com pessoas que você não conhecia naquele momento, e grupo às vezes grandes. Então esse também foi um desafio.

E essa coisa que no fundo eu queria fazer coisas mão na massa mas algumas coisas mão na massa eu sabia fazer e outras não. Por exemplo, fazer maquete foi uma coisa que eu fazia como criança, como brincadeira, com um outro tipo de rigor, mas aí quando você faz aquilo de fato pra realmente ser avaliado por aquilo, eu não estava habituado.

E o que acontece quando você passa a ser avaliado por uma coisa que antes você não era?

Não é só uma questão de ser avaliado, mas é uma coisa com outro caráter, porque antes era uma brincadeira, o que era o universo das coisas sérias era o das provas, então aquilo era um hobby, um lazer. Então quando aquilo passa a ser a coisa de fato, acaba sendo muita angústia. Eu não sei se você vai entrar especificamente

nesses méritos, mas pra mim a grande angústia foi Projetinho, porque tinha que fazer aquela cadeira, e depois o meu móvel, então parecia que seria uma coisa divertida mas aí eu não conseguia. Então estava na minha casa ou na FAU, e precisava cortar aquelas madeiras, aí não sei se precisa fazer fila pra comprar as madeiras e pintar. Um clima meio pesado, pessoas angustiadas. Tem que fazer de um modo preciso, é uma coisa séria, e eu me sentia pouco refinado para fazer essas coisas de um modo aceitável. E era frustrante, eu ficava fazendo e não rolava, fazia mó bagunça, não ficava satisfeito com o resultado. Eu me comparava com o trabalho das outras pessoas e ficava frustrado.

Então a dificuldade no primeiro ano foi mais com AUP, do que AUT e AUH?

Acho que sim, mas pela minha falta de precisão no desenho e na coisa gráfica, tive também dificuldade com aquelas de desenho técnico a mão. Agora, AUH não, tranquilo. As da POLI tranquilo. Mas é engraçado, eu queria a coisa mão na massa mas no final eu não estava pronto pra fazer ela de verdade, mas tudo bem, porque aí eu tive que aprender, e é pra isso que serve a faculdade mesmo.

E agora da sua graduação como um todo, em quais momentos você sentiu que mais aprendeu e o que motivou esse aprendizado?

Eu tenho a impressão no geral, mas pode ser que seja um viés, é uma narrativa mais bonita, mais diferente, mas eu tenho a sensação de que os momentos que eu aprendi mais foram momentos extracurriculares. Então, concursos para estudantes que eu participei com colegas, oficinas, participação que eu tive no FotoFAU, ou mesmo um pouco de grupos de estudos, grupos de extensão, que não tive a participar de nenhum muito ativamente mas tive esses passeios, e principalmente os estágios. Eu fico um pouco com essa impressão, que esses são os momentos de maior aprendizado, e acho que cada um tinha sua motivação específica naquele contexto. Tipo, no caso do concurso é ganhar o concurso, no caso de eu dar uma oficina é ensinar as pessoas, no caso do estágio é aprender e me tornar um profissional qualificado.

E as disciplinas?

Acho que teve também, com certeza. Acho que história da arte, pra ter um entendimento geral dos movimentos da arte moderna. Acho que o ciclo de disciplinas de construção deu pra ter uma noção básica de como as coisas são feitas. É claro que tiveram várias lacunas, que eu só fui entender com o estágio, mas já deu uma boa base, fez diferença. Ah, as conversas com os professores fazendo projetos.

Então é como se as disciplinas fossem um caldo ao fogo baixo, sempre aprendendo um pouco, mas saltos de aprendizado foram mais em coisas extracurriculares?

Eu acho que sim, mas é aquilo que eu falei, é difícil saber se é isso mesmo, porque parece que faz tanto tempo.

E durante a pandemia, quais dinâmicas você acha que funcionaram e quais não funcionaram. E se teve algum aspecto que você achou vantajoso?

Nessa resposta vou incluir também o semestre que eu fiz em Lisboa, porque eu estudei dois semestres online, o primeiro foi na Universidade de Lisboa. Um ponto negativo foi uma aula em que eu fazia que o professor lidava exatamente como se fosse uma aula em presença, de ficar falando e passando vídeos por muito muito tempo, e era uma perda de tempo, porque nem tecnicamente funcionava - passar o vídeo e compartilhar a tela -, e aí ele ficava falando, não tinha participação nenhuma, todo mundo desligava câmera e microfone e ia, sei lá, limpar a casa. Então, o que eu acho que funcionou bem, uma adaptação radical das dinâmicas, então encurtar muito as aulas, e, por exemplo, uma disciplina que eu gostei muito foi sobre construção em terra crua, e, uma pena pois geralmente funciona com os estudantes construindo coisas lá na faculdade, mas tivemos que fazer um projeto que era um lugar para passar um tempo da sua quarentena, então já tinha uma relação temática com a situação, que acho que foi bacana. E também você fazia um projeto e o modo de apresentação era um vídeo, que você subia lá em uma plataforma onde as pessoas poderiam ver os vídeos, e acho que funcionou melhor do que se fosse uma apresentação com todo mundo falando, fluiu bem e controlou o tempo.

E depois o outro semestre eu fiz algumas matérias na FAU, e algumas na POLI, e eu senti que no geral a POLI se adaptou melhor ao ensino a distância do que a FAU, senti que tiveram mais esforços em termos de adaptação dos meios tecnológicos mesmo, então, por exemplo, algumas matérias da POLI usavam o Zoom, que funciona em geral melhor que o Google - escrever coisas na tela, fazer salas temáticas. Depois, tinha um professor que usava uma plataforma que era terrível, que vai direto do moodle, mas aí é um mau exemplo, uma plataforma que primeiro funcionava mal, a conexão era ruim, e aí você entrava e já tava automaticamente bloqueado o seu microfone, sua câmera e a sala de bate-papo. Então a única possibilidade que você tinha era escrever uma mensagem privada para o professor, se você tivesse uma dúvida, e ele decidir se convinha, já aconteceu de eu escrever uma dúvida e ele não responder. Bom, mas os exemplos bons acho que teve a ver com isso de procurar outros meios. Então teve uma aula bacana que tinha um quiz que você tinha que fazer, tinha uma pontuação e era divertido. Eu acho que no geral o negócio do ensino a distância é que exacerba a coisa da atenção curta e essas coisas, tem que ser um pouco mais no modo de jogo para funcionar.

E em que medida você acha que aprendeu com seus colegas ao longo da graduação?

Muito, muito. Teve, por exemplo, uma oficina da semana dos bixos, que eu lembro com carinho, do Gema [grupo de estudos de madeira], e depois dessa oficina eu resolvi entrar. Uma oficina em que eles botaram umas mesas no caramelo e trouxeram vários tipos de serrotes, lixas e coisas, era uma oficina de fazer umas coisas com madeira e brincar, foi super, super legal, e eu aprendi coisas. Também uma coisa que eu acho que sempre era rica era nas disciplinas de projeto, mostrar o projeto um pro outro, debater coisas. Acho que mesmo a parte da política estudantil me propiciou a aprender coisas interessantes, então rodas de conversa, atividades em greve, de conhecer outros institutos da USP. Pessoas de classes sociais diferentes, cidades diferentes, com visões diferentes.

O que você disse da madeira parece um pouco o primeiro exercício da disciplina X, em que você tem um material e precisa ficar mexendo até sair alguma coisa.

Ah, não, acho o oposto. Porque acho que o da disciplina é fake isso. Acho que esse método de ensino chama heurística, mas é uma heurística pra inglês ver, porque todo mundo sabia que tinha um tal de um livro pra copiar, ou pelo menos pegar a base, mas aquilo não era falado. E se não fosse é difícil demais fazer aquela coisa experimentando em pouco tempo. Não é assim, na minha opinião. Aquilo é uma fake-heurística. Talvez deveria ter mais liberdade do produto. Coisas meio tácitas, que não é experimentação se é assim.

E os momentos em que você acha que não aprendeu, o que impediu o seu aprendizado?

Acho que no geral eu diria que a maior parte das falhas de aprendizado foi culpa minha, em alguns momentos por falta de maturidade e entender que as coisas não são perfeitas, e, enfim, tem métodos de ensino usados às vezes que são defasados e não são os melhores, mas sempre dá pra você extrair coisas. Precisa ter maturidade, muita boa vontade e paciência, e às vezes me faltou um pouco.

E você foi aprendendo a ter isso ao longo do curso?

Ah, sim, acho que é uma questão de amadurecimento. No geral eu senti que as pessoas que não vieram direto do colégio ou porque demoraram pra conseguir entrar ou as pessoas que mudaram de curso, tinham mais determinação e acho que no geral aproveitaram mais.

E especificamente disciplinas de projeto de edifício, como foi seu percurso de aprendizado?

Um percurso de aprendizado gradual, mas por algum motivo algumas coisas eu peguei mas outras coisas que acho que seriam meio básicas eu não peguei, eu não aprendi fazendo as disciplinas de projeto. Por exemplo, como projetar um bom

quarto, onde se põe a porta, a cama, o que é legal fazer, o que não é legal. Acho que algumas coisas meio básicas eu só fui aprender fazendo o estágio, mas outras coisas eu peguei. Foi bastante gradual, você vai entrando em um com o conhecimento do anterior. E acho que as dinâmicas das aulas expositivas de projeto não funcionaram muito bem para mim, talvez seja culpa minha por impaciência, mas aquelas aulas de quatro horas de slide, salvo exceções, entrava por uma orelha e saía pela outra. Talvez era muita informação e poucos espaços para pôr aquilo em prática de uma maneira mais mastigada. Acho que também o que acaba atrapalhando o aprendizado são falhas de infraestrutura, principalmente a internet, que a maior parte do tempo não era boa, e as dificuldades de você ter onde guardar as coisas, deixar em cima das mesas era sempre mais ou menos, o transporte também. Não sei explicar muito bem, mas parecia que o tempo não rendia. Perdia muito tempo com questões logísticas e também com essas exposições intermináveis que não funcionavam bem. Pra quem tava mais café com leite às vezes acabava indo tudo pro ralo, você vê referências bacanas mas acabava esquecendo, não ter oportunidade de colocar aquilo em prática, ter exercícios mais pontuais para solidificar coisas. E alguns entraves do projeto foi a representação, algumas coisas que demoraram para eu aprender, e que outras pessoas sabiam melhor e outras não, não era algo muito uniforme, mas é o modo de você conseguir produzir de fato, ou desenhando, ou fazendo maquete, computador, sei lá, mas se você não domina aquilo é mais difícil.

E teve algum momento na graduação que você travou em um trabalho? Algo que você quer fazer mas por algum motivo você não consegue fazer, algo como uma vontade sem confiança, você passa muito tempo pensando mas você não sabe por onde andar.

Acho que isso foi muito recorrente, essa vontade sem confiança. Acho que o principalmente me parava era a falta do domínio das ferramentas de representação, ou algumas questões devido ao desconhecimento da inviabilidade técnica. Mas acho que é mais a questão da representação. Acho que nunca foi coisas que eu realmente travei, realmente me bloquearam, acho que foram coisas que eu destravava relativamente rápido, coisa de algumas horas, alguns dias, nunca um semestre, falar “Vou trancar essa disciplina porque não estou conseguindo fazer”. Mas falando em termos de psicologia, às vezes a ansiedade realmente me atrapalha, por exemplo no TFG, eu preciso fazer umas plantas e umas coisas, e parece muito, e eu fico pensando “Nossa, é muito, e não sei o quê” e eu não quero olhar na cara, mas se eu realmente sento e começo a fazer não é tanta coisa assim.

Algo que a FAU poderia ser diferente?

Tem que ter uns lugares mais decentes pra guardar as coisas. Tem que adequar a internet, importantíssimo. Tem que talvez reforçar a segurança, pois ouvi alguns casos das pessoas tendo as coisas roubadas dentro da faculdade, que é uma coisa

um pouco absurda. Tem que dar mais carinho para as oficinas do LAME porque tinha sempre coisa quebrada, sempre coisa meio perigosa, sempre coisa meio capenga, que além de dificultar o trabalho punha a segurança das pessoas em risco. Acho que era importante, mas não sei muito bem como, implementar algum tipo de programa de conscientização ambiental pois sempre gerava muito lixo fazer maquete e tal, e tinham pessoas, por exemplo eu, que sempre buscavam no lixo pedaços pra trabalhar e tal, mas nunca era uma coisa bem estruturada, e muito bem poderia ser. E o currículo tem que se readequar para ter um enfoque ambiental maior.

Foi no intercâmbio que você percebeu isso da consciência ambiental?

É, eu achava que ambientalismo era uma coisa da esquerda liberal, e que o importante era construir dez milhões de casas de concreto para hospedar todos.

E, ah, outra coisa que eu acho que é importante fortalecer no currículo é ter mais experiência de lidar com coisas existentes em termos de projeto, mas aí teria que ir e medir, mas também é uma coisa básica da vida do arquiteto. Porque é sempre tudo em cima do nada, e acho que isso corresponde pouco à realidade da maior parte dos arquitetos, que vão trabalhar com reformas, mas também pela questão ambiental, geralmente você retrofitar uma coisa é melhor do que demolir e construir de novo. Eu lembro que, por exemplo, a gente ia fazer projetos em lugares que tinha uma favela e depois tinha umas casas que não eram favela mas eram umas casas normais de cinco metros de fachamda com garagem na frente, e aí se não era dada a base, pelo menos era prática corrente de começar só com as curvas de nível. Sabe, ignora que tem coisa ali, e acho que isso não tem nada a ver.

E qual é a diferença na dinâmica de aprendizado que você aprende do estágio e a forma de aprendizado que você tem na faculdade?

Eu acho que você tem muito mais espaço para a experimentação na faculdade, e já estou entrando um pouco que não é a minha experiência pessoal, mas conversando com amiga que estuda na Itália, eu vi que o espaço universitário dela para experimentação era bem menor, na FAU a gente tem muita liberdade.

Isso você acha bom?

Isso é bom. É aquele lugar comum de aproveitar o espaço da faculdade para experimentar, porque no universo do trabalho você vai fazer coisas muito padrões e mecânicas. O que eu vi nos estágios que eu fiz foi quando você está fazendo um projeto para um cliente com orçamento, com todas as leis sendo aplicadas e os tempos dos processos acontecerem, e tudo isso, você tem muito menos liberdade de escolhas, você tem uma relação com o cliente que é uma coisa muito importante e que... Puxa, isso podia ser super louco né, porque é uma coisa que às vezes eu ficava em dúvida, quando eu estava fazendo um projeto “Quem é o cliente? O

cliente é a sociedade como um todo, ou um grupo de pessoas que eu vou definir, ou o cliente é o professor?”. Às vezes parece um pouco como se o cliente fosse o professor, mas talvez seria interessante explorar a relação com o cliente de um modo mais realista, não sei como. Mas porque eu vejo que são coisas muito críticas no mundo profissional, uma coisa central, e nos projetos o professor dava uma opinião em relação aquilo mas parecia ser algo diferente.

E tem algum conselho que você daria pra si mesmo olhando pra trás?

Vou dar conselhos de coisas que eu me arrependo e conselhos de coisas que eu não me arrependo. Que eu me arrependo: não deveria ter entrado direto na faculdade e deveria ter tido mais paciência e mais humildade. E coisas que eu não me arrependo: de tentar o máximo sair da casinha, fazer coisas das mais variadas, tipo, fazer estágio, se você quer seguir uma carreira projetista, tentar fazer mais estágios e em áreas diferentes, se envolver com grupos de estudo, participar de oficinas, se envolver com grupos de esportes, grupos de extensão, voluntariado, coisa desse tipo também. Porque no fundo acho que esse é meu testemunho, quando você sai da casinha é quando você aprende mais. Ah, e usar bastante as bibliotecas!

E outra coisa que eu lembrei do que a FAU poderia ser diferente, que talvez poderia ser interessante, mas talvez não seria legal, porque assim, a gente explora na prática mas tem pouca teoria por trás, e talvez seria legal ter teoria mas talvez seria uma coisa perversa, mas essas coisas de psicologia, de marketing, de relação com as pessoas. Porque isso é muito importante na arquitetura, e tem gente que se dá super bem com isso, mas tem gente que tem super dificuldade e isso realmente atrapalha bastante profissionalmente, a relação com cliente como eu falei. Só que assim, a gente já tem uma grade grandona, e aí por mais coisas... Mas eu realmente acho que talvez deveria existir algum tipo de divisão entre Arquitetura e Urbanismo, não totalmente, então uma base comum e duas especializações, porque eles trabalham com instrumentos um pouco diferentes, eu acho. Talvez seria o jeito de comportar tudo o que interessa sem todo mundo ficar doido.

ENTREVISTA 11 - T69

Como foi sua decisão para prestar vestibular? E que motivos levaram você a escolher especificamente arquitetura?

Eu estudei a minha vida inteira, desde o jardim de infância até o nono ano, em escola adventista. E o adventista é uma escola que tem todas essas fases da educação formal, até faculdade inclusive, e era um circuito muito fechado da religião e tudo mais. Mas no ensino médio eu decidi ir para a ETEC, e isso foi uma decisão minha, meus pais me apoiaram, não ficaram muito felizes mas falaram “Vai”. E na escola adventista eu soube que tinha o pré-vestibulinho pra ETEC, até então eu não sabia muito bem o que era. Meus pais trabalharam na Unicamp por bastante tempo, vendendo computadores, fazendo licitação, essas coisas, mas na minha família ninguém tinha feito faculdade, e eu sou a primeira a entrar em faculdade e universidade pública. E na escola sempre tive professores que estiveram muito próximos no meu desenvolvimento, e eu sempre tive eles como mestres, eles sempre foram figuras muito importantes para ter uma relação muito de igual para igual, que encaravam a educação de fato como educação libertária, e isso me fez ter muito interesse pela vida política no ensino médio, como participar do grêmio estudantil, inclusive alguns anos antes de estourar os movimentos de ocupação dos secundaristas. A ETEC era muito diferente da adventista porque na adventista poucas pessoas falavam de faculdade ou faziam UNIP, que é o que um dos meus professores falou “Se você ficar aqui provavelmente você vai pra UNIP, se você for pra ETEC talvez você vá pra USP, Unicamp”, mas na época eu falei que eu preferia salvar a minha alma do que a minha vida profissional. Meu deus... Enfim, pelo menos acho que minha vida profissional está bem encaminhada, agora minha alma já não sei. Mas tudo isso pra dizer que isso de fazer vestibular foi um caminho que eu fui abrindo enquanto eu estava caminhando. Porque meus pais nunca me pressionaram, mas eles sempre deixaram eu seguir o que eu escolhi para mim mesma. E quando eu não podia financeiramente eu vendia brigadeiro no ensino médio e no cursinho pra pagar inscrição de vestibular, por exemplo. Mas eles apoiavam com essas coisas de falar “Se você quiser isso faz isso mesmo e vai ver no que dá, se não der certo você já sabe para onde voltar depois”. E foi por isso que eu prestei vestibular, foi sendo um caminho natural mas ao mesmo tempo eu nem prestei Unicamp, porque eu queria sair da casa dos meus pais, queria ver outras coisas. Então eu prestei USP porque eu estava até que bastante engajada com política no ensino médio e eu achava que queria tocar com o movimento por moradia, uma coisa que era uma ilusão porque a FAU não faz isso, e chegando na FAU descobri outros interesses. E foi fazendo muito sentido de repente estar em São Paulo, estar na FAU e me envolver com o laboratório de fotografia, mas aí foi uma coisa que aconteceu já quando eu estava na FAU, não poderia muito ter calculado isso. Então até chegar na FAU foi esse movimento.

Então você escolheu arquitetura pelo seu envolvimento político?

É, e também porque eu sempre gostei muito de arte no ensino médio, mas eu achava que a vida de artista visual seria complicada. Então eu pensei que arquitetura iria suprir a minha vontade de dar forma para as vontades, mas assim, de um jeito bastante romantizado eu diria, mas que arquitetura seria um jeito de construir essa vontade de um mundo pensado em conjunto, que eu acho que tem muito a ver com política também.

E como seus interesses nos campos de Arquitetura e Urbanismo se deslocaram ao longo dos anos?

Assim, a FAU é muito puxada e eu vim para São Paulo para estudar na FAU, então a minha vida passou a girar em torno da FAU. Isso eu acho que foi bom para ter um esteio, uma base para me situar no lugar novo, sendo que eu vim para cá sem conhecer ninguém, não tenho família aqui, nem nada, mas ao mesmo tempo eu fui sentindo como se tivesse ficando pequeno e esquisito porque eu não encontrei necessariamente o que eu achava que eu iria encontrar. E, por outro lado, eu acho que sempre foi uma pessoa bastante introspectiva, sempre gostei de passar bastante tempo mais sozinha, lendo ou pesquisando, ouvindo coisas. Eu sempre fazia um retiro espiritual para biblioteca, a cada intervalo. Então eu acabei conhecendo bastantes autores, bastante revistas, e inclusive por meio delas que eu fiquei bastante interessada por esse lugar da visualidade, e eu lembro que um dia eu estava descendo a rampa da POLI, e eu sempre sofri muito com a POLI, nunca tive problema de reprovar nem nada mas eu nunca gostei de fazer, e para mim era muito claro isso, e aí eu lembro que eu estava falando com um amigo, e falei “Acho que eu sei o que eu quero da minha vida, eu quero estudar imagem”, e era algo como o segundo ano da FAU, e foi muito engraçado porque nesse momento do segundo ano eu fui convidada para fazer uma pesquisa no grupo de estudos de uma professora e era uma pesquisa sobre a produção gráfica do LPG, aí eu pensei “Legal, né, vamos estudar o que a FAU está fazendo, entender o que eu estou fazendo desse lugar nesse momento”, e eu fiz essa pesquisa, e no segundo ano eu já estava me estranhando, saindo da FAU sempre que eu podia, fazer matéria na FFLCH, depois eu fui pra ECA também, fazer umas coisas. Eu só fiz duas optativas na FAU, e o resto foi tudo fora. Mas isso tudo me fez perceber que o que me movia dentro da FAU não necessariamente eu poderia encontrar dentro dela, mas que eu podia encontrar fora e trazer para dentro para fazer o meu mundo ter sentido ali. Eu já cheguei a pensar em mudar de curso, em largar tudo e fazer filosofia, mas ao mesmo tempo eu pensava que não ia fazer sentido porque eu queria muito estar ali, e eu sabia o quanto esse diploma, essa essa trajetória seria importante na minha vida até para organizar as coisas. E uma coisa que eu aprendi também é que a FAU não necessariamente ensina a gente a fazer arquitetura, mas ensina a gente a fazer projeto, e arquitetura eu acho que não necessariamente passam pelos temas da engenharia civil e construção. E daí, depois dessa pesquisa que eu fiz no segundo ano, eu fiz outra pesquisa que eu fui convidado por outro professor, era uma pesquisa sobre os livros de arquitetura publicadas no século XX

mas muito pautado nos estudos da cultura visual, que eu não tinha tido contato ainda. E ao mesmo tempo eu até falo para esse professor que eu buscava muito uma coisa que eu não encontrava na FAU, e eu sinto que esse grupo de estudos dele me fez entender que eu também tinha lugar ele dentro dela. Isso foi me mostrando que eu não preciso abraçar um lugar como se fosse o mundo completo, mas que sempre dá para caminhar por vários lugares e dá para voltar para um que dê para juntar tudo isso, porque depois que eu terminar essa pesquisa, eu comecei a fazer outra pesquisa no IEB sobre o acervo do Celso Furtado, e na verdade, eu me inscrevi nessa com orientação desse mesmo professor, mas ele me emprestou para uma pesquisa da Semana de Arte Moderna de 22. E aí eu me entendi também como uma pesquisadora autônoma, no sentido de que hoje eu entendo muito mais o processo de pesquisa e de projeto de pesquisa enquanto um trabalho, e que não necessariamente isso precisa estar vinculado com a FAU, mas também está.

Em que sentido?

Acho que a FAU formou as bases para olhar para o mundo e também me deu o instrumento para tentar arriscar a ler esse mundo, por exemplo, nesse trabalho no IEB eu aprendi também muita coisa importante sobre como organizar os arquivos para conseguir construir uma estrutura de pensamento, e aí eu sinto que isso eu trago de volta para a FAU na pesquisa e nos trabalhos. O que eu fico pensando é que não necessariamente a atuação do arquiteto, do pesquisador, está ligado com o que ele faz diretamente, mas com a capacidade de conseguir criar uma rede com tudo isso, daí conseguir produzir conhecimento. Eu acho que a FAU, além de formar arquitetos, ela também forma artistas, também forma não sei o que, mas também forma intelectuais, pessoas que têm a capacidade de pensar, refletir e produzir conhecimento a partir da leitura de mundo que a FAU apresenta. Mas assim, acho que a FAU oferece, mas ela não necessariamente forma todo mundo do mesmo jeito. A gente tem uma grade de muito puxada, mas eu acho que quando você tem esse estalo de que quem faz a sua formação é você - e eu tive isso desde antes de entrar na FAU por conta da ETEC, que é um lugar que também tem muitos alunos, e os professores eram do tipo “A tarefa é essa, e se você fizer você vai entender e, enfim, você vai aprender pra você”, e eu acho que eu é isso que eu trouxe da ETEC pra FAU -, já é um ensaio de que quem faz nossa carreira, quem pensa nosso jeito de estar no mundo é a gente mesmo. E é claro que não sozinho, porque as oportunidades aparecem, ou não aparecem.

E só para amarrar uma ponta, o que aconteceu que seu interesse pelos movimentos de moradia quando você entrou na faculdade?

Quando entrei na FAU eu percebi que as matérias que mais são ligadas com política diretamente, que são as de planejamento urbano, são as que mais me deixam angustiada. Porque eu acho que até então eu levava as coisas muito inocentemente, então a minha escala política era de organizar discussões e pautas

de interesse dos estudantes de uma escola que tinha 900 alunos, e não 70.000 estudantes que nem a USP, ou 20 milhões de pessoas como a cidade de São Paulo. Eu percebi que as escalas iam para muito além do que eu podia entender, e que fazer política era uma questão para quem tem muito estômago. Política continua sendo meu assunto de interesse, várias vezes eu saí da FAU e fui para a FFLCH para acompanhar grupo de estudos sobre a Hannah Arendt, discussão mais teórica, no fim das contas eu entendi que a teoria é o que me chama. E a parte dos movimentos eu acabei não me engajando porque no fim das contas eu senti que não estava me chamando, comparando com as coisas que eu fui encontrando e que me chamaram mais. Mas ainda no fazer artístico, e ao acompanhar exposições, é onde me atraem essas discussões políticas, e eu sempre fico tentando pensar em como articular essas coisas. Acho que foram outras abordagens que fui encontrando, que também eram possíveis e que não me deixavam tão angustiada que nem a luta, o embate direto do controle de territórios.

E como foi o seu início de faculdade?

Os primeiros anos foram muito cheios, eu lembro disso, era muito cansativo. Eu passeava, também, na medida do possível para tentar conhecer São Paulo, tentar aprender a circular, e nossa, até hoje eu tenho pavor do mapa do metrô e do metrô. Os primeiros anos foram nesse pêndulo, acho que foram muitas informações novas, sair da casa dos meus pais, aprender a lidar com dinheiro, pagar minhas contas, das coisas mais abertas possíveis. Agora, na FAU eu lembro que era um momento de tentar entender o que eram aquelas coisas, porque de alguma forma eram grupinhos muito fechados, né, mas ao mesmo tempo que eu queria entender, eu gostava muito de ficar sozinha também, então eu ia para a biblioteca ficava lendo revista, ou ia para biblioteca da ECA também, eu comecei a fazer isso desde o segundo ano já e ficava lendo lá os livros de fotografia, e querendo entender o que tinha além da FAU.

Tem momentos em que coisas novas estimulam a gente, e tem momentos em que coisas novas intimidam, como foi isso pra você?

Tem uma coisa que eu tenho percebido conforme eu vou ficando mais velha, que eu sinto muito medo de muita coisa, mas quando tô com muito medo eu vou lá e faço essa coisa. Porque eu sei que se depois eu olhar para trás e pensar eu não fiz por medo, a não ser que seja uma coisa muito visceral, do tipo medo de altura, mas se for uma coisa do tipo ir e quebrar a cara, eu fico pensando aqui se eu olhar para trás e ver que eu não fiz, eu vou me sentir muito mal comigo mesmo. Então eu tento falar sobre essas coisas com os meus amigos, e quando eu vejo que ninguém entende muito bem e me fecho mais, naturalmente, e eu acabo buscando impulso em mim mesma, ou pensando o quê que eu vou perder com isso ou que eu posso ganhar, mas às vezes nem é sobre isso, é sobre o que eu quero ver e o que eu não estou conseguindo ver de onde eu estou.

Mas e no começo da faculdade, você tinha medo e fazia mesmo assim?

Acho que talvez eu nem tivesse tanto parâmetro para saber o que era dar certo e o que era dar errado, e isso é uma questão que eu tenho até hoje, eu não sei se o que eu to fazendo faz sentido, porque ninguém da minha família tem faculdade, ninguém passou por essa questão de construir uma carreira acadêmica ou profissional bastante especializada. Então às vezes o que eu faço é ligar pra alguma pessoa e dizer “Eu não sei se tá fazendo sentido”, e tentar criar uma rede de apoio, porque a gente pode ter ideias muito legais mas a gente nunca faz nada sozinho, mesmo que seja para ouvir de algum amigo “Eu tenho muito orgulho de você, continua fazendo o que você tá fazendo”, ou quando eles falam “Eu não falei nada na hora, mas eu tava te julgado”, aí eu penso que eu preciso repensar o que aconteceu.

E durante a faculdade, quais momentos você acha que você mais aprendeu? E o que motivou esse aprendizado?

Acho que desde que eu entrei no grupo de estudos, em que eu tive uma rede mais próxima para me apoiar e poder contribuir com interesses em comuns, e não nessas escalas malucas de 40, 150 alunos. Porque eu senti que pela primeira vez a conversa fazia sentido, eu não precisava ter medo de dizer coisas que eu não diria para qualquer pessoa, do tipo, a gente está colocando essas coisas, mas a gente tá colocando para conversar juntos e não para dizer “Que otário”. Um lugar seguro para construção de conhecimento, uma construção até bastante pessoal de postura. E eu senti que aprendi muito também porque era um lugar onde eu poderia fazer esse pêndulo de um momento de leitura individual, e o momento de discussão dessa leitura individual. E eu acho que esse lugar junta tanto as vontades de dentro quanto as de fora, o que estava sendo oferecido pela FAU, oportunidade de pesquisa mas de material disponível também – a biblioteca da FAU é incrível! –, e de dentro essa curiosidade por entender as imagens, que tem feito parte da minha história.

E especificamente durante a pandemia, como o aprendizado se deu?

Curiosamente o grupo de pesquisa começou um mês antes da pandemia, mas aconteceu sobretudo durante a pandemia, e eu sinto que foi um lugar importante para poder encontrar as pessoas, ver que estava todo mundo bem, ou quando não tava bem ter esse espelho. Sobretudo, ter esse lugar seguro para produzir o que fosse possível. E eu sinto que nos anos finais da graduação fez muito sentido pra mim esse regime online porque eu pude estagiar com muita mais atenção ao estágio, do que ficar competindo a FAU e a minha trajetória acadêmica com atividades profissionais que não necessariamente estão vinculadas à pesquisa. Isso porque a FAU é muito concentrada no começo, a FAU te atrapalha pra estudar, eu me senti extremamente atrapalhada pela FAU, indignada, “Como eu posso ter aula

toda hora? Assim eu não consigo parar pra ler o que eu quero”, então eu usava meu horário de almoço, várias vezes eu almoçava paçoca.

Então você diz isso por uma questão de tempo de deslocamento?

Sim, porque querendo ou não, a FAU tem uma infraestrutura boa quando você vai passar o dia lá, dez horas, só que ou você mora perto da USP e longe da cidade, ou você mora na cidade e longe da USP. E eu nem moro longo, é tipo, uma hora de deslocamento.

Em que medida você aprendeu com seus colegas ao longo da graduação? E gostaria que você contrapusesse o aprendizado que você teve com seus mestres, como você chamou, em relação ao aprendizado entre iguais.

É engraçado porque com meus colegas eu sempre pude construir coisas juntos, tipo o ExpoFAU, mas quando eu queria ter conversas para tensionar o meu pensamento, eu sempre recorria aos professores e ficava conversando depois da aula, mas como se fossem iguais mesmo. E não é que eu tenho problema com autoridade, mas eu sempre acho que trocar com hierarquia já nos coloca na posição de quem está faltando, e não que eu seja faltosa, mas todo mundo é. E nesse sentido eu acho que com os professores eu sempre fui bem recebida para discutir alguma questão de fora, também questões ligadas à eventos, à iniciativas em outros institutos da Universidade, e também para pedir conselho, orientação quando eu não me sentia bem situado. Eu acho que eu nunca pedi isso para colegas, eu nunca me senti confortável e bem acolhida, quando eu colocava minhas questões pessoais ou de dúvidas em relação a carreira acadêmica, eu nunca senti que eu pudesse ser bem recebida e nem entendida, como se eu estivesse falando outra língua. Sempre pareceu um lugar um pouco perigoso para ouvir respostas atravessadas ou desinteressadas, ao invés de me dar suporte, acabar questionando e me deixando muito mais insegura de por fora do que guardando para mim mesma.

E em que momento você sentiu que você não aprendeu? E o que você acha que impediu esse aprendizado?

As matérias mais rígidas no sentido de estrutura metodológica com um roteiro geralmente inteiramente estabelecido para resolver problemas. Por exemplo, as matérias da POLI que eu sinto que eu aprendi foram aquelas que eu desisti de ir para as aulas, e que eu estudava sozinha depois. Então eu aprendi mais sozinha, e nesse sentido o ambiente das disciplinas eu acho que não contribuíram para que eu aprendesse junto, no sentido de que não dá para a gente olhar para o que está sendo proposto e criar um modo de abordar o assunto, e eu acho que isso é muito importante porque quando envolve a gente no processo de como resolver essas perguntas que a matéria disciplina trás, a gente consegue avaliar o que interessa e qual o caminho para gente seguir dentro disso para resolver esse problema ao invés de simplesmente dizer “Esse é o pepino, e você vai ter que cortar ele, descascar”. E

nesse sentido eu acho muito empobrecedor, porque é como se a gente tivesse que lidar com as questões como a gente fosse máquina, e nem todo mundo é do mesmo jeito.

Quais disciplinas você diria que estão fora desse modelo?

Acho que todos os projetos eu gostei bastante, desde fazer projeto com um professor e poder conversar sobre os filmes do Tarkovsky, fazer projeto com outro e apresentar uma maquete de madeira com um pedaço de cupinzeiro em cima, e também uma optativa em que eu apresentei um ensaio visual ao invés de um ensaio textual. Então acho que esses lugares de poder trabalhar a linguagem foram importantes, mas foram importantes para mim, não sei se foram para todo mundo.

Curioso, porque acho que tem pessoas que ficam frustradas com a FAU por muitas vezes não se dizer com clareza o que tem que ser feito, e tem gente que fica frustrado quando ela meio que fala o que é para fazer. Porque a FAU fica um pouco em cima do muro em termos gerais, ela nem é muito clara, nem muito delimitadora.

Eu acho que se ela apresenta o problema, você vai escolher como lidar com ele. E acho que isso tem muito a ver com um entendimento de maturidade, que a gente vai desenvolvendo, e eu acho que isso é muito importante da FAU, porque a gente é chamado a pensar e a refletir sobre o que faz sentido para a gente, e se você não faz isso você sai de lá sentindo que não fez nada.

Mas como você vê o professor X, que você citou anteriormente? Porque ele não dá muito espaço para você criar seu próprio método, ele tem a forma como ele acha que as coisas devem ser conduzidas.

O que eu acho interessante da metodologia dele é que o problema é apresentado e discutido, mas ele nunca fala pega da lapiseira desse jeito, como outros professores falam para a gente. Ele não fala como você deve preencher o que está dentro da moldura da sua folha vegetal, mas ele fala que tem que ter carimbo, ele fala que tem que ter moldura, porque ele te dá a base, eu acho, e você constrói o que quiser em cima. Isso é diferente dos outros professores, porque parece que eles te dão a estrutura para você inventar a sua base, no sentido que eles te falam como é para fazer o que você nem entendeu o que é para fazer. E eu acho que são caminhos diferentes. Eu ouvi uma frase muito boa esses dias, “a liberdade da autonomia”, no sentido de que você vai deixar o aluno livre para fazer qualquer coisa, ou você deixar ele autônomo para pensar no que ele está fazendo.

Última pergunta, olhando para trás tem algum conselho que você daria para si mesma ou para outros alunos?

A FAU, ou as obrigações da vida, impedem a gente de se dedicar ao que faz sentido, ao que eternamente chama a gente, e às vezes poder pendular entre essas coisas é importante. Porque você consegue tanto enriquecer o seu mundo com responsabilidade perante obrigações, quanto você também consegue deixar as obrigações mais leves ao levar outras informações para ela, ou outros modos de abordar os problemas. Isso eu gostaria de saber antes, porque eu sempre levei obrigações muito a sério, e deixei de atender aos meus interesses por muito tempo. Eu sinto que cada vez mais os colegas que entram na FAU ficam muito aflitos em chegar em um grau de excelência, e eu também estive lá, porque afinal esse é o caminho que leva a gente até a Fuvest e a atravessar esse muro, esse portão, para entrar na USP. Mas esse grau de exigência nunca diminui, parece, é sempre um grau de exigência maior e maior, só que não existe nenhum ser humano perfeito. Então seria bom recuperar essa trajetória, essa individualidade, porque cada um tem coisa para contar e agregar nas discussões, e é importante enriquecer esses lugares, porque se for todo mundo bom vai ser todo mundo igualmente bom, e não diferentemente bom.

ENTREVISTA 12 - T69

Como foi sua decisão para prestar vestibular e o que levou você a fazer arquitetura?

Eu vou ser um pouco clichê, e foi começando a jogar The Sims. Foi um momento de epifania que eu tive com a minha melhor amiga com quem eu jogava The Sims juntas, mas na verdade ela que construía, e na verdade eu ficava só olhando, então na verdade eu só fui completamente influenciada. Ela falou sobre isso de fazer arquitetura e no final a irmã dela passou em arquitetura, e então eu tive um pouco de contato com a irmã que já estava na FAU e contava que gostava bastante, então fomos sentindo o curso de longe. Foi mais um feeling do que uma decisão muito pensada, porque na verdade eu prestei três cursos diferentes: Artes visuais na Unicamp, Design na Unesp e Arquitetura na USP. No final eu passei nas três, e eu achei que arquitetura contemplava uma gama maior de coisas ao mesmo tempo, porque o que eu ouvia falar dessa irmã da minha amiga é que a FAU contemplava também essa parte da área visual e de design, e talvez na arquitetura eu poderia ter os três ao mesmo tempo. Então foi por isso que eu escolhi, mas eu realmente não tive contato com arquitetura antes, meus pais não eram arquitetos, o que é diferente de 99% das pessoas da FAU, e nem tinha amigos arquitetos muito próximos, então foi realmente um teste.

Você tinha em mente mercado de trabalho?

Não, eu ouço muito a opinião dos meus pais e eu não sabia muito bem do mercado de trabalho, mas meu pai achava que eu entrando na FAU, que era uma faculdade prestigiada, eu teria um bom emprego no futuro. Então foi confiando na palavra dele, e eu realmente não pesquisei muito sobre isso. Ele ficou tipo “Se você for pra FAU tá tudo bem a sua vida, continua”.

E como você se sente em relação ao campo profissional agora?

Pra mim é um pouco confuso, porque estudando na FAU eu fui me afastando da arquitetura, o que é engraçado. Agora eu trabalho mais nessa área que muitas faculdades consideram como parte da arquitetura mas muitas não, que é essa área de exposição, curadoria, etc, que é a área em que eu quero seguir. Eu acho que a FAU me deu uma base muito boa pra seguir nesse campo porque ela contempla muitas áreas, então ela dá uma base muito boa pra isso. E aí com isso eu consegui entrar nesse outro mercado de trabalho que eu sinto que é um pouco difícil e por isso eu estou me agarrando nessa oportunidade de emprego que eu tive agora, porque é isso, é um mercado meio difícil porque acredito que tenham poucas vagas e nem muitos cursos voltados pra isso. Como eu estava falando, poucas faculdades de arquitetura consideram isso como parte da arquitetura, então é uma coisa meio

nova, difícil de lidar, ainda tô meio confusa de como vão ser as coisas no futuro, mas eu tô me agarrando ao que eu tenho agora.

E como foi esse seu processo de se distanciar de projeto de edifício?

Quando eu entrei na FAU e comecei a fazer os cursos de projeto eu já me sentia meio perdida, e eu sentia que muita gente entrava já com esses conhecimentos, e eu não sabia por onde começar a fazer o projeto. Os professores já falavam dessa coisa de conceito, já falavam coisas até mais específicas de materiais que eu realmente nunca tinha tido contato, então eu estava completamente perdida. Acho que começou um pouco uma aversão já por eu estar perdida nesse meio, mas mesmo quando eu fui aprendendo um pouco mais eu fui vendo que o que eu buscava na arquitetura era justamente as duas outras áreas que eu tinha aplicado no vestibular, a parte de design e das artes, e aí realmente eu fui me encaminhando mais por esse meio.

Como foi sua transição do ensino médio para a entrada na faculdade?

Foi intenso porque eu era de uma escola privada muito pequena de Campinas, tanto que pra prestar vestibular eu quase mudei pra uma escola de grande porte que me daria mais chances de entrar no vestibular, mas no final eu acabei ficando na escola pequenininha mesmo e resolvi tentar porque era mais perto de casa e tinha amigos, falei “Vamos ver no que dá, e se não der eu faço cursinho”. Então eu continuei mas como era uma escola pequena e pouco estruturada, boa parte do meu estudo foi por conta própria, então eu consegui na internet apostilas de cursinhos de São Paulo, e fiquei estudando por conta própria, e no final foi o que me ajudou a passar na FAU direto. Foi intenso, eu quase não saía no meu terceiro ano do ensino médio, meus amigos iam em várias festas e eu ficava me matando de estudar porque eu queria passar. Então por isso que eu falo que foi intenso, porque eu estava em uma escola que não era estruturada, então eu fiz tudo muito por conta própria.

E essa transição em termos de como funciona o aprendizado da escola pra faculdade?

A escola era muito pequena então a relação dos alunos com os professores era outra, porque eram no máximo 20 alunos por sala então eu me sentia muito livre pra falar com os professores, tirar as dúvidas, sobre questões mais avançadas também pra chegar em níveis mais altos e poder entrar nessa competição do vestibular, ou mesmo eu só falava com os professores e eles vinham de tarde me ajudar, então era uma relação muito próxima, muito amiga. Isso mudou muito na FAU porque eram 150 pessoas, então quando eu entrei na FAU eu me sentia meio impedida de fazer perguntas na aula, era outra escala. Pra mim foi meio um choque, mas um choque bom, porque tem muita mais diversidade. Mas na relação aluno-professor foi isso.

E pra se enturmar?

Acho que no começo também foi um pouco difícil porque já tinham grupos formados, de pessoas que se conheciam mais, aquela coisa de pessoas de grandes colégios. Aí eu meio que ia me aglutinando nesses grupos já formados, ou com as poucas pessoas avulsas como eu. Mas acho que no começo é tudo tão louco pra todo mundo que as pessoas estão bem abertas.

O que mais te interessava no campo quando você entrou?

Acho que desde o começo eu sabia que eu gostava mais dessa área de Design, porque, por exemplo, uma coisa que sempre me fascinou foram os design da Cosac Naify, e era um sonho fazer coisas do tipo. Nas duas primeiras disciplinas que eu tive de projeto visual eu amava trabalhar com aquilo, usar as máquinas do laboratório, e mesmo que o trabalho fosse em grupo e em uma área técnica ou de projeto, eu tentava ser a pessoa responsável por fazer a parte gráfica.

Em quais momentos você sente que mais aprendeu ao longo do curso e o que você acha que motivou esse aprendizado?

Primeira coisa que me vem na cabeça agora é que eu aprendi a escrever de um modo mais “metodologia científica”, pra mim foi muito importante ganhar essas habilidades de escrita, acho que as disciplinas de história foram as que mais me desenvolveram tanto pela qualidade dos professores, que eu acho que é altíssima, quanto isso deles sempre empurrarem para ler mais, escrever, sempre fazer fichamento ou isso de fazer uma monografia. Acho que essa foi uma das partes mais legais da FAU porque você escreve sobre uma coisa que você gosta e que envolve o que você aprendeu, acho que é um jeito muito bom que primeiro te dá interesse no conteúdo e segundo te faz ir além. E acho que nesses ateliês que tem um laboratório, em que você pode realmente usar as máquinas e fazer trabalhos manuais, é muito estimulante, ver como funciona, por exemplo, a fotografia, a serigrafia, e poder aplicar isso no seu projeto. E sobre projeto de arquitetura, teve uma determinada professora que foi a primeira que tornou projeto menos abstrato, e me fez ter um contato mais real, acho que foi quando ela falou pra a gente desenhar os móveis e as medidas ao vivo com as quais a gente convivia, não só desenhar a partir do papel.

Durante a pandemia, tiveram coisas que você acha que funcionou e manteria?

Acho que nesse momento está sendo muito bom as aulas gravadas, porque é um momento muito mais difícil é muito bom pra você poder assistir em momentos que você está mais calma e no seu próprio tempo, poder pausar e repetir. E eu estava lembrando de um comentário que um professor fez um dia, que as pessoas estavam interagindo muito mais com a aula no chat, então pessoas que não comunicavam

nada na aula passaram a poder se comunicar, as pessoas se sentem mais livres de usarem o chat.

Em que medida você acha que você aprendeu com os seus colegas?

É engraçado porque sempre teve muita competição dos alunos, então acho que foram raros os momentos em que as pessoas se ajudavam. Acho que realmente só em trabalhos de grupo em que todo mundo realmente precisava cooperar. Não consigo pensar em momentos que as pessoas se ajudavam.

Você sente que essa competição às vezes te estimulava a fazer algo melhor?

Então, é que essa competição é muito subjetiva porque isso implica em certos momentos fazer certas decisões, do tipo “Vou pegar um professor coxa que vai me dar uma nota boa, mas não vou aprender tanto quanto com um professor que não vai me dar nota pro intercâmbio”. Era uma competição entre os alunos mas muitas vezes dependia dessas outras decisões que desestimulam o aprendizado, então, elevava o nível mas também te fazia tomar decisões como essa.

Em que momentos você não aprendeu? E o que impediu esse aprendizado?

Acho que é mais culpa minha, acho que é mais desinteresse meu em certos assuntos, porque no final nos trabalhos em grupo, você não necessariamente precisa passar por isso. Por exemplo, eu costumava fazer grupo com as mesmas pessoas em várias disciplinas, então eu ajudava mais nas que eu gostava mais, e menos nas outras, então eu aprendia menos naquelas que eu gostava menos.

Teve algum caso de uma disciplina que você estava com vontade de aprender e acabou sendo frustrante?

Acho que não.

E especificamente projeto de edifício, como foi seu percurso?

Então até o segundo projeto eu estava meio perdida, até eu ter contato com uma professora que me pôs mais em contato com a realidade, que pediu para medir os espaços e os móveis da própria, e acho que a partir daí eu comecei a usar essas técnicas de dentro pra fora até o final. Mas eu sinto que até hoje eu não sei muito bem, essa base que ficou faltando no começo até hoje eu não sei muito bem, essa coisa de conceito, como pensar esse conceito, etc, claro que são perguntas muito subjetivas, ou discussões teóricas do que você valoriza mais, mas acho que até hoje eu me sinto um pouco perdida nesse campo. Acho que eu não sinto que eu completei o aprendizado em projeto, mas eu não sei nem se tem fim nisso. E acho que esses professores com grandes nomes, eles tem um ego muito grande da maneira como eles fazem o projeto, mas eu não sei se eles realmente passam isso

pros alunos, eu acho que no final fica uma coisa meio subjetiva, meio de gosto, eu não sei se eu capto tudo o que eles querem dizer com aquilo ou se é mais um traço pessoal deles.

E teve algum momento na graduação em que você travou em um trabalho?

Projeto. Acho que muitas vezes a discussão teórica me ajudava a ir além, a entender o porquê do que eu estava fazendo, mas muitas vezes ela me travava porque eu começava a questionar cada traço que eu fazia, acho que ela era um pouco os dois. Então muitas vezes no projeto, e isso é uma característica muito pessoal minha, mas eu questiono cada detalhe do que eu estou fazendo, então o projeto não conseguia ir além porque eu não via sentido no que eu estava fazendo.

Você colocava essas dúvidas para os professores ou pros colegas?

Eu acho que eu me sentia envergonhada de colocar essas dúvidas tão básicas tanto pros professores quanto pros colegas.

O que você acha que a FAU deveria ser diferente?

Principalmente a parte teórica tinha que se alinhar mais com a parte prática, realmente ter uma troca mais visível dos dois, porque muitas vezes o AUP está parado no brutalismo e o AUH está criticando e aí a gente fica meio perdido, do tipo “Então a gente faz o que?”. Acho que talvez isso era uma coisa que me deixava um pouco confusa na hora de fazer o projeto, eu levava muito em consideração essa crítica e na hora da prática eu não entendia muito bem o que eu estava fazendo.

Acho que uma colaboração maior entre os alunos falta, os alunos saberem valorizar a troca entre eles, não só a competição, mas pode ser que esteja melhorando e eu não sei, mas a minha turma era muito competitiva.

E acho que isso de quando as pessoas entram em uma faculdade de arquitetura sem saber o que é arquitetura, acaba faltando uma introduçãozinha do que é esse mundo. Eu entrei de cabeça e nem sabia o que era um pé-direito, eu entrei de cabeça e meio perdida, foi um choque, acho que a gente também tá na faculdade pra ter algum choque, mas acho que pode ajudar ter uma introdução.

E tem algum conselho que você daria pra si mesma olhando pra trás ou pra quem entrar na FAU?

Não ter vergonha de não saber.

Como você contrasta a experiência que você tem no trabalho com a que você tem na graduação?

Acho que no meu primeiro trabalho em que eu trabalhei muito em detalhes de uma reforma, e pra mim faltava muito a integração de AUP e AUT, eu lembro que teve uma única vez em uma disciplina de projeto que teve uma integração com as disciplinas de tecnologia, em que no projeto precisava de um detalhamento do AUT, foi a única vez que teve esse encontro direto. E acho que isso faltou na hora de fazer o meu trabalho, em que eu realmente tive que abrir um livro de novo e ver como fazer aquele detalhamento.

ENTREVISTA 13 - T68

Como foi sua decisão para prestar vestibular e o que levou você a escolher arquitetura especificamente?

Foi engraçado, porque eu lembro que no meio do ensino médio eu já tinha muito definido que eu queria prestar arquitetura. Acho que tem um antecedente de que eu sempre desenhei, sempre foi uma coisa importante na minha vida, mesmo que oscilando no espaço que ocupava ao longo do tempo, mas acho que isso foi um pouco o que me levou pra tomar essa decisão. Eu lembro que foi uma decisão que veio muito pronta, parece que veio da noite pro dia, eu falei “É arquitetura, e é isso”, eu comecei a mergulhar de cabeça muito antes do vestibular, comprar livros de arquitetura, estudar os grandes arquitetos, essas coisas e tal. E tive muito incentivo familiar depois que eu tomei essa decisão e foi isso, uma coisa que veio quase pronta. Tanto que quando eu entrei era engraçado, eu tenho a impressão de que em geral a gente entra em arquitetura por motivos muito alheios a ela, e não sabe muito do que se trata, e eu lembro que quando eu entrei eu já sabia. Eu lembro que no dia da matrícula eu estava com um amigo de escola e chegaram dois veteranos, aquela coisa, e falaram debochando “Vocês sabem quem projetou o prédio da FAU”, eu respondi “O Artigas” e eles ficaram com uma cara de bunda. Achei engraçado. Mas tudo isso pra dizer que foi uma coisa meio intensa, uma intensidade que até se perdeu um pouco depois na FAU. É essa a história, não é uma coisa muito estruturada, eu nem saberia contar de uma forma mais estruturada, é uma coisa que veio um pouco como uma certeza. A coisa de desenhar acho que foi muito importante, quando eu era criança eu não desenhava muito de observação, eu desenhava muitos lugares imaginados.

Por que você não estudou artes plásticas, por exemplo?

Pois é, quando eu era criança era o que eu tinha na cabeça, mas eu não saberia dar uma resposta satisfatória para isso hoje em dia, acho que até porque eu tô em crise com a arquitetura. Não sei, quando eu decidi prestar arquitetura e comecei a estudar alguma coisinha eu fiquei muito encantado com o que eu vi... Aí sim entra muita ingenuidade de não saber do que se trata, às vezes até um certo idealismo e tal. Acreditava que arquitetura era uma coisa que tinha mais implicações concretas no mundo do que as artes plásticas, talvez tivesse um pouco disso por trás, pensando agora em retrospecto.

Qual foi o caminho do encantamento até o desencantamento atual com o campo da arquitetura?

Olha, talvez tenha começado com o professor de linguagem arquitetônica, na preparação para o vestibular, que foi bem massacrante, tanto que eu fui muito mal na prova de desenho, totalmente congelado. E aí parece que no começo da FAU

sempre tinha uma trava de não saber exatamente o que tava fazendo e tal, mas depois isso melhorou porque a gente vai aprendendo no tranco. Acho que ler o Sérgio Ferro no primeiro ano contribuiu em alguma medida para compreender que era um campo com problemas, não naquele sentido besta de falar “Ai, o Sérgio Ferro inibe os alunos de projetarem”, mas perceber que era um campo complicado. Por um lado te coloca questões que te põem em movimento, mas por outro lado ele te coloca que o caminho tradicional da profissão é um caminho problemático, não que não existam formas de tratar os problemas que ele coloca na profissão, trabalho com mutirão e tal, mas também logo que eu comecei a frequentar esses lugares que lidavam com questão de mutirão e tal (2015 foi aniversário de 25 anos da Usina, então eles fizeram vários eventos, visita a canteiro), e eu achei a perspectiva muito desanimadora porque eles estavam já totalmente atrelados ao Minha Casa Minha Vida, e eu lembro que a gente foi visitar um canteiro de um mutirão que hoje em dia tá totalmente parado porque não tem financiamento. Depois eu acabei me afastando desse grupo.

Eu acho que muito do desencantamento tem a ver com a estrutura do ensino na FAU, as matérias de projeto ficavam muito aquém do que eu esperaria para estimular o aluno a ir atrás das coisas, porque tinha muito essa perspectiva de tarefas, e acho que a qualidade do trabalho, você se envolver, fazer um trabalho interessante, dependia muito de com quem você fazia. Mas teve um trabalho que eu gostei bastante de fazer, que foi um trabalho individual que fiz com um professor super X, mas por algum motivo eu me envolvi muito, então sei lá, é uma coisa que tem muito a ver com questões pessoais essa oscilação, não sei se é só atribuível a FAU.

E acho que tem uma coisa também que é por estar um pouco nessa atmosfera de achar que nosso campo é um campo falido, mas também tem essa coisa de demorar muito pra estagiar. Tem o lado bom de adiar um pouco a entrada no mundo do trabalho que é uma lógica totalmente diferente, voltado só pra eficiência, rendimento e tal, e que não necessariamente tem a ver com criatividade e liberdade, mas tem um outro lado também que você se aliena um pouco do que é a prática do campo. Então estagiar tá sendo bom pra de certa forma confirmar o que eu pensava só na minha cabeça, acho que desencantamento é sempre o passo de passar da imaginação pra coisa concreta. Mas acho que sou mais eu, acho que as pessoas se envolvem em coisas - eu, por exemplo, podia estar fazendo um estágio mais interessante.

Como foi a transição do ensino médio para a FAU?

Por incrível que pareça a FAU não é um ensino que eu consideraria escolar, algumas matérias sim, principalmente as da POLI, que ainda tem estrutura de prova e tal, mas eu lembro, por exemplo, de um dos primeiros trabalhos de história que era realmente uma introdução à pesquisa, e mesmo que fosse um pouco

desestruturada porque era “Vai na biblioteca e vê o que você acha”, acaba sendo um pouco assim que funciona. Então acho que isso era bem diferente. E o negócio de projeto também, tanto que eu não sabia muito como trabalhar nesses modelos, demorou pra começar a fazer sentido, porque a gente entra com uma mentalidade meio escolar mesmo.

E quando começou a fazer sentido?

Acho que é a partir do segundo ano que começa pra valer, ou no próprio primeiro, acho que uma das melhores matérias de projeto que eu fiz foi de paisagismo. Fiz com um professor específico mas acho que tem muitas coisas que dependem mais do acaso do que da estrutura da disciplina. Então, o que aconteceu foi que eu me juntei com um amigo, que eu conheci no primeiro semestre, só que a gente não conhecia mais ninguém, então nosso grupo acabou ficando com dois veteranos perdidos que nunca apareciam, e quem fez o trabalho mesmo fomos eu e esse amigo. Então acho que a gente conseguiu, por ter uma dinâmica de trabalho boa e também por estar em uma situação adversa de ter que fazer um trabalho de quatro em dois, a gente conseguiu fazer um trabalho interessante, que deu pra pensar. E o professor não é daqueles que ficava em cima, cobrando, ele dava bastante liberdade pra gente, embora nossos colegas não tenham gostado muito de fazer com ele. Essa foi a primeira matéria de projeto que eu me senti mais interessado, porque o primeiro semestre tinha sido mais decepcionante.

Você citou dois professores que parecem dar bastante espaço pros alunos, não ficam em cima, você acha que tem algum paralelo entre eles?

Acho que sim, são professores que são considerados meio várzea, mesmo que um seja considerado que deixa bastante livre, e o outro é só considerado várzea. Mas, por exemplo, eu sabia que não tinha obrigação de ir no atendimento toda semana, mas por algum motivo eu sempre tinha coisa pra mostrar, então a coisa fluía. Então, na verdade, ser bom, o projeto avançar, depende muito de você dedicar tempo a ele, e não do professor ficar cobrando. Acho que talvez fosse por aí.

É que às vezes a sua interação com o professor te estimula a dedicar tempo ao projeto, né?

É, sim, às vezes, mas nesse caso acho que nem foi tanto o professor. Também tinha uma coisa que era um projeto individual, mas eu fazia uma mesinha de trabalho com outros três colegas, e a gente ficava trabalhando lá e montamos uma base de maquete pra dividir, e tal, e a gente fazia os atendimentos meio juntos pra tentar aproveitar questões mútuas do projeto.

Como foi sua trajetória em projeto de edifício?

O primeiro projeto foi em grupo e num semestre de greve, e como teve greve a gente não conseguiu avançar muito no projeto; a gente tinha achado muito estranha a proposta, ficamos bem revoltados na época. Mas foi divertido porque a professora que orientou a gente também era bem livre, ainda tenho os desenhos dessa época, a gente pegava uns manteigas gigantes e ficava desenhando lá, inclusive um monte de coisa que não tinha a ver com o projeto. Então esse foi o primeiro que tinha essa coisa de achar que a proposta do exercício era abstrusa e tal, então fizemos um projeto meio esquisito, meio pós-moderno. Mas acho que também tinha a ver com começar em uma escala com a qual a gente não tinha a menor intimidade.

Depois eu tranquei um projeto individual e fui fazer direto o terceiro projeto em grupo, isso foi bem na época em que nós todos estávamos bem encantados com a coisa do mutirão, aí pensamos em fazer uma coisa nessa linha, tanto é que o primeiro estudo preliminar que a gente entregou era totalmente baseado no projeto do Copromo, e eu lembro que o professor ficou muito impressionado, feliz, que a gente tinha feito uma planta enorme na escala 1:50 do projeto todo, mas aí logo no primeiro atendimento que a gente fez ele começou a querer direcionar a gente pra fazer lâminas, ele criticou que tinha oitão, porque era telha e não era laje, enfim, foi um atendimento que deixou todos os três muito desconcertados e a gente saiu xingando de lá, e depois acho que a gente nunca mais teve um atendimento com o professor, a gente só foi tocando o projeto e apresentando. E no final a gente acabou fazendo um projeto que era totalmente oposto ao que a gente tinha pensado originalmente, porque a conclusão que a gente chegou era que o mutirão só é uma coisa interessante quando você trabalha em relação direta com a comunidade, o projeto emerge desse relacionamento; quando o mutirão é só uma coisa que chega o projeto e as pessoas são só mão de obra pra construir, vira um negócio esquisito. Então, decidimos assumir uma perspectiva estatal e de escala, um conjunto pré-fabricado, uma lâmina de concreto gigante, aí do outro lado tinha dois prédios menores em H e uma creche, e aí do outro lado tinha um conjunto que parecia umas vilazinhas, mas não ficou ruim porque a gente conseguiu detalhar - mas foi graças a um dos membros do grupo que teve uma energia pra fazer a gente detalhar toda a unidade, fazer ela acessível pra cadeirante, fazer a modulação dos blocos de alvenaria, um banheiro legal, todos os ambientes ventilados, pensar como seria a estrutura de concreto, onde ela atravessaria, tanto que eu lembro que a gente teve uma briga homérica porque ele achava que tudo bem passar uma viga no banheiro e eu e o outro membro achávamos que não. E esse foi o primeiro trabalho em que eu lembro que conseguimos terminar o projeto no sábado, sendo que a entrega era na segunda, e aí a gente teve um domingo ótimo. Então foi a primeira vez que conseguimos terminar o projeto com antecedência, mas também acho que foi a última. Aí o professor gostou no fim, falou que a nossa prancha estava sóbria. Foi o primeiro projeto que fizemos em CAD, e eu não me dei muito bem.

Aí eu fui fazer o projeto individual, que eu tinha trancado porque achei que não ia dar conta de fazer como a grade do semestre era muito puxada, e talvez achasse que

não estava pronto pra fazer um projeto sozinho. E tudo correu muito bem, como não ocorreu depois nos outros trabalhos individuais. Consegui definir o programa, escolher entre vários lotes, consegui avançar bem e chegar a uma solução interessante. Mas aí tinha essa dinâmica, que talvez seja uma das coisas mais interessantes em projetos individuais, que é quando você tem uma espécie de grupo que não tá fazendo o mesmo projeto mas que está ali trocando ideias. E esse projeto eu fiz inteiramente a mão, o que não chega a ser um fetiche, ou talvez um pouco, às vezes, de fazer tudo a mão e tal, porque eu sabia que era uma coisa que estava desaparecendo, e era uma coisa que eu queria que fizesse parte da minha formação, e é algo que eu acho que se faz cada vez menos nas turmas abaixo, que não se entrega mais projeto a mão, se usa às vezes pra fazer croqui mas ninguém mais desenha ou faz os desenhos finais a mão.

Aí depois foi o último projeto, que era individual mas fiz também um grupo de discussão, que acho que foi a parte mais legal, por mais que eu particularmente tenha ficado meio travado naquele projeto, não tenha me dedicado o tanto que eu queria, acho que em parte por querer passar pro CAD logo no começo, em parte por outras questões, também não tava com a cabeça muito boa naquela época. Enfim, acho que foi uma experiência legal, aprendi bastante.

Quando você entrou na FAU, quais eram os temas que mais te interessavam e como isso se transformou ao longo do curso?

Em primeiro lugar, quando eu entrei eu achava que eu podia fazer tudo, mas eu tinha uma inclinação para a área de urbanismo, mas era uma inclinação que eu fui entender que tinha mais a ver com história do urbanismo do que propriamente com planejamento urbano, que eu achei as disciplinas bastante chatas. E história da arquitetura foi uma coisa que me interessou bastante desde o começo, tanto por ter lido Sérgio Ferro quanto pelas aulas de história da arquitetura. E eu gostava de fazer projeto também, então, assim, para mim daria pra fazer tudo, mas aí eu fui me desencantando por planejamento urbano até pelas coisas que eu fui pesquisando e tal, vi que não era meu interesse. Ainda me interessei muito por história da arquitetura embora não esteja trabalhando nisso agora. E estou tentando dar uma chance pra projeto com esse estágio, que por um ano eu deixei de lado, enfim, faz parte.

E como você percebeu o aprendizado na pandemia?

Ah, caiu muito, piorou muito, né? Mas é que também tem a questão de um estar no fim da graduação e a interação com a faculdade vai ficando mais esparsa, mas piorou muito, tanto que eu fiz quase nada de matérias de projeto durante a pandemia, fiz só matérias teóricas, e pouca coisa a ver com a arquitetura. Acho que depende muito de você ter um espaço dedicado ao aprendizado, ao ensino, e ter uma interação cotidiana com esse espaço faz muita diferença; mesmo que você tenha um escritorzinho, uma mesa de trabalho em casa não é a mesma coisa, e eu

não me dou bem com vídeo chamada e essas coisas, eu acho um saco, eu me distraio fácil, então pra mim é difícil.

Como foi sua relação de aprendizado com seus colegas ou mesmo sozinho ao longo da sua graduação?

Primeiro ano é muito engraçado porque eu tinha essa coisa completamente louca de sair da aula e ficar na biblioteca até fechar, até 21h. E era muito difícil porque eu ficava tentando dar conta de aprender as coisas, e não rola, mas tem um lado que você aprende muito nessa coisa solitária, você aprende a descobrir coisas, mas isso foi mais no começo. A coisa dos grupos de estudo foi sempre muito importante na minha graduação, tanto que eu comecei cedo, começou na FAU, depois fui com o pessoal da Letras. Agora, na área de projeto eu sempre achei fundamental conversar, o projeto que eu menos conversei talvez tenha sido o menos interessante. Porque o projeto não é nada, na verdade, né? Ele é as ideias que você vai tendo para fazer algo, então quanto mais olhares você tem sobre aquilo mais questões você consegue levantar em um certo sentido. E ter alguém próximo trabalhando também te anima a trabalhar porque você vê que vocês podem discutir as mesmas questões, dar soluções diferentes, acho que tem um intercâmbio entre uma autonomia e uma alteridade que é interessante. Eu acho muito bom fazer projeto em grupo também, não só conversar sobre o projeto, ultimamente tenho achado até que é o jeito correto de se fazer, não sei se eu acredito muito na coisa de fazer um projeto individual e tal. Das experiências que eu tive em projeto as mais ricas foram em grupo, não sei, tem uma questão prática que fazer um projeto pra valer, que é uma coisa que a gente nunca faz na FAU, demanda uma quantidade de conhecimento, informação e trabalho que eu acho meio absurda, mas até dá pra fazer, só que eu acho que tende a ser mais interessante quando você faz em grupo, tende a sair coisas melhores.

Agora, o que não funcionou pra você no aprendizado?

Essas matérias técnicas de um modo geral parecem meio um limbo pra mim olhando pra trás, não sei exatamente porquê, mas talvez sejam as que eu menos tenha aproveitado. Não sei se é porque tem pouca interação com o projeto, não sei. Teve uma disciplina de planejamento urbano que foi muito ruim, tinha essa coisa de exigir uma infinidade de informações, e aí depois na hora de projetar queriam porque queriam que a gente interferisse radicalmente, sem muita justificativa, e a gente acabou fazendo umas obras viárias malucas, enfim... E perderam nosso caderno de mapas para completar.

Teve algum momento em que você travou com um trabalho, algo como dedicar muito tempo emocional mas pouco tempo de trabalho? E o que você acha que aconteceu pra você travar?

Aconteceu sim. Acho que uma coisa podem ser expectativas muito grandes, meio irreais, e que pesam mais do que deveriam. Acho que tem questões pessoais também, que atravessam isso, a nossa disposição para fazer as coisas não dá pra ignorar, por mais que não dê pra mudar isso mudando a estrutura curricular provavelmente, se bem que às vezes dá.

E sua experiência no Ateliê Fracarolli?

Nesse caso não foi tanto pela questão coletiva, eu acho, porque é um trabalho bastante individual. Se bem que tem uma coisa da coletividade que é ter um acompanhamento, que é uma coisa que todo mundo faz no mundo das artes, você mostrar o seu trabalho e discutir, isso eu acho que é bem importante. Essa coisa do acompanhamento eu acho que é bem interessante, não é exatamente você estar trabalhando junto com outras pessoas, mas você tá colocando o seu trabalho na praça, que é uma coisa que eu tenho um pouco de dificuldade em fazer, mas que é bem importante.

Em quais aspectos você acha que a FAU deveria ser diferente?

Pra mim a FAU é uma espécie de fantasma porque ela é resquício de um projeto que não tem mais base concreta na sociedade, o projeto do Artigas. Por isso ela é em muitos aspectos uma escola defasada em relação ao campo profissional da arquitetura, só que eu acho que isso é uma vantagem dela em relação às outras faculdades de arquitetura, porque eu acho bem deplorável o estado atual do campo da arquitetura, então mal ou bem lá dentro você ainda tem espaço pra ter um distanciamento em relação a esse campo, e você tem, apesar de tudo, relativa liberdade para explorar várias áreas - isso eu acho uma coisa boa, apesar de ser a bagunça que é. Uma bagunça muitas vezes angustiante, e tem essa coisa de ser um percurso muito fragmentado, muito cheio de chacoalhões, enfim, cada um faz do jeito que acha, não é um curso estruturado. Não é pra ser apologista da porcaria que é, ele não tem estrutura curricular, é uma colagem de matérias, mas a vantagem dele é um pouco essa.

Uma coisa que eu acho ruim é que os referenciais teóricos em geral ficam um pouco na sombra, planejamento acontece muito isso, e se discute pouco, me parece. E acho que a gente lê pouca bibliografia clássica, acho que faz falta, é a desvantagem dessa desestruturação. Não sinto que a gente tem um ensino sólido do nosso campo, tudo bem que sabidamente o arquiteto só vai começar a entender o que é arquitetura depois de dez anos de prancheta, mas eu acho que falta um pouco mais de atenção a esses marcos do campo, esses referenciais que a gente não discute, por mais que eles sejam problemáticos, antigos e ultrapassados. Eu sinto falta dessas coisas que te posicionam dentro do campo, parece que a gente sempre tá meio falando de segunda mão, sem saber muito bem o que tá falando.

E algum conselho que você daria pra si mesmo olhando para trás ou para alunos que acabaram de entrar?

Ah, você vai se perder lá dentro em algum momento eu acho, não sei, eu me perdi bastante, mas acho que faz parte.

Qual você acha que é a diferença da forma como você aprende no estágio com a forma de como você aprende na graduação?

Eu não sei se é tão diferente, porque nos dois casos depende muito de você solicitar as coisas conforme você vai fazendo, ninguém te pega na mão e vai ensinar, só muito raramente coisas específicas, pra você poder conseguir começar a trabalhar. Então é sempre aquela coisa “Você faz assim, assim, assado, tem uma referência aqui, qualquer coisa me chama”, a lógica é muito parecida nesse sentido, não acho que seja de todo ruim. É que na FAU às vezes acho que faltam uns cursos bem estruturados, principalmente na parte teórica. O problema de uma faculdade assim é que você depende totalmente do interesse do aluno de ir atrás das coisas que teoricamente ele tá lá pra aprender. Acho que principalmente nos primeiros anos falta isso. Não sei, às vezes eu tenho a impressão que não é nada disso que eu tô falando e é exatamente o contrário, mas acho que é isso sim, acho difícil elaborar a própria experiência, não sinto muita credibilidade nessas elaborações, mas enfim, é isso. A FAU também tem seus momentos zumbificados, um amigo falava que as disciplinas de projeto eram só pra formar estagiários, acostumar as pessoas a ficarem trabalhando loucamente por coisas que não fazem sentido pra elas.

ENTREVISTA 14 - T68

Como foi sua decisão para prestar vestibular?

Eu faço música desde pequena, desde os sete anos de idade, então desde pequena eu estou envolvida nesse mundo, fazia piano erudito como formação, mas me envolvi muito no mundo dos musicais e peças teatrais cantantes, vamos dizer assim. Então despertei muito forte o interesse em fazer cenografia, mexer com cenografia antes disso tudo. Na verdade, por muito tempo eu pensei que eu iria fazer faculdade de música, mas enfim, fui indo por esse desvio de entrar na música através de cenário e filmes. Só que a única universidade pública que eu encontrei no Brasil que tinha cenografia era a UFRJ, e era em outro estado, e etc., e quando eu fui ver a grade era tudo tipo “arquitetura da luz”, “arquitetura e etc.”, enfim, eu falei “Bom, né, pensando o jeito que a gente vive, por que eu vou fazer algo tão específico, que às vezes vai afunilar oportunidades ao invés de fazer uma coisa que tem mais oferta nas universidades públicas, mais chance de passar em algum lugar, mais rápido, e talvez eu não vou precisar mudar de estado? Quem sabe eu vou passar em alguma aqui em São Paulo”. E decidi prestar para Arquitetura e passei, e logo depois vi que não era cenografia.

Como você acha que sua formação prévia à faculdade, ensino médio, impactou no seu ingresso na faculdade?

Eu fiz ensino médio em uma ETEC, mas eu não fiz curso técnico, e acho que isso impactou na minha formação no âmbito de movimento estudantil e de luta, de consciência social.

Grêmio?

Sim, tinha grêmio, mas a ETEC, como é um vestibulinho, acho que traz pessoas que circulam por espaços diferentes. Acho que é uma pré faculdade nesse sentido, você encontra pessoas de vários mundos, então, acho que tive contato com realidades muito distintas da minha. Vieram pessoas de escolas particulares, pessoas de escolas públicas, todo tipo de gente, ou na verdade, mais ou menos, porque tem uma seleção. Bom, mas tem isso... E estava começando a se anunciar o movimento secundarista, eu peguei um pouco antes mas eu participei de greves, etc. Então acho que nesse sentido [impactou na minha formação].

E quais temas mais te interessavam na Arquitetura e Urbanismo quando você entrou na faculdade, e atualmente?

Quando eu entrei na faculdade eu me interessava muito por história da arquitetura, acho que por essa questão de cenários, principalmente pensando no Renascimento. E sempre fui muito interessada em história, foi algo até que eu cogitei no tempo de prestar vestibular. E logo começou a questão do urbanismo, acho que no primeiro

ano já tivemos contato, e hoje em dia é o que mais me interessa. Pensar em como a gente consegue impactar socialmente tanto com desenho, mas também com políticas. Pensar em desenhos da cidade que levam ao direito à cidade.

Ah, e como rolou o descolamento de interesse de história e cenografia, ou você continua com esses interesses?

Esse deslocamento pra mim foi muitas coisas, um despertar de questões pessoais e demandas que eu entendia enquanto coletivas. Ah, enfim, eu moro na periferia então tem essa questão de vivência de cidade, o que eu pude viver e o que eu passei a viver de experiência de cidade depois que eu fui pra FAU, também enquanto experiência de cidade para a população negra. Acho que também é um movimento pessoal de luta na questão racial, que eu tenho muito forte, enquanto direito à cidade, e que foi me encaminhando por aí. Eu entendo o urbanismo enquanto instrumento de mudança, desenho urbano, política pública, e eu entendo que essa é a minha forma de impactar socialmente, se é que eu posso ter impacto na sociedade.

Então foi menos uma questão de desencanto com a cenografia do que...

Foi mais um chamado, e demandas, demandas pessoais, demandas políticas, e demanda com a experiência que eu tive na FAU. Quem eram as pessoas que habitavam a FAU, que tinham acesso àquilo, quais eram as referências que a gente tinha, o que a gente discute na FAU. Enfim, a gente discute cidades sem discutir raças enquanto grande parte da população brasileira é negra, a população que vive em assentamentos precários, favelas, é negra, e eu ficava “Por que a gente não discute isso?”. Então são questões do âmbito pessoal, mas também de vivência urbana, acadêmica, que foram me levando para isso.

E, uma dúvida, essas questões de raça já eram claras para você desde que você entrou na FAU, ou você foi construindo essa consciência dentro da FAU?

Logo que eu entrei na FAU, não digo instantâneo, mas logo no início eu percebi que faltava. Por exemplo, na semana dos bixos eu lembro que dois veteranos me recepcionar enquanto pessoa preta, e uma delas disse “No curso de design eu sou a única pessoa preta, no curso de arquitetura tem cinco pessoas, e mais cinco pessoas que entraram nesse ano, e é a turma em que mais entraram pessoas negras” e aquilo me chocou muito, porque eu já tinha uma vivência afro-centrada por conta da família, que sempre sociabilizou com pessoas do movimento negro, então já era engajada nesse sentido. Mas eu sempre falo, eu sempre soube que eu era negra, mas a FAU, a USP, nunca me fez esquecer. E aí, percebi que não tinha um coletivo negro e me choquei, e a dificuldade de reconhecer pessoas negras naquele espaço, eram uns gatos-pingados.

Eu lembro de ter preocupações como “Nossa, eu não posso faltar em uma aula de tal professora”, porque eu gostava muito e sempre participava, então eu sentia que se eu faltasse ela ia sentir muito a minha falta mais porque eu era uma das poucas pessoas negras na sala, do que porque eu participava. Eu destoava da multidão. Também lembro de andar nos corredores e não me reconhecer ali. E as referências, referências de aprendizado mesmo, lembro muito de aulas em que os professores falavam “Quando vocês forem para a Europa...”, referências de viagens que eu nunca tinha feito. E aquilo ia me chocando muito, minhas referências eram outras, de cidade, de mundo e cultura, e minhas referências não permeavam aquele espaço enquanto aprendizado. Então, às vezes quando eu ia bater um papo não era a mesma coisa, a pessoa falava “Fiz sei lá o que ou fui em tal lugar” e eu não conhecia, não tinha tido aquela vivência. E eu lembro muito claro de começar a questionar porque não tinha um coletivo negro, trocar muita ideia com algumas veteranas pra formar um coletivo negro na FAU. Então, é, essa vivência do início já começou a me levar pra isso.

E também era isso, a gente tava estudando arquitetura, e eu já entendia que uma grande contribuição tinha sido da população negra na arquitetura brasileira e nunca se falava sobre isso. Em âmbito de cidade também nunca se falava sobre isso. E tudo isso foi me despertando para que no segundo ano eu tivesse isso muito forte, mas no primeiro ano isso foi um processo de questionamentos até no sentido de violência também, de ser muito forte esse embate.

Como assim de violência?

Violência no sentido de não me ver nesse espaço, não me ver representada, por exemplo, eu não ouvia uma referência de arquiteto negro formado nem nada do tipo. E racismos vividos dentro, eu lembro de uma vez no primeiro ano que eu fui pegar um ônibus, entrei, sentei do lado de uma senhorinha branca e ela me perguntou aonde que eu trabalhava na USP, e aí eu falei “Ah, não, eu estudo FAU”, e ela ficou chocada, falou “Você estuda aqui? Na FAU? Faz arquitetura?” e falei “Faço”, e ela perguntou quantos anos eu tinha, e falei que tinha dezessete, e ela ficou mais chocada ainda. E aquilo pra mim também foi uma violência, sabe? Essas violências tanto de não me sentir pertencente, nem representada e nem projetada enquanto futuro, nem enquanto classe que forjou uma arquitetura. Esse processo de ser expelida de “Ah, você não pertence a esse espaço”.

Então pra ver se eu entendi, a faculdade foi esse primeiro espaço de choque com esse mundo branco e de elite?

Sim, porque eu também estudei em escola pública, e grande parte dos estudantes são negros. E depois eu fui pra uma ETEC, que já tem uma seleção, já era menor o número de pessoas negras pertencentes àquele espaço, e aí depois eu fui pra USP, que aí foi um choque muito muito muito grande de realidades. E é isso, 150

pessoas pra 5 pessoas negras. Então, assim, uma coisa que eu não tinha vivenciado ainda.

E essa parece ser a parte mais negativa desse choque, mas teve uma parte mais positiva nesse choque?

Sim, teve... É difícil dizer a parte positiva do choque... Acho que as amizades que eu fiz enquanto FAU me surpreenderam positivamente, no sentido que nos primeiros dias eu sentia que era um abismo. E eu lembro de conversar muito com uma amiga que estudou na ETEC comigo e nós entramos juntas, e ela também é da ZN, então a gente trocava muita ideia do tipo “Cara, são pessoas muito diferentes da gente”, e nos primeiros dias eu achava que eu nunca ia conseguir criar amizades com essa galera. São pessoas que tiveram acessos muito diferentes dos que eu tive na vida, e tiveram experiências, vivências, que às vezes não batem, sabe? Mas acho que isso me surpreendeu positivamente, que eu quebrei a cara porque eu consegui construir laços muito fortes e pontes, porque eu chamo a FAU e a ZN, o lugar de onde eu vim, de mundos diferentes, e criar essa ponte foi muito em função dos laços que eu criei.

Eu lembro de um momento na graduação em que entramos em embate com um professor que tinha sido racista.

É, eu ia falar justamente disso, um choque que marcou foi muito esse de ter rolado tudo aquilo, ter sido um racismo muito escancarado, e toda a turma comprar a briga, se juntar e até hoje olhar tudo o que a gente fez, ter feito cartaz, ter escrito carta, pra mim foi... Porque eu falo muito que nesse âmbito de luta contra racismo que é construído também com as pessoas brancas e que são forças, são aliados, etc. E pra mim isso grita, como se eu tivesse ficado sozinha naquele exemplo, e a turma poderia ter falado muito bem “Ah, foi com você, então, f*** você”, “Que bad que aconteceu mas bola pra frente”. E aconteceu o contrário, sabe? Todo mundo se engajou muito e pra mim aquilo... E não foi algo que eu precisei pedir, foi uma iniciativa da turma. Então esse foi um impacto muito positivo desse choque.

Voltando para as perguntas, em que momento você sente que você mais aprendeu sobre Arquitetura e Urbanismo na sua graduação? E o que motivou?

O primeiro foi quando eu fiz uma disciplina com o professor X que é uma pessoa muito problemática, mas eu aprendi muitas coisas com ele, e eu acho muito questionável o método dele de ensino, mas funcionou pra mim. Acho que o que eu mais aprendi foi sobre a importância de você comunicar claramente as ideias do seu projeto. Você pode ter um projeto bárbaro, muito bom, mas que se você não consegue comunicar ele para as pessoas para além de você ou que fizeram com você, ele não é nada. Então pra mim foi muito importante isso. E ter aprendido isso no primeiro ano, essa importância de saber comunicar o seu projeto e as suas ideias

de uma forma clara e organizada, enfim, estruturada, que realmente comunique alguma coisa. E que não seja só uma coisa bonita, etc.

E o que você quer dizer com o método e a didática dele?

Por exemplo, você está desenhando e ele diz “Foi um cachorro quem fez isso daqui?”, ele realmente humilha as pessoas, faz bolinha de papel do seu desenho e taca em você. É isso, acho que o método dele é humilhação e constrangimento. E também no sentido de colocar tempos, coisa que a gente tem muita dificuldade na FAU, então, por exemplo, ele fala “Vocês estão fazendo projeto e às 17h vocês devem subir para a sala e ter um projeto que comunique sem depender da fala de vocês, o que estiver em uma prancha, em uma folha deve se comunicar por si só”, e era isso ao invés de fazer até o limite e deixar a apresentação para o final. Então, esse professor colocava limites, dava as notas e humilhava.

Olhando de fora, outra coisa do método dele é faz e refaz e refaz e refaz. Isso você também acha que é uma coisa que funcionou?

Acho que esse refazer ajuda muito, mas mais do que refazer é se debruçar sobre uma coisa, não é refazer por si só, mas ir trabalhando nela e retornando nela.

E por que você acha que funcionou pra você e pra outros não?

Eu funciono sobre essa prática de trabalho, essa mão de ferro, que coloca uma pressão, e você vai fazendo, e vai. Uma pessoa que dita as regras e não tem muita flexibilidade nisso, eu funciono nessa lógica.

E qual foi a frustração dos outros?

A humilhação. Eu lembro que um colega passou a odiar ele a partir do momento em que o professor amassou um desenho e tacou nele, literalmente.

E ele te constrangeu ou humilhou em algum momento?

Ah, teve esses momentos “Quem desenhou isso, foi o seu cachorro?”, mas acho que pra mim esse foi o máximo. Eu tinha outras questões, e vou entrar em raça de novo porque perpassa muito a minha história na FAU. Pra mim o meu maior constrangimento com esse professor é que ele sempre confundia eu e com outra aluna negra, e passa muito por um racismo porque as pessoas tendem a achar que as pessoas negras são todas iguais, e eu e essa colega somos muito diferentes. Foi assim até o último dia, e eu ficava completamente p***, tipo, “Cara, você não confunde duas pessoas brancas que são totalmente diferentes, entendeu, então por que você confunde a gente?”. Pra mim esse era o meu maior constrangimento. Então eu até falo, pra mim funcionou o método dele, mas eu não teria aula com ele de novo.

E era um método que te estressava? Quais eram as sensações envolvidas?

Era estressante, porque gera um stress no sentido de não saber como a pessoa vai reagir. Um stress, um medo de ser humilhado na frente da turma. Você está fazendo um negócio e tem aquela tensão de “Será que quando ele ver ele vai me humilhar?”. E por isso que eu digo que essa humilhação fazia o aprendizado, porque você estava sempre noiado em fazer algo bom.

E era um desses professores que você consegue entender o que “o bom” é, ou era o melhor de si?

Eu acho que com ele dava pra saber o que ele queria, ele era uma pessoa clara. Quando ele dava aulas expositivas ele conseguia transmitir muito claramente os conhecimentos dele, o que não acontece com muitos professores da FAU.

Então era uma orientação bastante guiada, né?

Sim.

E tiveram mais momentos que você ia falar?

Sim, tiveram mais momentos. Outro em que eu acho que aprendi muito foi em uma disciplina Y, muito pelos professores e pela metodologia. Porque eles usavam um método de reproduzir em escala 1:1 para entender as estruturas, entender o funcionamento. Eu acho que foi uma disciplina com um decorrer que é muito lógico e muito bom, no sentido que você parte de um detalhamento que depois você vai usar muito provavelmente no seu projeto final, porque você entendeu aquela estrutura.

Os professores nessa disciplina Y são relativamente discretos, né? Não é tanto eles dando um show.

É, são os alunos aprendendo no fazer. E nesse sentido eu lembro muito de outro professor que instruiu a fazer maquetes conforme íamos projetando, as maquetes não serviam como mera representação final do que você projetou, mas como instrumento de aprendizado, de compreensão da coisa. E aqui cito também aprendizado entre equipe, porque aprendi muito com o professor mas também com a equipe, a forma como lidamos e trabalhamos com projeto. Acho que foi um timing nosso, a gente estava muito dispostas a aprender e a ir atrás, um projeto que rolou muito isso de estar disposta de aprender fazendo, e não fazer algo nessa competitividade que existe na FAU, sabe? De querer fazer algo muito bom, mas de querer fazer algo aprendendo.

Isso que você disse da competitividade é no sentido de não ser uma motivação de fazer para competir, mas ser uma motivação que vem de dentro, e no fim é bom, mas não porque você está competindo?

De esquecer que existe uma corrida, porque eu acho que existe uma corrida de ir fazendo e chegar em uma coisa que se entende que é a melhor. Mas acho que o grupo conseguiu se destacar, no sentido de se desprender, e fazer para aprender e não pra fazer algo que fosse entrar nesse mundo competitivo.

E você acha que o professor teve alguma coisa a ver com isso?

Acho que sim, no sentido de ter uma metodologia e um acompanhamento que de fato funcionava e que ia levando você num caminhar no aprendizado semanal, ao incentivar que você fosse trabalhando com modelos, que você de fato fosse pensando seu projeto para além de ter um cronograma, porque acho que muitas vezes a gente entra nessa vibe de fazer no mecânico, e nesse objetivo final, que você vai entregar, fazer uma prancha linda e é isso.

Algum outro momento?

Acho que não.

Mas e as suas pesquisas?

Ah, é, quando eu falei “acho que não” eu lembrei de várias outras coisas. Teve um momento que foi quando eu dei uma disciplina com uma amiga. Cara, aquilo eu aprendi muito, muito, muito. Acho que a disciplina em si, como ela se deu, a oportunidade, foi um aprendizado maior porque a gente teve convidadas também, que eram externas à FAU.

Tudo começou porque um veterano comentou comigo que a Comissão de Pesquisa e Extensão tinha aberto a possibilidade de se proporem disciplinas de extensão na FAU, em que um professores ou alunos poderiam propor visitas técnicas, visitas externas à disciplina, e formar uma disciplina de extensão com isso. E aí eu fui em uma primeira reunião, entendi que era isso, conversei com essa amiga e ela topou fazer junto, depois a gente conversou com um professora, porque quando são alunos precisa ter um professor orientador, e nisso a gente montou essa disciplina que a ideia era discutir justamente negritude dentro do contexto do espaço urbano, como a negritude impacta nas vivências urbanas, e também como a cultura entra dentro disso. E aí a partir disso convidamos pessoas que não estavam restritas apenas à Arquitetura e Urbanismo, então convidamos uma estilista, uma cartunista, enfim, foi muita gente, todos militantes, e a gente conseguiu discutir coisas que a gente não costuma discutir, quer dizer, não se discute nunca na FAU. E dentro disso abrimos para alunos da FAU e alunos externos para se inscreverem, então se inscreveu gente da FFLCH, gente da POLI e da FAU. Então foi essa bolha, mas foi

muito legal porque eu era aluna e dei uma aula também, apresentei minha pesquisa na aula, mas também estava fazendo essa coordenação, mediação entre os convidados. Então, a gente propôs a dinâmica de aula, os trabalhos e depois ponderamos e discutimos. Então foi uma super oportunidade, eu aprendi muito. E foi uma disciplina de extensão em todos os âmbitos, muito fora da FAU e do cotidiano.

Você acha que estava aprendendo tanto pelo fato de estar organizando?

Sim, com certeza, porque eu muito entrei nesse mundo, sabe? E essa oportunidade de conversar com os convidados um pouco à parte, essa visão que a gente não tem quando estamos só assistindo e participando de uma disciplina enquanto aluno, de entender o todo. Por exemplo, se um convidado vai falar na disciplina, você entende de onde ela vem, aonde que ela atua, de onde que ela vem também enquanto reflexões, pensamentos. Uma oportunidade de poder estar nesta organização.

E aí, os outros aprendizados foram as pesquisas, né. Primeiro eu participei de uma extensão com um professor que é uma pessoa maravilhosa, foi a minha primeira extensão na FAU, e eu comecei no segundo semestre do primeiro ano, e basicamente eu catalogava uns negativos que existiam da FAU, e depois subíamos para um site, mas eu fazia essa catalogação de tudo o que tinha na biblioteca mas também do que tinha de fora. Foi uma oportunidade tanto de ter acesso a esse acervo, trabalhar dentro da biblioteca da FAU e entender as questões de acervo e armazenamento, mas de ter a experiência com esse professor com o qual eu entendi muito sobre pesquisa e grupos de extensão.

E, por fim, nas pesquisas no laboratório do qual eu fiz parte durante boa parte da graduação, onde eu aprendi muito também por conta do grupo de estudos, no qual a gente se encontra pra discutir várias coisas, tanto textos e livros de autores que a gente ainda não conhece, quanto os trabalhos que a gente está fazendo, então se alguém vai publicar um artigo a gente lê e opina, se alguém vai entregar um relatório de pesquisa a gente lê. E isso faz um crescimento gigante. Antes da pandemia a gente se encontrava quinzenalmente, pessoas da graduação, do mestrado, do doutorado que são orientadas pela mesma professora. Então são muitas pessoas diferentes com as quais a gente consegue debater. E pra mim foi um grande aprendizado da FAU.

E durante a pandemia, teve algum aspecto que você achou vantajoso do aprendizado online?

O que eu achei vantajoso foram duas disciplinas que deram a oportunidade de ser um ateliê livre. Pra mim isso foi sensacional, poder escolher qual vai ser seu objeto de trabalho, o que você quer fazer, e acho que isso passa por interesses e demandas. Também escolher qual que vai ser o seu ritmo, montar seu cronograma de trabalho.

Eu acho que isso foi muito legal. Quando a gente faz isso, você consegue entender aonde você quer chegar, de onde você está partindo, que são coisas mais difíceis de compreender quando você recebe um programa e um cronograma prontos.

Isso é o contrário do que você disse no início da entrevista, então pra você é ou autonomia total ou obrigações muito claras?

Sim. Mas vou dizer aqui que é uma questão de experiência, eu acho que se isso rolasse no primeiro ano eu ia ficar perdida, se essa fosse a proposta. Agora quando você faz isso nos últimos anos é essa oportunidade de você ter essa autonomia, e ser um aprendizado ao invés de um surto.

E a outra coisa é uma disciplina em que em toda aula a gente assiste entrevistas, filmes, qualquer coisa, e depois a gente discute, e está funcionando demais, e acho que só está rolando por conta da pandemia. Todo mundo participa, todo mundo discute. Então, na verdade, a gente lê um texto, entrega uma resenha, e durante a aula a gente assiste todo mundo junto o que tem pra assistir, e depois a gente debate. Pra mim tá sendo uma das matérias em que eu mais estou aprendendo na FAU porque todo mundo tá participando, tem pontos de vista muito diversos. São catorze pessoas e todo mundo participa.

E algo que particularmente não funcionou durante a pandemia?

Aulas que duram mais de duas horas.

Isso é uma coisa que você acha que funcionava fora da pandemia ou já não funcionava e ficou mais evidente?

Difícil... Eu acho que depende da matéria, acho que várias funcionaram, e acho que depende muito da metodologia do professor, da capacidade dele de engajar os alunos.

Engajar sem necessariamente eles participarem, né?

É, engajar no sentido de interessar, mas aí isso fica muito no plano individual, né? Porque entre cento e cinquenta alunos você pode engajar cinco. É complicado, mas eu diria que talvez é aquela velha história, aulas de quatro horas não funcionam, pelo menos não se você não der a oportunidade dos alunos participarem. Eu acho que funciona quando é metade, metade. Eu acho que quando a gente fica sentado, em uma aula expositiva só escutando, eu acho muito difícil, eu acho que quase todas não funcionam e isso fica mais explícito na pandemia, porque você fica na frente do computador, só escutando... Eu não sei porque ainda tem professor que acha que isso tá funcionando, porque não funciona, não funciona.

E, mesmo que você já tenha falado sobre isso, em que medida você aprendeu com seus colegas durante a graduação, sejam eles do mesmo ano ou de outros anos.

Eu diria que eu aprendi mais com meus amigos e colegas do que com os professores.

Desde o começo?

Principalmente no começo. Porque no começo, por exemplo, eu não fiz cursinho de LA [linguagem arquitetônica], então tinha muita coisa que eu não sabia e fui aprendendo com as pessoas. Os professores não ensinavam porque partiam desse pressuposto que todo mundo sabia já que tinha a prova de habilidades específicas, e eu fui aprendendo com as pessoas me ajudando.

Outra coisa é essa prática que a gente tem de estar no estúdio, chegar um amigo e começar a conversar sobre o que você está fazendo, estar todo mundo em uma mesma mesa mesmo que não fazendo o mesmo trabalho, são oportunidades que geram muito aprendizado.

Em que momentos você sente que você não aprendeu, e o que você acha que impediu o seu aprendizado?

Construção eu acho que aprendi pouquíssimas coisas porque acho que é uma matéria que depende muito de você estar fazendo as coisas na prática, sendo que a gente tem um canteiro, né, e você aprender traço de concreto em um slide eu acho muito difícil.

Mas e nos momentos em que construímos algumas coisas?

Ah, sim, a gente fez um banco e uma cúpula, teve esses dois momentos. Eu achei que aprendi muito mais nessas duas experiências do que sentada na aula vendo slides. Eu fiquei traumatizada nesse sentido.

E também, grande parte das disciplinas da POLI pra mim foram traumatizantes, que partem desse mesmo modelo de você estar sentada em uma aula, ouvindo, e são coisas que são muito passíveis de a gente aprender na prática. Eu lembro quando fomos ver a máquina que fazia o teste de resistência à compressão, também quando fizemos o modelinho de estrutura, nessas situações eu aprendi muito mais porque são questões físicas, que a gente aprende olhando, sabe. Eu consegui aprender no sentido que aquilo de fato adentrou em mim, diferente de eu só aprender pra prova. Assim, decorei no slide e fiz, mas o quê eu não sei.

E os motivos que vem de dentro, ansiedade, desmotivação?

Ah, sim, no terceiro ano tive uma grande desmotivação e acho que foi meu pior ano, de eu não conseguir aprender as matérias que eu estava fazendo. Eu tive muita dificuldade até de entregar as coisas, acho que eu estava muito em um momento de decepção com o curso de arquitetura, digo, eu estava super feliz com a arquitetura em si, mas acho que o desgaste da grade, de estar virando sempre, tá sempre atolada, um monte de coisa pra fazer, não conseguir ver a família, não ter um momento de lazer nem na sua própria casa, não conseguir fazer um almoço de domingo decente porque você tá atolado de tanto trabalho. Acho que foi um momento em que eu estava muito afastada de amizades de fora da FAU, de família, por conta dessa carga do curso que me frustrava no terceiro ano. Eu tenho isso muito de lembrança. E também foi um momento em que eu estava querendo muito trabalhar, e não dava em meio a esse emaranhado de coisas.

Voltando atrás em duas coisas que você falou. A primeira de estar entrando pela primeira vez nesse ambiente branco e de elite, e perceber que as suas referências não eram as mesmas. A segunda de você ter dito que você não fez curso de linguagem arquitetônica, e teve que correr atrás. Nisso, quando você entrou, como era sua relação com essas referências e conteúdos que você tinha, e a sensação de precisar correr atrás?

Vou pegar lembranças. Aquele primeiro Projotinho em que a gente tinha que fazer móveis da mesma família do Rietveld, e a gente precisava fazer uma isométrica, e eu não sabia fazer. E eu lembro assim, todo mundo do meu grupo de Projotinho sabia fazer, e pra mim ficou essa frustração “Nossa, eu não sei fazer”. E durante muito tempo eu me senti aquém das pessoas, a parte, e acho que também de referências de leitura, tinham coisas que as pessoas já tinham lido. Por exemplo, Harvey, tinham coisas que as pessoas comentavam como se fosse um senso comum entre elas, e eu ficava “Nossa, o que é isso, nunca nem ouvi”. Pra mim aquilo fazia parte da formação, sabe, eram coisas que eu tive contato aí, mas que pra outras pessoas já eram bagagens, que as pessoas traziam antes de ter entrado naquele espaço. Aí eu sentia a necessidade de correr muito atrás, e eu corria. Então eu acho que eu passei boa parte do meu primeiro ano nessa neura, e no segundo ano eu desencanei. Eu falei “Tá tudo bem que eu não sei tudo o que as pessoas sabem” e eu comecei a entender que tinham coisas que eu sabia que as pessoas não sabiam. Acho que principalmente quando começaram as visitas nas disciplinas, principalmente visitas para as periferias, coisas que para as pessoas era um mundo novo, ou que as pessoas tinham dificuldade de incorporar questões no projeto, que os professores estavam incitando que se incorporassem. E eu tinha muito inerente à minha pessoa, e que não era uma questão para mim, e aí eu comecei a perceber que eu tenho bagagens que são importantes também, que são bagagens que as outras pessoas estão tendo que construir, ao mesmo tempo que eu não tenho outras bagagens que eu estou também tendo que construir, então tá tudo bem, sabe.

E uma pergunta bem genérica, tem alguma coisa que você acha que deveria ser diferente na FAU?

O ensino integral, talvez não precisasse ser integral em termos de tempo. Ou ser híbrido, ter dias que você vai e fica o dia inteiro, e dias que não. Porque eu acho que a gente perde muitas oportunidades de aprendizado por ficar quatro anos o dia inteiro na FAU. Eu aprendi muito, não sei se muito mais, mas eu aprendi muito em estágio, eu aprendi muito em roda de conversa, muito em outras atividades que não envolvem a FAU, e que a gente precisa caçar tempo pra fazer essas coisas, que eu acho que são muito importantes pro nosso aprendizado.

Qual é sua expectativa com a graduação em termos profissionais e de formação enquanto sujeito?

Difícil essa pergunta porque eu acho que a FAU nos dá uma formação muito comprometida com o social, só que eu acho que a gente acaba se frustrando com o mercado depois. E eu to nesse momento de frustração. Então, qual é a minha expectativa? A minha expectativa é trabalhar em prol de uma sociedade que eu acredito, contribuir para que as pessoas pretas possam viver na cidade sem ser mortas, ter saneamento básico, moradia de qualidade, essas coisas. Mas, o possível, eu não sei...

E tem algum conselho que você daria pra si mesma olhando pra trás?

Nossa, sim, a FAU não é tudo. A FAU enquanto matérias, as nórias com trabalhos, os desesperos, isso não é a parte importante da minha graduação. Não foi por isso que eu aprendi, eu surtar com trabalho, virar noites, não era condicionante para eu ter essa formação que eu tenho hoje.

Tem algum outro comentário que você gostaria de fazer?

Ah, o intercâmbio. Acho que foi uma experiência sensacional proporcionada pela FAU. E me deu outra perspectiva de aprendizado, de como as pessoas aprendem através de outros métodos, outras entradas para o problema. Por exemplo, eu só fiz matérias de urbanismo, e lá eles partem muito do 3D, de modelagens, e aqui a gente se pauta muito em pensar no papel primeiro, no 2D, e fazer todo um estudo prévio de contexto, de área, que eles pulam. E não que um seja melhor ou pior, mas são perspectivas diferentes que me acrescentou. E enquanto técnica, tipo, lá eles valorizam muito softwares, então eles tem aula disso, e justamente pela proposta de ensino da FAU isso não é um prioridade pra gente.

E agora perguntas específicas. Tem algum momento na graduação em que você travou? E o que fez você travar e destravar?

Sim, teve uma disciplina em que eu fiquei travada durante muito tempo, mas era justamente quando eu estava naquela crise existencial. Eu entrei muito em uma nóia que eu não estava entregando o suficiente, entregando enquanto resultado, e o que me fez destravar depois foi algo que vai parecer muito simplista, mas foi me fechar pro mundo e focar naquilo. No sentido de pensar uma coisa de cada vez e começar a pensar no meu problema por partes. Pois muito do meu travamento tem a ver com eu ter pego um terreno que era de esquina, e além de ser de esquina tinha uma topografia pavorosa. E foi entrar em um problema por vez, e não o desespero de resolver tudo. Sentar e “ah, eu vou brincar com a topografia”, isso me destravou para seguir.

E, por fim, quanto ao seu aprendizado em projeto de edificação, tem algum comentário que você faria?

Eu acho que a FAU traumatiza a gente nesse sentido. Por que não acho que por acaso - eu tenho essa perspectiva pelo menos - que são relativamente poucas as pessoas que se interessam em seguir com projeto de edificação como profissão e perspectiva de futuro, como uma escolha pra si, fora da questão de oportunidades de trabalho que aparecem, mas considerando que é uma faculdade de Arquitetura e Urbanismo e que projeto ocupa boa parte da grade. Muitas pessoas têm trauma com projeto na FAU, e eu acho que é uma questão de metodologia de projeto dos professores. Acho que grande parte do grupo dos professores de projeto entendem que há um talento nato, e se apóiam nesse talento, ao invés de se apoiar em um processo de aprendizado para todos e igualitário. E acho que tem essa dificuldade de, de fato, empreender um projeto de ensino para projeto de edificações. E acho que além de se apoiar nesse talento nato, também acho que se faz um apoio no nome dos professores, num estrelismo dos professores de projeto, que acho que cria um bloqueio entre os estudantes e os professores para se permitir estar em um ambiente na frente desses professores.

E você esteve nessa situação?

Ah, eu tive professores que acho que se colocavam muito nesse pedestal, mas eu tenho dificuldade de entender o quanto era ele se colocando e o quanto era a minha projeção nele.

Porque também tem a cultura dos alunos.

Exato, mas ele estava sempre falando de tal arquiteto famosíssimo, dos próprios projetos dele, ele estava sempre se galvanizando nesse sentido. Mas ao mesmo tempo tinha um aluno na minha equipe, que talvez tivesse esse talento nato, ou pelo menos era reconhecido pelo professor enquanto tal. Então eu sentia que ficava esse aluno e o professor de um lado, e eu e a outra pessoa do grupo do outro lado, e aí tinha essa dificuldade de entrar no processo. Então pra mim foi intimidador.

Então tanto com os professores quanto com os estudantes.

Sim, mas não que esse aluno tenha feito isso propositalmente, inclusive ele tinha uma preocupação de estar nas orientações enquanto equipe, mas acho que muitas vezes na conversa acabava acontecendo de ir por esse caminho.

ENTREVISTA 15 - T68

Como foi sua decisão pra prestar vestibular, e que motivos levaram você a escolher arquitetura?

O que me levou a escolher arquitetura foi, na verdade, gostava de desenhar, eu sempre me vi trabalhando com criação, a parte criativa, com desenho, esse tipo de coisa. E gostava também um pouco de ciências exatas, queria alguma coisa que pudesse caminhar e construir uma carreira com começo, meio e fim, mas também por um lugar que desse liberdade criativa, que você pudesse sair um pouco da caixinha. Na verdade, quis ser arquiteto justamente por causa disso, você tem uma relação com o mundo capitalista, com o mundo formal, ao mesmo tempo você consegue se expressar e se colocar de alguma maneira. Isso me levou a escolher arquitetura. E também tem a binariedade entre técnica e arte, então você é uma pessoa que vai conhecer sobre construção civil, sobre mercado imobiliário, sobre questões técnicas ligadas às leis da cidade, e ao mesmo tempo vai ser uma pessoa que consegue exercitar uma capacidade de abstração muito grande, ter um olhar atento sobre arte, sobre espacialidade, sobre fotografia, sobre tudo isso. Pra mim o que me interessava eram sempre essas abrangências que contemplavam diferentes raciocínios, diferentes possibilidades.

Aí eu escolhi a FAU, e na verdade, eu não conhecia, ou, conhecia, sabia que era uma escola de arquitetura muito boa, mas não tinha noção de onde eu estava indo no começo. Não sabia que a FAU era muito diferente das outras boas escolas de arquitetura de São Paulo, não sabia que a gente ia ter essa abrangência de conhecimentos, ficar lá o tempo inteiro, desse ócio criativo, que pra mim é a parte mais importante da FAU. E pra mim foi uma surpresa isso, desde o começo. A impressão que eu tinha na FAU é que falava mais de urbanismo também, e não sei porque, mas isso na época me chamava bastante atenção. Hoje eu entendo porque, na verdade, não sei se vale a pena falar isso na entrevista, mas só pra tentar contextualizar melhor, eu estive em um lugar na Bahia que me lembrava muito a FAU em diversos aspectos. Porque ele era um lugar de muito ócio criativo, muita convivência entre as pessoas. A gente tinha tempo livre, um espaço físico lindo com possibilidades, oficinas, coisas pra você propor coisas novas, dar passos à frente. E o que acontece na FAU é a mesma coisa, muita convivência, um espaço incrível, de certa forma um ócio criativo porque o conteúdo não precisa daquelas 10 horas por dia pra ser passado, isso é claro. Se fosse só passar o conteúdo, a gente passaria em muito menos tempo. Mas a gente tem espaço e tempo pra fazer as coisas acontecerem, e pra mim isso é o fundamental, é o principal da FAU, e o principal desse lugar na Bahia. Mas a diferença entre os dois lugares é que tudo o que a gente faz lá, a gente canta, a gente constrói, tem um fundo ligado à espiritualidade e à ecologia. E na FAU tudo o que a gente faz tem um viés político e social. A arquitetura poderia muito bem ser uma disciplina alienada, desligada do mundo, simplesmente estética, simplesmente funcional, e não tem problema quem

tem esse tipo de formação, mas a FAU sempre amarra uma questão política e social dentro de cada ato, cada disciplina, cada reflexão. E pra mim faz sentido, isso dá lastro pro conhecimento. Na FAU a gente não projeta uma simples publicação gráfica sem refletir em que ponto isso transgride, quais são suas referências, a gente tem sempre isso na cabeça.

E onde você fez ensino médio e você fez cursinho para entrar? E como seu ensino médio impactou no seu percurso na graduação?

Fiz ensino médio em uma escola particular, uma escola boa e tradicional, um super privilégio ter estudado lá, e eu me dava bem com os colegas, era um bom aluno mas não muito. Mas hoje em dia eu vejo que eu tinha uma energia que eu não gastava, eu sempre fui muito agitado, tinha o hábito de ficar escrevendo, desenhando na mesa, no caderno tudo, uma energia que eu não conseguia gastar em um ensino médio tão tradicional, que não dava tanto espaço físico, espaço de ócio pra gente se colocar, e pra gente transbordar aquilo que está dentro da gente. E na verdade isso impactou porque eu sentia que eu queria mudar de vida, raciocinar de outra maneira, estar em uma universidade pública, com pessoas diferentes, que eu já sabia por fora que tinha muitas atividades extracurriculares e espaço pra tudo. Então isso que me fez escolher, tinha vontade de extravasar uma energia que ficou meio presa comigo no ensino médio.

Isso que você falou de conhecer gente diferente de você, como é que foi ao longo da FAU?

Foi assim, no começo eu tinha muita vontade de pertencer, pertencer é muito importante quando a gente está em um lugar novo. E eu acho que eu acabei pertencendo com facilidade, não sou tímido nem nada, e conhecia todas aquelas pessoas que eu considerava que eram diferentes de mim de certa forma, até porque algumas pessoas já refletiam de outra maneira faz um tempo, questão de família ou uma visão de mundo diferente, ou pessoas que tem uma origem social diferente, que eram muito mais do que em uma escola particular, e na verdade eu tinha muita vontade de pertencer, e aí quando eu realmente pertenci, quando eu me senti dentro daquilo, eu percebi que o legal era ser diferente de todo mundo. O legal era você carregar suas excentricidades e não importa o que as outras pessoas pensam. E pra mim esse processo foi importante, até hoje. Hoje pra mim eu tenho bem claro que o legal é ser totalmente diferente do círculo no qual você está inserido né. Sempre respeitar, ouvir, estar aberto, mas ser diferente.

Quando você entrou na FAU, quais temas mais te interessavam na Arquitetura e no Urbanismo, e atualmente, o que mais te interessa no campo?

Eu achava que eu gostava de urbanismo por causa da questão de uma arquitetura social, tudo isso, projetos de habitação social, e achava que na verdade a FAU pressionava um pouco pra gente ser um agente de transformação social dentro da

nossa profissão. E eu entrei um pouco nessa, e isso me interessava bastante, eu era bastante crítico a alguns arquitetos que não tinham tanto esse posicionamento, e hoje em dia eu penso de uma forma totalmente diferente. Pra mim o meu trabalho é uma pequena parte da minha vida, eu gosto de trabalhar, eu sou atento com relação a isso, eu gosto de assumir responsabilidade, mas eu não quero que essa seja necessariamente a minha maneira de trazer impacto. Tenho vários outros interesses. Quando eu tava estagiando em um escritório de arquitetura, o chefe falava uma coisa que me chamava bastante atenção, ele deu uma entrevista porque ele fez um prédio HIS, e ele não era da FAU, raciocina muito diferente da FAU, gosta muito de revestimentos, não pensa na estrutura antes de fazer o projeto, um grande arquiteto, muito sério, muito bom, e não tem nada a ver com a FAU, e ele falava uma coisa assim, a mulher perguntou “Você faz prédios luxuosos, e agora você fez um Minha Casa Minha Vida, eu queria saber como foi o processo pra você”, aí ele falou “Não teve processo nenhum, tava sentado no meu escritório, atendi o telefone, e a pessoa falou, tem esse projeto, você quer fazer?, e eu disse “Quero”, aí a pessoa pagou e acabou”. Ele fez um projeto bem feito, um apartamento super legal, ali no centro, até 4 SM de renda familiar, e por mais que seja importante a gente discutir as questões políticas, pra mim, pessoalmente eu to mais interessado em desenho, em criar em espaços interessantes, em publicações, pra mim é isso que me traz mais prazer. Eu quero me livrar um pouco de um peso nas costas e ir com calma. Hoje em dia me interessa muito mais entender sobre construção civil, uma coisa que está dentro da minha realidade, do que tentar transformar o mundo ou ficar olhando muito pros grandes projetos pra fora do Brasil. Eu quero entender como eu posso trabalhar dentro da minha realidade.

E isso foi dentro dos estágios, que você começou a mudar a chavinha?

Foi, total. Conheci muitos arquitetos experientes e bons da FAU e não da FAU, e tive super privilégio de passar só por escritórios incríveis, e que sempre me deixaram muito animados. Nunca passei por nenhuma experiência ruim nesses lugares, e tudo isso fez eu me interessar muito. Eu quero trabalhar o máximo que der, o quanto antes, com qualidade, mas sem muito peso, sabe.

E como foi seu início de faculdade em termo de aprendizado?

Eu tava no olho do furacão, parece que tudo era novidade, a cada dia, a cada semana que passava eu recebia uma informação nova, seja por sala de aula, seja por fora, que me deixava super instigado. Eu amava, eu acho a FAU demais. Pra mim a FAU é perfeita. É difícil eu achar uma coisa que eu não ache legal.

Você tinha bastante contato com o pessoal mais velho, né?

Sim, os mais velhos me falavam coisas legais, a gente sempre participava de reuniões, aulas, coisas abertas. Não só me falar “Olha esse arquiteto” e aí eu

olhava, isso também, mas também as coisas que a gente fazia lá mesmo, os trabalhos de todas as disciplinas possíveis que eu vi na parede, tudo isso é alimento.

Você teve a coisa de se sentir perdido ou era mais de se sentir estimulado?

Acho que era super estimulado.

Pelo menos olhando de fora, você é uma pessoa que faz as coisas com bastante confiança, sem ficar perdido e tal, como é isso pra você?

É, sim, eu acho que, por exemplo, hoje trabalhando no escritório, a galera fica pensando muito, aí vamos falar com X, aí não sei o que, eu prefiro fazer e depois ver se fica bom do que ficar pensando muito. Mesmo no meu TFG, eu fiz durante a pandemia, não estava vendo ninguém, comecei em Março, não tive nenhum atendimento presencial, não vi o trabalho de ninguém, não sabia se estava adiantado ou atrasado, não sabia nada, não sabia. Eu sentei e ia fazendo todo dia o máximo confortável que dava, eu ia fazendo, fazendo, e aí quando eu vi, a primeira vez que apresentei no meio do ano, eu fiz uma coisa que tava muito na frente. Então eu fiz um trabalho muito grande que eu fiquei bem satisfeito, e foi fazendo, foi pesquisando através do desenho. Pra mim a coisa que era mais complicada, que as pessoas faziam e que pra mim não rolava, era de virar a noite, tinha gente que trabalhava bem a noite, na véspera, pra mim isso era impossível. Eu fazia um cronograma, ia fazendo, ia fazendo, chegava na hora e sempre dormia bem na última noite. Projeto é aquilo, a gente tem que falar para, se não é infinito, se a gente ficar pensando sempre, a gente nunca vai encontrar uma solução. Mas isso sou eu, deve ter a ver com meu mapa astral.

Em que momentos você sentiu que mais aprendeu durante a graduação? E o que você acha que motivou esse aprendizado?

Pra mim as matérias que mais faziam sentido eram aquelas que respondiam às questões que estavam afligindo a gente hoje, então pra mim uma das matérias mais legais, das teóricas, era uma do departamento de história em que o professor falava “Gente, olha o que tá acontecendo agora na China”, e a gente já começava a olhar o que estava ao redor da gente também, ver as diferenças. Pra mim era isso o que mais chamou atenção na FAU. Acho que inclusive não tem muito espaço de olhar pra dentro, e colocar pra fora. A FAU é um lugar muito cético, muito pragmático, e isso é uma característica, nem pra bem nem pra mal.

Mas fala mais dos momentos de maior aprendizado.

Quando tinha mais ligação com a realidade, quando fazia um projeto que era super no centro, em um lugar que eu passava muito, eu olhava os predinhos que estavam em volta, e ficava olhando as referências da Monolito, “Olha o que ele fez, olha o que ele não fez”. A minha FAU é muito isso.

E você fez iniciação científica ou extensão?

Fiz e odiei. Eu fiz IC, achei legal o tema até, mas eu achei muito chato aquilo lá de ABNT. Achei insuportável. Nossa senhora. Acho aquilo muito chato. Pra mim não é acadêmico o negócio, mas ainda bem que tem gente que gosta, espero que sejam todos muito felizes.

E nesses momentos de aprendizado, em que medida você acha que você aprendeu com os seus colegas?

Era muito ócio, muito tempo da FAU a gente fica de bobeira, as aulas são muito matáveis, e eu não acho ruim, eu acho muito legal. E a gente ficava lá conversando sobre alguma coisa, cocriando realidades aí. Falava sobre tudo, ficava falando, fazendo trabalho um do lado do outro, ficava mostrando coisas legais, as pessoas que gostavam de desenhar ficavam desenhando, e ficava olhando aquilo, e aquilo de certa forma era alimento. Alguém fazendo alguma coisa ali no canto, outra pessoa fazendo outra. Tudo isso é combustível. Para mim a FAU é mais importante enquanto espaço entre alunos do que a sala de aula. Mas a sala de aula também é importante, mas talvez as conversas sobre as aulas sejam mais importantes do que as aulas em si.

E em que momentos você sente que você não aprendeu?

Talvez em disciplinas que a gente não pode escolher, pra mim todas as matérias deveriam ser optativas. Eu acho que se eu pudesse escolher tudo, ou muito mais, ou sei lá, dois anos de obrigatórias e o resto de optativas. Aquela história, eu gosto muito mais de projeto de arquitetura e tinha muito mais a sensação que eu iria caminhar por aí, e aí tinha que fazer outras disciplinas que não tinham muito a ver com onde eu queria caminhar. E aí eu acho que se eu pudesse montar minha grade de uma maneira muito melhor, a gente poderia se desenvolver mais. Porque é aquilo, a cada projeto que eu fazia, e acho que não sou só eu mas todo mundo, eu melhorava muito. Sempre acaba melhorando e é a curva natural. Se eu pudesse fazer o dobro de projetos e metade das outras disciplinas, aí com certeza teria tido uma formação mais intensa. Mais resultados.

Outro ponto que eu ficava muito p***, é com a gente fazendo aquelas matérias da POLI, a gente estava exercitando outro raciocínio lá, cinco anos, e vinha aquela pessoal de uma maneira super impositiva e violenta, que é importante, mas de uma maneira toda descontextualizada. Acho que aquilo lá poderia ser uma coisa muito mais prazerosa e com muita mais ligação com nosso trabalho no dia a dia.

Mas quando você entrou na FAU você achou que seria urbanismo que você iria gostar né? Quando se deu a mudança?

Ah, acho que foi quando eu peguei o projeto, peguei a maquete, fiquei curioso no final. Não foi um processo muito complexo pra mim, só foi perceber que eu achava muito legal pegar uma coisa pronta e linda no final.

E urbanismo?

Eu acho muito chato, não leva a lugar nenhum. Você vai lá, acontece um negócio muito legal na cidade brasileira e aí "Ah, não, isso daí não dá", você vê uma intervenção e aí "Ah, não...". E daí parece que nunca tem um bom exemplo, todos os exemplos são ruins. Tudo o que acontece é uma b****. É bem o que eu to te falando agora, não é do meu perfil esse engajamento tão grande, o meu trabalho é só uma parte da minha vida, é trabalhar e conseguir dedicar tempo pra outras coisas que eu gosto. Eu acho que é muito estresse pra um dia trazer um pouco de impacto.

Você acha que você levou nesse tom a faculdade?

Eu acho que em planejamento urbano um pouco, eu era um pouco frustrado. Mas o último que eu fiz, era o mais brisado, em nível metropolitano, eu achei legal porque foi mais analítico. Agora, quando a gente tem que fazer umas proposições que estão em aberto, que não tem referência do que deu certo no Brasil, isso pra mim não é tão legal assim. Esses instrumentos, acho chato. Mas acho importante, acho que a FAU é ótima nisso, inclusive acho que a FAU é muito melhor em urbanismo do que em projeto. Mas não é onde eu tenho afinidade, achei que era outra coisa, achei que a gente teria muita mais flexibilidade, talvez se eu fosse estudar urbanismo em Copenhagen eu fosse gostar.

Agora especificamente disciplinas de projeto de edifícios, como foi seu percurso de aprendizado?

Foi uma curva muito ascendente, a cada projeto que eu fazia eu sentia que melhorava mais. Cada projeto que eu fazia eu começava ele e quando eu acabava eu falava "Nossa, se eu tivesse começado hoje eu teria feito muito melhor". Aprendi bastante a mexer nos programas sozinho.

Agora, eu não tinha nenhum conhecimento dos outros atores envolvidos no projeto, e demorou muito pra eu ter bastante claro isso, não foi nem no primeiro estágio, nem no segundo, na verdade, acho que eu fui só entender mesmo, se é que eu entendi até hoje, quando eu saí da arquitetura de projetos e fui trabalhar na incorporação. As aulas de projeto não davam absolutamente nenhum embasamento, e nem consigo imaginar como poderiam dar, não consigo imaginar como isso poderia ser passado no meio universitário de um jeito que prende a gente, mas acho importante.

E sua relação com os orientadores? Alguns estimulavam mais que outros, e se não estimulava você seguia seu barco?

Se não estimulava eu seguia o meu barco, sim. Mas, por exemplo, tinha um professor que não é que ele é bom porque ele passa o conhecimento direitinho, é porque ele envolve. Como ele fala, como ele encara, ele é um cara super humilde, ele é super atencioso com cada aluno, sabe como ajudar cada um. Era menos objetivo e mais subjetivo o que me fazia gostar dele.

E teve algum momento na graduação que você travou com algum trabalho? Não conseguia ir pra frente.

Teve uma disciplina que, nossa, uma chatice horrível, nossa... Mas acho que talvez com o meu TFG que teve um diálogo com aquilo, hoje em dia eu conseguiria me sair melhor. Mas travei, era em grupo, a gente não sabia o que fazer, eu não sabia como ajudar, não tava rolando, ficava até tarde e o trabalho ficou uma b****. A gente quase fugiu do tema.

E o que fez você destravar? Ou não aconteceu?

É, não aconteceu.

E tem algo mais que você acha que a FAU deveria ser diferente?

Eu acho que a FAU deveria, primeiro, dar mais aula de softwares, optativa mesmo, quem quiser “Ó, vai ter aula de photoshop aqui, pega crédito”. Aula de Revit, eu fiz e foi bom, a galera fala mal mas eu gostei. Então, oferecer isso, sabe.

Eu acho também que a prática deveria ser mais intercalada com a teoria. Pra mim, como eu comecei a estagiar cedo, ir da FAU pro estágio, e voltar com as dúvidas que eu trouxe do estágio, foi muito enriquecedor. Acho que quem faz bastante da FAU e só depois vai pra fora, às vezes acaba perdendo alguma das reflexões que eu pelo menos acho importante.

Mas poderia ser tanto em nível de disciplina? Tipo, em projeto desenvolver algo que estamos discutindo de manhã.

É, poderia. Quer dizer, é, mais ao menos, acho que pra mim trabalhar de manhã e voltar pra FAU fez diferença. Tipo trazer as dúvidas do mundo pra FAU.

Também acho que precisamos resolver a estrutura da FAU, tem que ser um lugar mais adaptado pra computador, com mais tecnologia. A gente tem que poder ficar no meio do estúdio com computador o dia inteiro, com internet bombando, e de preferência com tudo na mão de estrutura, máquinas e computadores. Tudo isso precisa.

E acho que as disciplinas deveriam ser mais flexíveis, ser mais flexível a grade horária.

E preservar esse ócio criativo, você acha bom a ineficiência.

Eu acho que eles sabem o que eles tão fazendo. A galera sabe que é isso. Sabe que a gente não quer passar o conteúdo o mais rápido possível pra ir embora. Acho que todo mundo sabe disso, não tem nenhuma surpresa.

Algum conselho que você daria pra si mesmo?

Pisa mais fofo no começo, chegar com mais calma. Talvez ter um pouco mais de calma com o trabalho, o trabalho deveria ser uma parte pequena da nossa vida, mas eu encarava isso como uma coisa muito prioritária.

ENTREVISTA 16 - T68

Como foi a decisão de prestar vestibular e o que levou você a escolher especificamente Arquitetura e Urbanismo?

Bom, primeiro, acho que pra mim nunca foi uma questão não fazer faculdade, sempre tive isso na cabeça acho que por criação, toda minha família é meio universitária e sempre gostei de estudar e sempre quis fazer universidade, então acho que sempre foi um ponto. Sobre a USP em específico eu cheguei a cogitar outras, sei lá, ir pro Rio de Janeiro e tudo, mas acho que acabou pelo lado cômodo de estar perto de casa e tudo, acabei ficando com a USP mesmo. E, Arquitetura foi uma solução porque ficava entre Geografia, que eu gostava de geografia urbana, e Artes Plásticas, então eu meio que atirei no meio do caminho. Acho que em grande medida também tem o meu avô que fez FAU, e eu conheci muita coisa a partir dele, de urbanismo e sociologia urbana, eu lembro de ter isso na cabeça e achava legal, e pensei “Acho que na FAU tem espaço pra esse tipo de coisa”, e meu pai que é arquiteto, sempre convivi com ele, vendo ele fazer projeto e tudo. Então acho que tinha uma afinidade já, aí eu me encaminhei pra isso. Acho que foi mais ou menos esses os dilemas.

E agora no sétimo ano você acha que faz sentido essa decisão por Arquitetura por ela estar entre Geografia e Artes Plásticas?

Às vezes eu acho que sim, às vezes eu acho que não. Porque você tem um pouco de tudo, mas... Assim, uma coisa que eu fiquei muito em crise foi que a FAU não consegue oferecer muito de nenhum dos dois, nem do lado da geografia urbana, eu sinto que eu sempre ficava meio correndo atrás por conta, apesar de ser entre as faculdades de Arquitetura a mais teórica, mas mesmo assim ficava sempre muito aquém do que eu estava esperando, e do lado de Artes, tanto pior, eu lembro que se fosse pela FAU eu nunca mais ia fazer nada de artes plásticas pela minha vida, então eu tive que tocar o meu barco. Agora que eu tô correndo mais atrás mas por fora também, não foi pela faculdade, então eu fiquei entre não fazer nenhuma das coisas, mas ao mesmo tempo ela dava uma liberdade pra você transitar também, que eu gostava.

E conta como você tocou seu próprio barco tanto em relação à geografia urbana quanto às artes plásticas?

Acho que eu comecei a seguir as coisas de urbanismo e planejamento urbano, e eu me afirmei muito com uma disciplina e um professor específico, que sempre tiveram uma discussão de interesse para mim, e fui entrando, comecei a estudar um autor importante para o planejamento urbano, fiz uma iniciação científica sobre ele, entrando por esse caminho e acho que me arranjei ali mais ou menos, só que também por um lado muito teórico. Pelo lado da prática eu fiquei um pouco

desacreditado, até porque, sei lá, era uma perspectiva crítica que a gente tinha sobre o que foi o planejamento urbano. E também fiquei um pouco manco pelo lado da prática, não cheguei a trabalhar em nenhum escritório de planejamento, nem estagiar com esse tipo de coisa, nem participei do LabHAB, esse tipo de coisa, não fui por aí, fiquei pelo lado da teoria. E no lado das artes plásticas eu acho que por um lado eu fui um pouco negligente porque lá na FAU tinham coisas a serem oferecidas nisso, tem o LPG, tem uma estrutura legal, e, engraçado, eu nunca usei direito lá as coisas de impressão e tal, mas eu tocava por mim, tem uma época que eu larguei mais mas aí eu falei “Não, preciso desenhar mais”, nunca tinha pintado a óleo, tentar pintar a óleo, esse tipo de coisa, tentar seguir por conta mas meio freestyle.

E esse tocar o barco em que medida é você sozinho e em que medida é com um grupo?

Eu falei que a teoria sempre ficava muito aquém do que eu estava esperando, eu acho que eu fui procurar isso nos grupos de estudo, tanto montando com colegas da faculdade pra a gente se ajudar a estudar coisas que a faculdade não oferecia, e eu aprendi um monte de coisa em grupo de estudo. Tiveram boas disciplinas da FAU, não vou falar que não teve, que eu aprendi e passava bibliografia e tudo, mas eu acho que grande parte foi através de grupo de estudo, nenhum deles com orientador, quer dizer, só esse que eu estou agora com a minha orientadora, mas todos eram horizontais, por assim dizer. Eram estudantes, gente da pós também, mas ninguém capitaneava o grupo, era ir tocando todo mundo junto.

E qual você acha que é a diferença na dinâmica quando tem um orientador e quando não tem?

Não sei porque eu to começando agora esse outro grupo, mas eu tendo a preferir quando não tem ninguém capitaneando. Eu acho que as pessoas delegam muita coisa pra quem tá tocando o grupo, então, vamos supor, apresentação de texto, aí nesse dia é sempre a orientadora quem apresenta, quem faz as coisas, é bom porque tem alguém apresentando, mas por outro lado você deixa de pensar junto algumas coisas, você tentar apresentar, você tentar organizar um texto, isso eu gosto mais geralmente quando é mais horizontal. E também tem mais espaço para o debate, para leituras divergentes de um mesmo texto, uma discussão que geralmente quando tem alguém capitaneando acaba tendo uma leitura e quem diverge geralmente fica meio de escanteio.

Então a única vantagem pra você é mais um comodismo?

Acho que sim. Assim, é bem automático, porque é “Ah, ela vai apresentar, então eu só vou ler”, e aí vai ficando mais por isso.

Mas também teria a lógica de ser bom ter alguém que sabe mais porque aí tem alguém que “guie” a coisa.

Mas vamos supor, nos outros grupos o que acontece é que não tem orientador mas tem pessoas mais experientes dentro dos estudos, tem pessoa da pós, e eles sempre ajudam, então eles não precisam assumir a figura do orientador para ter experiências e ter conhecimentos para compartilhar.

E como você começou isso de grupos de estudo?

Olha, eu acho o primeiro grupo de estudos começou em uma disciplina que o professor passava algumas coisas de um autor, eu não lembro exatamente o que, e aí a gente percebeu que a gente não tava entendendo 90% do que ele tava falando, e falou “Pô, professor, precisamos fazer um grupo de estudo”, e ele que deu meio de ombro e falou “Faz vocês um grupo de estudo”, então a gente falou “Beleza, a gente que faz”, e aí juntou umas cinco pessoas, mas depois quem ficou, o núcleo duro, foram eu e mais dois. Acho que esse foi o primeiro. Aí depois o outro grupo de estudos que eu vou é porque eu tenho amigos da Letras, que tiveram notícias desse outro grupo e convidaram. E aí começou o vício.

E atualmente como é dividido seu tempo de estudo?

Ah, agora na pandemia ficou sobretudo grupos de estudo, quase 80% da minha carga de leitura era de grupos de estudo, porque no começo tinham coisas das disciplinas que ocupavam tempo considerável, tinham coisas da iniciação científica, e tinham os grupos de estudos, então era mais equilibrado. Aí as disciplinas foram se tornando mais escassas e fui aumentando os grupos. Mas nesse semestre, por exemplo, eu saí de quase todos grupos porque eu não estava dando conta e precisava terminar meu TFG.

Mas você foi perdendo interesse por disciplinas e achando mais interessante aprender por meio de grupo de estudos? Ou uma questão de já ter cumprido a carga?

Ah, acho que já ter cumprido a carga horária, têm disciplinas que eu faria, mas tem algumas fora da FAU que eu não consegui.

Como foi a transição do colegial para a faculdade?

Olha, eu lembro que no colégio era um pouco puxado, mas engraçado, porque eu achei a FAU muito puxada. Sinceramente eu acho que os dois ou três primeiros anos, uma parte considerável era bem desgastante. Achava a grade horária sempre muito mais do que seria possível fazer, e eu acho que eu tenho um problema, porque eu sempre gostei de fazer as coisas direito, e a FAU é um esquema que não, você tem que escolher o que você vai fazer e o que você não vai fazer. Então, sei lá,

eu nunca consegui administrar isso direito e eu ficava me sobrecarregando muito. E eu lembro de ter aulas que eu gostava, que eu achava boas, conteúdo eu gostava, eu lia os textos em casa, chegava lá eu dormia na aula, nunca tinha acontecido isso no ensino médio, por exemplo, eu dormia porque eu não aguentava, eu tava cansado, ainda mais naquele teatrinho lá embaixo, o anfiteatro. Eu dormia pra valer, e eu lembrava de batalhar contra o sono pra não dormir, mas eu dormia. Isso eu senti bastante, essa sobrecarga, é muita coisa levada pra casa e você já ficava o dia todo lá.

E eu acho que tem um ganho que a faculdade te dá mais autonomia que o ensino médio, era menos escolinha mesmo, você tem uma aula e a bibliografia você tem que um pouco correr atrás. Por exemplo, eu lembro dos professores de AUH, das primeiras aulas, eu lembro de eles estimularem bastante isso de “Olha a bibliografia, vai ver na biblioteca os livros”, e eu lembro de fazer bastante isso, e também de não entender nada, isso também foi um choque. Tinham aulas de história que eram bem difíceis pro primeiro ano, pegava o livro e não entendia nada.

E no ensino médio não tinha isso?

Tinha alguns textos difíceis mas não eram tão inacessíveis assim.

E como você lidou com isso de não entender nada?

Ah, não sei... Acho que não chegou a ser um desestímulo, você lê e alguma coisa você sempre capta, você vai pra aula e tenta entender, você vai apanhando um pouco. E eu lembro que mesmo textos que eu gostava eram difíceis, apanhava sempre um pouco, mas aí como você já tava cansado, você apanhava mesmo, e chegava na aula sempre muito cansado, era difícil. O que era bom podia ser melhor se não fosse a carga horária cansativa pra caramba. Com certeza eu sinto que eu ia aproveitar muito mais as aulas se não fosse a carga horária, isso eu tenho certeza.

Como seus interesses que dizem respeito ao curso mudaram de quando você entrou na FAU até agora?

Engraçado, quando eu entrei eu nunca fui muito pelo lado do projeto, nunca foi uma coisa, e lá foi que eu desenvolvi um gosto. Você vai fazendo, aprende a gostar e tal, e um interesse maior por essa área que eu lembro que eu não tinha. Meu negócio era planejamento, história do urbanismo e tal, e sei lá, gostar de desenhar, era isso. O projeto foi uma coisa que veio com a FAU mesmo, acho que arquitetura propriamente dita foi com a FAU. Acho que isso é bem forte, acho que sobretudo isso.

Por mais que você já tivesse contato com o seu pai.

Exato, por mais que eu já tivesse contato.

E conta mais disso de tomar gosto por projeto.

Ah, acho que começou fazendo as coisas, os desenhos com as pranchetas, aí você vê, começa a prestar atenção nisso, nos projetos, nas casas, como as coisas são projetadas, como elas são feitas. Uma aula que eu gostei bastante foram as aulas da POLI, por incrível que pareça, porque você olha as coisas e fala “Nossa, as coisas são feitas, são planejadas”, você vai na rua e vê que a calçada tem que ter uma inclinação x, você vê como a casa resolveu isso, e aí você se interessa. As aulas de história da arquitetura eram boas, davam um olhar interessante também. Não tem arquitetura na escola, realmente é a primeira vez que você se depara com esse tipo de assunto. Eu lembro que eu gostei, você vai desenvolvendo. Eu tô fazendo com meu pai um projeto e eu gosto, gosto de fazer, não é um martírio, é um negócio legal.

Nunca foi um martírio pra você?

Não, só quando era muita coisa, quando você precisava ficar varando noite, acho que as piores coisas sempre tem um problema de conteúdo, de fato, mas eu acho que o que mais pegava era a quantidade exacerbada de trabalhos, que afetava a sua relação com os estudos e com as coisas que você fazia. O pessoal queimava maquete, esse tipo de coisa, nunca cheguei nesse nível, mas eu acho que isso é só uma caricatura do que acontece.

Pra você é uma questão de carga horária, e eu acho que é uma das questões grandes, mas geralmente as pessoas tem um trava com projeto, uma coisa que não é só de quantidade, é de como se relaciona com o campo. Por que você acha que muitas pessoas tem? E por que você não tem?

Acho que alguma trava eu tive, porque é difícil. Projeto é um negócio difícil pra caramba. Aí entrando no mérito do conteúdo, eu não acho que foi um bom começo começar com aqueles megaprojetos, eu sinto que eu gostaria mais de começar com coisas pequenas e que a gente tivesse dimensão do que estava fazendo, e até quem sabe realizar, por exemplo, projetar um banheiro, alguma coisa do tipo. Então vai lá, projeta, e quem sabe constrói um banheiro, tem um canteiro, fazer alguma coisa coletiva. Eu acho que teria sido mais fácil de assimilar do que começar com essas coisas grandes. Isso me irritava um pouco porque é difícil já, tem que aprender toda uma linguagem diferente e tal, ver como traduzir no papel uma coisa que é no espaço. Tudo isso já é uma coisa difícil, e ainda mais ficar fazendo umas coisas meio ao léu, umas coisas que você não sabia a consequência daquilo, aquilo me afligia um pouco. Aí as discussões ficavam discussões formais sem pé nem cabeça, isso me irritava, ficar discutindo o amarelo ou não, eu não gostava muito.

E para além das disciplinas de projeto de edifício, as outras disciplinas de do departamento de projeto, tem algum comentário?

Paisagismo pra mim foi muito traumático porque eu fiz um determinado professor, que eu tive uma relação péssima, foi muito ruim, muito desgastante, mas não pelo paisagismo em si. Eu até gostava de fazer as coisas, mas realmente a relação com o professor foi péssima. Achava ele uma péssima pessoa, levava as coisas pro pessoal, expunha aluno, esse tipo de coisa, não bateu o santo por assim dizer. Pegava e rasgava o trabalho das pessoas, esse tipo de coisa, coisas que eu acho completamente fora de mão. Aí foi ruim minha introdução ao paisagismo mais por essa circunstância. Agora, desenho industrial eu gostei porque era uma coisa que você conseguia visualizar e ter uma noção do que você tava fazendo, era uma escala próxima, você ver como é difícil realizar o que você está projetando, porque aí você vê que tem um monte de coisa que você não previu no projeto. Isso é uma coisa que eu sinto falta na FAU, a falta de você sair do projeto e ver como o projeto dialoga ou não com a realidade das coisas. E, talvez, uma hipótese do porque o projeto fica muito travado no geral pra pessoas e pra mim também, porque você fica com medo do que você tá fazendo, você não sabe como essa coisa vai se realizar, fica um fantasma. Talvez se a gente fosse acostumado a ir pro canteiro desde o primeiro ano, e continuar indo, e ter uma frequência forte, isso não seria tão traumático, essa relação com projeto, acho que seria mais apreensível.

Em que momentos você acha que mais aprendeu durante a graduação e o que você acha que motivou esse aprendizado?

Na parte da teoria eu gostava muito de fazer os trabalhos, eu achava que era um estímulo você tentar desenvolver um texto, um tema, tentar compor alguma coisa, eu gostava. Aí o que eu acho que falta muito na FAU, é o retorno dos trabalhos, você entrega os trabalho, você jogou na maré, foi embora. Se você não for insistente, for atrás, não tem. Isso eu acho péssimo. Mas eu lembro que eu gostava de fazer trabalho em grupo, discutir as coisas, e um pouco botar pra funcionar as coisas aprendidas em aula. Eu lembro de até ter disciplinas que a aula passou em branco mas na hora do trabalho eu engatava, eu descobria que era legal aquilo.

Você sentia um clima competitivo?

Acho que a FAU tem um clima competitivo forte, às vezes você acaba entrando mas eu acho muito ruim. Talvez mais nas coisas de projeto, tinha sempre uma de quem fazia o negócio mais bonitinho, mais legal, mas acho que isso mais no começo, nos primeiros anos, tinha um clima competitivo maior e pouca troca. Nos últimos anos eu sentia mais o contrário, não chega a ser competição mas tem um pouco de estímulo do tipo “Nossa, fulano fez um negócio mó legal, também quero fazer um negócio legal, caprichado”, mas não porque você quer se sair melhor, mas porque você se sente estimulado.

Especificamente de projeto, como foi sua trajetória nas disciplinas?

Na primeira eu fiz com um professor que eu gostei, gostava das orientações dele, achava boas, ele era sincero, trocava bem, lia seu projeto, ele botava o que ele achava que tava ruim, botava o que achava que tava bom e conversava com você, eu achava isso bom. Depois eu fiz com outro professor que eu não gostei, ele era atencioso mas queria saber pouco do que o grupo tava querendo, e ele tinha seus axiomas do que era um bom projeto e você tinha meio que entrar dentro, era um pouco essa postura eu acho, menos do que um debate aberto, você ver e contestar as coisas.

E onde era a atenção que ele dava?

Eu lembro que ele tava sempre lá, ele não faltava nas orientações. Pelo menos estava presente, estava lá, atendia os grupos, que já é alguma coisa porque a gente sabe que tem professor que nem faz isso. Às vezes era muito caga-regra por assim dizer. Agora, isso é engraçado porque o professor da primeira disciplina também tem suas posições, quer dizer, acho que todo mundo têm as suas posições, mas ele colocava na mesa e falava “Eu acho isso, isso, isso”, “Por que você não fez isso ao invés disso?”, com o segundo tinha menos espaço pra esse diálogo, era “Olha, assim é bom, assim tá feito”. Esse tipo de coisa.

Aí depois eu fiz com o um professor que também achei a experiência meio parecida com a do segundo. Gostei do projeto, a gente fazia tudo, mas eu lembro que a gente tinha feito um telhado e ele não queria um telhado porque telhado era feio, ele queria uma laje porque laje era a solução, mas porque é a solução ninguém sabe, porque telhado é feio também ninguém sabe, ficava esse tipo de questão, isso me irritava, não tinha muito critério pras coisas.

E depois eu fiz com um professor que eu gostava muito, achava ele muito bom, mas eu lembro também de sofrer muito na mão dele. Então eu lembro de ficar meio sobrecarregado mas por outro lado com ele foi um dos melhores atendimentos de projeto, ele era franco, falava as coisas, dava justificativa das coisas, te fazia entender o projeto, mas também não dá pra dizer que tinha muita liberdade, você fazia o que ele estava propondo, mas uma vez que você entendia isso e entrava, ele tinha a oferecer, não era só coisas ao léu, tinha um sentido ali, e no geral achei bom porque fiz uma dinâmica de grupo legal também, a gente trocava bastante informação, bastante figurinha, foi uma das melhores disciplinas de projeto.

E por fim tive um professor que achei legal, ele era bem relaxado mas ficava empolgado com as coisas que a gente fazia, e ele dava boas dicas às vezes. Uma coisa que eu gostei muito que ele deu foi logo no começo, nenhum professor mais fez isso, que é ele pediu pra gente estudar um projeto e ele ensinava como estudar um projeto. Ele pegou um projeto e é uma atividadezinha com didática mas justamente pra ensinar como que é “Ah, vocês vão pegar um projeto, vocês

escolhem qual vocês vão querer, e vão pintar a circulação de vermelho, definir três tipos de uso e pintar, destrinchar o prédio” e foi muito legal. Eu peguei um projeto do Le Corbusier, achei daora, e grande parte dos projetos vieram a partir dos projetos que as pessoas estudaram no começo. Isso foi legal, nesse sentido foi um dos projetos que você sentia mais lastreado em algum estudo para não parecer que as coisas estavam caindo do céu. Isso foi bem legal, tinha até esquecido.

Teve algum momento na graduação em que você travou em um trabalho? Não por uma questão de tempo, mas uma questão mais emocional, você tá pensando na coisa e não consegue fazer.

Eu acho que nunca travei em trabalho, mas já tive crises com a graduação do tipo “Vou sair daqui, vou fazer outra coisa, vou largar a FAU”. No terceiro ano foi isso, teve uma semana que eu decidi que eu iria sair, e eu acho que eu teria prestado Filosofia na época. E é engraçado, aí eu travei os trabalhos porque eu suspendi tudo e eu não queria fazer mais nada dos trabalhos, de certa forma foi um travamento, mas depois eu tive que correr atrás porque eu decidi que não ia fazer filosofia. Acho que a crise veio de achar que o lado teórico ficava bem aquém, e sempre que eu passava na filosofia eu ouvia falar bem do curso, gostavam do que estavam lendo, me deu vontade, achei que talvez eu não estivesse no lugar certo. Mas eu lembro de conversar com muita gente e todos me convenceram do contrário, por exemplo, meu orientador ficou p***, falou “Vai fazer o que na filosofia? Precisa de gente aqui pra pensar aqui. Não, depois você faz, um monte de gente faz depois, termina a sua graduação”, teve várias pessoas com quem eu conversei que falaram um pouco “Vai passar, a graduação é meio assim mesmo”. E aí depois acho que de fato eu não faria filosofia, foi um surto de uma semana. E foi bem travante nesse aspecto, a FAU sumiu da minha cabeça, eu não fazia mais nada.

E tem disciplinas em que você não aprendeu nada?

Alguma coisa você sempre aprende, né, mas teve uma disciplina que eu larguei mão, foi uma negação. E você tem que fazer o trabalhinho, lê o que é, era até interessante o texto, mas assim, você não tá com tempo e você sabe que vai sacrificar aquela matéria e é isso. E foi a mais várzea que eu levei. E talvez as de um grupo de disciplinas que não é que eu não gostava do tema, mas eu não gostava das aulas.

O que você mudaria no curso?

Acho que se fosse pra fazer uma coisa a primeira que eu faria seria diminuir a carga horária drasticamente, eu acho bizarro. Ela é anti-educativa, você sabota a educação com ela. Talvez a carga horária não seja a palavra certa, mas você tem que diminuir a quantidade de disciplinas e de crédito-aula, porque disciplina tem aula expositiva e trabalho junto. Eu acho que três disciplinas por semestre tava ótimo, uma de projeto, uma de história e uma de tecnologia, pra mim tava perfeito,

porque aí você consegue dedicar um pouco a cada uma, fazer direito elas, aprender o que tem pra aprender, acho que seria bem melhor.

Nas disciplinas teóricas eu acho que deveriam ser mais organizadas, disciplinas que dão uma bibliografia, lê o texto, discute-se o texto em aula, textos importantes. Uma coisa que eu sinto falta é que tem textos que você precisa ler na graduação, textos meio basilares, e acho que a gente não tem isso, fica meio solto. Ficar lendo artigo de produção recente, acho que tem que ter contato mas acho que isso é coisa mais pra pós. Acho que é importante pegar mais o fundamento. Na pós você tem um objeto na cabeça, as disciplinas são mais pra te auxiliar enquanto pesquisador, na graduação é mais formação, digo, você sempre está se formando, mas é uma formação mais basilar mesmo, você precisa ter contato com os textos básicos, entender que correntes existem, quais discussões estão sendo travadas, se eu estiver querendo ir atrás de uma coisa como eu vou, como ler uma bibliografia, esse tipo de coisa mais elementar mesmo. Uma coisa que eu sinto falta é de se situar no debate acadêmico, é sempre muito às escuras na graduação, as oposições não se colocam, fica cada um no seu nicho falando o que pensa mas nunca expõe “Essa pessoa pensa assim, essa assado, e são coisas diferentes, existem entraves entre esses dois pensamentos”, acho que isso faz muita falta para se orientar na graduação.

Outra coisa que eu mudaria é que nas disciplinas de planejamento urbano tem as coisas muito caindo do céu, os instrumentos urbanísticos são uma espécie de a priori. A gente não vê de onde vieram as coisas, como outorga onerosa, solo criado, o que é isso? De onde veio isso? Quando surgiu isso? A gente não viu isso, a gente tem algo como “Plano Diretor tem que estudar, é isso que é, vocês vão ser técnicos do Estado e vão ter que conhecer isso”, mas raramente se coloca o questionamento sobre os instrumentos, historicizar os instrumentos, politizar os instrumentos, esse tipo de coisa falta, faltou.

Uma coisa que eu também tenho vontade às vezes é uma disciplina de projeto que fosse mais longa, que varasse dois semestres, porque geralmente sempre para no estudo preliminar.

E se fosse uma disciplina de projeto mais intensiva, todas as tardes de um semestre ou você acha que é uma questão de extensão no tempo?

Pode ser, mas desde que não sobrecarregue, a questão é: tem que dar tempo de fazer direito. Desde que não sobrecarregue e você não tenha outra coisa pra fazer, dá pra fazer mais intensivo. Mas eu acho que tem um pouco do tempo, deixar o tempo correr mesmo. Um ano em um projeto, um ano pensando em uma coisa. Faz o projeto, volta, faz o estudo preliminar, volta, aí depois entra no técnico, aí tem as disciplinas de tecnologia ali te ajudando. Acho que faria muito mais sentido. Aí por exemplo, fazer a fundação dos projetos, e discutir as fundações do projeto dos outros, acho que seria muito mais legal.

Algum conselho que você daria pra si mesmo olhando pra trás?

A primeira coisa é não deixar o estágio pra última hora, que nem eu fiz, isso foi péssimo porque eu sempre tive na mira fazer alguma coisa no setor público da prefeitura e não dá pra fazer isso no último semestre, eles não contratam alunos que estão para se formar. Ai eu me ferrei, eu falei “Errei, devia ter feito antes alguma coisa”. Acho que talvez não fazer aquele começo com tanta coisa, diluir um pouco, distribuir mais. Mas o problema é esse, eu fiz isso e to no sétimo ano, e eu fiz intensivão no começo.

Tem gente que mata disciplina sem dó.

É, tem gente, mas eu não consegui, talvez devesse. Você pegar e realmente passar em branco uma disciplina.

Qual você acha que é a diferença de aprender a projetar trabalhando e aprender em disciplina?

É bem diferente. E isso é uma coisa que talvez durante a graduação tivesse que ter mais contato com clientes reais ou demandas reais. Não precisa ser um estágio exatamente, mas talvez um projeto com um programa real, uma demanda real, mas que tivesse um contato com o lado de lá, a demanda, que não ficasse só no lado do projeto, porque eu acho que faz muita diferença você ver pra quem você tá fazendo o que você tá fazendo. Isso foi uma coisa que no estágio eu achei interessante, conversar com pessoas o que elas querem, às vezes as pessoas não têm a menor noção de espaço e você tem que traduzir aquilo um pouco. Foi divertido, talvez tivesse sido bom ter tido essa experiência antes.